



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**PROJETO VARLIBRAS**

**BRASÍLIA - DF  
2014**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 1019074.

C355p Castro Júnior, Gláucio de.  
Projeto Varlibras / Gláucio de Castro Júnior. -- 2014.  
264 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto  
de Letras, Departamento de Linguística, Português  
e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em  
Linguística, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Enilde Faulstich.

1. Língua brasileira de sinais - Lexicografia. 2.  
Linguagem e línguas - Variação. 3. Língua brasileira  
de sinais - Terminologia. I. Faulstich, Enilde L.  
de J. - (Enilde Leite de Jesus). II. Título.

CDU 800.95

**GLÁUCIO DE CASTRO JÚNIOR**

**PROJETO VARLIBRAS**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia

**Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich.**

**BRASÍLIA - DF  
2014**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Enilde Faulstich

(Presidente - UnB/IL/ LIP)

---

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen

(Membro efetivo - UnB/IL/LET)

---

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

(Membro efetivo - SEEDF/GDF)

---

Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros

(Membro efetivo – CCE/UFSC)

---

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

(Membro efetivo - UnB/IL/LIP)

---

Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima Salles

(Suplente/UnB/IL/LIP)

## DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à Professora Enilde Faulstich, presente em toda a minha trajetória acadêmica. Sua excelente orientação deixa marcas e uma recordação acadêmica digna de sempre ser compartilhada, quanto merecedora de ser evocada. Lembro-me de que, quando eu não conhecia o significado de alguns termos, eu recorria aos dicionários para compreender o conceito do que me era desconhecido, mesmo depois de perguntar para minha mãe sobre eles. Posteriormente, durante as aulas de mestrado e doutorado, com a Professora Enilde Faulstich, conheci a propriedade de uso dos termos; e, hoje, sei que existe um caminho que conduz ao conhecimento, e ele é uma herança valiosa deixada por nossos antecessores: os dicionários! Almejo que este (dicionários) seja um dos caminhos que esta tese permita a muitos outros pesquisadores trilharem em suas formações, juntamente com o que valorizo e pesquiso: a linha Faulstich para as ciências do léxico e terminologia aplicada à Língua de Sinais Brasileira - Libras em sua construção e divulgação.

## AGRADECIMENTOS

“O acaso só favorece a mente preparada!” Louis Pasteur... A partir dessa citação, posso estipular quanta preparação tive e ainda tenho até o presente momento! A resposta para tantos desafios nessa etapa de preparação eu compartilho com vocês: SERENDIPIDADE! Graças à capacidade de observação, da curiosidade e da sagacidade, o conhecimento se torna mais produtivo e, para isso acontecer, foi preciso uma mente aberta para as múltiplas possibilidades que a aquisição dos novos saberes proporciona. É um dom a descoberta das respostas a esse termo-resposta pouco usual, mas, quando passa a ser empregado, assim como muitos outros termos em uma determinada língua, a vida passa a ter sentido e denota quão vastas são as assertivas. Em vários momentos, pensei que os fatos da vida não tivessem explicações concretas para as situações adversas que ocorreram em vários momentos que vivi, mas as conquistas e o meu amadurecimento acadêmico representam a vitória.

Agradeço à Professora Doutora Enilde Faulstich, por sua orientação impecável, pelos mapas conceituais que elaboramos juntos, em especial, o mapa conceitual do caminho do sucesso, que poucos sabem de sua existência, mas que está registrado até hoje em uma moldura em minha sala de trabalho. Assim, sempre que eu o visualizo, lembro-me da importância da persistência para atingir os objetivos traçados e as metas estabelecidas pelo grupo de estudo e para que essas ações não fiquem apenas para a história, mas que seja reconhecido o trabalho da professora Enilde Faulstich por suas contribuições linguísticas preciosas na contemplação de estudos linguísticos na língua de sinais.

Reconheço a ajuda das pessoas que fizeram deste trabalho uma caminhada mais agradável, rica e profícua. Verdadeiros amigos e companheiros nessa viagem, elas são inesquecíveis, pois foram a mão e a voz que se estenderam na hora certa.

Aos colegas e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB, pelas aulas inspiradoras.

Aos colegas do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP da Universidade de Brasília – UnB, pelas discussões e apoio acadêmico.

Aos meus alunos, que me inspiraram a aprofundar os conhecimentos para que eu pudesse contribuir com os estudos linguísticos da Libras.

Aos meus pais, Gláucio e Maria Rita, por tudo aquilo que me ensinaram e pelas dificuldades que enfrentamos, mas que não impediram que me dessem todo o apoio

necessário. Às minhas irmãs, Ariane e Lauriane por todos os momentos que vivemos e aprendemos. À minha família, por toda a força!

Ao amigo Neemias Santana, por me acompanhar durante toda minha trajetória na pós-graduação e, mesmo relutante, sempre disposto a novos desafios. Obrigado por aceitar fazer minha voz e por sua dedicação séria e profissional.

Aos amigos Falk Soares e Diogo Farnese, pelo auxílio na elaboração do DvD e sem seus conhecimentos técnicos não seria possível a concretização deste material.

Aos amigos Mariane Neves, Marcelle Rosa, Patrícia Tuxi, Marcos de Brito, Soraia Rodrigues, Daniela Prometi, Filipe Trindade, Erivaldo Marinho, Betty Lopes e Jockysson Kamillo, pela compreensão e por me fazer acreditar que a felicidade está dentro de nós!

## **EPÍGRAFE**

"O único lugar aonde sucesso vem antes de trabalho é no dicionário."

Albert Einstein



## RESUMO

Esta tese se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) e no Laboratório da Linguística de Língua de Sinais (LabLibras) da Universidade de Brasília (UnB).

O objeto de estudo é a variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – Libras que apresenta alguns procedimentos para a elaboração de uma pesquisa terminológica, de natureza bilíngue Libras/Português.

A motivação e o ponto central da exposição é o Projeto Varlibras, cujo escopo é o inventário de criações lexicais em Libras que foram alocadas em um banco de dados do Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras (Varlibras).

Nessa perspectiva, as questões levantadas, no presente estudo, se assentam nas seguintes indagações: 1) Quais são os critérios que possibilitam a criação de sinais, de acordo com os fundamentos dos sistemas morfológico, fonológico e fonético da Libras, em vista do enriquecimento lexical da língua? 2) Como deve ser estruturado um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras? 3) Quais as contribuições da padronização dos sinais-termo para o ensino?

O objetivo principal desta pesquisa é registrar sinais-termo que se apresentam de formas variantes na Libras com vistas à criação de um Núcleo de Pesquisa em Variações Regionais dos Sinais da Libras – Varlibras.

A metodologia que seguimos são análises de vídeos recebidos a partir de questionários aplicados no site do Projeto Varlibras e o registro de cada sinal-termo em Libras. Os estudos do fenômeno da variação linguística da Libras nos permitem esboçar uma sistematização de acordo com a proposta de Faulstich (1995, p. 2-4).

A presente pesquisa propôs uma metodologia que avança no sentido de analisar dados de termos em Libras que são considerados PADRÃO e apresentam registros e dados de termos que possuem VARIAÇÃO em Libras e não apresentam registros na análise das variantes regionais/geográfica, a partir de variáveis estabelecidas como critérios para o seu registro. Para isso, seguimos a linha adotada por Labov (1972).

De início, já sabemos que critérios de organização linguística de qualquer língua estão associados às políticas linguísticas, que têm na padronização gramatical um modelo para a capacitação de profissionais. Porém, o estudo da variação linguística da Libras é mais

uma motivação para o desenvolvimento da língua, porque falantes de diversas faixas etárias, de regiões distintas, de diversos níveis de escolaridade se comunicam por meio da língua de sinais.

Percebemos que existe uma grande produção de sinais-termo por profissionais Surdos e não-surdos que sabem Libras, mas, de modo aleatório. A questão que nos chama atenção é que esses falantes não compartilham os sinais-termo produzidos nos diversos espaços de interação linguística.

Para a difusão dos sinais-termo criados, o registro lexicográfico da Libras é fundamental, principalmente se feito por pesquisadores de um núcleo especializado como o Varlibras, que tem por meta elaborar dicionários, léxico alfabético bilíngue e glossários em Libras.

Há, por outro lado, questões acerca da capacidade de constituição do sujeito Surdo bilíngue, retratadas nas políticas públicas de ensino no Brasil, com vistas à inclusão, porém falta capacitação, de forma adequada, para preparar profissionais especializados na educação de Surdos.

Assim, foram elaboradas as estratégias de integração de profissionais para que seja possível capacitá-los na pesquisa da Libras, por meio do Varlibras, com vistas a possibilitar uma expressiva aprendizagem, em nível social, educacional e profissional e, desta forma, promover a valorização da Libras.

**Palavras-chave:** Libras. Projeto Varlibras. Registro lexicográfico. Padronização. Surdo bilíngue.

## ABSTRACT

This thesis belongs to the line of research Lexico and Terminology and it was carried out in the Center of Terminological and Lexical Studies (Lexterm Center) and in the Laboratory of Brazilian Sign Language (LabLibras) of the University of Brasília (UnB).

The object of this study is the linguistic variation in Brazilian Sign Language – Libras and it presents some procedures to elaborate a bilingual terminological research – Libras (BSL) / Portuguese.

The motivation and the key point of this endeavor is the Varlibras Project, which has as the main purpose to make an inventory of lexical creations in BSL. These data are located in a data bank of the Nucleus of Research on Regional Variation of BSL – Varlibras. The research questions are: i) In relation to the lexical enrichment, what are the criteria that make it possible to create signs according to BSL's morphological, phonological and phonetic systems?, ii) How the Nucleus of Research on Regional Variation must be structured?, iii) How does the standardization of sign terms contribute to teaching? The aim of this research is to register sign terms that are variant forms on BSL in order to create the Nucleus of Research on Regional Variation of BSL – Varlibras.

The methodology was based on the analysis of videos that were collected from questionnaires available on the site Varlibras Project. After the analysis each sign term in BSL was registered. The study of the phenomenon of linguistic variation on BSL allows us to propose a sistematization according to the idea presented by Faulstich (1995, p. 2-4). The present research proposed a methodology that will advance in the sense of analysing data related to terms on BSL that can be considered STANDARD and those that present VARIATION on BSL and that are not registered on previous analysis of regional/geographical variants. The research was developed according to Labov's proposal (1972), based on established variations as criteria for registering new occurrences.

Firstly, it is important to be aware of the fact that the criteria for linguistic organization in any language have to do with linguistic policies, which rely on grammatical standartization as a model for professional qualification. However, the study of linguistic variation on BSL is an extra motivation for the development of the language, since speakers of diverse ages, regions, and levels of education communicate using sign language.

During the research, it was possible to observe that there is a huge production of

sign terms by deaf professionals and non-deaf professionals that know BSL, but not in a strict way. What calls the attention is the fact that these speakers do not share the produced sign terms in different spaces of linguistic interaction.

In order to spread those sign terms created, it is paramount to have the lexicographic register of BSL, mainly if it is developed by experts on the area as is the case of the nucleus Varlibras – which has as its goals to create dictionaries and glossaries of BSL.

Besides these considerations, although there are laws that guarantee the right of inclusion for bilingual deaf people, there is a lack of adequate qualification to prepare experts in the educational area.

Therefore, in this research there is also an analysis of strategies for integrating professionals and training them for teaching BSL through Varlibras project. The purpose is to promote a massive learning, not only in social, educational or professional levels, but also of the BSL and its intrinsic value.

**Keywords:** BSL (Brazilian Sign Language – Libras). Varlibras. Lexicographic Register. Standardization. Bilingual deaf.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ASL	- Língua de Sinais Americana
ASL	- Língua de Sinais Australiana
BSL	- Língua de Sinais Britânica
CM	- Configuração de mão
Elis	- Escrita de Língua de Sinais
Ines	- Instituto Nacional de Educação e Integração dos Surdos
L1	- Primeira língua
L2	- Segunda Língua
LE	- Língua Estrangeira
Libras	- Língua de Sinais Brasileira
LS	- Língua de Sinais
LSA	- Língua de Sinais Argentina
Libras	- Língua de Sinais Brasileira
M	- Movimento
MEC	- Ministério da Educação
NDS	- Língua de Sinais Alemã
PA	- Ponto de Articulação
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGL	- Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	- Universidade de Brasília
Varlibras	- Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sinal-termo BANANA.....	31
Figura 2 - Sinal-termo – CALENDÁRIO.....	31
Figura 3- Alfabeto manual da Libras .....	39
Figura 4 - Sinal-termo AZUL .....	40
Figura 5 - Formas pronominais usadas com referentes presentes .....	56
Figura 6 - Formas pronominais usadas com referentes ausentes .....	57
Figura 7 - Sinal-termo para UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES e QUATRO-MESES .....	58
Figura 8 - Sinal-termo para DIA, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS e QUATRO-DIAS .....	59
Figura 9 - Sinal-termo para HORA, DUAS-HORAS, TRÊS-HORAS e QUATRO-HORAS .....	60
Figura 10 - Sinal-termo FILOSOFIA .....	61
Figura 11 - Constructo teórico da variação.....	69
Figura 12 - Eixos de análise dos termos da Libras .....	89
Figura 13 - Configuração de mãos - CMs .....	92
Figura 14 - Organização das CMs .....	93
Figura 15 - Configuração de mãos - CMs .....	94
Figura 16 - Locações por Stokoe .....	97
Figura 17 - Pontos de Articulação .....	97
Figura 18 - Visografema para os movimentos da Libras .....	99
Figura 19 - Movimento retilíneo.....	100
Figura 20 - Movimento helicoidal .....	100
Figura 21 - Movimento circular .....	101
Figura 22 - Movimento semicircular .....	101
Figura 23 - Movimento sinuoso .....	102
Figura 24 - Movimento angular.....	102
Figura 25 - Orientações da palma .....	103
Figura 26 - Exemplo de algumas Expressões faciais em Libras.....	104
Figura 27 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações positivas .....	106
Figura 28 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações negativas .....	107
Figura 29 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações negativas .....	108
Figura 30 - Expressões faciais que representam estados e movimentos da face.....	109
Figura 31 – Site Varlibras .....	117
Figura 32 - Apresentação do projeto Varlibras na LP e na Libras .....	118
Figura 33 - Parte do site onde aparecem contato, banco de dados e questionário do site Varlibras .....	119
Figura 34 - Demonstração ao clicar no banco de dados .....	119
Figura 35 - Continuação da demonstração ao clicar no banco de dados .....	120
Figura 36 - Demonstração dos questionários do projeto Varlibras .....	120
Figura 37 - Modelo do questionário inicial.....	121
Figura 38 - Modelo do questionário da coleta dos sinais-termo .....	122
Figura 39 – Proposta de espaço para implantação do Núcleo do Projeto Varlibras.....	169
Figura 40 – Sinal-termo – Variante – padrão - LEI.....	178
Figura 41 – Sinal-termo – Variante-padrão - DECRETO.....	179
Figura 42 – Sinal-termo – Variante-padrão – CONSTITUIÇÃO .....	180
Figura 43 – Sinal-termo – AVIÃO .....	181
Figura 44 – Sinal-termo - AJUDAR .....	181

Figura 45 – Sinal-termo – CONVERSAR.....	182
Figura 46 – Base paramétrica – ORGANISMO .....	184
Figura 47 – Sinal-termo – AQUECIMENTO GLOBAL .....	185
Figura 48 – Sinal-termo – BACTÉRIA.....	186
Figura 49 – Sinal-termo – BRIÓFITAS.....	187
Figura 50 – Sinal-termo – CADEIA ALIMENTAR .....	187
Figura 51 – Sinal-termo – HABITAT .....	188
Figura 52 – Sinal-termo – INQUILINISMO .....	189
Figura 53 – Sinal-termo – MEIO AMBIENTE .....	189
Figura 54 – Sinal-termo – PREDADOR.....	190
Figura 55 – Sinal-termo – PTERIDÓFITAS .....	191
Figura 56 – Sinal-termo – TRÁFICO DE ANIMAIS .....	192
Figura 57 – Sinal-termo – ADVÉRBIO.....	193
Figura 58 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE LUGAR.....	194
Figura 59 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE MODO.....	195
Figura 60 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE QUANTIDADE.....	196
Figura 61 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE TEMPO.....	197
Figura 62 – Sinal-termo – ARTIGO .....	198
Figura 63 – Sinal-termo – ARTIGO DEFINIDO.....	199
Figura 64 – Sinal-termo – ARTIGO INDEFINIDO.....	200
Figura 65 – Sinal-termo IDADE .....	202
Figura 66 – Localizações sobre o corpo possíveis na ASL.....	204
Figura 67 – Sinal-termo – FEIJÃO.....	205
Figura 68 – Base-paramétrica – Ponto de Articulação .....	206
Figura 69 – Base-paramétrica – Ponto de Articulação .....	207
Figura 70 – Sinal-termo – IDADE ANTIGA .....	208
Figura 71 – Sinal-termo – IDADE MÉDIA.....	209
Figura 72 – Sinal-termo – IDADE MÉDIA - VARIANTE .....	209
Figura 73 – Sinal-termo – IDADE MODERNA .....	210
Figura 74 – Sinal-termo – IDADE CONTEMPORÂNEA.....	210
Figura 75 – Sinal-termo - RÉCEM-NASCIDO.....	211
Figura 76 – Variante-padrão - Sinal-termo– CRIANÇA .....	211
Figura 77 – Variante-padrão - Sinal-termo – ADOLESCENTE .....	212
Figura 78 - Variante-padrão – Sinal-termo – ADULTO.....	212
Figura 79 - Variante-padrão – Sinal-termo – RÉCEM-NASCIDO .....	212
Figura 80 – Variante-padrão - Sinal-termo– CRIANÇA .....	213
Figura 81 – Variante-padrão - Sinal-termo – ADOLESCENTE .....	213
Figura 82 - Variante-padrão – Sinal-termo – ADULTO.....	214
Figura 83 - Variante-padrão – Sinal-termo – IDOSO.....	214
Figura 84 – Sinal-termo – Variante – BEBÊ.....	215
Figura 85 – Sinal-termo – Variantes – CRIANÇA.....	215
Figura 86 – Sinal-termo – Variante – ADOLESCENTE .....	216
Figura 87 – Sinal-termo – Variante – ADULTO.....	216
Figura 88 – Sinal-termo – Variante – IDOSO.....	217
Figura 89 – Sinal-termo – PRESIDENTE.....	217
Figura 90 – Sinal-termo – Getúlio Vargas .....	218
Figura 91 – Variante-padrão – Sinal-termo – Luís Inácio Lula da Silva.....	219
Figura 92 - Variante-padrão – Sinal-termo – Dilma Rousseff .....	220
Figura 93 - Variantes – Sinal-termo – Luís Inácio Lula da Silva.....	221

Figura 94 - Variantes – Sinal-termo – Dilma .....	221
Figura 95 – Sinal-termo – ÁRVORE.....	223
Figura 96 – Sinal-termo – MADEIRA .....	223
Figura 97 – Sinal-termo – SEIVA .....	223
Figura 98 – Sinal-termo – CÉLULA VEGETAL .....	224
Figura 99 – Sinal-termo – JABUTICABA.....	225
Figura 100 – Sinal-termo – JABUTICABA - Variante.....	225
Figura 101 – Sinal-termo – AMÉRICA.....	226
Figura 102 – Sinal-termo – AMÉRICAS .....	227
Figura 103 – Sinal-termo – EMIGRAÇÃO .....	228
Figura 104 – Sinal-termo – IMIGRAÇÃO .....	229
Figura 105 – Sinal-termo – METÁFORA.....	231
Figura 106 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO - 1.....	232
Figura 107 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO - 2.....	233
Figura 108 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO -1.....	235
Figura 109 – Sinal-termo – NÃO-SABER.....	236
Figura 110 – Sinal-termo – NÃO-SABER NADA.....	236
Figura 111 - Sinal-termo - MÃE.....	237
Figura 112 – Sinal-termo – PRÓXIMO (PERTO).....	238
Figura 113 – Sinal-termo – PRÓXIMO (Seguinte).....	238
Figura 114 – Sinal-termo – MOTOR – Variantes 1 e 2 .....	242
Figura 115 – Sinal-termo – CONSEGUIR.....	243
Figura 116 - Sinal-termo – GANHAR .....	243



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
Sinalizações iniciais do estudo em variação linguística da Libras .....	<b>19</b>
O objeto de estudo .....	<b>22</b>
O problema .....	<b>23</b>
Reflexões que motivam o estudo.....	<b>24</b>
Objetivos da pesquisa .....	<b>25</b>
Metodologia para a constituição da Tese e as condições de realização.....	<b>25</b>
Terminologia nos estudos da Linguística da Língua de Sinais.....	<b>27</b>
Estrutura da tese.....	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO I - ARGUMENTAÇÕES SOBRE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA</b> .....	<b>36</b>
1. 1 Discussões acerca da gramática da Libras.....	<b>36</b>
1.1.1 A importância da Datilologia na gramática das línguas de sinais.....	<b>37</b>
1.1.2 Uma interpretação da Datilologia na Libras.....	<b>39</b>
1.2 A organização da significação do termo.....	<b>46</b>
1.3 O significado, a referência e o conceito dos termos para um efetivo registro.....	<b>48</b>
1.4 Léxico e sua dinâmica .....	<b>49</b>
1.5 A variação linguística e o registro da Libras.....	<b>52</b>
1.6 Variação linguística – nível social e nível gramatical.....	<b>55</b>
1.6.1 Regra do quadrante linguístico – uso do espaço na Libras e a variação linguística.....	<b>56</b>
1.6.2 A cadeia linguística paramétrica e a constituição dos termos em Libras com foco na variação linguística .....	<b>61</b>
1.6.3 O léxico da Libras e as restrições linguísticas .....	<b>63</b>
1.7 Procedimentos metodológicos para a compreensão da linguística da Libras.....	<b>64</b>
1.8 Postulados para a pesquisa científica em variação linguística em Libras .....	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO II – VARIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – ESTRUTURA LEXICOGRÁFICA E EDUCAÇÃO LEXICOGRÁFICA</b> .....	<b>75</b>
2.1 Introdução .....	<b>75</b>
2.2 Problemas encontrados nos léxicos geral e especial da Libras .....	<b>75</b>
2.3 Proposta de técnicas lexicográficas de registros da Libras.....	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO III - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AS CONDIÇÕES PARAMÉTRICAS</b> .....	<b>82</b>
3.1 Introdução .....	<b>82</b>
3.2 Conceito de Unidades Lexicais (ULs) e Unidades Terminológicas (UTs) da Libras .....	<b>85</b>
3.3 Processos paramétricos da Libras.....	<b>87</b>
3.3.1 Eixos de análise dos termos da Libras.....	<b>88</b>
3.4 As condições paramétricas para formação do sinal-termo em Libras .....	<b>90</b>
3.4.1 Condição de uso paramétrico de Configurações de mãos .....	<b>92</b>
3.4.2 Condição de uso paramétrico de definição de ponto de articulação.....	<b>96</b>
3.4.3 Condição de uso paramétrico da Tipologia de movimentos na Libras.....	<b>98</b>
3.4.4 Condição de uso paramétrico da Direcionalidade na Libras .....	<b>103</b>

3.4.5 Condição de uso paramétrico das Expressões faciais e gramaticais: aspectos linguísticos.....	104
<b>CAPÍTULO IV- QUESTÕES METODOLÓGICAS: A CRIAÇÃO DO SITE VARLIBRAS .....</b>	<b>111</b>
4.1 – Introdução .....	111
4.2 - As fontes de recolha.....	112
4.3 - Critérios para a seleção do sinal-termo.....	113
4.4 - Os procedimentos de recolha e de análise dos dados .....	114
4.5 - Criação do Site Varlibras. ....	116
4.6 - Variáveis para a recolha dos dados. ....	124
4.6.1 - Seleção das variáveis.....	124
4.7 - A pesquisa científica em variação linguística .....	127
4.8- Os procedimentos para validação e organização dos dados.....	131
4.9 - Registos dos sinais-termo e estratégias para divulgação .....	132
Perspectivas parciais da constituição do Projeto Varlibras .....	135
<b>CAPÍTULO V- APRESENTAÇÃO DE LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE TERMINOLÓGICOS DE ACORDO COM A CONDIÇÃO PARÁMETRICA .....</b>	<b>139</b>
5.1 Introdução.....	139
5.2 Estrutura do léxico alfabético bilíngue terminológicos das disciplinas Biologia, História, Física, Matemática, Português e Química .....	139
<b>CAPÍTULO VI - ANÁLISE DOS DADOS EM LIBRAS PARA COMPOSIÇÃO DO BANCO DE DADOS .....</b>	<b>171</b>
6.1 Introdução.....	171
6.2 Alguns princípios orientadores da análise .....	174
6.3 Análise dos sinais-termo de acordo com as condições paramétricas.....	177
6.3.1 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico das configurações de mãos.....	177
6.3.2 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação.....	201
6.3.3 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos na Libras .....	222
6.3.4 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico da Direcionalidade na Libras.....	230
6.3.5 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrica das Expressões faciais e gramaticais: aspectos linguísticos .....	239
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>246</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>259</b>

## INTRODUÇÃO

### **Sinalizações iniciais do estudo em variação linguística da Libras**

A presente tese busca fazer a divulgação da variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – Libras, por meio da pesquisa do Projeto Varlibras. Nossa investigação constatou a grande importância de um estudo, que pareceu complexo diante do estreitamento dos estudos da variação linguística em Libras em torno em vista dos dados, sob a ótica da linguística da língua de sinais, que tivesse relevância dentro dos estudos do léxico e da terminologia, na concepção de algumas teorias da sociolinguística.

Foi no decorrer da pesquisa, na coleta de vídeos, na observação das salas de aulas, na análise de materiais didáticos e na própria comunicação com os sinalizantes de Libras, que encontramos diferentes processos linguísticos, em especial, a variação linguística, as características de elaboração, de criação e de uso dos termos que, muitas vezes, advêm do português, e muitos sinalizantes da Libras não têm o português língua materna, o que acarreta algumas dificuldades que são apresentadas no decorrer da tese.

Os estudos iniciais da variação linguística, iniciado pelo pesquisador Surdo Castro Júnior sob orientação de Enilde Faulstich, a partir do ano de 2008, mostrou a necessidade de registrar os sinais-termo em Libras, de modo a permitir uma prática didática efetiva em torno do ensino da Libras. No ano de 2009, o estudo da variação linguística da Libras com foco no léxico, deste autor, revelou como o léxico da Libras é organizado, assim como a necessidade da elaboração de um projeto que permitisse a divulgação da variante-padrão e dos sinais-termo, que foram criados neste estudo atual, a partir da base paramétrica, termo criado pelo próprio pesquisador Castro Júnior. É, neste aspecto, que se materializa uma efetiva divulgação da linguística da língua de sinais. Nesta tese, investigamos e propomos a criação de um núcleo que pudesse auxiliar na compreensão da variação linguística e das suas necessidades, considerando o impacto do uso de terminologias que, muitas vezes, são criadas em sala de aula e não são disseminadas em diferentes regiões do Brasil.

A falta de um empreendimento de divulgação e de registro da variante-padrão, bem como das formas variantes de um determinado termo é o motivo que nos instiga ainda mais a divulgar o Projeto Varlibras. No espaço das políticas linguísticas de valorização da diversidade linguística no Brasil, a educação lexicográfica ganha relevância e os registros visuais na Libras se destacam.

O tema desta pesquisa de tese se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) e Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), da Universidade de Brasília (UnB). A Tese se sustenta na concepção do constructo da estrutura formada pelo morfema-base de Faria-Nascimento (2009) que, neste estudo, chamo de base paramétrica. A **TESE** a ser defendida considera que a base paramétrica na elaboração do sinal-termo possibilita, por meio de traços linguísticos ou condições paramétricas, a constituição das propriedades linguísticas conceituais do termo e define a ocorrência de variação linguística, ou de substituição linguística, para que se chegue à compreensão do significado. Sob nosso ponto de vista, existem elementos variáveis que se configuram na variável da condição de uso dos parâmetros da Libras, que permitem estruturas que apresentam marcas linguísticas que são paramétricas e sociais e que permitem a escolha da variante-padrão e do registro das formas variante de um determinado sinal-termo para que se chegue à compreensão do significado.

A partir da promulgação da Lei de Libras n. 10.436 de 24 de abril de 2002 e do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta, o campo de estudo da Língua de Sinais Brasileira – Libras cresceu de forma exponencial nos últimos anos, principalmente na área de léxico e terminologia, ganhando relevância no âmbito linguístico.

A despeito dessa relevância, alguns estudos têm sido iniciados na Universidade de Brasília – UnB para uma efetiva fundamentação empírica, frente aos desafios metodológicos e tecnológicos que o registro e a coleta de dados de uma língua de modalidade visual-espacial impõem para os estudos da variação linguística.

Com o objetivo de discutir recursos e meios para permitir o desenvolvimento de vários estudos nas áreas de linguística da língua de sinais, bilinguismo e variação linguística, e podendo ser firmadas parcerias com outros projetos em desenvolvimento nessas áreas, temos a iniciativa de implantar um projeto que poderá constituir núcleos de pesquisa. Com esse projeto pretendemos alavancar as pesquisas na pós-graduação e na graduação, para que se produzam materiais videográficos e obras lexicográficas da Língua de Sinais Brasileira em núcleos de estudos.

O grupo de estudo em variação linguística da Libras, em consonância multidisciplinar com outros grupos dos núcleos, a saber, o grupo da linguística da língua de sinais e o grupo do bilinguismo, discute inicialmente a proposta de registrar sinais-termo que são formas variantes na Libras, com vistas à criação de um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras. Assim, esperamos dar apoio às pesquisas futuras

que venham a contribuir para o desenvolvimento da Libras e para a valorização da diversidade cultural e linguística brasileira, possibilitar o reconhecimento de sinais-termo da Libras e fornecer dados para a elaboração de materiais e de registros videográficos em Libras que atendam uma educação lexicográfica para a língua de sinais.

Na formulação do Projeto Varlibras, que conta com a colaboração de pesquisadores do Centro LEXTERM – Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos e Laboratório da Linguística de Língua de Sinais (LabLibras) da Universidade de Brasília – UnB, abrangemos a pesquisa nas cinco regiões do Brasil, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, com os mesmos números de informantes por região, o que resulta em uma amostra muito ampla. Definimos alguns critérios, tais como, os informantes serem Surdos e, se forem ouvintes, serem intérpretes. A partir dos resultados preliminares obtidos, definir as amostras que comporão a representação e a manifestação linguísticas expressivas daquela região.

Para isso, a criação do site do Projeto Varlibras na fase de registro contribui para o estabelecimento da composição da coleta de dados, com a aplicação de questionários, que completarão a amostra básica a partir do léxico das disciplinas Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, em Libras, e, no decorrer de sua implementação e consolidação, outros léxicos da Libras podem ser registrados e mapeados no site do Projeto Varlibras.

A metodologia de levantamento de dados seguirá a linha Faulstich (1995, 2001) de análise da ocorrência de variantes e a linha Labov (1972), inspirando-se na transcrição dos resultados dos informantes obtidos através da aplicação de diversos estudos. Os dados auxiliarão na indicação da ocorrência de variantes, na análise linguística do processo de variação, sob dois procedimentos escolhidos para determinar o léxico padrão: a datilologia e a frequência de ocorrência das variantes, por ser possível, assim, fazer uma relação de uma forma, normalmente uniforme, e suas diversas realizações e manifestações linguísticas.

Assim, vale ressaltar que o projeto poderá ser ampliado com o acréscimo de novas amostras, através de um espaço em que pesquisadores e informantes poderão contribuir através de discussões e outras formas de participação científica. A amostra básica será constituída de informantes Surdos e ouvintes intérpretes, distribuídos por grau de escolaridade, gênero e faixa etária; e a escolha dessas especificações será abordada nos procedimentos metodológicos da pesquisa, mais adiante.

A constituição de um *corpus* que contemple a variação linguística da Libras possibilita um espaço representativo e consistente, sistematizando os procedimentos de coleta,

organização, transcrição e recuperação de dados e registros videográficos em Libras. Espera-se que o Projeto Varlibras se torne um lugar privilegiado de formação de novos pesquisadores, que, com o conhecimento metodológico resultante desse trabalho, deverá trazer contribuições tanto no âmbito teórico – impulsionando as pesquisas na área de léxico e terminologia sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras, quanto no âmbito aplicado, oferecendo fundamentos teóricos e empíricos para a criação de materiais videográficos e obras lexicográficas, como léxico alfabético bilíngue, glossários e dicionários para o ensino de Libras como primeira e segunda línguas.

O estudo científico da Libras, portanto, passa hoje por uma fase decisiva. A demanda acadêmica e social por conhecimento relativo à Libras é grande, mas o campo de investigação da Libras ainda se mostra muito aquém de atender minimamente a essa demanda. Espera-se, assim, demonstrar nos resultados do Projeto Varlibras que é possível descrever a natureza da linguagem na construção de uma teoria da variação linguística em Libras e, que, também, é possível contribuir para o registro da gramática da Libras. A meta é fornecer ao falante da Libras condições de usá-la como meio de comunicação, com propriedade, e fornecer postulações gramaticais sobre as gramáticas das línguas naturais e das línguas de sinais. A seguir, apresenta-se o objeto de estudo da tese

## **O objeto de estudo**

O objeto de estudo desta pesquisa são os processos linguísticos da Libras, em especial, a variação linguística, com atenção para o processo de implantação do Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras, em desenvolvimento.

A pesquisa se preocupa com as peculiaridades dos processos linguísticos que envolvem a comunicação na modalidade visual-espacial que caracteriza a comunicação da Libras. São analisadas as condições paramétricas que ativam a produção e a criação de termos em Libras, com atenção às propriedades linguísticas paramétricas cujo processamento de nomeação e referenciação dos termos requer a organização de uma série de operações cognitivas, na construção dos sinais-termo em Libras em busca da compreensão do significado.

Para tal, uma análise funcional da língua com visão crítica dos aportes teóricos que tratam a linguagem como elemento intrínseco da cognição humana foi adotada. Apresenta-se, a seguir, algumas reflexões em torno do problema da pesquisa que são pertinentes para o seu desenvolvimento e estudo.

## O problema

A pesquisa da Libras tem uma importância sócio-educacional ainda pouco reconhecida. No entanto, a Libras é uma língua essencial para o fortalecimento da comunidade surda e para a valorização da identidade dos Surdos. Falta a Libras demonstrar, de modo sistemático, o conjunto de regras da gramática da língua. Assim, pesquisas que visem o estudo da variação linguística e as implicações desta no processo de padronização dos sinais-termo, por exemplo, permitirão o desenvolvimento de estratégias que contribuirão para a valorização da Língua, sob o olhar variacionista, mas com enfoque nos sistemas morfológico, lexical e fonológico da Língua de Sinais Brasileira.

Entende-se também que, na educação bilíngue das crianças Surdas, a primeira língua deva ser Língua de Sinais - LS, pois possibilita a comunicação inicial das crianças, na escola, uma vez que elas são estimuladas a se desenvolver. As crianças Surdas têm estágios de desenvolvimento linguístico semelhantes às crianças ouvintes. Nesse sentido, é necessário que o professor conheça profundamente LS para ensinar crianças Surdas, sendo preferencialmente um professor Surdo, pois a LS é sua língua nativa. A maioria das crianças Surdas vem de famílias ouvintes, que não dominam LS, por isso, é essencial a imersão escolar na primeira língua.

No contexto da educação de Surdos, esta é uma questão preocupante. Investigações sobre a variação linguística da Libras se concentram em apenas mostrar como os sinais-termo variam em seus diferentes contextos. Como há poucos estudos com critérios que possibilitam a classificação e a organização dos sinais-termo, muitos deles são criados em sala de aula, quando, para uma palavra em Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente. Esse sinal-termo criado, normalmente, não é disseminado, nem reconhecido por uma instituição. Se o fosse, poderia funcionar como uma tentativa de ser um sinal-termo padrão e contribuir para o processo de padronização da Libras. É justamente por se entender a importância da Libras no ensino das disciplinas para o fortalecimento da cultura surda que a presente pesquisa terá como enfoques a investigação da variação linguística na Libras e quais são as alternativas linguísticas que contribuirão para o processo de padronização dos sinais-termo na Libras. A seguir, apresentam-se algumas reflexões que motivam o estudo da variação linguística em Libras.

## **Reflexões que motivam o estudo**

Entre as reflexões que serão exploradas no estudo da variação linguística em Libras, algumas questões se impõem. Em primeiro lugar, questiona-se como se dá a compreensão do significado dos termos na modalidade visual – espacial, que utiliza a língua de sinais como meio de comunicação para a sua expressão. Em seguida, pergunta-se quais operações cognitivas estão envolvidas nos processos linguísticos. E mais: quais são as estruturas linguísticas envolvidas na articulação, na esquematização, na seleção e em outros processos linguísticos que são necessários para a produção dos sinais-termo nas línguas de sinais?

Essas questões envolvem o estudo da linguística da língua de sinais através de dois eixos paramétricos de processamento da comunicação: um eixo que circunscreve os parâmetros estabelecidos inerentes à estrutura gramatical da língua de sinais que são a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a direcionalidade e as expressões manuais e não-manuais. O outro eixo desdobra as condições paramétricas para a formação de infinitas possibilidades de criação, mas devem seguir uma lógica articulada pela base paramétrica e basear-se em teorias linguísticas e em seus diversos estudos da forma efetiva, para uma clara compreensão das propriedades das condições paramétricas.

É preciso esclarecer e aprofundar as questões por meio de diferentes análises possíveis e coerentes com os estudos que a linguística tem desenvolvido em diversas áreas, para esclarecer diversos fenômenos e fatos linguísticos, assim como a formulação de um princípio metodológico, essencial para comandar tanto a criação quanto a formação de sinais-termo na Libras, com vista à padronização desses sinais-termo no âmbito da variação linguística da Libras. Percebe-se que, quando se quer estudar uma determinada língua, é preciso olhar mais longe, é preciso, primeiramente, observar as diferenças existentes entre as línguas e assim descobrir as particularidades linguísticas de uma determinada língua para o seu efetivo registro e para consolidação de uma política linguística.

É notório lembrar que nas línguas de sinais o processamento cognitivo estrutura os processos linguísticos dos falantes. Queremos dizer que, quando um sentido for compreendido muito bem pelo falante de uma língua, a ideia da perfectibilidade da língua é suficiente para projetar essa língua e valorizar a diversidade no contraste com outras línguas. No entanto, os fenômenos linguísticos que ocorrem nas línguas de sinais são um desafio para os pesquisadores, porque ainda não foram descritos de forma efetiva. Apresentam-se, a seguir,



a constituição dos objetivos da tese e as condições necessárias para o desenvolvimento deste estudo.

## **Objetivos da pesquisa**

O objetivo principal desta pesquisa é aplicar o estudo do desenvolvimento da variação linguística na Libras para a criação de um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras que: 1) apoie as pesquisas futuras que contribuirão para o desenvolvimento e para a valorização da diversidade cultural; 2) permita a padronização dos sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira; 3) possibilite a elaboração de glossários em Libras, com sinais-termo padrão e variante.

Para atingir o objetivo principal, foram relacionados os seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar pesquisas na área de políticas linguísticas para a educação de Surdos, com vistas a demonstrar a diversidade e a variação na LSB.
- 2) Pesquisar os sinais-termo em Libras;
- 3) Compreender os tipos de variação linguística;
- 4) Definir critérios de validação dos sinais-termo;
- 5) Implantar o projeto Varlibras e definir diretrizes de atuação;
- 6) Elaborar glossários bilíngues em Libras-LP.
- 7) Promover a integração de profissionais da Libras;

A seguir apresentam-se, a metodologia para a constituição da Tese e as condições de realização, que, em linhas gerais, dizem respeito ao estudo da variação linguística na Libras, para, então, percorrer o caminho teórico que conduzirá à análise aplicada aos dados.

## **Metodologia para a constituição da Tese e as condições de realização**

A pesquisa tem por meta estudar teorias linguísticas funcionalistas para aplicar estes estudos aos dados da variação linguística na Libras. Como as áreas de concentração são a lexicologia e a terminologia, ao se pensar na elaboração do Projeto Varlibras, vêm várias questões que estão envolvidas no conteúdo teórico, e uma delas é justamente a **TESE** que serve para a realização do estudo. A metodologia para o desenvolvimento da tese baseia-se no

estudo de teorias linguísticas com vistas à variação linguística na Libras, para que um modelo seja determinado: (1) construção de um sistema abstrato para explicar certa parte da estruturação da língua (2) investigação das consequências da criação desse sistema para a análise de termo padrão e termos variantes; (3) ajuste e definição desse sistema para que se torne compatível com os fatos, por meio do desenvolvimento de um site que irá possibilitar a aplicação dessa construção.

Para retratar essa questão, sabe-se que todas as línguas dependem de sentenças dotadas de expressão de significado: cada termo e cada sentença está convencionalmente associada a pelo menos um significado que lhe é associado nessa língua. Entende-se que os sinais-termo são unidades paramétricas compostas pelos parâmetros linguísticos das línguas de sinais, que são configuração de mão, ponto de articulação, movimento, direcionalidade e expressões faciais e corporais.

Em todas as línguas de sinais, os sinais-termo podem ser organizados por unidades paramétricas de modo a formar sentenças, mas o significado dessas sentenças depende do significado dos termos neles contidos e dos traços linguísticos ou condições paramétricas que possibilitam esse processo, a partir de sua base paramétrica. Ou seja, se utilizarmos uma configuração de mão, que compõe uma determinada base paramétrica com a condição paramétrica do movimento diferente, pode indicar diferentes termos; há casos em que a mudança das condições paramétricas mudará o significado; há outros em que não ocorre a mudança de significado, mas permite a ocorrência de outros processos linguísticos. Ocorre também o uso de vários termos o que instiga o usuário a selecionar um determinado sinal-termo para aquele significado que ainda não possui sinal-termo na Libras. Essa situação motiva a definição do que vem a ser variante e do que são sinais-termo diferentes de um mesmo termo.

Uma teoria da variação linguística em Libras deve não só apreender a natureza exata da relação entre o significado dos sinais-termo e o significado das sentenças, mas ser capaz de enunciar de que modo essa relação depende dos traços linguísticos ou das condições paramétricas na elaboração dos termos ou como se percebem os termos com base em outros aspectos gramaticais da sentença, que promove os processos linguísticos na Libras.

Assim, para que seja possível demonstrar uma teoria da variação linguística na Libras, essa teoria deve satisfazer pelo menos três condições: (i) deve apreender, em qualquer língua de sinais, a natureza do significado de sinais-termo e de sentenças e explicar a relação conceitual entre eles; (ii) deve ser capaz de prever como se constroem as variantes linguísticas dos sinais-termo, para que se chegue à compreensão do significado; (iii) deve

caracterizar e explicar as relações sistemáticas entre os sinais-termo e as ocorrências na língua, isto é, deve proporcionar uma explicação dos processos linguísticos envolvidos na construção dos sinais-termo e da frequência de ocorrência desses sinais-termo na Libras.

Entende-se que as teorias do léxico não podem deixar de explicar essas relações, seja em geral, seja nos casos particulares. Os princípios variacionista de qualquer língua são necessários para o pesquisador compreender o fenômeno e descrevê-lo mediante as necessidades de fixação do fato entre os usuários das línguas. Para que se prossiga na exploração desses estudos é preciso, antes de qualquer coisa, estabelecer-se os significados dos termos que utilizaremos ao longo do texto na tese.

## **Terminologia nos estudos da Linguística da Língua de Sinais**

Faz-se necessário esclarecer os significados dos seguintes termos: variação linguística, variante, variante linguística, variante-padrão, variável, mudança linguística, termo, sinal-termo, base paramétrica e condições paramétricas para melhor compreensão uma vez que esses termos serão utilizados no decorrer da tese.

**Variação linguística**<sup>1</sup> estágio intermediário entre dois momentos em que formas de uma língua se diferenciam no tempo (variação histórica), no espaço (variação geográfica) e no contexto social (variação social). Nota: A variação linguística pode atuar na fonética, na fonologia, na morfologia, na sintaxe, no léxico e na semântica.

**Variante**<sup>2</sup> pode ter as seguintes definições: 1. Forma linguística que se diversifica, numa língua natural, em decorrência das possibilidades que o sistema da língua oferece. 2. Usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização das variações. (Adapt. de Castilho e Elias, 2012, p. 449). Notas: 1. Os usos linguísticos são tecnicamente conhecidos como variantes. (Ataliba e Elias, idem, ibidem). 2. As variantes se inter-relacionam.

**Variante linguística**<sup>3</sup> denota aquela variante que resulta da atuação de fenômenos linguísticos no processo de formação de termos variantes. Por exemplo, a variante geográfica que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua, como

---

<sup>1</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

<sup>2</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

<sup>3</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

resultado dos usos linguísticos pelas influências que cada região sofreu durante sua formação histórica e social.

**Variante-padrão**, em termos práticos, para efeito de nosso estudo, será a variante percebida como padrão, aquela que apresenta possibilidades de uso dos parâmetros da Libras que depreenda uma característica linguística decorrente da variante linguística que difere das formas variantes que não apresentam estas propriedades paramétricas. É importante lembrar que o termo variante-padrão não é sinônimo de variante-culta, visto que este termo apresenta conotações que efetivamente não se aplicam aos estudos da Libras nesta pesquisa de tese.

**Variável**<sup>4</sup> é um processo de representação de funções e de valores dentro de um sistema linguístico, resultante de fatos criados pela comunidade social.

**Mudança linguística** é um processo inerente à própria língua e qualquer língua evolui. Evolui o sistema linguístico, evoluem aqueles que o usem (comunidade linguística).

Antes de continuar nossas explicações é necessário esclarecer os significados de termo e de sinal-termo. O **termo**<sup>5</sup> é palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas do conhecimento específico. Também *unidade terminológica*. Termo criado na Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. Já **sinal-termo**<sup>6</sup> é: “1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo adaptado do português para a Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. 3. Nota: A expressão *sinal-termo* foi criada por Faulstich (2012) e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclobras (2012)*”.

De modo geral, as pesquisas relatadas na presente tese foram todas desenvolvidas sob a perspectiva de análise de variantes (Faulstich, 1995, 2001) e da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1972). Destes estudos, incorporamos os principais postulados e elaboramos uma proposta para o estudo e a análise da variação linguística em Libras.

---

<sup>4</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

<sup>5</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

<sup>6</sup> FAULSTICH, E. *et al. Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia da linguística comum e da linguística da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração, com o grupo de pesquisa da Libras.

Na análise dos dados do estudo desta tese, compartilhamos da mesma visão da autora Scherre, 1996, p. 39 e 40, quando diz que assume-se da postura variacionista a ideia de que a variação é inerente ao sistema linguístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema. Assume-se a postura de que a variação não é aleatória, mas sim governada por restrições linguísticas e não-linguísticas e que os fenômenos linguísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e não-linguística. De nossa parte, neste estudo, essas tendências regulares passíveis de serem descritas são entendidas como traços linguísticos e ou condições paramétricas que delimitam as variáveis de condição de uso paramétrico da configuração de mão, do ponto de articulação, da tipologia de movimentos, da direcionalidade e das expressões faciais e gramaticais com foco nos aspectos linguísticos e, por isso, o processo linguístico da variação linguística na Libras tem um caráter essencialmente paramétrico. Assim, interessa-nos compreender a análise das ocorrências das variáveis de uma dada estrutura, porque na Libras a condição paramétrica é caracterizada como sendo orientada para os fenômenos linguísticos em si.

Antes de iniciar a discussão sobre base paramétrica, é preciso dizer que Faria-Nascimento propõe na sua tese de 2009, na página 84, o estudo do morfema-base. Esse morfema-base chamamos de “mão pensante” ou “base paramétrica”. Esta autora justifica com exemplos e apresenta um constructo da estrutura formada pelo morfema-base, que nesta tese, nós chama-se base paramétrica.

Assim, o que Faria-Nascimento chama de Morfema-base, Castro Júnior chama de base paramétrica. Para melhor entendimento do conceito de **base paramétrica**, buscamos entender os conceitos de base lexical e base conceitual. A base lexical é concebida como uma base de dados de natureza léxico-gramatical, contendo um conjunto de unidades lexicais que, de acordo com as especificidades de organização de um sistema, poderá conter informações morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas. (OLIVEIRA, 2002, p. 11).

A base conceitual contém uma informação de mundo, tanto físico quanto conceitual, procurando descrever objetos, eventos, forças, propriedades, relações e atributos em termos de representações hierarquicamente estruturadas (Dias-da-Silva, 1996, p. 234). A base conceitual é importante porque representa o conjunto de categorias semânticas básicas, isto é, primitivos semânticos que simulam a “visão de mundo” do sistema, restringindo o universo discursivo a um determinado domínio.

Assim, a base paramétrica comporta a base lexical e a base conceitual, isto é, ao definir um conjunto de léxico da Libras, é preciso, portanto, constituir uma base de dados

lexicais específica, que seja sistematizada e estruturada em função de suas relações constitutivas de estruturas que sejam paramétricas. As estruturas paramétricas são dotadas de informações tanto lexicais quanto conceituais que se tornam paramétricas de modo a atender e analisar os dados desta pesquisa de acordo com a variável da condição de uso paramétrico em estudo, quais sejam os traços contrastivos, traços componenciais, traços de uma mesma matriz lexical, traços pretendidos e traços interpretados (o que o sinalizante selecionou como parâmetro para a compreensão do sinal-termo).

Dessa forma, o traço linguístico ou a **condição paramétrica** procura dar conta do significado de um determinado sinal-termo, a partir das diversas possibilidades da variável da condição de uso paramétrico. Ogden e Richards em 1923 levantaram uma série de hipóteses sobre a definição de significado, se seria uma propriedade intrínseca, palavras anexadas umas às outras no dicionário, a conotação de uma palavra, o lugar de qualquer coisa no sistema, ou símbolos aos quais os falantes recorrem para que seus referentes sejam reconhecidos, etc. (Leech, 1974, p. 01).

Para a construção do léxico da Libras de uma determinada área, diante de tantas variantes, é importante selecionar a variante-padrão de modo a respeitar os traços linguísticos ou as condições paramétricas de regulação do sinal-termo. Dessa maneira, será possível também escolher a variante adequada a cada situação e conseguir uma eficiência na escolha da variante nas diversas situações que se fazem necessárias para a compreensão dos tipos de variação linguística que ocorre na Libras.

Tradicionalmente, as palavras nas quais há uma arbitrariedade relativa são caracterizadas como casos de motivação. Podemos definir motivação como a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um motivo para assumirem uma forma em vez de outra. Tais formas são justamente os traços linguísticos e as condições paramétricas. No caso da Libras, a motivação em grande parte é morfológica e está relacionada aos processos de formação de sinais-termo. Por isso, temos uma base paramétrica que funciona como o radical e os seus respectivos elementos componentes que variam e formam significados distintos. Exemplos deste processo são: PESSOA ANDANDO, BANANA e CALENDÁRIO. Mas quando, temos uma mesma base paramétrica e condição de uso variável dos parâmetros para um mesmo significado, temos as formas variantes, como pode ser representado nas figuras a seguir para os exemplos BANANA e CALENDÁRIO.

Figura 1 - Sinal-termo BANANA

## VARIANTE - 1



## VARIANTE - 2

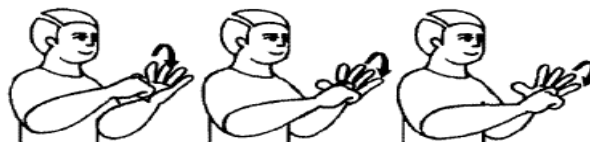


Figura 2 - Sinal-termo – CALENDÁRIO

## VARIANTE - 1



## VARIANTE - 2



O princípio adjacente a esse processo é o ato de utilizar elementos sistematizados dentro de um conjunto de traços linguísticos e ou condições paramétricas existentes na língua para analisar os sinais-termo, para que se chegue à variante-padrão e ao registro das suas formas variantes.

Os estudos dos processos de variação e mudança permitem estabelecer três tipos básicos de variação linguística, conforme Martelotta, *et. al.* 2013, p. 144 e 145:

- (a) Variação regional: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes, compreende a variável geográfica;
- (b) Variação social: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis como faixa etária, gênero, grau de escolaridade, procedência, dentre outras;
- (c) Variação de registro: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria sinalização.

Estamos apresentando cada tipo de variação como se operasse de forma autônoma, sem interferências das demais variáveis, associadas ao comportamento da variação. “A língua apresenta variação, mas há muitos elementos gramaticais, fonéticos e léxicos que são comuns às variedades de uma língua. Nem tudo é variação, havendo um número enorme de elementos comuns que são estáveis”. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 146).

A variação configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outros, de outro grupo, de outra localidade ou de outro contexto. Espera-se, neste estudo, demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e ou extralinguísticos, como veremos no decorrer da análise da sistematização de alguns sinais-termo na Libras.

Compartilhados a idéia da autora Martelotta, *et. al.* 2013 que diz “a sistematicidade da linguagem é buscada através do estudo da variação. As variantes – entendidas como modos diferentes de dizer a mesma coisa – são concebidas como estando em competição na língua, sendo que o favorecimento de uma sobre outra ocorre devido a fatores linguísticos e não linguísticos (contexto linguístico, classe social, sexo, faixa etária, dentre outras)”. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 150).

O linguista que pesquisa o léxico da Libras procura recolher um grande número de dados através da gravação de vídeos de um número considerável de informantes. Hoje todos os tipos de produção linguística são gravados e o conceito do termo **videográfica** representa aqueles registros que são tanto vídeos quanto registros por meio de imagens, desenhos e outros que são representados de formas grafadas. Na busca de uma sinalização mais natural monitorada, costuma-se pedir aos informantes para produzirem o registro de forma espontânea e este assunto será mais detalhado nos procedimentos metodológicos.

A partir da década de 1980, Labov postulou que “o aspecto linguístico deveria ser privilegiado sobre o social. A variação é reconhecida como existindo dentro do sistema linguístico. A teoria recebeu reformulações, reduzindo o peso do social para destacar as



motivações essencialmente linguísticas. Os resultados da análise de variantes podem definir duas situações: a) a existência de estabilidade entre variantes; b) a competição entre as variantes com aumento de uso de uma das variantes”. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 150).

No primeiro caso, diz-se que ocorre variação e no segundo, mudança em curso. A variação é facilmente detectada, pois para ela ocorrer é necessário simplesmente o favorecimento do ambiente linguístico. Para ocorrer uma mudança linguística, no entanto, é necessária a interferências de fatores sociais, refletindo as escolhas de um grupo social. Mas, para ocorrer a mudança, é necessário um período de variação entre formas. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 150 - 151).

Ao analisar o momento atual de uma língua, é difícil dizer se um determinado fenômeno linguístico é um caso de variação estável ou de mudança em curso. Os sociolinguistas têm uma metodologia para dizer se uma forma está ou não vencendo outra forma mais antiga. É possível analisar o tempo real ou o tempo aparente. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo o ideal o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo 12 (doze) anos e no máximo em 50 (cinquenta) anos. O linguista pode gravar os informantes e revisitá-los anos mais tarde para ver como é o comportamento de determinadas variáveis. Ele terá, assim, diversos meios de verificar se duas formas estão em variação ou se são um caso de mudança. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 151).

Muito comum também é a técnica de estudo do tempo aparente: o linguista grava amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma dada forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que na de adultos e idosos. Um uso muito elevado de ocorrência da forma nova na fala de jovens pode indicar mudança em curso. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 151).

Outros fatores devem ser somados à faixa etária para dar mais certeza ao pesquisador. A escolaridade, por exemplo, é um importante fator: quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma nova. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 152).

Vemos que a linguística não trabalha com a ideia exclusiva de separar a sincronia da diacronia, como era normal na metodologia estruturalista. Ao analisar um determinado momento, é possível verificar aspectos relativos à mudança da língua quando, por exemplo, se compara a fala de jovens e adultos de mais de 40 (quarenta) anos. O linguista está também

estudando a sincronia porque jovens e adultos realizam a língua num dado recorte do tempo. (MARTELOTTA, *et. al.* 2013, p. 152).

Além de contribuir para a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos, postulamos que as variantes da Libras são estruturadas com base em regras gramaticais e lexicais. Pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, dá-nos informações detalhadas acerca da variante produzida pelas pessoas Surdas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas, e das mudanças já implementadas na sinalização. Com isso, a área de ensino de línguas se enriquece com dados reais e que são encontrados no léxico da Libras.

Assim, o Projeto Varlibras busca explicar a variação e a mudança do léxico na Libras, a partir de abordagens da linguística como o funcionalismo, de modo a preparar o *corpus* e delimitar uma proposta a ser firmada e defendida nas análises dos dados que compõem o léxico das disciplinas selecionadas, aproveitando o aparato teórico-metodológico linguístico, social, geográfico e temporal. Apresenta-se a seguir a estrutura de tese.

## **Estrutura da tese**

A proposta do Projeto Varlibras nesta tese está organizada da seguinte maneira: introdução, apresentação dos capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e conclusão, além das referências e anexos.

Na introdução, apresentam-se sinalizações iniciais do estudo em variação linguística da Libras, o objeto de estudo da tese, o problema, as reflexões que motivam o estudo, os objetivos da pesquisa, a metodologia para a constituição da Tese e as condições de realização. É apresentada a terminologia nos estudos da Linguística da Língua de Sinais para que os significados dos termos que utilizaremos ao longo do texto da tese e a estrutura da tese fiquem claras.

No capítulo I, registra-se uma breve discussão acerca da gramática da Libras, com o intuito de qualificar as análises dos estudos da variação linguística da Libras no nível social e no nível gramatical, para a compreensão das possibilidades que o espaço na comunicação visual-espacial da Libras oferece no estudo da variação linguística e também algumas noções básicas do léxico da Libras, assim como algumas ilustrações para que se possa ter algumas conclusões parciais, que são de fundamental importância para a constituição do projeto.

No capítulo II, são apresentados estudos que compreendem a variação linguística da Libras por meio de uma efetiva estrutura lexicográfica e educação lexicográfica, aspectos políticos e linguísticos da Libras, problemas encontrados em “dicionários” para a Libras, também a divulgação de estratégias para pesquisadores interessados em elaborar propostas e técnicas lexicográficas de registros em Libras, para auxiliar os profissionais da área de Libras com estratégias inovadoras de registro do sinal-termo da Libras.

No capítulo III, são delimitados os traços linguísticos ou as condições paramétricas que devem ser registradas para que seja possível apreender conceitos que participam da criação e registros de sinal-termo na Libras, por meio da compreensão do conceito de unidade terminológica lexical, os processos paramétricos. É fundamental a compreensão dos eixos de análise dos termos da Libras para uma efetiva organização do uso do espaço por meio do registro videográfico e dos diversos traços linguísticos ou condições paramétricas para formação do sinal-termo em Libras.

No capítulo IV, as questões metodológicas apresentadas são as fontes de recolha dos dados, os procedimentos de recolha e de análise dos dados, os critérios utilizados para a seleção do sinal-termo e o passo a passo da criação do Site Varlibras para o efetivo registro dos sinais-termo no Site.

No capítulo V, é apresentado o léxico terminológico bilíngue, de acordo com os traços linguísticos ou a condição paramétrica de uso que foi utilizada para análise das seguintes disciplinas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química e a proposta de criação do núcleo Varlibras.

No capítulo VI são apresentados 1) a análise dos dados da Libras para a composição do banco de dados, 2) os princípios orientadores da análise, 3) as motivações que determinam os procedimentos de registro a ser feito posteriormente, com base em estudos já realizados na linguística da língua de sinais, 4) os sinais-termo, analisados a partir da variável paramétrica que podem ser as configurações de mãos, o ponto de articulação, a tipologia de movimentos na Libras, a direcionalidade na Libras e os aspectos linguísticos, envolvidos nas expressões faciais e gramaticais.

Finalmente, são apresentadas a conclusão e as referências bibliográficas que deram apoio ao trabalho.

A seguir, apresenta-se no capítulo I, as argumentações sobre a gramática da Língua de Sinais Brasileira e descreveremos neste capítulo alguns processos linguísticos associados à variação linguística.

## **CAPÍTULO I - ARGUMENTAÇÕES SOBRE A GRAMÁTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

---

### **1.1 Discussões acerca da gramática da Libras**

A gramática da Libras é uma área de conhecimento que tem sido explorada por pesquisadores das mais diversas áreas de formação no Brasil apenas nas últimas décadas. Portanto, as produções, além de raras são recentes. Grande parte dos estudos sobre a Libras baseia-se em outros realizados sobre a Língua de Sinais Americana (ASL).

Essa produção ainda incipiente, no Brasil, é reflexo da própria história dos Surdos, de sua educação, comunidade, cultura e identidade. Os Surdos foram, historicamente, privados de utilizarem a língua de sinais e o uso foi proibido nos contextos escolares, o que acarretou profundas demandas em prol desse grupo.

Tal situação começou a se modificar apenas na segunda metade do século 20, com os estudos de Stokoe, que é um linguista norte-americano que pesquisou extensivamente a Língua de Sinais Americana enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet e, através da publicação de sua obra, ele foi fundamental na mudança da percepção da ASL de uma versão simplificada ou incompleta do inglês para o de uma complexa e próspera língua natural, com gramática independente funcional e poderosa, como qualquer língua falada no mundo.

Atualmente, contamos, no Brasil, com estudos sobre os aspectos gramaticais e discursivos da Libras, produzidos, principalmente, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pela Universidade de Brasília – UnB, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e pela Universidade Federal de Goiás – UFG, dentre outras.

A respeito dos estudos sobre variação linguística da Libras, algumas pesquisas têm sido desenvolvidas, como o estudo de XAVIER (2010, p. 1-27) sobre a Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais; os estudos preliminares de PEREIRA (2011), acerca da Língua Brasileira de Sinais e suas variações: um estudo sobre as variantes utilizadas nas escolas de surdos; os estudos de STROBEL E FERNANDES (1998) ao retratar a variação linguística da Libras nos estudos dos aspectos linguísticos. O pesquisador Surdo, CASTRO JÚNIOR (2011) desenvolveu a pesquisa da variação linguística da Libras com foco no léxico. Após anos de pesquisas, iniciado em 2008, o autor, sob a orientação da professora Enilde Faulstich, realizou vários estudos pioneiros sobre a variação linguística da Libras, o que

possibilitou a constituição da ideia do projeto Varlibras.

Mesmo que um levantamento das pesquisas desenvolvidas sobre a variação linguística da Libras permita apontar um “placar” de resultados de pesquisa que sinalize em determinada direção, consultando parte das pesquisas, é possível extrair um consenso, que é a necessidade de disponibilizar na literatura teórica a questão dos estudos em variação linguística da Libras, para ganhar importância não só para as atividades de pesquisa, mas para o uso de terminologias adequadas e condizentes com os estudos da linguística da língua de sinais.

A Libras é uma língua sistêmica e de eficácia comunicativa. Como se pode observar, a Libras possui gramática própria. Nela, é possível encontrar elementos constitutivos das palavras que formam um léxico estruturado a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos, componentes pertinentes às línguas convencionais que preenchem requisitos específicos e princípios básicos gerais. Também as línguas visuais-espaciais, possuem estruturas linguísticas produtivas, que possibilitam assim, a produção de número infinito de construções a partir de um número finito de regras; conjunto de regras convencionais codificadas no léxico; os princípios pragmáticos que permitem aos seus utentes usar estrutura nos diferentes contextos de forma a corresponder as diversas funções linguísticas do cotidiano e, com esses princípios básicos, mostra a importância da gramática da datilologia nos estudos da variação em Libras. Como se vê, no item seguinte, a gramática da datilologia, muitas vezes é o primeiro passo no ensino de Libras que contribui para o seu efetivo registro e compreensão dos termos em Libras.

### **1.1.1 A importância da Datilologia na gramática das línguas de sinais**

A datilologia é muito utilizada pelos falantes de Libras no Brasil. O alfabeto manual ou datilológico é usado para expressar nomes de pessoas, nomes próprios, de localidades, empréstimos linguísticos e outros termos que não apresentam um sinal-termo correspondente na Libras.

A datilologia, também conhecida como alfabeto manual, se diferencia do sinal soletrado ou da soletração rítmica que corresponde ao uso das letras do alfabeto manual. O sinal soletrado pede uma velocidade mais rápida para realizar o sinal-termo na Libras. A história das LS registra a importância da datilologia, como atesta Ramos (2005)<sup>7</sup>. Assim é

---

<sup>7</sup> Texto: História da Datilologia. Ramos, Clélia Regina Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo3.pdf>> Acesso em: 20/12/2010.

sabido que Woll (1977) fez um levantamento histórico do material impresso na Inglaterra sobre Línguas de Sinais, e mostrou que, a partir de 1880, começam a aparecer pequenos panfletos, provavelmente destinados à venda para arrecadação de fundos, geralmente consistindo em ilustrações de sinais (em fotos ou desenhos), com ou sem descrições de como produzi-los. (RAMOS, 2005, p.1).

Um panfleto, denominado "Language of Silent Word" (1914) apresenta fotos de boa qualidade de 143 sinais e mais o alfabeto manual. Até 1938, quando um novo panfleto foi publicado pelo National Institute for the Deaf, essa foi a "cartilha" dos interessados em Língua de Sinais. (RAMOS, 2005, p.1).

Vem do século XVI, com o espanhol Pedro Ponce de León (1520- 1584), a invenção do primeiro alfabeto, publicado por Juan Martin Pablo Bonet em 1620, em um livro intitulado *Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*. O trabalho de Ponce de León está registrado nos livros da instituição religiosa e relata sucesso de uma metodologia que incluía a datilologia, escrita e fala o que levou seus três alunos Surdos a falar grego, latim e italiano, além de chegar a um alto nível de compreensão em física e astronomia. (RAMOS, 2005, p.2).

Em meados do século XVIII, foi levado à França por Jacob Rodriguez Pereira, e subsequentemente para os Estados Unidos, em 1816 (por meio de Gallaudet), esse "alfabeto de uma mão", que pode ser reconhecido como o ancestral dos alfabetos manuais atuais. Outra corrente é a do "alfabeto de duas mãos", atualmente ainda em uso na Inglaterra e em algumas de suas ex-colônias, que aparentemente não mantém relação com o alfabeto de Bonet, um padre espanhol, educador e pioneiro na educação de Surdos. O alfabeto publicado anonimamente em 1698 com o nome de "Digitilíngua" deve ser o inspirador do atual. (RAMOS, 2005, p.2).

Mesmo sendo resultado do uso de ouvintes, no sentido de ensinar o Surdo a falar, a maior parte das comunidades surdas de todo o mundo utiliza a datilologia em suas línguas de sinais. A compreensão do percurso histórico dos alfabetos datilológicos permite que as pesquisas linguísticas tenham fundamentos e que os mecanismos de criação e produção de sinais-termo na Libras sejam validados. Os Surdos necessitam contribuir para o registro da Libras e compreender a história da origem de um sinal-termo é fundamental para o seu efetivo registro.

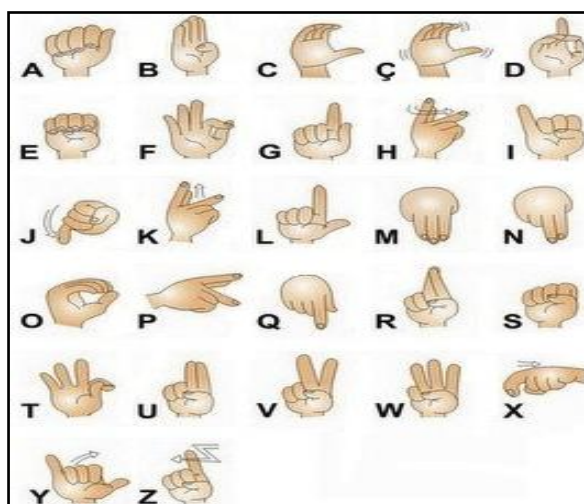
Por sua vez, Padden (1998 *apud* Santana, 2007, p.96) chama atenção que “o alfabeto digital é um tipo de sistema manual que representa a ortografia da linguagem oral.”.

No entanto, ele refere-se sempre a nomes próprios, lugares, nomes científicos, e é usado para vocábulos que não possuem sinais.

### 1.1.2 Uma interpretação da Datilologia na Libras

Em estudos sobre a “Gramática da datilologia”, Castro Júnior, em 2010<sup>8</sup>, também percebeu que o alfabeto datilológico auxilia na intercomunicação entre duas línguas diferentes e possibilita a comunicação, quando o usuário de língua de sinais domina uma modalidade escrita de uma língua oral e queira saber o sinal-termo para o termo referente em uma outra língua de sinais, quando não conhece o termo correspondente. A figura 3, a seguir, ilustra o alfabeto manual da Libras

Figura 3- Alfabeto manual da Libras

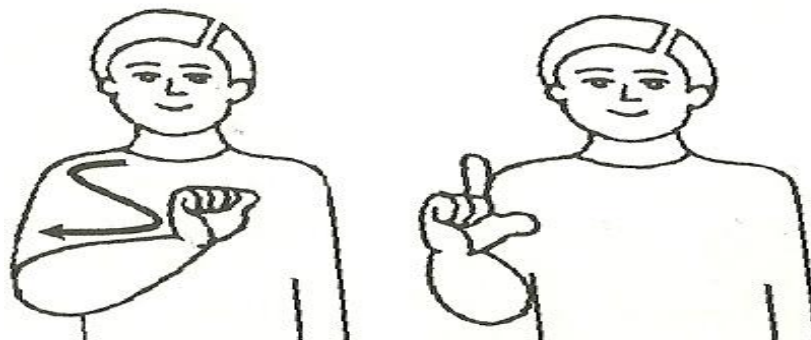


Fonte: Alfabeto Datilológico – Ilustrador João Felix

Nossos estudos confirmam que o alfabeto manual não é apenas um “mecanismo” alternativo utilizado quando não se tem sinal correspondente na tradução de uma linguagem oral para uma língua de sinais. Tanto quanto as expressões faciais, esse alfabeto faz parte da língua de sinais. Mesmo que no início esse alfabeto tenha tido a função de substituir a fala, aos poucos, foi-se tornando parte da língua de sinais. Alguns sinais são realizados com a digitação de algumas letras do alfabeto, como o sinal de AZUL, que se constitui-se no sinal do alfabeto digital da letra “A” e da letra “L”, conforme mostra a figura 4:

<sup>8</sup> Pesquisa desenvolvida durante a disciplina de Lexicologia e Terminologia do mestrado em Linguística na Universidade de Brasília – UnB no ano de 2010 pelo autor.

Figura 4 - Sinal-termo AZUL



Fonte: Dicionário de Capovilla *et. al.* (2001).

A datilologia é linear e segue a estrutura oral-auditiva, diferente da Libras, que é simultânea. “A diferença básica entre uma língua oral - auditiva e uma visual-espacial não é o uso do aparelho fonador/mãos no espaço, e sim a organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, característica da língua de sinais”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47-51).

O pesquisador Surdo Castro Júnior (2009) analisou e fez a proposta da gramática da datilologia ao constatar as regras metadescritivas nos seguintes aspectos: postura e situações de uso, pois analisou como deve ser o campo visual de realização da datilologia, quais as roupas e que cuidados devemos ter ao realizar a datilologia. Analisou também a importância da gramática da acentuação na datilologia, como estratégia didática para que o Surdo compreenda que as palavras nas línguas de origem apresentam acentuação; exemplificou a diferença entre a datilologia e os sinais soletrados, a relação entre a datilologia e os empréstimos linguísticos, organizou o que estava disponível na literatura sobre o tema: datilologia e números, expressões de números ordinais, cardinais e valores monetários e exemplificou os processos derivacionais e flexionais no uso da datilologia.

Com base nos resultados do estudo, é possível dizer que, através da organização das regras metadescritivas, o uso do espaço é muito importante, pois a datilologia acontece de dentro para fora e nunca de fora para dentro; o espaço adequado para a datilologia depende do meio em que o falante da língua for sinalizar como por exemplo, se estiver em um ambiente de filmagem, o ideal é que a datilologia prossiga na frente do peito e não na frente do rosto, pois o contato visual e as expressões faciais são princípios inerentes das línguas de sinais. É desejável que, ao realizar a datilologia, haja uma sequencialidade, bem como uma movimentação. Esse movimento é um movimento datilológico, porque possibilita perceber a palavra na datilologia.



Nossa pesquisa mostra que Siple (1978) confirma a importância linguística da datilologia, quando afirma que, ao contrário do que os leigos pensam, os usuários das línguas de sinais não acompanham com o olhar a direção e o movimento do sinalizante quando estes sinalizam. Somente desviam da região da face no momento da datilologia, voltando novamente o olhar para a face assim que ela finaliza. (*apud* BAHAN, 1996). Isso é reforçado por Baker-Shenk (1983) que observa o interessante fato de que a região de sinalização envolve também o tórax, e o usuário também direcionaria o olhar para essa região, no entanto, isso não ocorre, confirmando, assim, a importância da informação gramatical expressa pela face e parte superior do corpo.

Várias questões com implicações na organização da gramática da datilologia nos estudos da variação linguística em Libras estão relacionadas com a pesquisa de situações em que a datilologia é desejável em Libras. Uma dessas sugestões é estudar como se dá o processo de evolução da datilologia na Libras. Uma das propostas leva em consideração a seguinte evolução linguística: datilologia → sinais soletrados → processos datilológicos → sinal-termo na Libras → variantes em Libras → convencionalização → padronização.

Aliadas a essas discussões, há outras questões que mostram que é pelo léxico que se identifica a cultura de um povo, de uma comunidade. Assim, as influências precisam ser historicamente analisadas, pois, se temos 100 (cem) anos de Língua de Sinais, percebe-se que o acréscimo vocabular e, também, a convencionalização dos sinais contribuem para o processo de discussão e de padronização, de organização da comunicação. Esse conjunto é imprescindível para a inserção do indivíduo Surdo na comunidade e nas representações sociais por meio das múltiplas produções culturais, de acordo com a percepção da modalidade visual-espacial.

Se o processo de criação de sinais-termo na Libras está associado às regras metadescritivas, então é possível perceber que acontece em duas situações. Na primeira, ocorre de o receptor não conhecer o sinal, então foi feito o uso da datilologia para representar o sinal-termo que foi emitido. Na segunda, o falante da língua é instigado a pesquisar o sinal-termo para aquele termo que foi exposto e, com isso, dá-se a necessidade da utilização da interpretação - explicativa, ou seja, de uma abordagem do conceito do sinal-termo em Libras, para que se dê a criação do sinal-termo com base na explicação conceitual. Esse processo exige a convencionalização do sinal-termo criado, mas, para isso, existem algumas implicações que têm que ser levadas em conta. Por exemplo, para a palavra SÓDIO existem diferentes contextos de uso, então os processos sintáticos, semânticos e pragmáticos também influenciam no processo de criação, principalmente no que se refere às construções

morfossintáticas, que são estruturas que parecem sem sentido, mas que possuem informações, dependendo do contexto da situação de uso. Por isso, a datilologia em si tem seus aspectos positivos e negativos, mas, associada a outros estudos linguísticos, é possível compreender sua gramática, bem como a definição das regras.

Em vista das argumentações expostas acerca da gramática da datilologia, é necessário destacar, algumas recomendações linguísticas que servem de base para sustentar e delimitar os estudos em língua de sinais, em que i) “a utilização” da datilologia tem de ser feita de forma correta, na quantidade exigida para um registro terminológico e para a compreensão dos fenômenos de língua e de linguagem; ii) a Libras deverá ser corretamente empregada, para evitar os erros terminológicos de registros lexicais, até onde a fonologia, a morfologia, a sintaxe, e a semântica da Língua de Sinais Brasileira – Libras possibilitam, de modo autônomo, a elaboração de sinais-termo, com vistas à total compreensão do significado; iii) todos os procedimentos de datilologia são discutidos por quem tem a Libras como Língua 1 – L1.

Para fundamentar as argumentações expostas, prosseguimos na exposição dos argumentos, a partir de duas questões de base: 1) O que exige o uso da datilologia na Libras? 1a) A falta de vocabulário especializado no léxico da Libras? e ou 1b) A falta de sinais da Libras para datas? Para números? Para estruturas morfossintáticas? 2) Qual foi o motivo de ter sido usada a datilologia na sinalização dos sinais-termo para a compreensão dos fenômenos de língua e de linguagem?

Inicialmente, cabe-nos retomar conceitos de datilologia. Existe o que está reconhecido como processo datilológico, que, muitas vezes, pode ser confundido com o uso de datilologia. Processo datilológico não é Datilologia. Exemplos de processo datilológico são os números, as siglas e outros elementos reduzidos que fazem uso da datilologia. Na Libras, existe terminologia que exige a aplicação de processos datilológicos pelo falante de língua de sinais. Esses processos metalinguísticos se organizam segundo tipos, como nominal, explicativo, argumentativo, conceitual, informativo, numérico, processual, e podem ser manifestados em conjunto.

Alguns termos da Libras apresentam processos datilológicos, porque indicam números contextualizados, números de lei e siglas, por exemplo. Por outro lado, aparece a representação de um sinal, que não é propriamente o sinal do referido termo, mas o que indica as propriedades conceituais por meio do processo datilológico informativo, como no caso do termo FORMAS. O uso conceitual desse termo na Libras pode indicar vários contextos, por

exemplo a FORMA geométrica, a FORMA de investidura em um cargo público e outros termos.

Outro processo datilológico a ser observado é no decorrer da sinalização do termo VAGAS, em que a sinalização pode indicar, na reduplicação do movimento consecutivo desse termo, a interpretação de um outro termo, como se dá na sinalização do termo RESERVAR, que incorpora o termo VAGAS, e essa ocorrência está muito associada ao uso de verbos na Libras. Assim, a sinalização sem uma estratégia ou sem um recurso datilológico promove a falta de compreensão do termo VAGAS, e o recurso datilológico auxilia nesse processo.

O processo datilológico informativo é empregado quando não há sinais que explicitem os significados dos termos. Num uso formal da(s) língua(s), é preciso informar o conceito do termo abordado, por isso o processo datilológico é empregado como apoio aos sinais que não estão concretizados na Libras e, por isso, podem levar o usuário à compreensão de outros significados ou contextos. Outra função desse processo datilológico é evitar dúvidas com respeito ao que é dito e, para isso, alguns termos da Libras necessitam ser analisados, por meio de uma sinalização do termo associado à datilologia.

O processo explicativo é utilizado para que seja feita a associação da sinalização com a informação conceitual do termo.

O processo de datilologia conceitual indica que somente usar um sinal não basta para dar o significado. Durante a sinalização de um sinal-termo, pode haver cruzamento conceitual com um outro termo. Para evitar ambiguidade e confusão na interpretação de um sinal-termo, é preciso que a sinalização, o conceito e o significado formem um triângulo de interpretação correto, a partir do processo datilológico.

Em um registro terminológico de um sinal-termo, para grande parte dos termos usados para coletar os dados, fica evidente que ainda não há sinais-termo na Libras, porque se trata de uma terminologia de uso especializado e de conteúdo específico de uma área do conhecimento a ser estudado ou compartilhado. Há palavras do léxico comum que não têm sinal-termo na Libras. Esse é um fato que qualquer falante de Libras constata de forma indiscutível e que motiva processos datilológicos e datilologia propriamente dita. A falta de sinais-termo que preencham as necessidades conceituais de palavras pertencentes ao vocabulário científico e técnico (terminologia científica e técnica) deve ser suprida por processos que provêm de fora da Libras, sob pena de o silêncio prevalecer. Guardadas as diferenças de línguas, o fato se parece com os empréstimos que as línguas orais recebem das línguas estrangeiras. Neste estudo é importante enfatizar, que a pesquisa favorece a Libras

pelo contato que mantém com o português em ambiente em que os Surdos falantes de Libras estão na imersão na língua portuguesa.

Quando um termo não apresenta ou não possui sinal-termo, a escolha do processo datilológico tem que ser criteriosa, para evitar a falta de compreensão de outros termos da língua. Se apenas a sinalização de um termo equivalente for empregada, como a de termos em formação ainda não amplamente conhecidos, o melhor é usar processo datilológico. Essas questões serão atenuadas pelas pesquisas que se fazem hoje, primordialmente nas universidades, acerca do desempenho social e linguístico da Libras, muitas já concretizadas com bons resultados, porém de pouco conhecimento dos Surdos que vivem na vastidão do Brasil.

Em continuidade das discussões, é preciso acentuar que também as FRASEOLOGIAS para as quais não há sinais-termo na Libras têm de ser consideradas, e estas só são entendidas se forem faladas por processo datilológico com a intenção de oferecer benefício e conforto linguísticos aos Surdos e falantes de Libras. Consideramos então a datilologia nominal, sob dois tipos: o da nominalização e o da especificação. Exemplo desse processo aparece no termo ETAPAS. Como a língua de sinais aceita apenas quatro referentes estabelecidos no espaço, a partir da regra do quadrante linguístico nos eixos sintáticos e paradigmáticos, e como especificam-se no discurso cinco etapas, é preciso recorrer à datilologia para o efetivo estabelecimento do sinal para ETAPAS associado ao plural. Nesse caso, o termo CLASSIFICATÓRIO, por exemplo, está atrelado ao significado específico de sua sinalização, mas um outro termo, como CLASSIFICATÓRIA, implica que a datilologia seja usada para fixar as concepções específicas, na composição do termo no discurso.

Na sinalização de termos, da área escolar FUNDAMENTAL, poderia ser usada a sinalização de 1º ao 9º ano em Libras, entretanto é importante manter o contexto histórico de uso do termo ENSINO FUNDAMENTAL, fato este recorrente, quando se quer manter a fidelidade tradutória do termo, e, por isso, não é recomendada uma substituição lexical aleatória por sinal inventado na hora de usar a Libras. Da mesma forma que o uso e a repetição da datilologia e dos processos podem ser entendidos como prejuízo, tornam-se recursos ricos quando percebida a recorrência. Esse cuidado é importante de ser observado, com vistas a não prejudicar a compreensão de qualquer termo em Libras. A datilologia é recomendada na comunicação, e, por isso, em alguns momentos, é a melhor forma léxica possível, para evitar tradução e sinalização equivocadas.

O que se percebe é que, possivelmente, haja falta de domínio das propriedades dos processos datilológicos pelos usuários de Libras. Como todo estudo que aperfeiçoa áreas

do conhecimento no universo do saber, já não é recomendável limitar a aprendizagem de qualquer assunto a apenas uma publicação na literatura da língua de sinais, porque muitos são os pesquisadores e estudiosos que também publicam com fundamentação científica.

Na perspectiva do objeto de análise aqui comentado, com foco no estabelecimento das discussões acerca da datilologia e dos processos datilológicos, por mais que se queira utilizar um sinal-termo já existente para referir um termo usado em linguagens de especialidade, não se pode deixar de reconhecer que, entre termo e conceito, há uma afinidade que exige precisão em todas as línguas. E, quando não existe a “expressão” adequada na língua-alvo, o procedimento normal é buscá-la numa língua-fonte, até que na primeira língua essas palavras sejam criadas ou incorporadas como possíveis.

Nossas pesquisas mostram que ainda há um grande número de usuários de Libras que não compreende essa diferenciação. Decorre daí a necessidade de utilizarem-se processos externos à Libras, como a busca de termos na L2, na Língua Portuguesa, que são passados por tradução literal para a Libras (da L2 para a L1).

Em segundo lugar, o efetivo uso da datilologia se faz na função de representar por meio de letras da Língua Portuguesa um conjunto de léxico que não possui sinal conhecido, como substantivos próprios. Esse é um fato amplamente sabido, mas, como muitos desconhecem as regras da L2 no contato com a L1, desconhecem também a datilologia que possui regras próprias e não é tão aleatória, como muitos pensam.

A compreensão da gramática da datilologia auxiliará de modo colaborativo, visando atender aos contextos específicos da modalidade visual-espacial, principalmente na discussão do tema variação linguística em Libras, com as novas regras já pesquisadas pelo pesquisador Surdo Castro Júnior (2009).

Além disso, nossas pesquisas demonstram as inúmeras possibilidades que a datilologia e os processos datilológicos oferecem e que são produzidas por inúmeros contextos. Isso reforça uma pesquisa anterior já desenvolvida pelos pesquisadores Castro Júnior e Faulstich (2009)<sup>9</sup>, que permitiu aliar e direcionar os resultados para outras pesquisas a serem desenvolvidas, assim como possibilitará a organização de um banco de dados em Libras, com informações e sinais específicos da Libras.

---

<sup>9</sup> Trabalho: A variação lexical regional na Língua Brasileira de sinais: interiorizando a prática educativa apresentado como resultado do projeto de iniciação científica no XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e 5º Congresso de Iniciação Científica do DF. 2009, pelo autor.

## 1.2 A organização da significação do termo

Na seção anterior, vimos algumas condições preliminares acerca da gramática da datilologia que servem para o desenvolvimento de uma teoria para o estudo da variação linguística, na organização das teorias linguísticas da língua de sinais, em especial, da Libras. São questões que podem ser confrontadas com as teorias das línguas orais que oferecem condições de examinar o mecanismo detalhado da significação do termo e dos processos linguísticos envolvidos.

Somente uma definição conceitual não permite uma organização da significação do conceito de termo. O pressuposto é de que a relação entre o termo e aquilo que o seu uso implica não apresentava problema, mas também não oferece, as possibilidades de análises mais efetivas, ainda que o termo seja a expressão da ideia.

É sabido que, em determinada língua, um conjunto de termos existentes para denominar as diferentes possibilidades de uso na sentença varia de uma língua para outra. A margem de variação é enorme, porém na Libras é possível fazer uma análise dos termos que podem apresentar diferentes significações, a partir dos contextos de uso. E é justamente esse mecanismo que merece ser mais detalhado. Para isso é preciso compreender como se dá o processamento no meio expressivo de comunicação e de interação no uso da língua.

O meio é cada um dos vários sistemas de sinalização, no interior dos quais se pode encaixar uma linguagem e processar a língua. Um meio para a linguagem é o primário quando não deriva de nenhum outro e quando é possível compreender a informação com o uso das habilidades e competências adquiridas na língua. O meio primário mais conhecido e mais amplamente usado é a fala, por meio da qual a informação linguística é codificada na forma de sons nas línguas orais e nas línguas de sinais na forma de visemas, em que a informação linguística é codificada em sinais feitos, sobretudo, com as mãos, os braços, os ombros, a cabeça e o rosto.

Esse é o meio usado pelas pessoas Surdas, pelo menos em lugares onde tiveram a oportunidade de aprendê-lo. Não se sabe quão antigo é o tipo de sinalização hoje usado, ele só ganhou estabilidade e evidências a partir do século XVIII, mas é muito provável que a elaboração e o uso de língua de sinais tenham acontecido durante muito tempo, sempre que as circunstâncias o permitiam. Importa perceber que uma verdadeira língua de sinais é autônoma e não deriva da língua falada; esse é um ponto crucial para o registro e a efetivação dos termos em língua de sinais.

Um meio secundário é aquele que deriva de um meio primário. O mais conhecido entre os meios secundários é a escrita, que habitualmente consiste em tentar converter a fala em marcas permanentes. Essa é uma das dificuldades das línguas de sinais, ao pensar em estratégias lexicográficas para o seu registro. Por isso estudos com uma eficiência e o uso de metodologias adequadas para os registros terminológicos e lexicais são cruciais para a promoção de uma efetiva política linguística. Muitos pesquisadores da língua de sinais não compartilham da mesma visão e elaboram estudos sem compreender toda a sua funcionalidade.

Como é sabido a escrita é uma intervenção tardia, que tem pouco mais de cinco mil anos e, até muito recentemente, o conhecimento da escrita e da leitura era limitado a uma pequena minoria da população mundial. Assim sendo essa observação vem de acordo com as línguas de sinais, que muito recentemente foram reconhecidas em seus países. As línguas de sinais podem ser transpostas para a escrita, embora os sistemas para fazê-lo ainda estejam engatinhando e sejam usados em sua maioria por especialistas, mas especificamente por lexicógrafos e terminógrafos. Em vista disso, os registros videográficos são cruciais serem estudados, para que seja possível na sua totalidade transpor a língua oral para o seu registro e, dessa forma, contribuir para a padronização dos termos.

Os processos linguísticos que contribuem para a expansão lexical de termos na Libras, pois termos novos são passados para a Libras pela datilologia, é um meio terciário, pois é derivado de um meio secundário. O sistema sequencial que apresenta um movimento datilológico utiliza o alfabeto manual que é um meio terciário, porque deriva da escrita, e cada letra do alfabeto é transformada em um sinal através do uso da configuração da mão correspondente.

Por conseguinte, é mais comum observar nas línguas de sinais a perda da irregularidade, a queda em desuso das formas e dos esquemas de construção sequencial e sentencial mais complexos ou menos frequentes por falta de registro, pela substituição maciça dos termos por outros termos tirados de outras línguas, a mudança de sinalização, que se torna diferente da sinalização efetiva, pela perda da variação, que leva à sobrevivência de apenas um estilo invariável. Esses são fenômenos que merecem atenção em vista de compreensão e de análise da construção da significação dos termos nas línguas.

De modo geral, no primeiro momento, o significado dos termos é considerado como o constructo de termos do qual o significado de sentenças e a comunicação podem ser explicitados; no segundo momento, o significado de sentenças é tomado como básico, com as palavras caracterizadas por termos com significado sistemático e, no terceiro momento, tanto

o significado dos termos como o da constituição das sentenças são explicitados no ato da comunicação e regulam os mecanismos linguísticos na língua.

Desses três meios de construção de termos, a significação constitui a base da nomeação entre um termo e seu conceito correspondente. É por meio dessa relação que será descrito no item seguinte, as possibilidades que direcionam para um efetivo registro e para a teoria da variação linguística da Libras.

### **1.3 O significado, a referência e o conceito dos termos para um efetivo registro**

O processo de nomeação entre um termo e seu objeto é mais transparente no que diz respeito aos nomes próprios, que é um caso paradigmático de nomeação. A relação entre termo e objeto é uma relação de referência. Essa referência denominativa é constituída pela significação, que envolve a forma e o conteúdo semântico.

Essa observação serve para analisar que forma as imagens dos termos assumem no cérebro do falante. Nas línguas de sinais, os termos são visuais no canal de transmissão da informação, porém muitas vezes, necessitam de um equivalente em língua oral para a sua significação, pois os indivíduos Surdos, em sua maioria, apresentam diversos graus de bilinguismo, o que possibilita encontrar equivalentes lexicais em outras línguas para uma efetiva compreensão dos conceitos dos termos que advêm de línguas orais.

Somente ver, e não ter um domínio das competências da comunicação visual não é suficiente, é preciso saber olhar e captar as mínimas informações visuais dotadas de significado, pois o cérebro, da mesma maneira que aprende a falar, tem que aprender a ver: é preciso “escanear” e mapear detalhadamente os parâmetros da língua de sinais, juntar todos, formar um sinal-termo e associar ao referente, levando em conta as condições paramétricas. Assim é constituído o vocabulário visual de um falante de língua de sinais e, muitas vezes, a comunicação visual-espacial tem essa particularidade nas interpretações e explicações em Libras. Para que o significado de um determinado termo seja compreendido, é necessário apresentá-lo por meio de estratégias de organização da informação, que é um processo mental.

Aliada a essa discussão, temos outras questões linguísticas que mostram que é pelo léxico que identificamos a cultura de um povo, de uma comunidade. Assim, as influências precisam ser historicamente analisadas, pois, se temos muitos anos da presença da língua de sinais, percebemos que o acréscimo vocabular e, também, a convencionalização dos sinais contribuem para o processo de discussão e de padronização, de organização da



comunicação. Esse conjunto é imprescindível para a inserção do indivíduo Surdo na comunidade e nas representações sociais através das múltiplas produções culturais, de acordo com a percepção e a constituição da modalidade visual-espacial.

A questão da percepção da imagem e sua associação com os termos ainda prevê um outro processo linguístico, que é a presença de variantes de determinados termos que são percebidas pelos falantes de língua de sinais. As imagens que temos de um referente de um termo podem variar, segundo a ocasião, mas, como dependem de nossa experiência, poderão ter muitas variações de detalhes, e talvez radicalmente de substância, o que pode promover concepções diferentes do significado do termo.

Além desses processos, existem outros fenômenos envolvidos na significação dos termos, como aqueles aos quais é impossível associar qualquer imagem, como as preposições, os pronomes e outros sistemas fechados da língua de sinais, mas que, apesar de não serem utilizados em sua gramática e ou na escrita, não são destituídos de significado, o que comprova que existe uma relação entre o processo de significação dos termos e a referência desses termos, não necessariamente entre línguas, o que afasta qualquer tentativa de aproximar a Libras da Língua Portuguesa como línguas iguais. Esta pesquisa tem a meta de estudar recursos lexicográficos para na língua de sinais aliar a imagem, a significação e o termo de acordo com as condições que regula o mecanismo dos signos e do significado. Por isso, para que o termo tenha significado, é preciso que o conceito esteja claro, ou seja, o próprio conceito tenha uma definição clara, bem como seus constituintes linguísticos, quando houver vários processos linguísticos envolvidos na comunicação na língua de sinais.

As questões até aqui discutidas são imprescindíveis para a construção conceitual na Libras. As peculiaridades dessa língua exigem, portanto, que os pesquisadores de sinais-termo entendam os conceitos de diferentes processos associados à modalidade visual-espacial nos diferentes parâmetros, pensando em novas práticas linguísticas que considerem a realidade bilíngue do Surdo.

## **1.4 Léxico e sua dinâmica**

O léxico é uma entidade, por meio do qual uma língua revela sua cultura de quem a usa. O léxico de uma língua é formado por unidades linguísticas, por signos linguísticos padrão e variantes.

Um estudo linguístico que analisa a variação linguística em Libras representa um evidente enriquecimento de perspectiva no estudo da língua no desenvolvimento da técnica e

dos recursos lexicográficos e terminográficos para um efetivo registro da Libras porque a análise linguística dos termos pode ajudar na compreensão geral dos fenômenos. Na tentativa de isolar o fato linguístico, porém o linguista corre o risco de omitir elementos que permitiriam integrar a língua em seu meio real, por isso é uma conquista importante, no registro das condições paramétricas da constituição do termo como procedimento científico e metodológico estudar a língua em si pode ser um exagero e se enfatizar o meio em que a língua se desenvolve e se manifesta. É preciso, ainda, não esquecer que “uma língua só existe inserida em uma cultura determinada, e o léxico apresenta a estrutura que obedece aos padrões de construções da língua a que pertence, conforme Faulstich”. (2013b).

A cultura representa o conjunto de criações do homem, opondo-se assim o mundo humano ao mundo orgânico ou físico. Por meio, entende-se a modalidade em que ocorrem os fenômenos da comunicação e que possibilita a sua interação e manifestação. Assim sendo, neste estudo, a análise dos elementos que constituem os termos com base nos processos linguísticos, que constituem o léxico no meio em que ele está inserido, significa constatar as variantes que atingiram ora a forma, ora o significado, para acenar depois se o processo presidiu uma mudança e, assim, efetivar a ideia da tese em estudo. Procura-se estudar a dinâmica do léxico da Libras na tentativa de conseguir uma explicação das causas das transformações do léxico, estudando a influência que a cultura e o meio têm nesse processo. Num contexto educacional e político, o meio pode ter importância destacada: o Surdo em suas diferentes manifestações sociais e culturais, intimamente voltado para o reconhecimento e registro da Libras com que interage diariamente, se presta para uma efetiva contribuição no estudo da Libras.

Para Vilarinho (2013, p. 23 e 24), o léxico está submetido às regras da gramática de uma língua. No entanto, o léxico pode ser considerado autônomo, porque contém os significados, e, sem o léxico a gramática não teria unidades para normatizar. O léxico é uma abstração que contém as estruturas que formam as palavras, porque é o elemento provedor de conceitos e de significados da língua, de modo que a provisão pode se dar em estruturas regulares ou irregulares.

Basílio (2009, p. 9) já chamava a atenção para uma importante função do léxico, quando afirma que “é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, que fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

E observa ainda que o léxico pode ser externo ou interno (mental). O léxico

interno “corresponde ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas.” O fundo lexical está no léxico interno (Id., Ibid., 2009, p. 10). O léxico externo é “o conjunto de palavras que pode ser verificado nos enunciados da língua ou verificado nos dicionários” (Idem Ibidem).

Lobato (2010, p. 46) observa que:

Existe um léxico na mente dos falantes/ouvintes de uma língua e esse léxico envolve propriedades que permitem as relações sintagmáticas e paradigmáticas da língua, sendo esse léxico pelo menos em parte compartilhado pelos falantes/ouvintes de uma comunidade linguística.

O que se vê é uma manifestação a propósito do léxico interno. Basílio afirma em 2007, que competência lexical é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. (p.98).

Normalmente, o falante de uma língua domina as propriedades das palavras, por que ele tem essa competência. O conhecimento do léxico externo e interno facilita o emprego de construções da língua com propriedade vocabular, que “definimos como características de empregar a palavra de modo adequado ao contexto enunciado”. (Vilarinho, 2013, p. 24).

Para dominar uma língua, além de saber regras gramaticais, é necessário saber selecionar as combinações sintático-lexicais possíveis. A autora destaca que “é necessário conhecer o valor semântico que cada palavra possui” (FAULSTICH, 2010b, p. 41). Assim sendo, “a escolha cuidadosa de palavras, para que os termos adquiram propriedade, torna a frase mais logicamente construída e, conseqüentemente, o texto compõe-se de maneira concatenada, objetiva e clara”. (Id. Ibid., p. 56). O dicionário, por ser um inventário lexical, é um dos recursos que oferece condições para que o consulente utilize as palavras nas modalidades falada e escrita da língua com propriedade vocabular.

Assim, é importante analisar o processo de substituição ou desaparecimento do léxico em toda sua essência. O estudo da variação linguística viabiliza compreender a renovação do léxico a partir da aquisição de novos termos. O acesso à Língua Portuguesa escrita pelos Surdos provoca a aquisição e o conhecimento de novos termos, necessários à comunicação em duas línguas, a Libras e o Português. As alterações por que se passa o vocabulário são apresentadas. Poderão revelar a atuação de forças internas e externas da evolução.

## 1.5 A variação linguística e o registro da Libras

É preciso encarar a variação linguística como fato real presente no dia a dia das línguas. A escola deve compreender, de uma vez por todas, que os alunos falam de maneira diferente, e isso deve ser não só estudado, como também, especialmente, valorizado. Deve-se ensinar que a língua que o Brasil fala é multifacetada; entretanto, há uma variante ou dialeto de prestígio, que todos têm que aprender, pois é esta que conduz a bens culturais mais valorizados. Os livros didáticos e outros materiais devem não só mostrar uma forma de variação, um recorte do real, mas, sim, o real como todo; mostrar e exemplificar os usos de São Paulo, do Sul, do Sudeste e também do Nordeste, com os regionalismos e as variantes possíveis.

Faulstich foi a pioneira nos estudos de Socioterminologia no Brasil, ao reconhecer que a pesquisa terminológica deve ter como auxiliares princípios funcionalistas da variação e da mudança linguística, assim como da etnografia, em vista da comunicação no seio da sociedade. (CRUZ, 2013, p. 22). A pesquisadora, em sua trajetória de pesquisa, ao criticar o ponto de vista de Wüster, esclarece que, no lugar da prescrição, deveria haver descrição dos dados terminológicos e que normalização, no contexto wüsteriano, era o mesmo que normatização. Com fundamentação epistemológica, Faulstich (1995b) declara que “as características de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades próprias a serem estudadas pela disciplina socioterminologia, que requer método próprio para a sistematização de termos e de variantes” (p. 281). Para esta autora, a “Socioterminologia já era prenúncio para o desenvolvimento de uma terminologia de cunho funcionalista e de natureza social”. (CRUZ, 2013, p. 22).

Em toda comunidade linguística são frequentes as formas linguísticas em variação, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto.

Os estudos que a Linguística tem desenvolvido para analisar os fenômenos recorrentes na língua já ganhou espaço dentro de alguns compêndios. Isso serve para que os estudiosos Surdos, nas pesquisas da Libras, percebam necessidade de pesquisar e analisar o que de fato ocorre na língua.

Strobel e Fernandes (1998) observam que a Libras apresenta dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais, o seu caráter de língua natural.

No nosso caso, o desenvolvimento da pesquisa que estuda a variação lexical regional e as implicações desta no processo de padronização dos sinais, permitirá o desenvolvimento de estratégias que contribuirão para a valorização da variação linguística da Libras. Entende-se também que, na educação das crianças Surdas, a primeira língua deva ser a Língua de Sinais, pois possibilita a comunicação espontânea inicial na escola. Assim as crianças, são estimuladas e se desenvolvem. Para isso, é necessário que o professor conheça profundamente Língua de sinais (LS) para ensinar crianças surdas, daí a preferência por professor Surdo, pois LS é sua língua nativa. A maioria das crianças Surdas vem de famílias ouvintes, que não dominam LS, sendo por isso, essencial essa imersão escolar na primeira língua.

No contexto da educação de Surdos, essa é uma questão instigante. Investigações sobre a variação lexical regional da Libras se concentram em apenas mostrar como os sinais-termo são variantes em seus diferentes contextos, havendo poucos estudos acerca de quais são os critérios que possibilitam a classificação e a organização dos sinais-termo por meio de suas condições de sinalização, sendo que muitos sinais-termo são criados em sala de aula, quando para uma palavra em Língua Portuguesa não existe um sinal-termo correspondente. Esse sinal-termo criado não é disseminado nem reconhecido por uma instituição na tentativa de ser ter um sinal-termo padrão e, assim, possibilitar e contribuir para o processo de padronização da Libras.

Assim sendo, a Libras caracteriza-se por possuir um universo linguístico próprio, quase desconhecido por quem ainda não experimentou constituir sentidos com palavras-imagens. Além disso, a grande diversidade de sinais contribui para enriquecer e valorizar a Libras como uma língua, e não para torná-la uma língua individualizada.

Já em 1995, Brito advertia a Libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam com base em mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos com a especificidade da língua, mas seguem também princípios básicos gerais. Esses princípios básicos permitem a criação de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da Libras e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Esses princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da Libras, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam, de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a

dia e dos outros tipos de uso da língua. Citem-se os recursos expressivos da língua portuguesa em seus vários planos: fonológico, morfológico e léxico-semântico dão forma à estrutura da língua, e a linguagem se produz de modo integral quando intervêm as estruturas fonológicas, morfológicas e semântica, e as diferenças prendem-se aos modelos se gerados, um não sendo inferior ao outro, mas diferentes. Assim a linguagem é, na verdade, a chave que abrirá a porta para um leitor no mundo e caso tal modalidade não seja adequadamente escolhida, as intenções se perdem no caminho.

Na pesquisa da gramática da Libras, os modelos de representação que se pretende propor na investigação contêm informações morfossintáticas e semânticas baseadas em dados pertencentes ao uso da língua. Assim, na falta de vocabulários terminológicos em uma língua não é possível descrever, discutir e explicar determinados termos e, por isso, buscam-se modelos inseridos na interface paramétrica, para que seja possível a compreensão dos processos que são decorrentes do uso da língua. Isso se justifica pelo fato de que os Surdos e profissionais da educação de surdos anseiam por um recurso que possibilite o conhecimento e a divulgação de sinais padronizados no Brasil.

Desse modo, usar a língua com propriedade deve ressaltar também dos estudos da variação linguística na Libras, por exemplo, na análise dos verbetes dos sinais-termo. Muitas palavras em língua portuguesa, quando são passadas para a Libras, não apresentam um sinal-termo, e o falante da língua necessita compreender que não é só copiar, através da forma ou da representação visual, para mostrar domínio e competência, é preciso conhecer o objeto, o conceito, a função e como se deu a construção mental do objeto ou o significado pelo Surdo através de representações das condições paramétricas, por isso é importante valorizar e registrar a construção e a formulação do significado e de todas as inúmeras possibilidades que a linguística oferece para a pesquisa do sinal-termo em relação ao objeto ou ao conceito, ou ao significado. Por exemplo, para o verbete Projetor de imagem: Qual é o sinal-termo do objeto em Libras? Qual é o sinal-termo de projetar? Como se dá a construção mental do sinal-termo do objeto? Pesquisas têm mostrado que a forma de conceituar esse verbete seria: aparelho + ligar + projetar + imagem, e isso seria a construção mental, e não se limitaria apenas à forma icônica que se supõe o objeto ter. Em outras análises, se o verbete remete a outro, para que possamos entender as relações de estrutura, é preciso apresentar algum termo que o leitor conhece além de compreender o tema. Aí, estaremos na dimensão espacial, que organiza campos lexicais e semânticos.

Antes de qualquer processo, é preciso delimitar o campo lexical e o semântico para saber o termo e contexto em que um termo foi empregado. Os verbetes, seja, no léxico

concreto, seja, na construção mental, apresentam uma linearidade quantitativa, porém não é a quantidade de informação que define o verbete, e sim o conhecimento que ele contém. O conjunto de verbetes organiza o dicionário, que é um documento que contribui para a construção das informações e para a disseminação destas. Por isso, é um desafio elaborar dicionário e outras obras lexicográficas e, por isso, para quem não sabe Libras, as condições e representações paramétricas devem ser enfocadas, bem como os resultados apresentados desse processo. De início, deve ser elaborado um dicionário de configuração, quer dizer, um dicionário paramétrico, se o público para o qual o dicionário se direciona for usuário de Libras. Caso contrário, poderá ser um dicionário bilíngue bidirecional, que apresente a estrutura Português → Libras; Libras → Português e ofereça condições para a consulta dos verbetes nas duas línguas. A qualidade dos dicionários está ligada ao conhecimento do processo lexicográfico e de quem os elabora. Assim, no caso da Libras é preciso que o registro da Libras seja feito, preferencialmente, pelos Surdos que dominam a língua.

Para fundamentar ainda mais a discussão exposta neste capítulo, passaremos, no item seguinte, a enfatizar alguns conceitos de estruturação e organização dos estudos da variação linguística.

### **1.6 Variação linguística – nível social e nível gramatical**

Entende-se por nível a própria forma de estruturação representando exatamente o correspondente organizacional dos termos na Libras. Procura-se estabelecer neste momento os diversos tipos de variação que ocorrem na Libras. Em especial a variação lexical e, de forma paralela, a variação regional, que é também um subtipo de variação lexical.

A diferença de organização da variação linguística da Libras leva em conta dois níveis de observação dos dados: variantes regionais e as variantes lexicais. Estas últimas estão relacionadas com a percepção do que o Surdo tem de sua representação. Por outro lado, na organização do vocabulário de seu grupo, os Surdos reconhecem os sinais das regiões em que vivem. Os termos e as variantes possuem organização gramatical da gramática da língua em uso e apresentam processos linguísticos.

Na seleção dos primeiros sinais-termo variantes da Libras, constatamos que são numerosos os termos não culturais na Libras que mantiveram idênticas condições paramétricas para a sua realização, ou seja, a forma de comunicação para os Surdos leva em consideração os termos visual-espacial que estabelecem um conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais necessários para a articulação do sinal. Sendo assim,

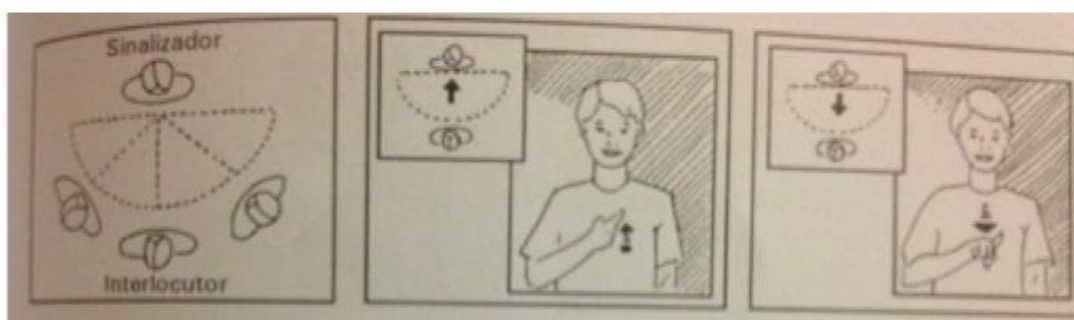
ao construir uma sentença, o comunicador utiliza os olhos para entender o que está sendo comunicado. Desse modo é possível analisar a diferença de forma paramétrica, diferença de forma lexical parcial, diferença de forma lexical total, diferença de forma lexical por ampliação, diferença de forma lexical por restrição.

Alem disso, existem, às vezes, realidades culturais que não dependem de condições de cultura e ou aspectos relativos ao patrimônio cultural, como um local arquitetônico e ou urbanístico e, podem, portanto, estar presentes em mais de um ambiente cultural, mas são entidades que se conservam na língua. Assim, é possível analisar as mesmas diferenças de forma dos termos não culturais e incluir, ainda, a diferença de forma por substituição decorrente dos processos inerentes aos termos. Esses assuntos serão expandidos no corpo da tese. A seguir, daremos noções do quadrante linguístico na Libras.

### 1.6.1 Regra do quadrante linguístico – uso do espaço na Libras e a variação linguística

Vários são os processos linguísticos envolvidos na comunicação em Libras, e um deles está associado ao processo de criação e registro de termos. As autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 130) mostram que, na Libras, os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso. Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos pela posição real ocupada pelo referente. Por exemplo, o sinalizador aponta para si indicando a primeira pessoa, para o interlocutor indicando a segunda pessoa, para os outros indicando a terceira pessoa. Quando estão ausentes da situação de enunciação, são estabelecidos pontos abstratos no espaço, conforme mostram as figuras a seguir:

Figura 5 - Formas pronominais usadas com referentes presentes



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos: Porto Alegre, 2004, p. 131.



Figura 6 - Formas pronominais usadas com referentes ausentes



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos: Porto Alegre, 2004, p. 131.

Massone (2000), ao discutir as referências espaciais na Língua de Sinais Argentina (LSA) em situações de diálogo e monólogo espontâneos, narrações e contos humorísticos, registrou que os dados obtidos em sua pesquisa demonstraram que o *locus* referencial das pessoas do discurso não é fixo; ele se alterna continuamente dentro do espaço sinalizador dependendo do contexto em que se encontra. A autora complementa suas análises dizendo que as relações referenciais em LSA seguem uma hierarquia determinada discursivamente e, para melhor explicar a dinâmica dessas relações, a autora fez uma analogia com a organização espacial das cenas de um filme cinematográfico:

Este aspecto é muito difícil de ser equiparado com os traços semióticos da língua verbal, mas facilmente assimilável aos distintos planos referenciais assinalados no cinema: em frente corresponderia, nesta comparação, ao primeiríssimo primeiro plano, à direita o primeiro plano e à esquerda o fundo. (MASSONE, 2000, p. 106).

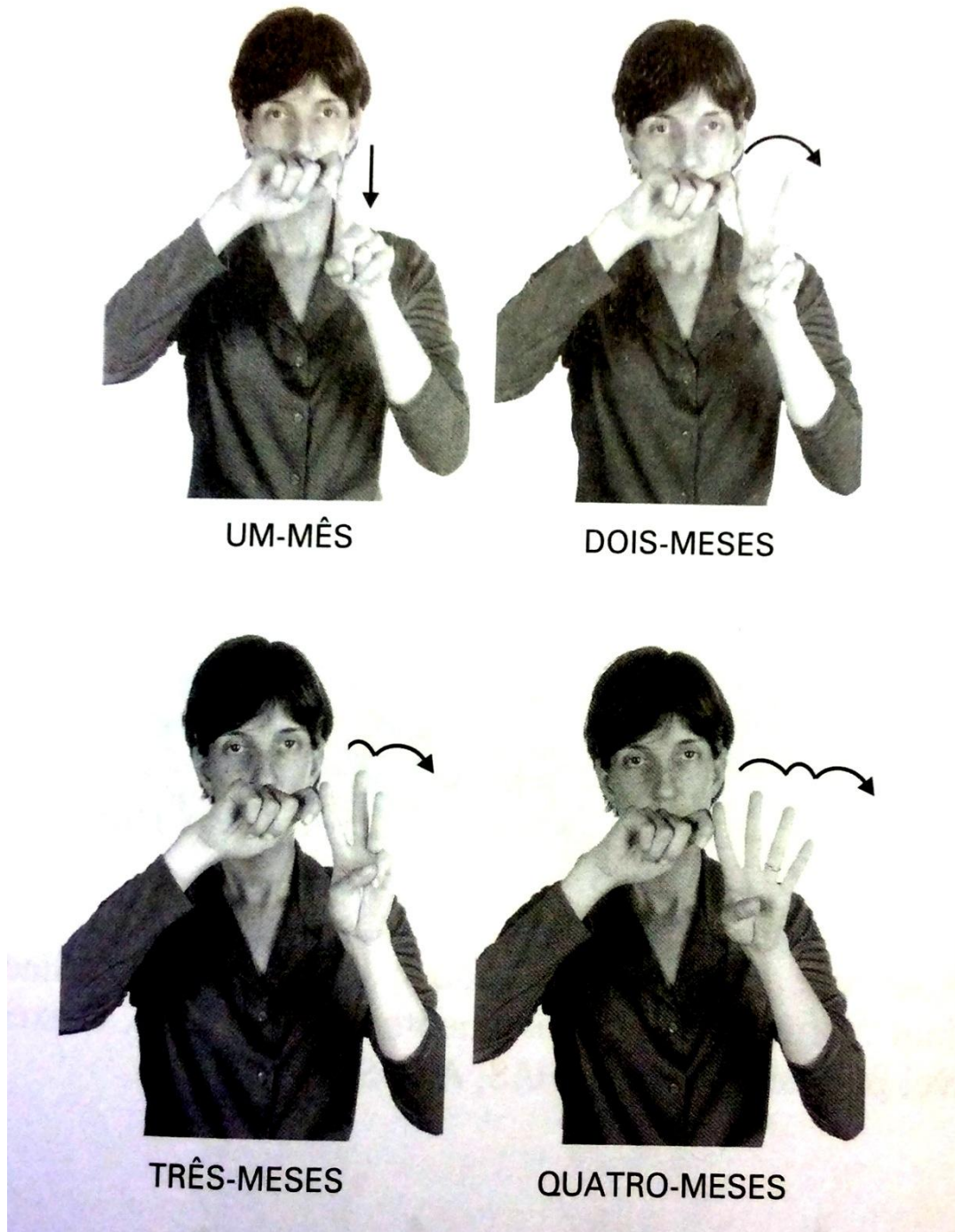
Para discutir esse assunto, abordamos a regra do quadrante linguístico, como os espaços possíveis de estabelecimento de referentes em Libras, no discurso e no espaço de sinalização da modalidade visual-espacial da Libras.

O quadrante linguístico na Libras ocorre mais precisamente nos processos de incorporação de numeral, ou seja, no número e quantificação. A Libras manifesta o número através dos valores singular, dual, trial e quatrial. Acima de quatrial, é utilizado principalmente o sinal-termo correspondente para GRUPO, que indica plural. Muitas vezes, a ideia de plural é expressa também pospondo-se o sinal-termo MUITO. Esse mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros evidencia a exploração do espaço, através da simultaneidade, para a inclusão de informações gramaticais no item lexical do referente, que segue a regra do quadrante ao estabelecer até quatro referentes no espaço. Para mais de quatro

referentes no espaço, usa-se estratégias linguísticas que são marcadas antes ou depois do item que se estabelece no espaço para a referência.

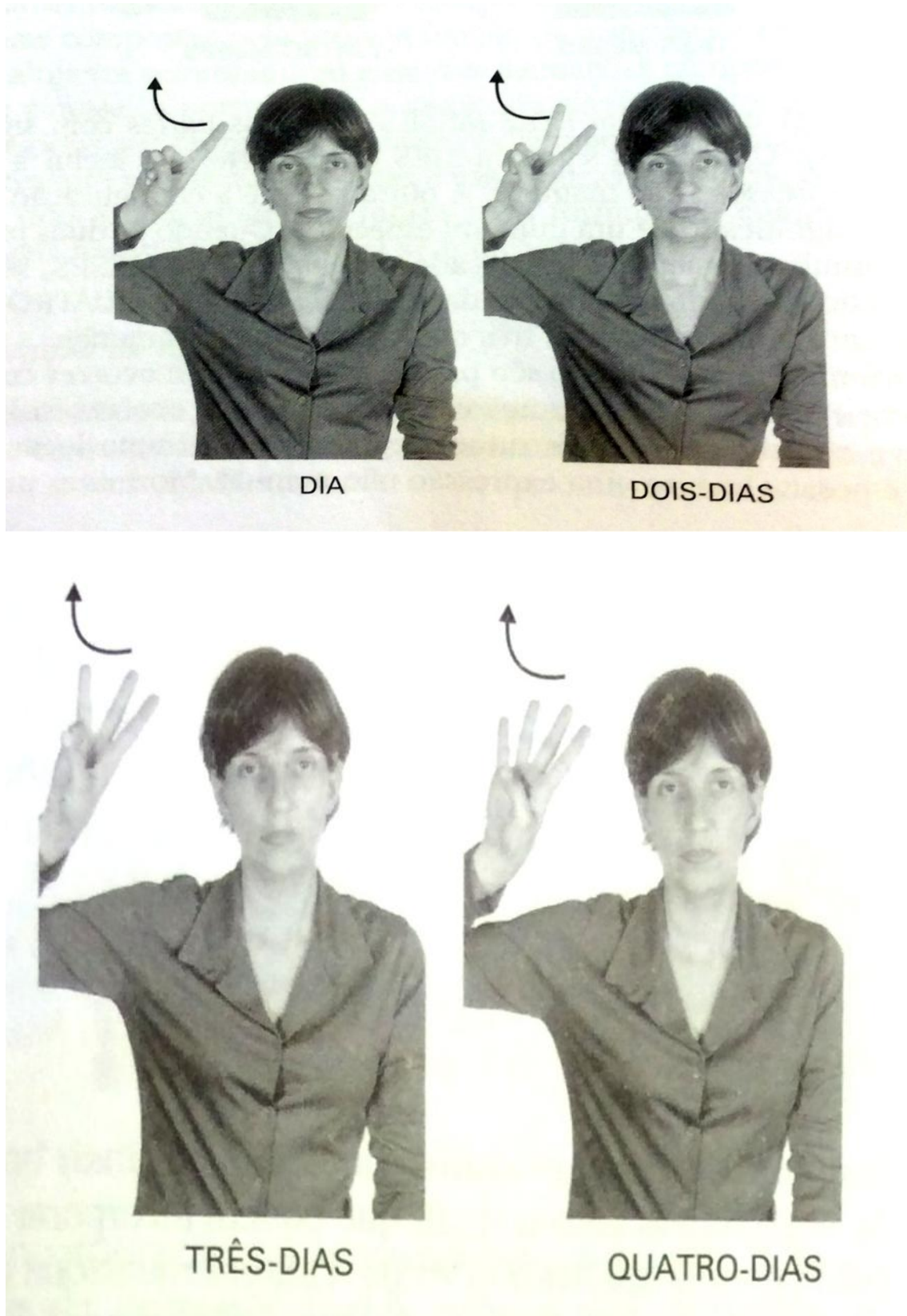
As figuras 7, 8, 9 exemplificam a ideia do estabelecimento da regra do quadrante na Libras.

Figura 7 - Sinal-termo para UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES e QUATRO-MESES



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre, 2004, p.107.

Figura 8 - Sinal-termo para DIA, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS e QUATRO-DIAS



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre, 2004, p. 108-109.

Figura 9 - Sinal-termo para HORA, DUAS-HORAS, TRÊS-HORAS e QUATRO-HORAS



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre, 2004, p. 109.

É importante observar que muitos desses sinais têm um movimento característico, locação e orientação de mão. Rathmann e Mathur *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 109-110, verificaram que o processo de incorporação de numerais nas línguas de sinais é um processo produtivo em várias línguas de sinais. Eles observaram que línguas de sinais, tais como a ASL (Língua de Sinais Americana), BSL (Língua de Sinais Britânica), a NDS (Língua de Sinais Alemã), a ASL (Língua de Sinais Australiana), apresentam a incorporação observando a restrição do limite da numeração da mesma forma identificada na Língua de Sinais Brasileira.

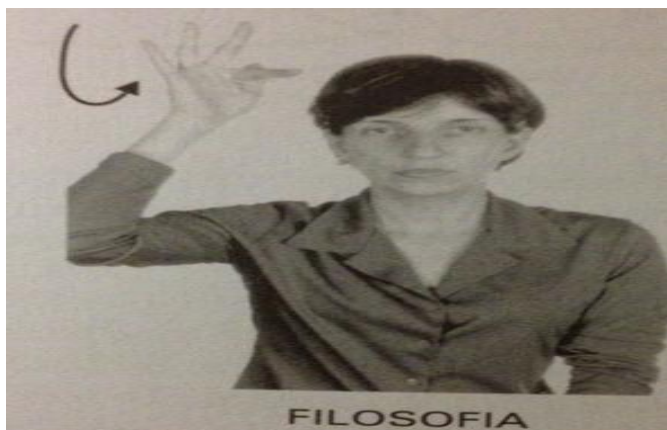
A única exceção da regra do quadrante na incorporação de numerais é quanto a valores monetários, quando para os sinais-termo UM-REAL, DOIS-REAIS, TRÊS-REAIS, QUATRO-REAIS E CINCO-REAIS temos a sua forma de representar acima de quatro possibilidades, que é o sinal-termo CINCO-REAIS, pois no Brasil temos a nota de cinco reais e essa incorporação passa a ser visual e o sinal-termo SEIS-REAIS em diante é usado outras formas de sinalização.

Assim, com base na ideia da regra do quadrante linguístico, é possível reconhecer no espaço como se dá a variação linguística em Libras, quer dizer que, para um determinado termo estabelecido no espaço, o seu significado não pode modificar, mas os discursos podem variar e permitir compreender a Libras no funcionamento na modalidade visual-espacial. Associados a outros processos linguísticos, o uso do espaço é determinante na constituição do significado e dos referentes.

### **1.6.2 A cadeia linguística paramétrica e a constituição dos termos em Libras com foco na variação linguística**

As autoras Quadros e Karnopp (2004, p.87) relatam que “todos os utentes de uma língua conhecem milhares de palavras. Os utentes das línguas de sinais conhecem também milhares de sinais. Associar o sinal com o seu significado correspondente faz com que as pessoas identifiquem os sinais da língua. Pessoas Surdas, usuários de uma língua de sinais, sabem, em virtude de seu conhecimento fonológico, se uma cadeia de CM, M e L poderia ser um sinal de uma língua. A questão que se põe pelas autoras é: todos conhecem o sinal-termo FILOSOFIA? como veremos:

Figura 10 - Sinal-termo FILOSOFIA



Fonte: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos: Porto Alegre, 2004, p. 87.

A conclusão que se chega é que ou esse sinal-termo é desconhecido ou que não é um sinal-termo pertencente à Libras.” Do nosso ponto de vista, a forma de abordagem das autoras, Quadros e Karnopp, nos instiga a pensar que se considerarmos apenas a cadeia linguística da configuração de mão (CM), movimento (M), localização (L) e não as condições paramétricas de todos os parâmetros da composição desse sinal-termo, não seria possível chegar ao sinal-termo FILOSOFIA. Não há como prever como o processo da variação linguística em Libras poderá ser analisado apenas por essa forma de representação da cadeia linguística, porque o falante da língua não detém as propriedades ou os mecanismos exatos para determinar o sinal-termo.

Assim, essa percepção linguística vem de acordo com o que se propõe neste estudo: não há como dissociar as condições paramétricas da Libras dos processos linguísticos da comunicação em Libras. A fundamentação dos problemas observados na análise de teorias elaboradas por pesquisadores da língua de sinais permite ampliar a visão e estar de acordo com outros autores que também fundamentam o estudo, como Klima e Bellugi (1979):

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc. As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Assim sendo, a análise do uso do espaço, no estabelecimento dos referentes na perspectiva de estudo da variação linguística da Libras, nas línguas de sinais, a formação de sinais-termo resulta frequentemente de processos não concatenativos, em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização. (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Portanto, a análise por uma cadeia linguística formada por três parâmetros deixa incompleta a interpretação do dado porque possibilita a interpretação de outros significados quando se faz a assimilação dos outros dois parâmetros, a percepção de outros termos, a associação equivocada do conceito do termo e não possibilita mecanismos que regulam o processo linguístico de criação e formação de termos em Libras. A ausência de um parâmetro, por exemplo, pode induzir a erros que fomentam os regionalismos na Libras e não apresentam possibilidades de registros efetivos do termo-padrão, que é o que prevê o quadrante linguístico, conforme apresentamos discussões neste capítulo.

### 1.6.3 O léxico da Libras e as restrições linguísticas

A estrutura dos sinais da Libras é complexa porque apresenta algumas propriedades das línguas de sinais que não são encontradas nas línguas orais. Seguindo proposta de Brentari e Padden (2001 apud Quadros e Karnopp, 2004, p. 88).

A definição da datilologia mostra que a função da datilologia é analisar pela organização das regras metadescriptivas (CASTRO JÚNIOR, 2009) o uso do espaço na perspectiva do estudo da variação linguística da Libras. Como já foi visto, a datilologia acontece de dentro para fora e nunca de fora para dentro; o espaço adequado para a datilologia depende do ambiente em que o falante da língua for sinalizar: por exemplo, se estiver em um ambiente de filmagem, o ideal é que a datilologia prossiga na frente do ombro e não na frente do rosto, pois o contato visual e as expressões faciais são princípios inerentes das línguas de sinais. É desejável que, ao realizar a datilologia, haja uma sequencialidade, bem como a movimentação, denominado movimento datilológico, porque facilita perceber o sinal-termo na datilologia. Muitas questões linguísticas são levantadas pelos estudiosos da Libras, por que são importantes objeto de análise. Nesta discussão, ainda cabe analisar a questão linguística dos classificadores na contextualização do uso da datilologia e dos recursos linguísticos associados a termos. Se a palavra na datilologia estiver associada a expressões faciais, ou a outros gestos, visto que é um processo de produção da comunicação, como incluir nesse processo a condição paramétrica?

De fato, as autoras Quadros e Karnopp 2004, afirmam que “os sinais que utilizam classificadores, considerados como léxico nativo, formam um outro componente, no léxico das línguas de sinais, pois essas formas também podem violar restrições formacionais do núcleo lexical, por exemplo, tais sinais-termo podem violar as restrições de simetria e dominância em sinais-termo articulados com as duas mãos. Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos. Assim, para descrever uma pessoa caminhando em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração de mão (referindo à pessoa) move-se em ziguezague; para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que se refere a veículos. Essas configurações de mão ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto (por exemplo, a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo) ou a forma de um objeto (por exemplo, uma

vara fina e comprida)”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.93).

Ainda de acordo com as autoras Quadros e Karnopp, 2004 “Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, essas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial. Entretanto, quando um classificador entra no léxico nuclear, ele segue padrões de lexicalização encontrados nas línguas naturais, independentemente da natureza específica da modalidade. Nas línguas orais, quando palavras (ou frases) complexas tornam-se monomorfêmicas (ou palavras simples), há uma mudança no significado, uma perda da composicionalidade morfológica, e uma conformidade às restrições formacionais e rítmicas em palavras simples”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Essas são características importantes e necessárias para os estudos da variação linguística na Libras, se, tais ponderações não forem consideradas nas análises linguísticas, inviabilizarão muitos processos linguísticos com vista à padronização dos sinais-termo em Libras.

Além disso, a pesquisa das inúmeras possibilidades que a datilologia oferece e da compreensão dos mecanismos que ocorrem na sua produção em inúmeros contextos reforça uma pesquisa anterior em desenvolvimento pelos pesquisadores Castro Junior e Faulstich, que permitirá aliar e direcionar para os estudos da Central Linguística de um sistema colaborativo, que possibilitarão a organização de um grande banco de dados, com informações e sinais-termo específicos da Libras. Isso possibilita um grande e rápido avanço na criação e formação de um banco de dados terminológicos brasileiro de sinais filmados e ou gráficos na Libras.

### **1.7 Procedimentos metodológicos para a compreensão da linguística da Libras**

Para uma melhor compreensão acerca da linguística da Libras, na efetivação da convicção da necessidade de pesquisar e validar os pressupostos teóricos e metodológicos ao pensamento da linguística da língua de sinais, com foco nos estudos das variações linguísticas da Libras, serão abordadas duas questões importantes: a variação e a mudança linguística.

Givón (1995, p. 7) critica o pensamento estruturalista em relação à variação e à mudança quando diz que:

O terceiro dogma de Saussure, a separação rigorosa entre descrição diacrônica e sincrônica, pode ser interpretada como um outro aspecto de idealização. O problema



da mudança, da graduação e da sua constante indeterminação intriga os filósofos analíticos desde Platão e Aristóteles. Não há nada mais errado do que o desejo dos estruturalistas ignorarem a mudança sob condições particulares. Além do que, os usuários da língua são diariamente obrigados a fazer escolhas de formas devido às pressões da comunicação real. O problema recai, outra vez, no fato de desprezar-se a relevância dos dados da mudança e da variação no entendimento da estrutura sincrônica.

Apesar de todos os estágios linguísticos possíveis de merecerem destaque, o dado sincrônico pode ser tomado como uma unidade de pesquisa, porque permite analisar e confrontar outros dados em vista de mudança na língua. Discutiremos a consubstanciação teórica e metodológica a seguir.

Martinet (1971, p. 28) esclarece que o objeto da sincronia é observar e descrever o funcionamento do sistema linguístico “num lapso de tempo suficientemente curto para, na prática, se poder considerar um ponto no eixo do tempo”. É exatamente por ser uma entidade eminentemente histórica que a língua exige, prioritamente, uma análise - a histórica, isto é, sincrônica. Desse modo, entendemos por que Saussure postula que a língua precisa ser estudada em um determinado estado (sincrônico) de sua existência: é para que o linguista possa definir com segurança os elementos existentes nas suas relações internas, assim como a própria natureza dessas relações.

Em virtude dos fatos, o funcionalismo considera a língua como um sistema não autônomo, quer dizer, como um sistema que não é suficiente em si mesmo. Givón (1995, p. xv) afirma que:

A língua não pode ser descrita nem explicada adequadamente como um sistema autônomo. Para entender o que é a gramática, e como e por que se tornou como é, é preciso fazer referência aos parâmetros naturais que modelam a língua e a gramática: cognição e comunicação, o cérebro e o processamento da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

O funcionalismo não é lembrado pela formalização de um modelo teórico das línguas de sinais. Ao contrário, ele se caracteriza pela realização de vários estudos que se constituíram marcos de orientação funcionalista.

Carvalho (2003, p.87) enfatiza a metodologia adotada por Saussure (2006, p. 116) ao delimitar duas partes da pesquisa linguística:

A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A linguística diacrônica estudará, ao contrario, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si.

De nossa parte, entendemos a distinção sincronia/diacronia unicamente como procedimento metodológico de análise linguística da Libras. Aos que propõem o absoluto sincrônico, é o caso de questionarmos: qual o limite de uma sincronia? O ano passado, o mês passado ou o dia de ontem? Esse assunto torna-se polêmico se lembrarmos que a Libras é uma língua efetivamente recente, reconhecida no ano de 2002. Então, parece-nos necessário e oportuno não perder de vista as ponderações, até certo ponto premonitórias, para a Libras, do próprio Saussure (2006, p. 86): “As modificações da língua não estão ligadas à sucessão de gerações que, longe de se sobrepor umas às outras, como as gavetas de um móvel, se mesclam e interpenetram e contém cada um indivíduo de todas as idades”.

Mais recentemente, ressalta Silvio Elia (1978, p.138): “Convém ainda observar que um estado de língua não é necessariamente sincrônico (ou seja, estático). Num estado de língua coexistem formas atuais (sincrônicas), formas que vão caindo em desuso e formas em estado nascente”.

Ao entrarmos, no entanto, na fase histórica, na diacronia, somos forçados a considerar a mudança como o processo de substituição, e não como o produto desse processo, no caso, a variação linguística. Ao dimensionarmos nossa proposta de estudo do processo da variação linguística e nossos objetivos de estudo, precisamos tecer novas possibilidades para que seja possível analisar o processo da variação linguística e a ocorrência de mudança linguística, levando em consideração as noções de fatores linguísticos que são condicionadores paramétricos e de encaixamento para uma efetiva sistematização dos dados, da avaliação desta proposta e de transição e implementação de registro das variantes. Assim, será possível compreender e elaborar uma teoria linguística do estudo da variação linguística da Libras e nos defrontarmos com o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos, o que torna possível mostrar que mudança implica variação: mudança é resultado de variação.

A partir dessa última ponderação, será possível de forma mais detalhada verificar como o dado bruto, não polido, poderá ser sistematizado. Para isso, é preciso reconhecer que uma sistematização exige quais delimitações são necessárias para que reconheçamos as variáveis que atuam no sistema linguístico em Libras. Por isso, neste capítulo 1, apresentamos vários conceitos e estudos teóricos em torno do termo, da significação do conceito de termo e da compreensão do sinal-termo, assim como alguns processos de variação no nível lexical e gramatical da Libras. A existência de regras variáveis não excluirá a presença de elementos categóricos na gramática da Libras, que merecem ser aprofundados. Nem tudo está em variação. Cabe-nos investigar aquilo que varia e como a variação pode ser sistematizada.

A língua, portanto, é sempre sincronia e diacronia em qualquer momento de sua existência. O ponto de vista da ciência linguística é que poderá delimitar o que é sincrônico ou diacrônico, dependendo do fim que se pretende atingir.

Uma vez que os processos linguísticos denotam que é da propriedade da Libras os sinais-termo apresentarem variáveis, como então incorporar o registro das condições paramétricas na sistematização dos sinais-termo em um modelo de análise? Para criar hipóteses, se, ao analisarmos novos sistemas linguísticos em variação, o fator contexto fonológico, ou seja, quando as condições paramétricas são estruturadas de acordo com a sistematização dos sinais-termo e provar terem a mesma força no favorecimento e na inibição das variantes, poderemos começar a falar em uma teoria da variação linguística da Libras a partir de universais linguísticos. Eles terão forçosamente características especiais: serão universais de variação e, sobretudo, de mudança. Uma teoria da mudança linguística, por meio do estudo do fenômeno da variação linguística da Libras, deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação, as configurações de mãos, os pontos de articulação e as expressões, e, eventualmente, a partir de dados analisados da Libras, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança linguística na Libras.

Como conteúdo da metodologia de análise, também serão considerados que na Libras há elementos que parecem desprovidos de significado, no entanto, é importante salientar mecanismos de sistematização que visem às análises das condições paramétricas das expressões faciais e corporais, no nível gramatical, pois as nuances afetivas e outros elementos dessa natureza merecem destaque na pesquisa. Já existem registros de propostas de sistematização do léxico de sinais, mas reconhecemos que é preciso saber mais nesse campo, para que a compreensão dos vários processos linguísticos da língua de sinais possibilite registro dos sinais-termo que apresentam variantes e que promova mudança linguística na Libras.

É preciso considerar que os procedimentos metodológicos guiam e interferem em uma observação para que essa seja de qualidade e confiabilidade. Para os fins desta pesquisa, buscamos apoio nos estudos da sociolinguística variacionista, que estuda a língua em uso em uma comunidade linguística, por isso a heterogeneidade de fala demonstra que cada comunidade possui características linguísticas que a distinguem das outras. Moura (2007, p. 14) afirma que “nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas”.

Com o objetivo de descrever como a variação linguística ocorre na Libras, utilizaremos a base teórica de análise da variação terminológica proposta por Faulstich, iniciada por ela na obra “Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação” de 1995, que, trata-se de um dos primeiros estudos da autora para a formalização de uma teoria da variação em terminologia. Nesta pesquisa, focaremos os estudos da variação desta autora para pensar a variação linguística em Libras.

Para a autora Faulstich (1995, p. 7), o estudo da variação linguística em terminologia, desenvolveu-se com o aparato da sociolinguística, porque o conceito de variação linguística é social. Sob essa interpretação, Faulstich, em 1995 e em estudos posteriores de 1996a e b, 1998a e b, propõe os fundamentos teóricos e metodológicos da variação em terminologia e, em 1999c e d, propõe uma teoria da variação em terminologia, com base em releitura de estudos anteriores e na nova proposição de análise do termo sob a perspectiva sincrônica e diacrônica.

Em 1995, Faulstich estabelece que a variação realiza-se através de formas variantes de mesmo significado referencial. Essas variantes “são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica faz do termo, e aponta diferentes tipos de variação em terminologia, realizadas sob a forma de variantes”. (FAULSTICH 1995, p. 20).

Faulstich (1996b) revisa a classificação anterior e passa a agrupar as variantes em dois grandes tipos: variantes linguísticas e variantes de registro. Para a autora, as variantes linguísticas são aquelas “em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação”. As variantes de registro são aquelas “em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos”. (FAULSTICH, 1996b, p. 17-18).

As variantes linguísticas são classificadas “como variante terminológica lexical, variante terminológica morfossintática e variante terminológica gráfica. As variantes de registro são classificadas como variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso, variante terminológica temporal”. (FAULSTICH, 2001, p. 24).

Para a construção dos princípios teóricos, para que possamos posteriormente compreender os princípios lexicográficos que sustentam a teoria da variação linguística da variação em terminologia, Faulstich (1999c) propõe, primeiramente, uma definição do termo, que auxilia a compreender por que um termo varia. Para a autora, “uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada

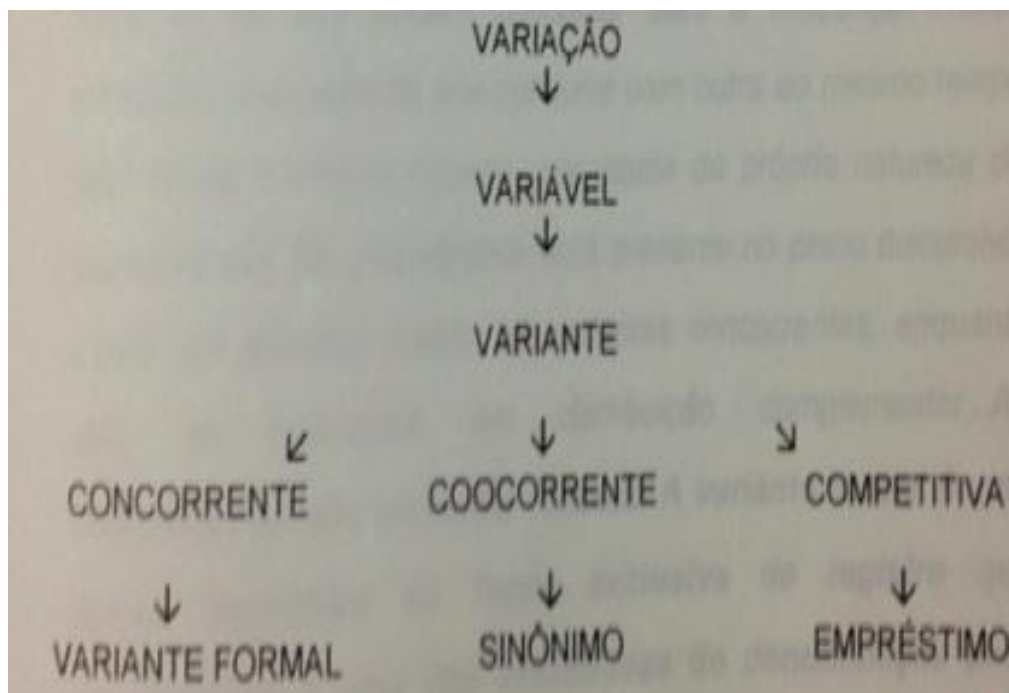
variável desempenha nos contextos de ocorrência”. (FAULSTICH, 1999c, p. 13). E lembra que termos são:

i) “signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintivas; iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas”. (FAULSTICH, 1999c, p.1).

A teoria da variação em terminologia, desenvolvida por Faulstich, é sustentada por cinco postulados: a) dissociação entre estruturas terminológicas e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada; b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado; c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis; d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso; e) análise da terminologia em cotextos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral. (FAULSTICH, 1999c, p. 13-14).

Com base nesses postulados, a autora formula o seguinte construto teórico da variação:

Figura 11 - Constructo teórico da variação



Fonte: FAULSTICH, Enilde. 1999c.

A variação, provocada pela função de uma dada variável, será realizada sob a forma de variantes. Para Faulstich (1999c, p.13), “a função é uma entidade de natureza pragmática que ativa ou retrai os mecanismos da variação.”.

Faulstich (2001, p.26-33) distingue as variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas da seguinte maneira:

As variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, ou que podem concorrer para a mudança. Nessa condição, uma variante que concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência. Se uma variante está presente no plano discursivo, outra não aparece. Assim, as variantes concorrentes, enquanto tais, se organizam em distribuição complementar. As concorrentes são variantes formais. A variante formal é uma forma linguística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado. Classificam-se em variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro.

As variantes coocorrentes são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical. Entre variantes coocorrentes há compatibilidade semântica, uma vez que elas se equivalem no plano de conteúdo. As variantes coocorrentes formalizam a sinonímia terminológica. A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano de conteúdo.

As variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. As variantes competitivas sofrem, em seu desempenho, intersecções, devido à própria natureza estrangeira de expressão. Esse fenômeno se dá quando a estrutura da língua do termo estrangeiro é perturbada por estruturas da língua vernacular; a mistura de formantes ativa a variação. As variantes competitivas realizam-se por meio de pares formados por empréstimos linguísticos e formas vernaculares. Os empréstimos linguísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social de língua receptora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular, por causa do ambiente linguístico estranho à sua permanência natural. (FAULSTICH, 2001, p. 26-33).

Faulstich retoma a tipologia apresentada em 1996 e define as variantes terminológicas linguísticas e as variantes terminológicas de registro, como a seguir:

a) Variantes terminológicas linguísticas: “são aquelas cujo fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (FAULSTICH, 1978, p. 146). As variantes terminológicas linguísticas se dividem em:

- Variante fonológica, “em que o registro pode surgir de formas decalcadas na fala” (FAULSTICH, 1997 p. 146).

- Variante morfológica, “a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere” (FAULSTICH, 1997, p. 146).

- Variante sintática, “em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma unidade terminológica complexa” (FAULSTICH, 1997, p. 146).

- Variante lexical, “em que algum item da estrutura lexical da unidade terminológica complexa sofre apagamento ou movimento de posição, mas o conceito do termo não se altera” (FAULSTICH, 1997, p. 146).

- Variante gráfica, “a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua” (FAULSTICH, 1997, p. 146).

b) Variantes terminológicas de registro: “são aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos” (FAULSTICH, 1997, p. 147) e se dividem em três tipos, como:

- Variante geográfica: “aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer ou de polarização de comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação”. (FAULSTICH, 1997, p. 147).

- Variante de discurso, “a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos”. (FAULSTICH, 1997, p. 147).

- Variante temporal, “aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida” (FAULSTICH, 1997, p. 147).

Faulstich, em 2011<sup>10</sup>, atualiza as definições de variação linguística, variação terminológica e variante, assim ela define que “variação linguística são estágios intermediários entre dois momentos em que formas de uma língua se diferenciam no tempo (variação histórica), no espaço (variação geográfica) e no contexto social (variação social). Nota: A variação linguística pode atuar na fonética, na fonologia, na morfologia, na sintaxe, no léxico e na semântica. A variação terminológica é o valor e função que os termos desempenham nos contextos de ocorrência mediante o uso do termo no contexto social, no espaço, no tempo, mediante a atuação de algumas variáveis. Já para o termo variante temos:

---

<sup>10</sup> FAULSTICH, E. *Glossário de termos empregados nos estudos da terminologia, da lexicografia e da lexicologia*. Centro Lexterm, LIP/IL/UnB, 2011. Em elaboração.

1. Forma linguística que se diversifica, numa língua natural, em decorrência das possibilidades que o sistema da língua oferece. 2. Usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização das variações. (Adapt. de CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 449). Notas: 1. Os usos linguísticos são tecnicamente conhecidos como variantes. (ATALIBA; ELIAS, idem, ibidem). 2. As variantes se inter-relacionam.”.

Essas informações situam nosso estudo no contexto da variação terminológica.

### **1.8 Postulados para a pesquisa científica em variação linguística em Libras**

Discutiremos, nesta seção, a metodologia empregada para a coleta e a análise dos dados. Seguiremos um caminho possível, entre vários. Os estudos do fenômeno da variação linguística da Libras nos permitem esboçar uma sistematização de acordo com a proposta de Faulstich (1995, p. 2-4), que consiste primordialmente em: i) a adoção de uma atitude descritiva, quer dizer que “o termo é descrito com as características próprias do contexto, observando-se as variantes de uso; ii) a delimitação do *corpus*; iii) a elaboração de critérios para a identificação de termos e das variantes.

Uma vez feita a análise segundo os princípios propostos, diversas questões linguísticas aqui tratadas poderão ser solucionadas, e a língua avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da modalidade visual-espacial de comunicação, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outras decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamentos paramétricos das variantes por fatores internos da estrutura) e não linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como faixa etária, classe social, dentre outros) apropriadas à aplicação de uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema linguístico de probabilidades que demandará algumas escolhas e posicionamentos para que se obtenham respostas para uma efetiva estruturação dos dados, a serem analisados em diferentes níveis.

O tema variação linguística da Libras adquire uma maior relevância quando é levado em consideração que a Libras foi aprovada e reconhecida como língua e meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira recentemente pela Lei N<sup>o</sup>. 10.436 de 24 de abril de 2002. O poder público e outras instituições reconhecem o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação das comunidades surdas do Brasil. Essa



posição política nos motivou a estudar os fenômenos intrínsecos, por meio da variação para oferecer aos usuários da Libras, aos intérpretes e tradutores e aos usuários em geral recursos de linguagem especializada, tão necessários para a interação entre os sujeitos que vivem em sociedade. Essa é uma visão política e linguística da língua de sinais.

Para Faulstich (2013, s.p.), a terminologia insere-se no conjunto das políticas educativas particulares de acordo com o nível ou o destino do objeto de análise. Também, adverte a autora que os dois polos principais da ação educativa são o indivíduo e a sociedade; um terceiro, a ser considerado, é a espécie – aqui representado pelas políticas de língua e políticas linguísticas.

Em trabalho sobre política de língua, Faulstich (2013, s.p.) considera que é entendida como o modelo de organização para o qual os indivíduos são conduzidos para uma educação linguística eficaz. As políticas são diversas, no entanto as políticas de línguas, vigentes no mundo contemporâneo, estão orientadas para o multilinguismo, como meta de intercomunicação entre os povos. Um dos argumentos para essa orientação diz respeito ao uso das línguas segundas, línguas regionais e línguas minoritárias que desempenham papel político determinado por leis e ganham expressão social e linguística, ao se tornarem o objeto de aprendizagem, normalmente regido por leis de ensino. Vale ressaltar que o multilinguismo visa à sociedade, à comunidade, e o plurilinguismo destaca o indivíduo como propulsor do ato de sua expressão para a comunicação recíproca. E na relação entre os fins da educação e os meios para a expansão ecológica das línguas, o plurilinguismo se respalda em *políticas linguísticas*. Sob o ponto de vista de Calvet (2002, p. 16, *apud* FAULSTICH, 2013, s.p.), política linguística é “ensemble des choix conscients concernant les rapports entre langue(s) et vie sociale”, visto que esse tipo de política constitui “*intervention* sur la langue ou sur les rapports entre langues.” O autor observa que intervenções nas situações linguísticas são entendidas como “comportement conscient, toute pratique consciente de nature à changer soit la forme des langues, soit les articulations entre les langues et les rapports sociaux” (CALVET, 2002, p. 17, *apud* FAULSTICH, 2013, s.p.) e observa, em seguida, que a prática concreta de uma política linguística está diretamente relacionada a uma “*planification linguistique*”. (CALVET, 2007, p. 11).

Com base nas ideias dos autores citados, entendemos que será possível promover a integração de profissionais da Libras para a discussão sobre a variação regional, junto à comunidade surda no Brasil, orientada por pesquisadores da área de léxico e terminologia na constituição dos estudos.

Para isso, os dados do vocabulário das disciplinas Biologia, Física, História,

Matemática, Português e Química da Libras foram coletados, através do acesso do dicionário Acesso Brasil, disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/> que também apresenta registros videográficos para que seja reunido no Site do Projeto Varlibras. No capítulo 4, iremos discutir os procedimentos que fundamentam a sua utilização e criação. Outro material de acesso de registros videográficos da Libras é o dicionário de Capovilla e Raphael (2001, volumes 1 e 2). Outro dicionário é o dicionário ilustrado de Libras, de Brandão (2011). Outras obras lexicográficas de consulta da língua de sinais poderão ser consultadas para a organização dos termos no Site Varlibras, como o dicionário de Eugênio Oates (1978) e o Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras), baseado em linguística e neurociências cognitivas dos autores (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2001). Assim, os dados de coleta dessas obras serão organizados e registrados no Site Varlibras, tanto o termo padrão como as variantes, seguindo variáveis preestabelecidas.

Para compreender ainda mais a discussão exposta neste capítulo, passaremos no próximo capítulo, a conhecer conceitos que servem de base à compreensão dos estudos que constituem o conteúdo de elaboração da tese.

## **CAPÍTULO II – VARIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – ESTRUTURA LEXICOGRÁFICA E EDUCAÇÃO LEXICOGRÁFICA**

---

### **2.1 Introdução**

Neste capítulo são abordados sucintamente alguns componentes sociopolíticos por meio de documentos oficiais, como a Lei de Libras, e o Decreto número 5.626/05. Alguns aspectos linguísticos da Libras também compõem a apresentação deste capítulo, pois mostram como se dá o funcionamento das condições paramétricas de composição do sinal-termo na Libras, para que, assim, se possa compreender as propriedades que constituem um sinal-termo em Libras.

Após essa explanação teórica, espera-se que seja possível compreender a importância dos estudos da variação linguística em Libras por meio de uma estrutura lexicográfica e da divulgação da educação lexicográfica aplicada à Libras. Recorda-se que a Língua de Sinais Brasileira – Libras é também conhecida pelo acrônimo LSB. Nesta pesquisa, optamos pelo uso da sigla Libras. É de conhecimento nacional que, no Brasil, a Libras é uma língua oficializada. A Lei de número 10.436, de 24 de abril de 2002, Lei de Libras, outorgou-lhe esse *status*. O outro documento oficial do Brasil é o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a lei mencionada anteriormente. Esse documento estabelece determinações importantes a respeito da inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e profissionais da educação para exercer o magistério, nos níveis médio e superior. A obrigatoriedade da disciplina Libras também abrange os cursos de fonoaudiologia de instituições de ensino públicas e privadas. Nos demais cursos de educação superior e educação profissional, a Libras constitui-se como disciplina optativa.

No Brasil, as políticas públicas que legislam sobre educação linguística da Libras favorecem a investigação da Libras como um meio de motivar que professores de Libras e profissionais que atuam no ensino da língua desenvolvam materiais de ensino. No entanto, há um abuso na criação de terminologias que não condizem com a realidade observada. Desse modo, é importante pesquisar os problemas encontrados na área do léxico geral, principalmente na elaboração de dicionários e materiais videográficos para a Libras.

### **2.2 Problemas encontrados nos léxicos geral e especial da Libras**

A Lexicologia e a Lexicografia são disciplinas que auxiliam as Línguas de Sinais,

visto que a Lexicologia estuda cientificamente as palavras de uma Língua, o que corresponde aos “sinais” das Línguas sinalizadas. Já para a lexicografia da Libras, existem várias iniciativas de sistematização do léxico, nem sempre consolidadas como dicionários, mas que têm como princípio organizacional a inclusão de duas línguas, a Libras e o Português (CARVALHO; MARINHO 2007, p. 125).

Porém, os problemas remontam às primeiras tentativas de registro da Libras em dicionário para a Libras. “A primeira publicação” sobre a Libras no Brasil foi feita, em 1873, pelo Surdo Flausino José da Gama, aluno do Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES). O estudo resultou na obra “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, publicado em 1875, e é o primeiro registro documentado com 382 sinais.

Para as autoras SOFIATO e REILY (2011, p. 625), a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* foi uma obra muito relevante na história da surdez e da língua de sinais no Brasil. A produção dessa obra, apoiada pelo diretor da instituição, na época Tobias Leite, pois a edição de uma obra dessa natureza daria visibilidade ao trabalho desenvolvido no Instituto e nada melhor que um aluno, educado nesse estabelecimento, no papel de autor/produtor. A obra estruturava-se de forma semelhante a um dicionário.

A obra de Flausino constitui-se basicamente de 382 estampas, compostas por imagens referentes aos sinais que foram escolhidos para compor o léxico e, também por verbetes em Língua Portuguesa correspondentes ao significado desses mesmos sinais. No prefácio da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, escrito pelo próprio diretor Tobias Leite, encontram-se as finalidades atribuídas a sua existência; entre elas, destacam-se: a intenção de “vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para a manifestação de seus pensamentos e a intenção de mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado”. (LEITE *apud* GAMA, 1875).

A questão que as autoras Sofiato e Reily (2011) apresentam é: como ocorreu a criação da obra de Flausino da Gama? O diretor, Tobias Leite destaca que Flausino da Gama, vendo entre os livros da biblioteca do Instituto “a obra do ilustre surdo-mudo Pélissier, professor do Instituto de Paris, manifestou o desejo de reproduzir as estampas para os falantes conversarem com os surdos-mudos”. Ao que tudo indica, “Flausino foi muito insistente em seu pedido”. (SOFIATO; REILY, 2011, p. 632).

Além de ser um exímio repetidor, no prefácio Flausino declara que ele era um hábil desenhista, e que o que inviabilizava a execução de seu desejo era a falta de recursos financeiros do Instituto, pois as despesas eram grandes. Tobias Leite comunicou o fato ao Sr.

Eduard Rensburg, dono de oficina de litografia na época, que se ofereceu para ensinar a Flausino o desenho litográfico, colocando a sua oficina à disposição para a concretização da obra. O diretor de Flausino aceitou prontamente a proposta, e, segundo ele, “em poucos dias sahio o livro que tenho a satisfação de apresentar a todos os que se interessarem por essa numerosa classe de nossos compatriottas”. (LEITE, 1875 *apud* GAMA, 1875).

Na pesquisa bibliográfica das autoras Sofiato e Reily, não foi constatado nenhum autor que suscitasse um questionamento a respeito da “história oficial” que envolve Flausino e seu trabalho. Os relatos a respeito de sua trajetória e sua realização são muito próximos:

Flausino José da Gama era aluno do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos - ou INES) quando, inspirado no livro do surdo francês Pellisier na biblioteca do INES, publicou em 1873, o livro *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de que há somente uma edição original na Biblioteca Nacional e cópia em microfilmes disponíveis na biblioteca do INES. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004, p. 14).

Contrariando a citação anterior, é necessário ressaltar que existem algumas cópias impressas da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, não existindo, portanto, atualmente, somente uma edição original. O fato é que existem quatro cópias impressas desse material na referida biblioteca, porém três delas se encontram incompletas e danificadas em virtude da má conservação e do mau uso. Somente uma está completa, contudo também apresenta sinais de conservação inadequada. Entretanto, não sabemos precisar o número de cópias que foram impressas a partir das pedras litográficas produzidas por Flausino. (SOFIATO; REILY, 2011, p. 633).

É de nosso interesse chamar atenção para uma área de estudo nova, a educação lexicográfica aplicada à produção de materiais para a Libras, que tem como tema a conservação de dicionários é muito importante, tanto no seu uso quanto no seu manuseio. Uma obra lexicográfica tem, entre suas finalidades, registrar a escrita de uma língua e contribuir assim para os estudos de sua origem. Muitas questões que envolvem a origem da Libras ou mais precisamente os estudos da evolução de um determinado sinal-termo poderiam ser explicadas, caso esses princípios lexicográficos já tivessem sido adotados e aplicados. Mais adiante, alguns princípios lexicográficos serão demonstrados porque são fundamentais nos estudos linguísticos da Libras.

Os estudos de variação linguística da Libras fundamentam a importância de uma educação lexicográfica para a elaboração de glossários por meio de uma estruturação lexicográfica correta. Em vista disso, propõe-se os princípios para o desenvolvimento de uma

teoria da definição lexicográfica aplicada à educação lexicográfica na Libras.

Para isso, não se pode deixar de considerar alguns aspectos da Lexicologia, úteis para definir conjuntos e subconjuntos lexicais, para analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas das lexias; examinar as relações do léxico de uma Língua com o universo natural, social e cultural; avaliar a influência de cada lexema em seus diferentes contextos possíveis e, juntamente com princípios de Terminologia, estudar o conjunto de termos de determinados sistema ou de um grupo de indivíduos, Estes e outros objetivos são destaques de uma educação que diga respeito ao léxico.

Atualmente, a Lexicologia se ocupa dos problemas relativos à formação dos termos, da categorização e da estruturação do léxico, do estudo dos aspectos formais e fraseológicos das unidades lexicais de uma Língua. Por sua vez, a moderna Lexicografia, como afirma Biderman (2001, p. 194), “propõe uma nova atitude face ao acervo da Língua. O dicionário deve recolher e registrar o vocabulário em circulação em meio à comunidade dos falantes, documentando essa norma linguística de significados e usos” por ser o depositário do acervo lexical da cultura.

Como é sabido, a Lexicografia tem a palavra como objeto de estudo e pode ser definida como tecnologia de conservação da palavra, de compilação, classificação, análise e processamento das unidades lexicais e, unida à terminografia, do termo. É uma disciplina de uma necessidade social, que se constituiu antes que a linguística se constituísse como ciência. “A lexicografia nasceu como uma tradição textual e não como produto de uma organização intelectual prévia da matéria dos dicionários”. (LARA 2004, p.148). Ela está voltada para a análise da descrição da língua e se ocupa da elaboração de dicionários□ vocabulários, glossários. Isso justifica que as pesquisas lexicológicas tenham aplicação lexicográfica, porque prepara a gramática do léxico para uma descrição consistente.

Então, o primeiro princípio da educação lexicográfica é a necessidade de ensinar a ler corretamente as obras lexicográficas. O segundo princípio está na importância de registrar os sinais-termo, em que sejam enfatizados os princípios de criação e formação de sinais, que estão aquém da “cópia” ou da incorporação de empréstimos linguísticos, tanto da língua portuguesa quanto de outras línguas de sinais. O terceiro princípio trata a despeito dos inúmeros estudos que tratam do problema da definição sob as mais diversas perspectivas. É possível identificar diversas questões essenciais que, em parte, ajudam a explicar essa lacuna no âmbito da pesquisa lexicográfica. Por isso, o conceito de variação linguística deve estar claro, para que possamos compreender como ocorre o processo de substituição durante a sinalização e ou da organização de dicionários em Libras. Para

compreender essa questão, vejamos a seguir mais dados sobre o uso inadequado de terminologias.

### **2.3 Proposta de técnicas lexicográficas de registros da Libras**

No Brasil, como alguns dicionários de língua de sinais já estão disponíveis, é possível acompanhar o conteúdo proposto. Uma das questões que se impõe nesse trabalho é: qual é a função de um dicionário de língua de sinais? Dessa pergunta, decorrem outras: Como sinalizar um determinado termo? Qual o significado de um determinado sinal-termo? Existe sinal-termo para determinado termo em língua portuguesa? Com base nessas questões, é possível dizer que o objeto de conhecimento visado pelos dicionários de língua de sinais é o sinal-termo, porque está mais diretamente associado a uma especialidade do conhecimento humano.

Para responder às questões expostas de modo prático, afirma-se que, num primeiro momento, os propósitos dos dicionários de língua de sinais são registrar sinais-termo para que se possa ter materiais didáticos que represente a língua. Não é mais possível somente estabelecer equivalências entre os sinais-termo de uma língua de sinais estrangeira com a brasileira.

Outro objetivo dos dicionários de língua de sinais é sistematizar os sinais-termo da Libras, por meio da categoria semântica. Possivelmente assim se torne mais fácil estabelecer uma espécie de consenso entre o padrão e as variantes da língua de sinais, de modo que o sinal-padrão seja ensinado e divulgado ao lado de outros sinais usados.

Duas posições em torno da elaboração de dicionários não podem ser esquecidas: a primeira denota que os primeiros registros pretendem demonstrar as coisas do mundo e possibilitar uma compreensão ontológica da forma de organização dessas coisas pela linguagem para que os usuários as aplique em diferentes contextos e situações por meio do sinal-termo correto. A segunda posição é a preocupação lexicográfica, ao lado de uma preocupação de cunho enciclopédico. Esta leva os dicionários de língua de sinais a associar a cada sinal-termo o máximo de informações acerca dos objetos. A designação, que é de orientação linguística, procura revelar de qual forma estão organizadas na língua de sinais repertoriados e a variedade de sinais em uso.

Nosso primeiro entendimento, em torno da elaboração lexicográfica de dicionário de língua de sinais que sistematiza léxicos da língua de sinais, é uma reconstrução da

linguística teórica de fenômenos linguísticos delimitados pela modalidade visual-espacial. Além disso, alguns sinais-termo são de uso comum, os quais todos, em princípio, dominam; outros são usados ou conhecidos apenas em determinadas circunstâncias, ou predominantemente por um grupo particular de pessoas (crianças, idosos, homens, mulheres), por determinadas camadas, por habitantes de certas regiões, o que possibilita compreender a variação linguística em Libras.

É sabido que nenhuma pessoa que sinaliza é capaz de empregar ou mesmo reconhecer e compreender todas as palavras de sua língua, nem dominar todos os recursos de comunicação e expressão de que ela dispõe. Mas é essa experiência individualmente limitada dos vocabulários que nos permite apreender sua natureza e estrutura e entender de que maneira funcionam, na língua de sinais, os mecanismos que permitem criar e utilizar os sinais-termo. É essa experiência, ainda, que nos faz perceber a questão que sempre se estabelece entre o conjunto de léxico que não conhecemos, que conhecemos e dominamos e os demais sinais-termo que criamos e que circulam na comunidade linguística.

Nesse sentido, podemos mostrar que um dicionário de língua de sinais será de qualidade, como inventário de sinais-termo e de descrição de suas potencialidades e processos linguísticos. Na nossa pesquisa, informações pertinentes em torno dos sinais-termo forem organizadas, de acordo com suas funções e relações. Assim, espera-se contribuir para a ampliação da competência linguística do usuário.

Por outro lado, essa organização lexicográfica da língua de sinais, para o registro dos sinais-termo, nos leva a muitas possibilidades e inovações. Por isso, é necessário ter preocupação e cuidado com as diversas publicações em andamento e futuras. Especialmente, quando se precisa utilizar um sinal-termo adequadamente e este parece faltar no repertório disponível e o falante de língua de sinais propõe a criação de sinais na Libras, que, muitas vezes não seguem um padrão e ou regras.

Algumas inovações da língua de sinais, como os empréstimos linguísticos e ou neo-sinais-termo, devem fazer uso da base paramétrica e das condições paramétricas de sinalização de um sinal-termo já conhecido, para que um novo vocábulo siga as regras da língua para a formação de novos sinais-termo. Lembre-se que é sempre possível ampliar o léxico ou substituir algum item lexical paramétrico, a partir dos mecanismos que regulam o léxico. Também é preciso dizer que a relação entre os termos e os seus conceitos está sempre sujeita a modificações, em decorrência de novas demandas de expressão, estruturação e comunicação. O valor efetivo do léxico se estabelece quando a frequência de uso é maior e possibilita o reconhecimento do sinal-termo padrão e variantes.



Por isso, é de fundamental importância defender a importância do profissional lexicógrafo na (re) construção linguística, sempre de modo a analisar o retrato possível da realidade da língua, e não a própria língua. Ainda se encontra o léxico em língua de sinais registrado de formas muito diversas nos dicionários de língua de sinais, em função da concepção de língua de sinais e do léxico que o dicionarista adota, de seu interesse maior ou menor pela língua atual ou pela descrição histórica, por sua decisão de privilegiar ou não a gramática da língua de sinais, de favorecer ou não certa (s) variante (s) linguística (s) da língua de sinais, de incluir ou não gírias novos sinais e outros sinais-termo que inventa.

Os dicionários de língua de sinais são, portanto, a depender das descrições mais ou menos extensas, mais ou menos detalhadas, objetos muito diversificados que nem sempre atendem o interesse do público-alvo. Os dicionários resultam de objetivos teóricos e aplicados aproximados, quanto à natureza da língua que descreve o léxico, e podem organizar-se de formas diversas, em vista do público e dos objetivos específicos, seguindo uma determinada proposta lexicográfica para a língua de sinais.

Atualmente as modernas técnicas de processamento e de registro de dados tornaram possível o trabalho com grandes volumes de termos e de informações associadas, permitindo que o trabalho do lexicógrafo baseie-se num *corpus*, que é num conjunto de produções linguísticas de fontes videográficas, coletadas seguindo critérios rigorosos.

Na nossa pesquisa, o arranjo particular de métodos e técnicas para o Varlibras é de fato a proposta lexicográfica, com vistas a padronização, a apresentação de variantes da Libras e que pode ser um instrumento valioso para a expansão lexical. Além disso, poderá fornecer subsídios importantes para o estudo do léxico da Libras em seus diferentes aspectos.

Nossa proposta apresenta os pressupostos que ordenam o léxico de uma Língua de Sinais acerca das unidades lexicais em diversos aspectos e se ocupa dos problemas teóricos que embasam o estudo do componente lexical focalizando uma abordagem, como a variação linguística.

Toda língua pressupõe a existência de regras, de uma ciência que demonstre seu mecanismo linguístico e que desencadeia processos de uso. Quando não se tem interação satisfatória política linguística, os regionalismos podem parecer erros e serem substituídos, mas o que se prevê é a compreensão da validade das diferenças, desde que reconhecidas, estruturadas e embasadas na língua a que pertencem.

## **CAPITULO III - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AS CONDIÇÕES PARAMÉTRICAS**

---

### **3.1 Introdução**

Desde tempos remotos, os homens criam e utilizam termos para expressar e denominar conceitos, objetos e processos dos diferentes campos do conhecimento especializado. Essa produtividade linguística de feição terminológica ocorre notadamente no universo das ciências, das técnicas e das distintas atividades da comunicação.

O falante de Libras não aprende a usar uma forma de comunicação, por exemplo, a modalidade visual-espacial de forma aleatória, e é juntamente essa forma que os estudos da variação linguística da Libras irá focar – as condições paramétricas que determinam a forma e as possibilidades paramétricas de sinalização de um sinal-termo. O falante de Libras necessita de ter o domínio das estruturas que são necessárias, as condições paramétricas, para produzir um determinado sinal-termo. A efetiva comunicação em Libras, por meio das condições paramétricas, possibilita ao falante modular, organizar, sistematizar, enriquecer e sustentar as sinalizações visuais e corporais e torná-las mais expressivas.

Através das articulações, dos movimentos corporais e faciais e das múltiplas modificações nos elementos linguísticos que compõem as sinalizações, a realização da Libras tem excepcionais possibilidades e qualidades capazes de suscitar, aos que dominam essa modalidade de comunicação, todo um conjunto de percepções.

A língua de sinais apresenta também propriedades compartilhadas por outras línguas e permite a expressão de vários assuntos e temas. Mas a comunicação só será eficaz dependendo da clareza, do domínio e da organização visual-espacial das informações, a partir da sinalização e da interpretação de forma adequada, pois, além dos referentes serem estabelecidos no espaço, a imagem mental do significado e do significante deve ser formada rapidamente no momento da sinalização, e por isso é preciso elaborar, sentir e expressar as diversidades da língua que muitas vezes pode não estar escrito.

Para o falante da Libras, o estudo das condições paramétricas é uma atividade linguística necessária para adquirir a primazia da comunicação expressiva e interativa. As condições paramétricas são para o falante de Libras uma concepção interior e modular – sinalizante, através da qual se podem liberar pensamentos e sentimentos que não poderiam ser expressos de outra forma, e essa forma é a comunicação visual-espacial.

O domínio das condições paramétricas refletirá uma comunicação de qualidade bem como a ampliação lexical, na sistematização do acervo lexical da Libras.

Na modalidade visual-espacial de comunicação, o uso do corpo, da face, do espaço, do campo visual e das condições paramétricas existe uma íntima relação. É com esses elementos que o falante de Libras exterioriza sua afetividade, sua expressividade, e desempenha o papel de interlocutor e receptor das informações. Mas, para isso, é preciso que esse falante de Libras possua uma percepção linguística e contribua para o desenvolvimento de técnicas impecáveis e precisas a fim de poder dominar as inúmeras dificuldades que possam surgir no campo da comunicação. Será principalmente pelo domínio das condições paramétricas que o falante de Libras poderá compreendê-las por meio da seleção dos parâmetros apropriados e usá-las por meio da combinação paramétrica dos parâmetros na comunicação visual-espacial, como veremos neste capítulo.

Os sinalizantes de Libras pode variar, dependendo do que quer expressar, as condições paramétricas integrantes de elementos linguísticos. Na comunicação visual-espacial, a expressão dessas condições paramétricas está associada à duração, daí a necessidade de desenvolver os componentes que contemplam as diversas formas e informações extralinguísticas de um sinal.

Alguns parâmetros que compõem a modalidade visual-espacial da Libras são necessários para serem efetivadas as técnicas lexicográficas de registro dos sinais-termo. São eles: i) altura: como as línguas de sinais são orientadas no espaço físico e temporal e como agem na percepção e transmissão visual de ideias, informação e sentimentos. No momento da sinalização, leva-se em conta a altura da sinalização, pois o significado de um determinado termo pode ser mais profundo ou mais superficial, dependendo da forma que se sinaliza. Acentua-se que muitos sinais-termo ocorrem mais de cima para baixo do que de baixo para cima em um determinado eixo de análise. ii) intensidade: concretiza-se por uma sinalização que se distribui e se organiza pelos elementos envolvidos na sinalização. É percebida como uma sinalização transmitida, organizada juntamente com o conjunto das condições paramétricas e com os parâmetros linguísticos. O falante de Libras deve ter consciência dos componentes envolvidos que a intensidade requer, da dinâmica apropriada de sinalização do sinal-termo que provocará o enriquecimento de outros elementos importantes e necessários no decorrer da sinalização para a compreensão. iii) homogeneidade: qualidade essencial, em função da distribuição dos elementos no espaço visual e da fusão dos elementos que compõem as condições paramétricas nas diferentes sinalizações, dada a sistematização e a interação. Só poderá ser realizada pela harmonização progressiva de todos os elementos

indispensáveis à sinalização. Ou seja, por um sistema de compensação sobre toda extensão paramétrica, por meio de um processo sintático e paradigmático, de modo a reforçar e definir de fato o significado de um determinado sinal-termo. A compreensão do sinal-termo é permitida quando forem determinadas todas as estruturas correspondentes ao sinal-termo. Trata-se da velocidade, do ritmo, bem distribuído e organizado que irá determinar uma sinalização adequada e correspondente. É regulada, por diversos movimentos, pelo domínio de um conjunto dessas condições paramétricas do movimento, às quais é preciso ficar muito atento, pois grande parte é distintiva de significado e passa despercebida.

As condições paramétricas são produzidas por meio desses elementos e se transformam no espaço visual de sinalização. Do ponto de vista funcional, o alcance da exatidão da compreensão do sinal-termo está relacionado com a energia gasta e se traduz, principalmente, pela consciência de uma sinalização que determina vários elementos na comunicação visual-espacial, às percepções visuais mais perceptíveis e ao enriquecimento visual-motor da modulação da sinalização. Por isso, essas condições paramétricas podem ser difíceis de serem controladas, se não forem registradas, e, por esse motivo, é importante que o sinalizante de Libras tenha a sua disposição mecanismos linguísticos que lhe permitam não perder o domínio das propriedades da língua, mas também treinar e desenvolver essas competências e habilidades linguísticas.

Assim, pode-se dizer que a efetiva comunicação em língua de sinais ocorre quando a sinalização contempla o controle dos mecanismos internos e externos. Os sinais compreendem tanto uma dimensão cognitiva – mecanismos internos, ao expressarem conhecimentos especializados e linguísticos dentro dos mecanismos que regulam a comunicação e o processamento da linguagem, quanto uma dimensão linguística – mecanismos externos, tendo em vista que organizam o componente lexical especializado ou temático das línguas por meio das condições paramétricas e seus processos. Assim, são as sensações visuais que particularmente informam sobre o conceito de um determinado sinal-termo e permitem a construção da informação mental pelo falante de Libras (mecanismos internos), seguindo-se a elas as sensações articulatorio-espaciais que permitem situar e delimitar as condições paramétricas da sinalização, para que se possa estabelecer a comunicação na modalidade visual-espacial (mecanismos externos).

Para a criação de sinais-termo há duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento. Para circunscrever as características de um determinado sinal-termo, é preciso conhecer as condições paramétricas que sistematize as ocorrências na Libras. Assim é possível elidir a ocorrência da variação linguística da Libras, que contribui

para uma desejada precisão conceitual e definição já que põe em evidência formas diferentes para um mesmo conceito. Desse modo, propomos um percurso pautado pelas investigações terminológicas de base linguístico-comunicacional-organizacional. Os fundamentos levam em consideração o comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito dos estudos da variação linguística. De modo geral, as novas proposições não se resumem apenas em definir os parâmetros da Libras, procuram atingir os aspectos que envolvem as condições paramétricas, que também envolvem os estudos do léxico. A importância deste estudo é que permitirá colher dados que possibilitarão o desenvolvimento de técnicas para o registro de sinais-termo da Libras, com o propósito de compreender a unidade terminológica à luz de um ponto de vista descritivo. Mais ainda, estudar a terminologia técnico-científica é tratar de questões da política de línguas, que constantemente temos defendido, e não de um constructo formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita ao âmbito de especialistas da área.

### **3.2 Conceito de Unidades Lexicais (ULs) e Unidades Terminológicas (UTs) da Libras**

Faria-Nascimento (2009, p. 13) mostra que as unidades lexicais (ULs) e as unidades terminológicas (UTs) da Libras podem ser constituídas por unidades simples ou complexas com significado simples, emprestados ou construídos, ou por unidades simples ou complexas com significado complexo como se dá com os classificadores.

Com fundamentos epistemológicos distintos, é importante compreender a unidade lexical e a unidade terminológica que se estruturam na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas. De acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Conseqüentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Há duas concepções antagônicas sobre a natureza constitutiva dos termos, sobre os objetivos e o alcance de uma teoria da Terminologia. (1) princípios de apreensão dos léxicos temáticos como constructos teóricos das áreas científicas e técnicas, bem como orientações vocacionadas para a normalização; (2) teorias de base linguístico-comunicacional em que os termos como elementos linguísticos com todas as implicações sistêmicas e discursivas afetam qualquer unidade lexical em suas realizações sintagmáticas. (KRIEGER;

FINATTO, 2004). Por isso é importante compreender como ocorre a organização dos referentes e dos sinais-termo no espaço.

Deste modo, a variação linguística da Libras e os processos linguísticos empregados para a constituição dessas unidades são estudadas com o intuito de entender como elas se constituem e como esses processos intervêm na expansão lexical e terminológica da língua e, a partir desse ponto, de que forma esse processo pode interferir e contribuir para a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos. Por isso é importante compreender as principais ocorrências da variação linguística com base nas condições paramétricas da Libras em sua construção terminológica.

Assim sendo, é necessário conscientizar os Surdos a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da Libras, e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos. Isso acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também, dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 58).

“As lacunas lexicais e terminológicas são preenchidas nas mais diferentes línguas de modalidade oral-auditiva, grosso modo, por empréstimo ou por construção. O processo de construção terminológica com vistas ao preenchimento de lacunas na Libras constitui-se de mecanismos linguísticos se não idênticos, bastante semelhantes aos mecanismos linguísticos presentes na construção lexical. Isso porque terminologia é léxico, e um lexema, unidade do léxico, ganha estatuto de termo, unidade da terminologia, no contexto das linguagens de especialidade. No espaço abstrato de construção de palavras o mecanismo linguístico é praticamente o mesmo”. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59). Sabe-se que a unidade terminológica é unidade linguística, unidade cognitiva e unidade sociocultural, e seu estudo pode limitar-se a um aspecto, ou pode ser um estudo integrador das várias faces do termo (CABRÉ, 1999).

A Terminologia é um campo de estudos de caráter inter e transdisciplinar, o que a leva a convocar um conjunto de saberes para a apreensão do fenômeno terminológico, por excelência, o termo, cuja essência situa-se na representação lexical do conhecimento especializado e na sua divulgação. Para tanto, contribuem determinados conhecimentos exteriores e mesmo interiores aos estudos da linguagem. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Essas informações nos auxiliam a discutir o ponto seguinte.

### 3.3 Processos paramétricos da Libras

É de essencial importância considerar que na sinalização do sinal-termo temos uma base paramétrica e os traços linguísticos ou condições paramétricas que compõem a organização da sinalização do sinal-termo. A pertinência de uma ampliação da proposta de Faria-Nascimento, 2009 e a necessidade de uma pesquisa de cunho funcionalista aplicada à linguística da língua de sinais nos estudos da variação linguística da Libras resultam numa nova possibilidade de estudo do léxico da Libras. Trata-se da “mão-pensante”, ou seja, do modo como os indivíduos Surdos que dominam a Libras organizam as condições paramétricas e produzem os sinais-termo e efetivamente concebem ações cognitivas. Inicia-se, por meio de uma base paramétrica de um determinado referente, como um esboço, em sua grande maioria representado por meio de uma configuração de mão, limitada e distintiva que busca e possibilita a criação e a identificação de sinais-termo, reinterpretando-os à medida que o léxico é ampliado, numa espécie de processamento visual e consciente do conceito do significado e do significante do sinal-termo.

As condições paramétricas e sua ordem de sinalização refletem na base paramétrica escolhida, seguido de um processamento cognitivo e mental da informação que refletem no termo escolhido. Tem-se assim, por fim, os meios de representação do que é aquilo na Libras, por meio de diferentes processos linguísticos complementando o conhecimento e contribuindo para a língua, por meio da expansão lexical.

No âmbito de estudo de léxico e terminologia, a compreensão das condições paramétricas traz no seu cerne a complexidade de sua análise, por isso é importante o estudo de sua ocorrência em cada parâmetro da Libras. A sinalização de um sinal-termo compõe uma cadeia paramétrica que se estende por todo o processo e define as condições paramétricas que depende das relações paramétricas existentes entre os componentes. Cada componente possui suas próprias características e atributos, que podem ser, de um modo geral, a forma, relações linguísticas, variações, restrições linguísticas, dentre outros, ou seja, devem se conhecer as condições que existem por trás da forma, para que na constituição dessa cadeia paramétrica não ocorram interpretações equivocadas, que certamente não possibilitarão a compreensão de todo o conjunto e não permitirão uma sistematização e registro do sinal-termo.

Há uma dificuldade em registrar linearmente as LS, porque, contrariamente às línguas orais, as LS têm como característica geral a simultaneidade de informações no espaço; há sobreposição de informações quando se articula uma UL em LS. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, 161).

Estelita-Barros (2008), a partir do congelamento de imagens de vídeo, numa sequência de representação da Libras, registrou a sequência em que os parâmetros são acionados para a articulação da Libras. Com base nessa sequência, propôs a seguinte ordem para o registro de seu sistema de escrita: (1) CM, associada ou não à OP; (2) Mov.; (3) PA; (4) ENM (EF e EC), quando presente. (*apud* FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 162).

As reflexões feitas para essa tese propõem uma ampliação da possibilidade de estabelecer as variáveis de uso das condições paramétricas que podemos perceber nos estudos da variação linguística da Libras e como estas podem ser organizadas e contribuir para a elaboração de dicionários, glossários, léxicos e outras obras lexicográficas e terminográficas.

A proposta de estudo das variáveis de uso por meio das condições paramétricas nos estudos da variação linguística da Libras, está de acordo com alguns princípios de ordenação lógica, paradoxalmente, ao lado de alguns princípios de natureza subjetiva, mas prática, e não arbitrários, porém, necessários e cabíveis.

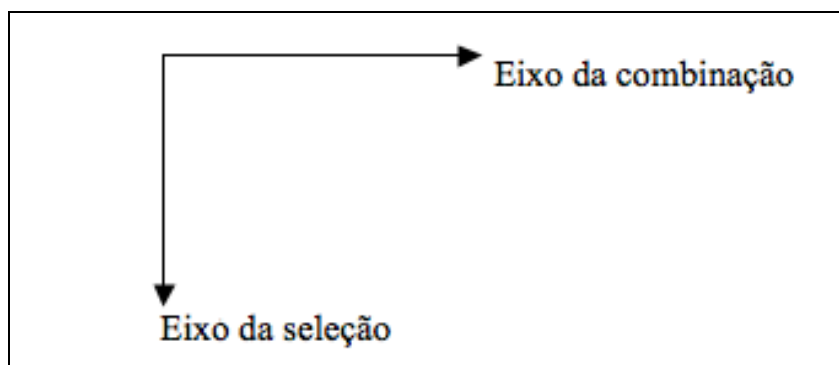
### **3.3.1 Eixos de análise dos termos da Libras**

Os significados lexicais dos sinais-termo são percebidos através de um processo sintático e paradigmático, pois, para se organizar um sinal-termo em torno de uma condição paramétrica, é preciso entender que ele se articula a uma dupla rede de relações: uma rede referencial que articula a linguagem a tudo o que ela permite discernir com uma denominação dos signos linguísticos, e uma rede paradigmática que regula os significados lexicais intrassistêmicos do sinal-termo.

Então, a partir dessas duas relações, temos também a ocorrência de processos linguísticos. Percebemos que esses na gramática da Libras não são limitantes, pois é a partir de um sinal-termo que é trabalhado o seu campo lexical, ou seja, os processos de criação e formação de sinais-termo acontecem com a utilização das propriedades paramétricas que oferecem as condições paramétricas (configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressões faciais e manuais), que são contextualizadoras e auxiliam nas análises dos termos dentro do processo de variação linguística da Libras. Então, temos dois eixos de análise esquematizados na figura seguinte:



Figura 12 - Eixos de análise dos termos da Libras



Fonte: Elaborada pelo autor

O eixo da seleção compreende os parâmetros da Libras: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, direcionalidade e expressão facial e corporal. O eixo da combinação corresponde às diferentes condições paramétricas decorrentes dos parâmetros da Libras: corresponde a uma expansão paramétrica na sinalização do sinal-termo, e a partir desse processo temos a expansão sintagmática em nível gramatical, pois uma das características das unidades lexicais das línguas de sinais é a possibilidade de novas criações por meio da expansão de um sinal-termo.

Estelita-Barros (2008, p.26) aborda “o fato de a LS ser realizada por dois articuladores – dois braços e duas mãos – que podem emitir dois sinais ao mesmo tempo. O correspondente desse feito em LO seria pronunciar duas palavras ao mesmo tempo, o que é impossível, pois somos dotados de apenas um aparelho fonador. Começa a se evidenciar aí o fator simultaneidade, como, por exemplo, na realização do sinal de chorar com a mão esquerda e o de correr com a mão direita ao mesmo tempo”.

Essa simultaneidade para a autora “é autoevidente e inquestionável, porém o que chama a atenção é a simultaneidade no nível da segunda articulação da linguagem nas LS. Essa sim carece de investigação científica”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p.26).

Aparentemente, “quando um sinal se realiza, todos os parâmetros ocorrem simultaneamente. Por exemplo, quando se realiza o sinal para “OBRIGADO”, a mão que se move parte da testa e mantém uma determinada configuração de mão. Tudo parece acontecer ao mesmo tempo, o que dá a impressão de absoluta simultaneidade”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p.26.)

A autora afirma que “pode dizer que, antes que todos os parâmetros se realizem simultaneamente, eles foram sendo acumulados um a um. Assistindo informalmente a

reproduções de vários sinais em filme em câmera lenta, ela pôde e ver que em cada um a mão assumia uma determinada configuração e acumulava esse elemento ao segundo, que é o ponto de articulação, tornando-se esses dois agora simultâneos, e eles se acumulam então ao terceiro elemento, que é o movimento do sinal, resultando na simultaneidade dos três elementos, invariavelmente nessa ordem”.

A autora destaca ainda que “essa simultaneidade final dos três elementos não é absoluta, pois só ocorre após uma fase de sequência e acumulação que ainda não foi suficientemente explorada. Os sinais não são exclusivamente simultâneos no nível de sua segunda articulação: são uma mescla de sequencialidade, acumulação e simultaneidade de elementos. Pode-se dizer que os elementos de segunda articulação da Libras só são simultâneos após serem acumulados um a um. Isso explica o fato de uma escrita linear de LS poder ser bem-sucedida, em vez de se enxergar todos os elementos de uma só vez e ir escolhendo intuitivamente o que ler primeiro. Na ELiS, os elementos já se apresentam alinhados sequencialmente, na ordem em que aparentemente são realizados e são lidos cumulativamente até chegar à simultaneidade final do sinal. Essa é uma intuição que pede estudo científico psicolinguístico em laboratório de análise de imagens e aprofundamento de conhecimentos linguísticos das LS”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p.26-27).

Deste modo, a organização de um banco de dados deve contemplar esses fenômenos linguísticos, para que, a partir de um sinal-termo, os seus elementos de caráter determinante possam se juntar às suas condições paramétricas. Temos assim o fenômeno da expansão sintagmática, em que elementos paramétricos se juntam a esses mecanismos em função de um determinado para a formação de novos sinais-termo, com distinto significado.

### **3.4 As condições paramétricas para formação do sinal-termo em Libras**

As línguas orais contemplam as condições universais de silabação, quer dizer mostram como se organiza uma sequência de segmentos em sílabas. Há basicamente duas abordagens que explicam esse processo: a abordagem de regras e a abordagem de condições. A primeira utilizada, por exemplo, em Harris (1983), considera que a silabação de uma sequência de segmentos é feita por meio de regras de criação de estrutura silábica: regra de formação do núcleo, regra de formação do ataque, regra de formação da coda. Essas regras são ordenadas entre si: primeiramente cria-se o núcleo, depois o ataque, depois a coda. A segunda, adotada por Hooper (1976) e Itô (1986), considera a silabação um processo

automático que obedece a determinadas condições, não ordenadas entre si. As condições podem ser universais, ou seja, são as mesmas para todas as línguas, ou paramétricas, condições que preveem diversas possibilidades, das quais cada língua faz escolhas.

Deste modo, o estudo do léxico da Libras, firmada nos princípios da teoria linguística da língua de sinais, dispõe de recursos para diferenciar regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança estrutural de regras de implementação e, com princípios e condições, dirime a capacidade de muitas regras e alcança generalizações. Mostra-nos, sobretudo, como olhar para os fatos da língua à luz de princípios universais. É incontestável que, funcionando como unidades lexicais ou unidades terminológicas, certos sinais-termo tendem a agrupar-se e a sofrer as mesmas regras, constituindo um padrão lexicográfico paramétrico natural, ou seja, dois ou mais segmentos constituem um padrão lexicográfico paramétrico natural se for necessário para especificar a informação do termo, um número de traços menor do que o número necessário para caracterizar cada traço isoladamente. O que a teoria da variação linguística no estudo do léxico da Libras tem mostrado é que o padrão lexicográfico paramétrico natural tem análises mais simples que as não naturais. Se isso efetivamente está ocorrendo, é sinal de que, como refere Kenstowicz (op. cit., p. 21), “a teoria está avaliando corretamente as distinções empíricas e está oferecendo uma base formal para não só descrever, mas também explicar por que as línguas se comportam de uma forma e não de outra”.

Para compreender os traços distintivos e os traços específicos na Libras, é preciso verificar a ocorrência da variação na Libras. Deste modo, em um primeiro momento serão apresentadas as possibilidades das condições de uso paramétrico de configuração de mão, da condição de uso paramétrico de definição de ponto de articulação, da condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos da Libras, da condição de uso paramétrico da direcionalidade na Libras e da condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais. Essas condições paramétricas permitem prever a sistematização dos sinais-termo a partir de uma variável da condição de uso paramétrica de cada um dos parâmetros da Libras para representar e explicar alguns fenômenos linguísticos que abrirão caminhos para outros estudos nas áreas, como as estruturas suprasegmentares, o processo facional, os processos lexicais, as dimensões paramétricas e outros. Espera-se por meio dos estudos das condições paramétricas da Libras promover incitantes propostas e discussões que vão desde o grau de abstração da estrutura paramétrica e um efetivo domínio da propriedade das regras para a elaboração do léxico alfabético bilíngue de termos da Libras.

### 3.4.1 Condição de uso paramétrico de Configurações de mãos

Conforme Estelita-Barros 2008, p. 27 *apud* Stokoe 1965, foi quem primeiro estabeleceu parâmetros de análise dos sinais, que são Configuração de Mão (designator, ou dez), Ponto de Articulação (tabula, ou tab) e Movimento (signation ou sig).

As configurações de mão (CMs) são as possíveis formas que as mãos adquirem na realização dos sinais. Pimenta e Quadros (2007) sistematizaram 61 configurações de mão em Libras. Geralmente, as CMs apresentam-se associadas aos parâmetros movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais, para formar as condições paramétricas.

Figura 13 - Configuração de mãos - CMs



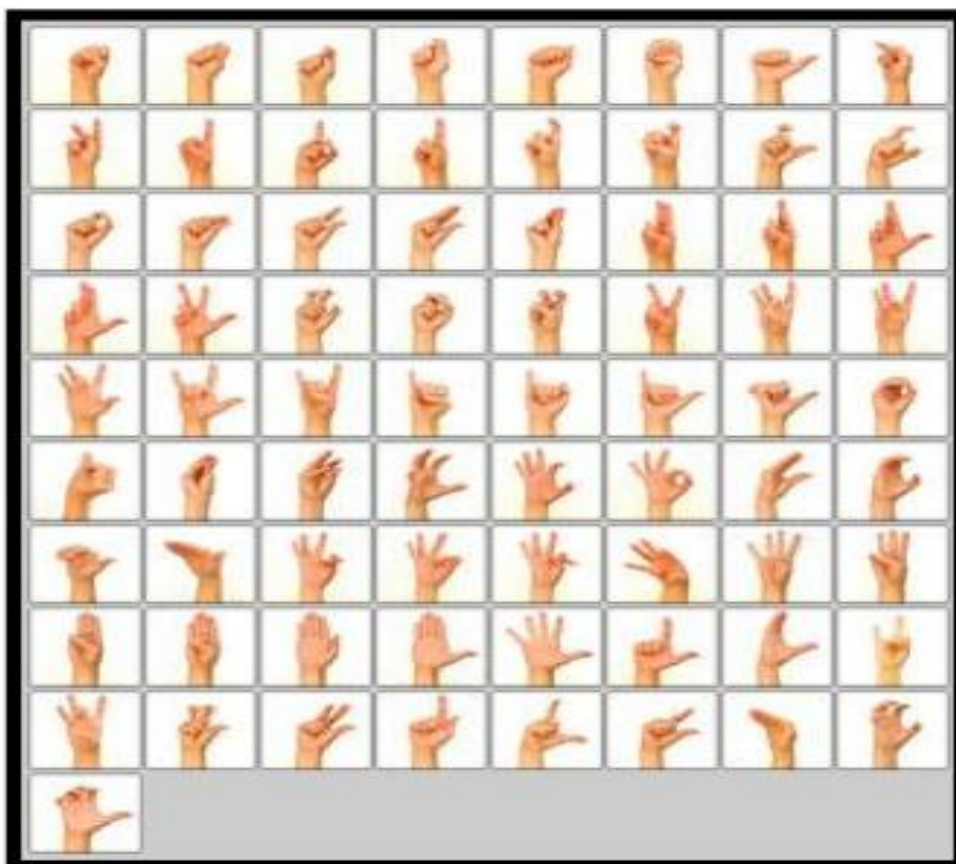
Fonte: Quadro de CMs da Libras, por PIMENTA; QUADROS 2006, p. 73

A proposta de Pimenta e Quadros (2006, p. 73) contém um inventário de 61 CMs, organizadas por semelhança e numa ordem que apresenta como primeira CM a mais fechada e, como última CM, a mais aberta. A organização interna das CMs varia: ora a passagem de uma CM para a outra parte de uma CM mais aberta para uma CM mais fechada (como na sequência das CMs: 51 e 52; 19 e 20; 36 e 37 etc.) e ora a passagem se dá a partir de uma CM

mais fechada para uma mais aberta (como na sequência das CMs: 17, 18 e 19; 26, 27, 28 e 29; 59, 60 e 61 etc.). (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 166).

Na proposta de Felipe e Lira (2005) foram elencadas 73CMs. A organização das CMs nessa proposta também agrupa, de certa forma, CMs semelhantes, apesar de não haver um critério harmônico da passagem de uma CM para outra. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 167).

Figura 14 - Organização das CMs



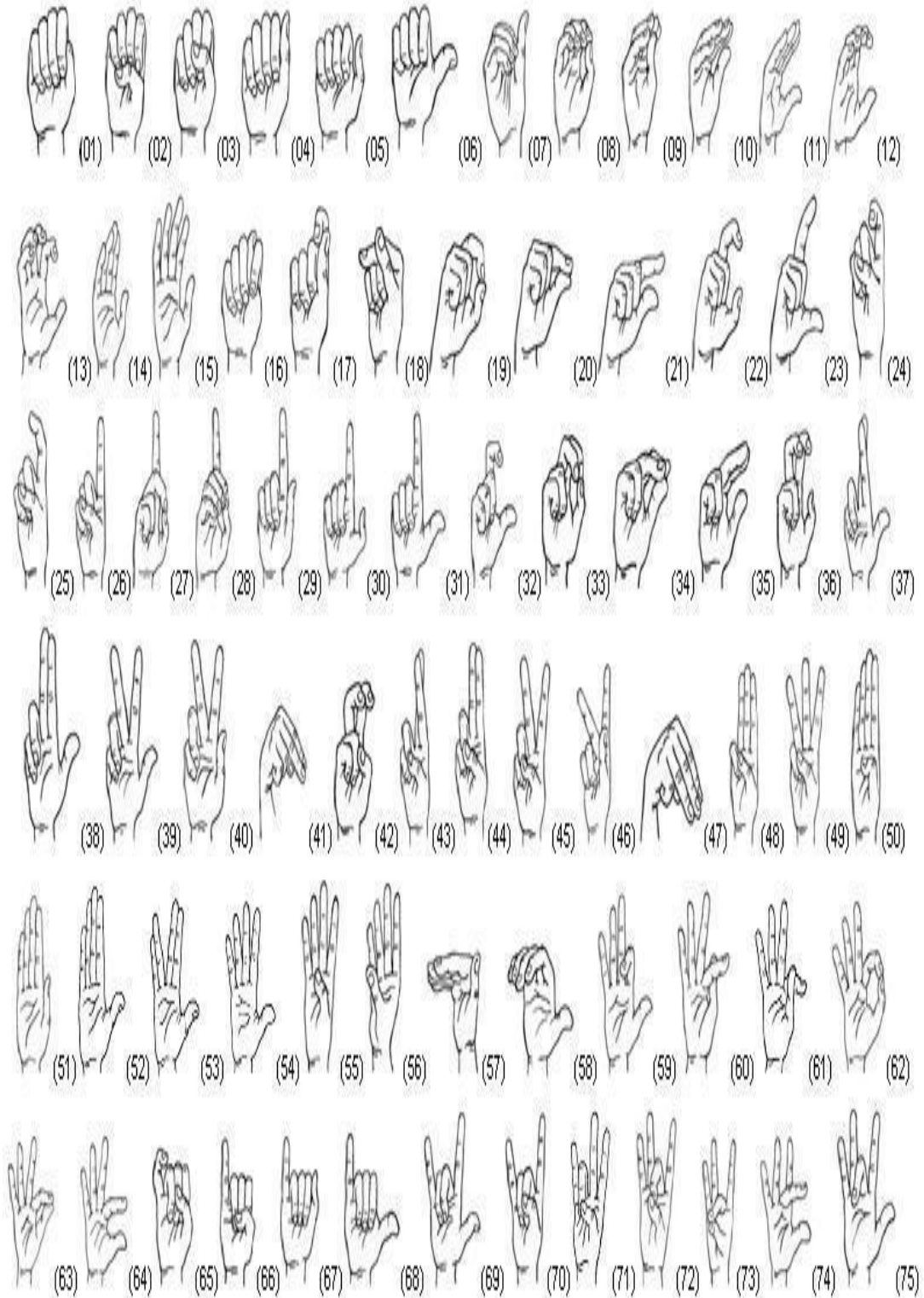
Fonte: Quadro de Configurações de Mão FELIPE; LIRA, 2005

Por sua vez, Faria-Nascimento (2009) apresenta em sua tese de doutorado de 2009 um quadro ampliado com 75 (setenta e cinco) configurações de mãos, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 15 - Configuração de mãos - CMs

QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO (FARIA-NASCIMENTO, 2009)

Ilustração FÁBIO SELLANI



Fonte: FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Tese de Doutorado: Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica. 2009. UnB. p. 177-183.

Para o estabelecimento da condição de uso paramétrico da configuração de mão e identificar os traços linguísticos da condição paramétrica da CM, no estudo da variação linguística da Libras, fundamenta-se a discussão com a proposta de Estelita-Barros (2008, p. 27), que reflete que a ELiS, ainda que baseada no trabalho de Stokoe, estabelece várias diferenças que devem ser levadas em conta. Algumas delas são:

- a sequência em que os parâmetros são escritos. Para Stokoe (1965) é: Ponto de Articulação, Configuração de Mão e Movimento. Na ELiS, desde sua primeira versão (Estelita, 1997) é: Configuração de Mão, Orientação da Palma, Ponto de Articulação e Movimento. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 27);

- o acréscimo da Orientação da Palma como parâmetro; (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 27);

- a criação dos diacríticos indicativos de orientação do eixo pulso-palma, lateralidade do ponto de articulação (direita ou esquerda), de duplicidade do movimento e alguns outros. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 27).

Uma das principais diferenças, no entanto, “está no resultado da última grande reforma pela qual passou a ELiS em 2006, em que o parâmetro Configuração de Mãos foi substituído pelo parâmetro Configuração de Dedos”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 27).

A noção de Configuração de Dedo, como parâmetro, para a autora é inovadora. Mas pode-se adiantar que as Configurações de Dedo são, na verdade, traços das Configurações de Mão. Elas indicam a posição de cada dedo em um dado Formato de Mão. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 27).

Ainda de acordo com a autora, “o conjunto de Formatos de Mão varia de LS para LS. Também dentro de uma mesma LS, pode haver ocasionalmente o uso de um Formato de Mão não estabilizada. O conceito de Configuração de Dedo e suas representações gráficas na ELiS permitem, inclusive, o registro desses Formatos de Mão inusitados, casuais, criados seja por um motivo estético/poético, ou jocoso, ou circunstancial, ou qualquer outro. Um sistema de escrita das LS que limitasse rigidamente o número de Formatos de Mão representadas não seria totalmente eficaz, principalmente se pensarmos na possibilidade de sua utilização em várias LS”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 28).

Deste modo, a autora mostra que “a opção foi, estabelecer como parâmetro, as Configurações de Dedo, e não os Formatos de Mão, pois aquelas, além de permitirem grande flexibilidade ao sistema, são em número limitado e muito reduzido, o que é vantagem em uma escrita “alfabética”. Porém, continuo a elencar suas combinações mais estabilizadas em uma

LS, ou seja, os Formatos de Mão mais frequentes em determinada LS, pois é útil para facilitar a escrita de iniciantes”. (ESTELITA-BARROS, 2008, p. 28).

O estudo e a pesquisa de Estelita-Barros (2008) por meio da Elis privilegia a escrita de quatro parâmetros: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (Mov). Cada um desses parâmetros é composto por vários visemas, cujas representações gráficas denominamos visografemas, e seu conjunto, visograma. Esses termos correspondem respectivamente ao conceito aproximado de fonemas, letras e alfabeto em uma LO.

Deste modo, esta pesquisa estabelece duas propostas no que tange às condições de uso da configuração de mão nos estudos do léxico da Libras para uma efetiva análise da ocorrência da variação linguística. Um aspecto gramatical, em que temos o parâmetro da Configuração de mão que, baseada em Faria-do-Nascimento (2009, p.164), apresenta uma proposta para a ordenação do parâmetro da configuração de mão e o da autora Estelita-Barros (2008), que apresenta uma alternativa que corresponde ao nível de traços linguísticos, como as configurações de dedos, pois temos na Libras configuração de mãos abertas e fechadas que respondem às necessidades do estudo desta pesquisa da variação linguística.

### **3.4.2 Condição de uso paramétrico de definição de ponto de articulação**

O ponto de articulação é a segunda principal unidade mínima. O ponto de articulação (PA) é o local de realização do sinal. Pode se localizar em frente ao corpo ou na própria superfície do corpo. O PA pode ser localizado na cabeça, nos ombros, na cintura ou próximo ao corpo. Muitos sinais envolvem um movimento, indo de um ponto de articulação para outro. Mesmo assim, cada sinal tem apenas um ponto de articulação, mesmo que ocorra um movimento de direção. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 33-35).

Stokoe listou 12 locativos distintos e criou um código para representá-los linearmente. A organização dos locativos apresentada por Stokoe não é arbitrária. Há uma lógica que começa no espaço neutro e desce do topo da cabeça ao tronco.



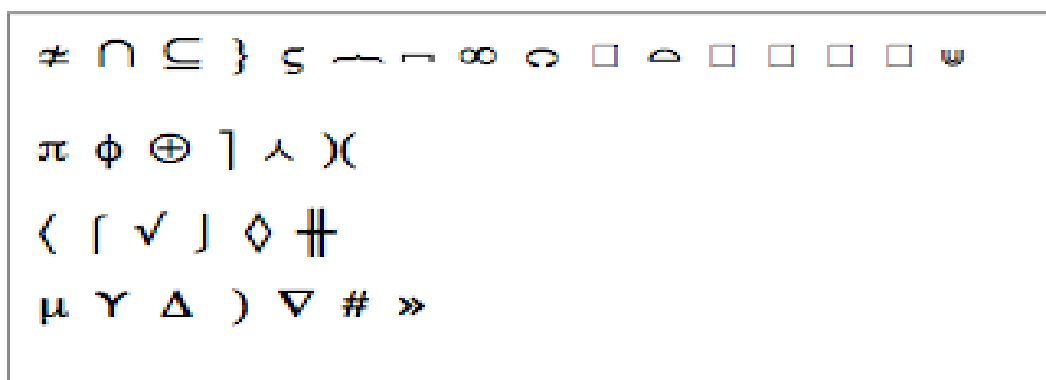
Figura 16 - Locações por Stokoe

Location symbol	Stokoe's description
∅	Zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below.
○	Face or whole head
◡	Forehead or brow, upper face
◣	Mid-face, the eye and nose region
◤	Chin, lower face
◥	Cheek, temple, ear, side-face
π	Neck
[ ]	Trunk, body from shoulders to hips
∖	Upper arm
∕	Elbow, forearm
⊔	Wrist, arm in supinated position (on its back)
⊕	Wrist, arm in pronated position (face down)

Fonte: STOKOE W. *et. al.*, 1976. In: Faria-Nascimento, Sandra Patrícia de. Tese de Doutorado: Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica. 2009. UnB. p.189.

Para Estelita-Barros (2008, p. 30 e 31), “os pontos de articulação se subdividem em quatro subgrupos: cabeça, tronco, membros e mão. As localizações de cada ponto de articulação não têm fronteiras exatas, pois o corpo humano é um *continuum*. Isso pode levar a dúvidas em alguns sinais, cujas escritas só poderão ser reconhecidas por uma única forma com a passagem da ELiS por um processo de padronização da escrita, de ortografia”. Os visografemas do parâmetro PA são:

Figura 17 - Pontos de Articulação



Fonte: ESTELITA-BARROS, Mariângela. Tese de Doutorado: ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. 2008. UFSC. p.76.

Deste modo, fica estabelecido estes traços linguísticos para a delimitação da ocorrência do parâmetro ponto de articulação na Libras e seja possível estabelecer as variáveis de uso da condição paramétrica do ponto de articulação.

A seguir, apresentam-se discussões acerca da condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos na Libras.

### **3.4.3 Condição de uso paramétrico da Tipologia de movimentos na Libras**

Os movimentos (Ms) que compõem os sinais são os mais diversos: movimentos de pulso, dos dedos, de abrir e fechar as mãos, direcionais e até sequência de movimentos em um mesmo sinal. (NASCIMENTO, 2010, p. 15).

O movimento é um parâmetro complexo que “pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal”. (KLIMA; BELLUGI, 1979, *apud* FERREIRA-BRITO, 1995).

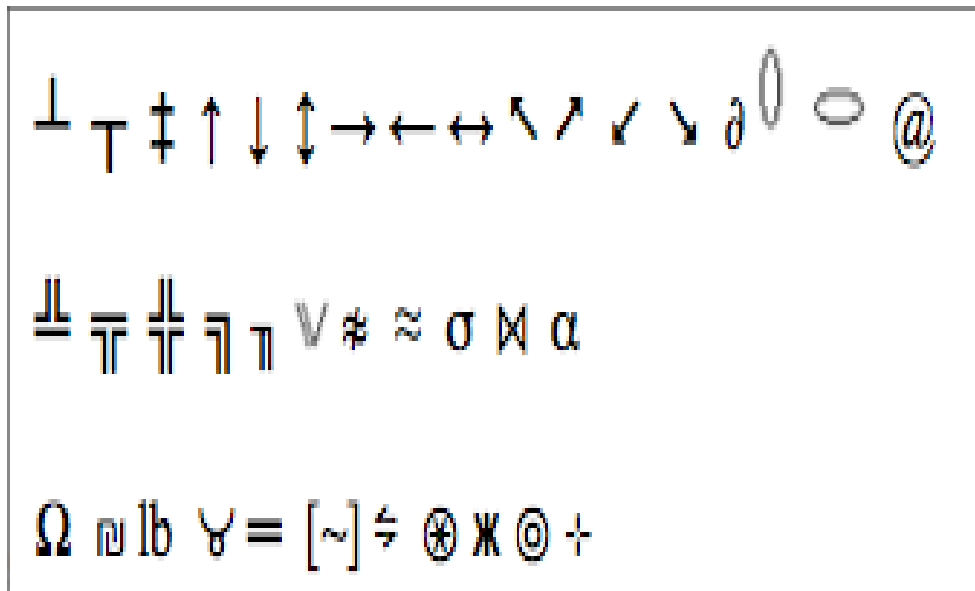
Em trabalhos nossos, consideramos que o movimento é uma importante unidade mínima. Além de participar ativamente na produção do sinal, ele dá graça, beleza e dinamismo a essa língua. As pessoas ouvintes, ao usarem a língua de sinais, o fazem, normalmente, de maneira mais estática. Isso ocorre porque o movimento, embora seja uma parte integrante da língua, é realizado com mais propriedade pelos surdos, que são visuais, mais fluentes em relação aos ouvintes e conhecem a língua profundamente. E mais: sabe-se que associar à produção do sinal aspectos como o movimento e as expressões não-manuais não é algo simples, para os ouvintes. Essa habilidade exige muita competência e fluência na língua, além de uma boa coordenação motora, domínio do movimento e orientação no espaço. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 32).

Para os ouvintes, usuários de língua oral-auditiva, o domínio dessas habilidades é algo bem complexo. Os Surdos, por serem seres visuais, adquirem essas habilidades com muito mais naturalidade e facilidade do que os ouvintes. Cabe destacar, então, que para que haja movimento é preciso haver espaço. Portanto, o movimento é indissociável do espaço como afirmam Quadros; Karnopp (2004).

Vale a pena observar ainda que o “movimento (Mov.) apresenta várias características: direção; modo; frequência; tipo; intensidade. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 202).

Estelita-Barros (2008, p. 32) estabelece que os movimentos na ELiS são subdivididos em três subgrupos: externos à mão, internos à mão, sem as mãos. “É o formato da mão, a orientação da mão e a localização da mão que precisam ser especificados para cada sinal, e mudanças nestes parâmetros levam a movimentos.” (CRASBORN, 2001, p. 23). Estelita-Barros (2008, p. 32) entende por movimentos externos, os que incluem o movimento de braço e/ou antebraço; movimentos internos são os realizados apenas com os dedos e as mãos; movimentos sem as mãos são os realizados por outras partes do corpo como olhos, bochechas, boca, sendo que este último grupo é o que abarca expressões faciais.

Figura 18 - Visografema para os movimentos da Libras



Fonte: ESTELITA-BARROS, Mariângela. Tese de Doutorado: ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. 2008. UFSC. p. 76

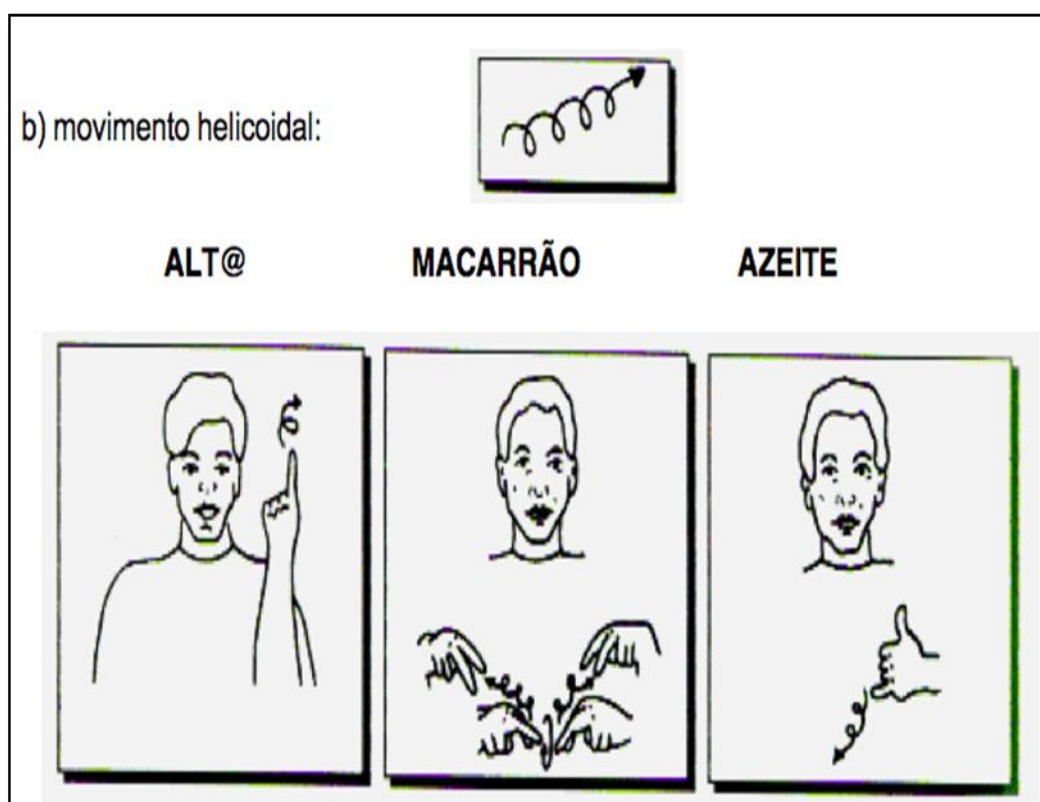
Além dessas discussões em torno do parâmetro movimento, a direcionalidade do movimento precisa ser observada. Strobel e Fernandes (1998, p. 10-11) apresentam três tipos: “unidirecional: movimento em uma direção no espaço, durante a realização de um sinal; bidirecional: movimento realizado por uma ou ambas as mãos, em duas direções diferentes, e multidirecional: movimentos que exploram várias direções no espaço, durante a realização de um sinal”. As autoras, apresentam também os tipos de movimentos na Libras:

Figura 19 - Movimento retilíneo



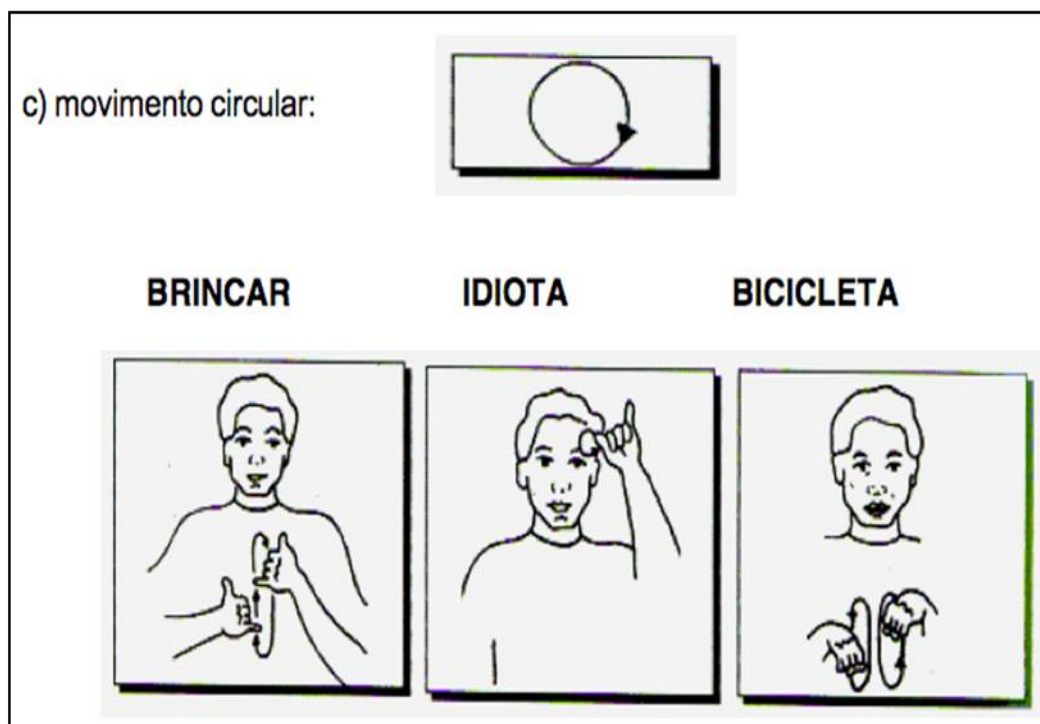
Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 20 - Movimento helicoidal



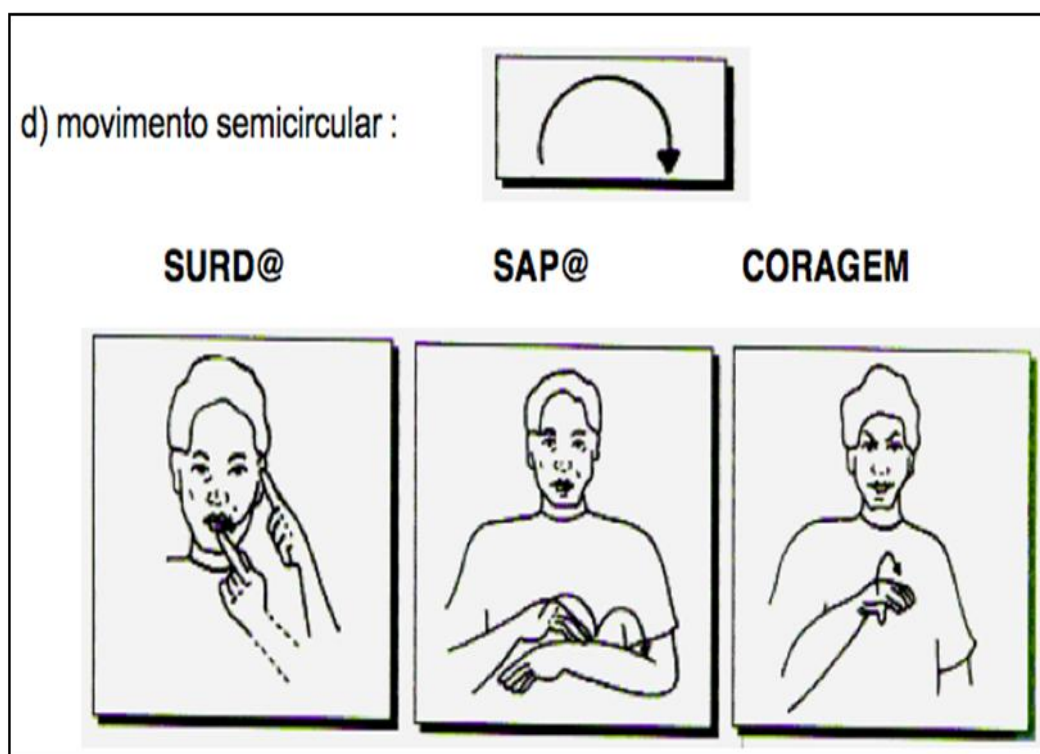
Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 21 - Movimento circular



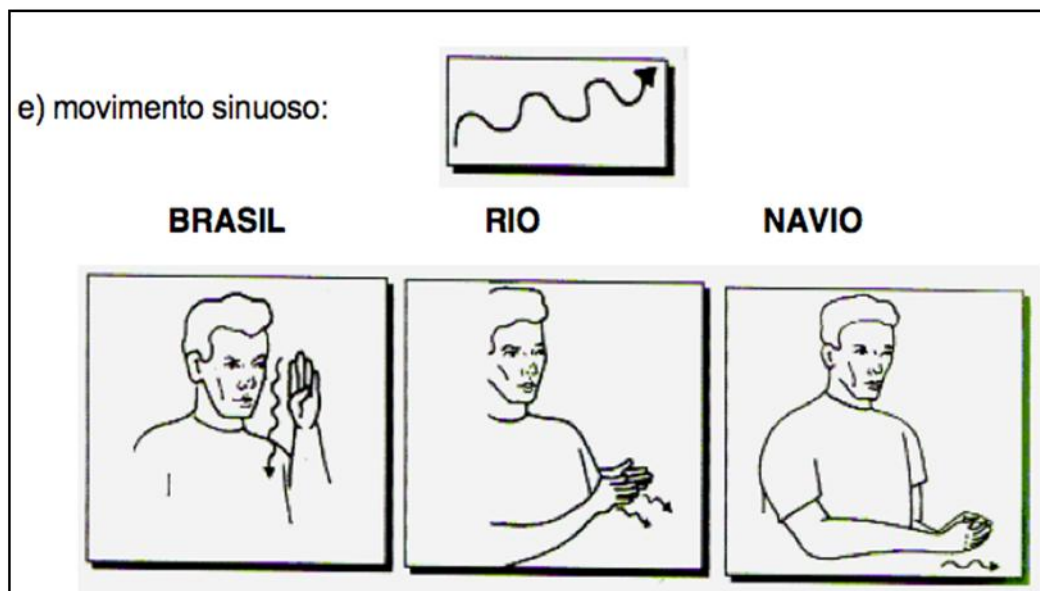
Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 22 - Movimento semicircular



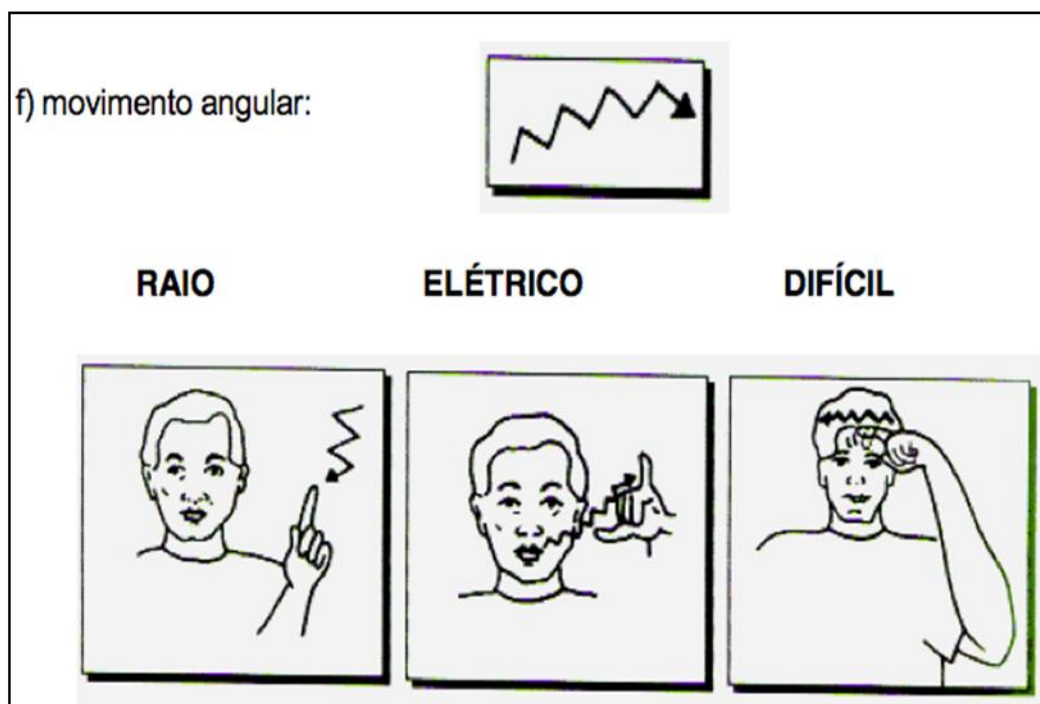
Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 23 - Movimento sinuoso



Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 24 - Movimento angular



Fonte: FERNANDES S.; STROBEL K *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Desse modo, fica estabelecido esta tipologia dos movimentos que ocorrem na Libras e que representam as variáveis da condição de uso do parâmetro movimento na Libras e que auxiliam nos estudos da variação linguística.

A seguir, apresentam-se discussões sobre a condição de uso paramétrico da direcionalidade na Libras.

### 3.4.4 Condição de uso paramétrico da Direcionalidade na Libras

Em revisão sobre a Direcionalidade, apresentam-se algumas referências. A orientação (Or) é um parâmetro sobre a disposição da palma da mão. (CASTRO JÚNIOR, 2011).

Castro Júnior, 2011 considera que é possível identificar seis tipos de orientações da palma da mão na Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita e para a esquerda. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 35).

Estelita-Barros (2008, p. 30) estabelece que as diferentes orientações da palma foram incluídas na ELiS como um parâmetro, pois a sua realização é independente da configuração de dedos. São elas:

Figura 25 - Orientações da palma

⌋	palma para frente
⌋	palma para trás
+—	palma para dentro (voltada para a linha medial)
++	palma para fora (voltada para a linha distal)
^	palma para cima
v	palma para baixo
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">           ⌋   ⌋   +—   ++   ^   v         </div>	

Fonte: ESTELITA-BARROS, Mariângela. Tese de Doutorado: ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. 2008. UFSC. p.75.

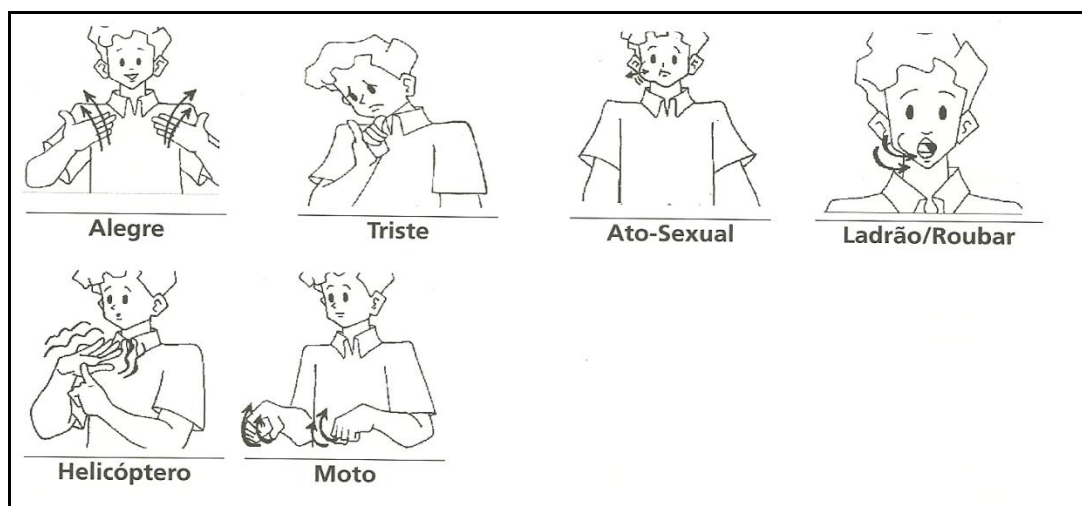
Deste modo, é importante ressaltar que não se pode ter formas aleatórias de orientações da palma da mão, sob o risco de promover formas que não seguem as estruturas paramétricas na Libras e que não colabora na seleção das variáveis da condição de uso da direcionalidade da Libras.

A seguir, apresentamos discussões sobre a condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais que envolvam os aspectos linguísticos da Libras.

### 3.4.5 Condição de uso paramétrico das Expressões faciais e gramaticais: aspectos linguísticos

O último parâmetro a ser discutido é o das expressões não manuais (ENM), que podem ter funções gramaticais na Libras. As ENMs podem movimentar as bochechas, os olhos, a cabeça, as sobrancelhas, o nariz, os lábios, a língua e o tronco. (NASCIMENTO, 2010, p. 17). Na figura 26, apresentam-se alguns exemplos, extraídos de Felipe (2007) quando discutiu o tema.

Figura 26 - Exemplo de algumas Expressões faciais em Libras



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: Curso Básico: Livro do estudante. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 7 ed. 188p. 2007.

As expressões afetivas podem ser usadas independentemente de elementos linguísticos, uma vez que é possível traduzir emoção através do olhar, da postura, dos gestos; ou revelar função fática e diferentes comportamentos através da entoação da voz ou das posições do corpo. Segundo Reilly (2006, p.266-267), “ao contrário do que ocorre com as expressões gramaticais não-manuais nas línguas de sinais, as emocionais são variáveis quanto à sua intensidade, e a sua duração é inconsistente”. Podem co-ocorrer com a “pronúncia” ou existir independentemente de um comportamento linguístico. Isso nos permite concluir que os sinais não-manuais gramaticais dependem de regras linguísticas específicas (ANATER, 2009, p.89). Conforme Coutinho (2000, p.47), “Muitas vezes a compreensão por parte dos surdos fica prejudicada, pois nem sempre os ouvintes têm facilidade em associar o sinal à expressão



facial. (...) Os sinais não podem ser feitos dissociados da expressão facial”. As expressões faciais ajudam a captar sentimentos e facilita o entendimento na comunicação.

Logo, Coutinho (2000, p. 47) completa o seu comentário quanto às expressões faciais: “Ela é uma grande aliada no reforço do que estamos sinalizando. Por isso, quando falamos em tristeza, amor, desejo, decepção, felicidade, ao realizarmos o sinal, nossa expressão facial deve estar em sintonia com o que estamos dizendo”. Quadros (2004, p. 60) utiliza o termo “Expressões não-manuais (ENM)” para designar não apenas as expressões faciais. Para a autora:

As expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco.

A expressão facial e/ou corporal é um fator diferenciador em alguns sinais-termo e o seu uso pode mudar o significado de um sinal-termo. Isso significa que, se uma forma de sinalizar um determinado sinal-termo levar à mudança no significado, isso não é variação, é outro sinal-termo.

A expressão facial e/ou corporal pode retratar interrogação, exclamação, negação, afirmação ou ordem. Segundo Kojima & Segala (2008, p. 27), “Existem sinais que são configurados da mesma maneira, mudando de significado conforme a expressão, pois a ênfase é que dá fluência às palavras”. Na sinalização de perguntas interrogativas, por exemplo, o movimento das sobrancelhas, da cabeça e a direção do olhar são fatores importantes para a construção correta das frases, assim como a postura que o corpo assume. Segundo Bahan (1996, p.48), “a maioria das informações/marcações linguísticas concentra-se na face do sinalizante”. O mesmo autor baseia sua afirmação nos estudos de Battison (1978), de onde foram selecionados aleatoriamente 606 sinais do Dicionário de Língua de Sinais Americana, de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), e observou que 75% dos sinais eram produzidos em torno da região da face (cabeça, rosto e pescoço), talvez porque a sinalização nessa área seja mais perceptível, segundo declaram Siple (1978) e Baker e Cokely (1980). Porém, ressalta Bahan (1996), a face e a parte superior do corpo exercem funções gramaticais importantes, alcançando o mesmo *status* de informação e estrutura gramatical e morfológica dos sinais manuais.

Siple (1978) confirma a importância linguística, quando afirma que, ao contrário do que os leigos pensam, os usuários das línguas de sinais não acompanham com o olhar a direção e o movimento do sinalizante. Somente desviam o olhar da região da face no

momento da datilologia, voltando novamente o olhar para a face assim que ela finaliza (*apud* BAHAN, 1996). Isso é reforçado por Baker-Shenk (1983), que observa o interessante fato de que a região de sinalização envolve também o tórax e o usuário também direcionaria o olhar para essa região. No entanto, isso não ocorre, confirmando, assim, a importância da informação gramatical expressa pela face e parte superior do corpo.

Como dito anteriormente, uma simples mudança na expressão facial pode mudar o significado do sinal. O contexto é também importante para discernir qual o “tom” que determinada expressão facial procura agregar ao sinal. Para Coutinho (2000, p. 47), “Os sinais não podem ser feitos dissociados da expressão facial. Ela é uma grande aliada no reforço do que estamos sinalizando (...), nossa expressão facial deve estar em sintonia com o que estamos dizendo”.

Ao observar, os autores Capovilla, Raphael e Mauricio (2009a e 2009b), percebe-se que eles estabelecem o registro dos sinais por meio de elo entre as expressões faciais e o sinal. No Novo Deit-Libras foram identificadas doze expressões faciais que representam sentimentos e sensações positivas, como na ilustração 27; vinte que representam sensações negativas, como mostrado na ilustração 28; catorze expressões faciais que representam sentimentos e sensações negativas, como mostrado na ilustração 29; vinte e quatro expressões faciais que representam estados e movimentos de face, como mostrado na ilustração 30. Todas essas expressões são usadas para compor os sinais.

Figura 27 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações positivas

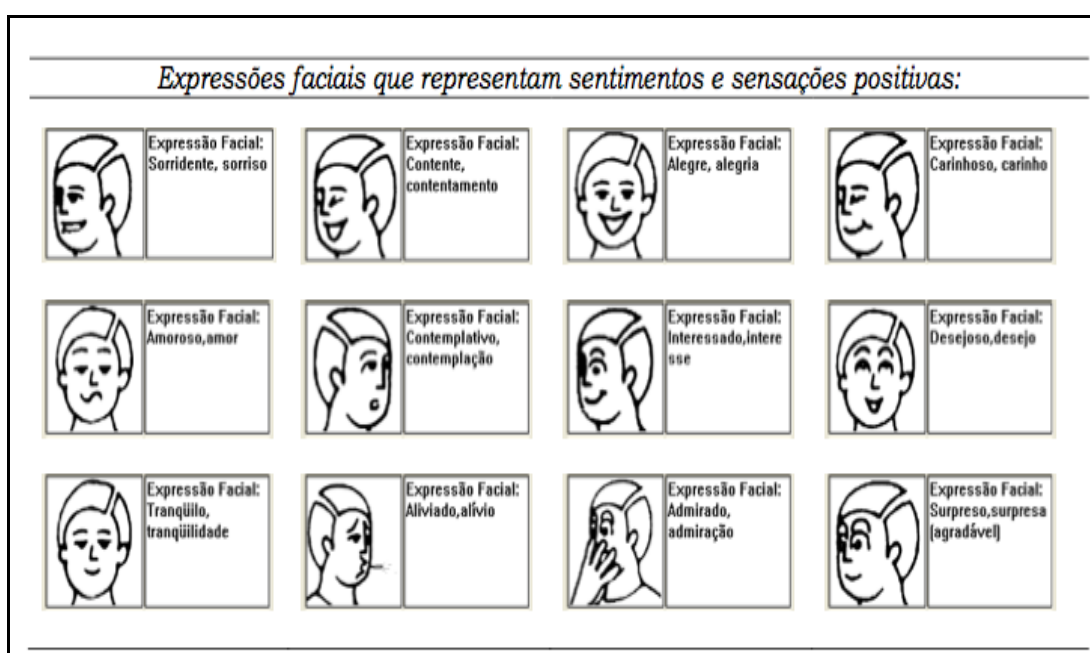


Figura 28 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações negativas



Figura 29 - Expressões faciais que representam sentimentos e sensações negativas

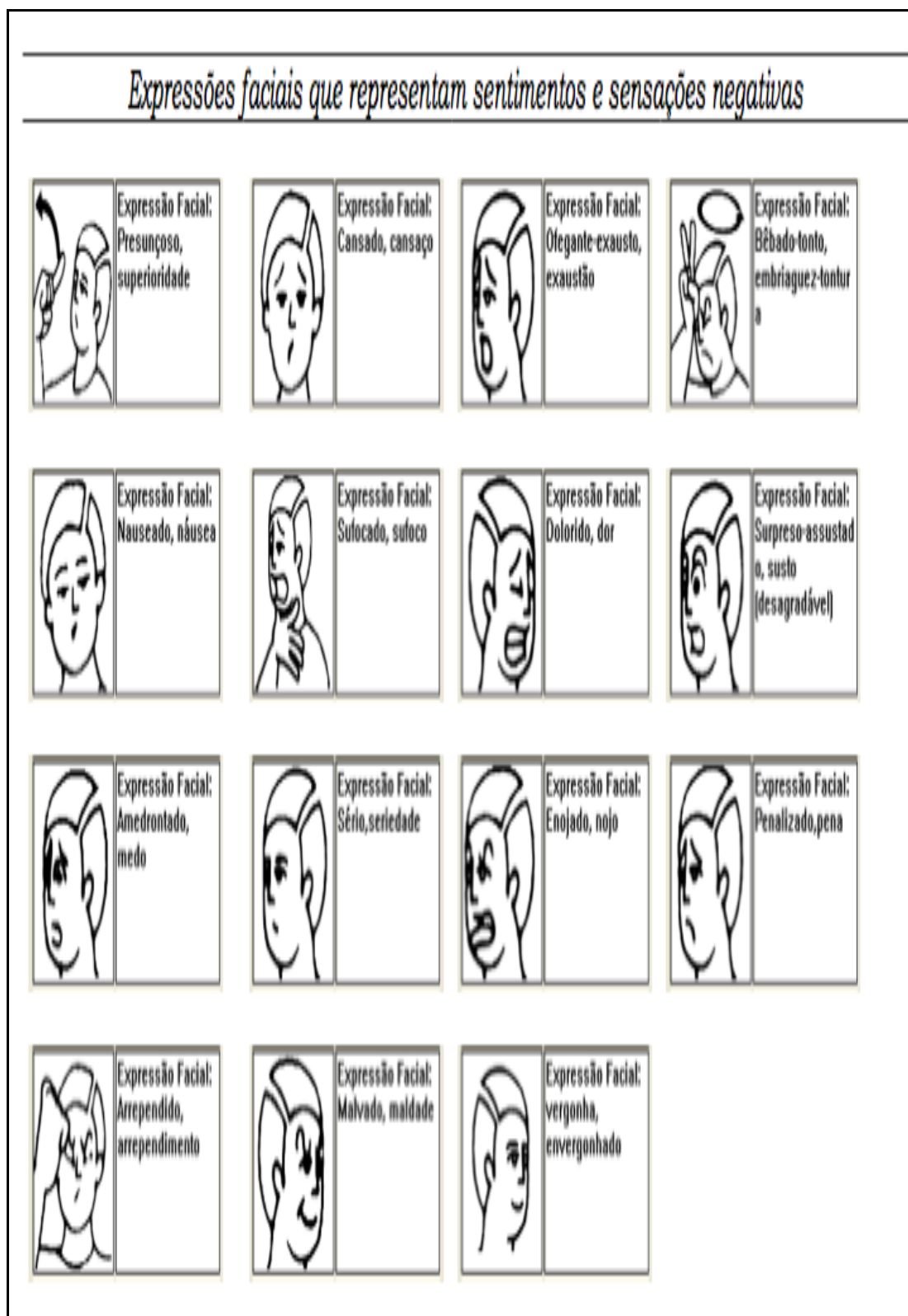
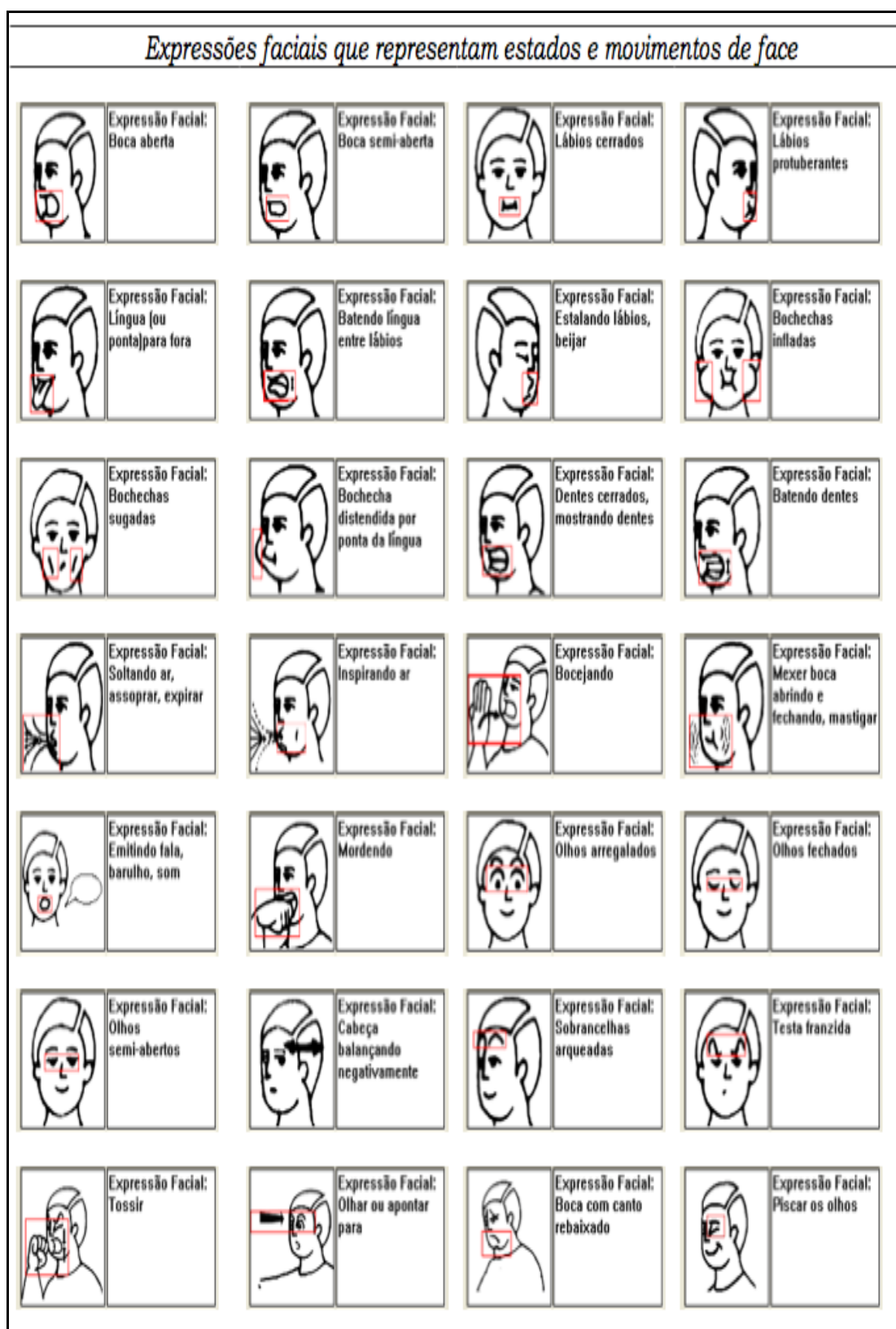


Figura 30 - Expressões faciais que representam estados e movimentos da face



Fonte: CAPOVILLA, RAPHAEL; MAURICIO. *Novo Deit-Libras*, 2009a, 2009b.

Assim, fica estabelecido a condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais da Libras que irá contribuir para os estudos da variação linguística em Libras.

Este capítulo apresentou de forma breve uma discussão sobre as condições de uso das condições paramétricas da Língua de Sinais Brasileira que apresentam traços linguísticos. Do nosso ponto de vista, essas descrições possibilitam o estudo da variação linguística, pois a Libras retém aparatos de fundo linguístico aplicáveis aos estudos da linguística da Libras. Os elementos significativos que comprovam que esta é uma língua natural demonstram também que é uma língua passível de análise, assim como as línguas orais.

## **CAPÍTULO IV- QUESTÕES METODOLÓGICAS: A CRIAÇÃO DO SITE VARLIBRAS**

---

### **4.1 – Introdução**

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para desenvolver a pesquisa de variação linguística da Libras por meio da divulgação do site do Projeto Varlibras. O método adotado nesta pesquisa segue o modelo de Faulstich (1995), o repertório de termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comportam definições. Esses léxicos contêm geralmente uma só área de conhecimento; no nosso caso, ampliamos a área. Nesta pesquisa o léxico alfabético – léxico será apresentado em ordem alfabética, sem as remissivas, será o léxico bilíngue na forma de LP/Libras.

Para elaborar o léxico alfabético de LP/Libras das disciplinas Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, tomamos como ponto de partida o conteúdo coletado por meio de questionários no site do Projeto Varlibras.

Assim, a metodologia, utiliza o resultado de uma pesquisa de campo, a qual auxilia na formação dos sinais-termo, com a finalidade de atender as necessidades comunicacionais entre os professores da educação de Surdos e os alunos Surdos, bem como dos usuários de Libras.

Para a criação e o registro, no banco de dados do Projeto Varlibras, do sinal-termo padrão e das variantes dos sinais-termo, analisamos as condições de uso por meio das variáveis, que são: configuração de mãos, movimentos, ponto de articulação, orientação de mão e expressões faciais e expressões corporais, que são importantes na formação dos sinais-termo e na formação visual-espacial da Libras, para assim ampliar as condições de aprendizagem do vocabulário dos alunos Surdos com os fundamentos linguísticos da Libras e do português.

O método de pesquisa para a coleta dos dados visou identificar e registrar a variação linguística da Libras, ao considerar o uso dos sinais pelos Surdos, para posterior registro dos sinais-termo das disciplinas Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química.

Os sinais-termo registrados foram identificados de acordo com os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) seleção dos termos em Português;
- 2) organização de questionários para cada disciplina;
- 3) registro dos sinais-termo para cada vídeo recebido e analisado, desde

que atendesse os requisitos metodológicos estabelecidos para a pesquisa;

- 4) validação dos sinais-termo no LabLibras – Laboratório de Linguística da Língua de Sinais Brasileira com a participação de Surdos e não-surdos usuários de Libras, estudantes do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília – UnB, professores de Libras da Universidade de Brasília – UnB e estudantes da graduação da Universidade de Brasília - UnB que desenvolvem pesquisas de iniciação científica sob a orientação do professor Gláucio Castro Júnior;
- 5) organização do léxico alfabético de LP/Libras de cada disciplina: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química.

A seguir, veremos dados sobre as fontes de recolha, os procedimentos de recolha e análise dos dados.

#### **4.2 - As fontes de recolha**

De todas as regiões do Brasil foram recolhidos dados: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, como mostra este mapa:





Dadas as características sociolinguísticas da amostra, os resultados de análise do questionário contemplam as variáveis estabelecidas neste estudo, que foram usadas para confirmar ou informar os resultados da análise do questionário, detectando-se aspectos de consenso, novos ou condicentes com os objetivos de nosso trabalho. Os resultados da pesquisa forneceram importantes informações sobre a dinâmica linguística da Comunidade Surda brasileira, como se pode ver adiante.

Com efeito, uma comunidade que se comunica por meio da Libras pode tornar-se efetivamente bilíngue quando alguns resultados linguísticos são registrados e considerados. Dentre eles, citem-se: i) manutenção dos sinais-termo da Libras para a compreensão e constituição das propriedades linguísticas conceituais do termo que apresentam maior frequência de uso e atendem as condições paramétricas para que se chegue à compreensão do significado; ii) mudança na língua que se processa pela substituição linguística que ocorre quando uma comunidade deixa de utilizar um determinado sinal-termo e passa a utilizar um outro sinal-termo, ou por considerá-lo mais funcional ou mais prestigiado socialmente ou por circunstâncias que impõem o abandono do sinal-termo, caso ocorra mudança na língua que auxilia na compreensão do significado; iii) mudanças linguísticas originadas pela influência de uma língua sobre a outra, podendo ter como resultado uma variedade nativa da língua que auxilia na compreensão do significado.

Segundo os investigadores desta área, as condições sócio-históricas e políticas, assim como as atitudes dos sinalizantes e as relações de força que se estabelecem entre as comunidades em presença determinam a probabilidade de ocorrência de uma ou outra das consequências referidas, e são importantes na constituição do estudo nesta tese. São variáveis difíceis de serem controladas, mas que podem interferir nos resultados. A seguir são apresentados os procedimentos de recolha e de análise dos dados.

#### **4.3 - Critérios para a seleção do sinal-termo.**

Uma das etapas do processo de criação de produtos lexicográficos e terminográficos é o estabelecimento de critérios para a seleção dos itens lexicais que farão parte do banco de dados do Projeto Varlibras.

O advento da Linguística de *Corpus* e as ferramentas de análise linguística permitiram a criação de listas de palavras de uma língua conforme a sua frequência. Tal recurso possibilitou que dicionários pudessem efetivamente compilar as palavras mais usadas de uma língua ou da linguagem especializada de uma área específica. Entretanto, o critério de frequência nem sempre é decisivo para a terminologia. Sabemos que termos pouco frequentes

também são importantes para o entendimento do conteúdo especializado de textos das áreas de Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química e, por isso, devem ser incluídos em obras terminográficas.

Nesta pesquisa, são considerados os seguintes critérios para seleção de termos: (i) a indicação de termos conhecidos e desconhecidos pelos Surdos; (ii) a indicação de termos importantes por parte dos professores especialistas, colaboradores na pesquisa; (iii) a frequência dos termos nos textos e nos materiais que são utilizados no ensino de Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química; (iv) a motivação e seleção efetiva dos sinais-termo pelo pesquisador com a colaboração de integrantes do projeto. A ordem em que esses critérios são apresentados acima corresponde à sua importância na seleção dos termos para compor o banco de dados do Projeto Varlibras.

A aplicação desses critérios listados aconteceu na fase de coleta e registro dos dados no Projeto Varlibras. Para identificar as necessidades dos usuários em relação aos termos conhecidos e desconhecidos, procurou-se, em primeiro lugar, que os informantes registrassem os sinais-termo para aqueles termos que são conhecidos. Ao registrar os vídeos, ficou claro que é no momento da situação informativa que estaria configurada a necessidade lexicográfica para a elaboração do banco de dados. A partir dos dados recolhidos, foi possível analisar o conjunto de sinais-termo com base nas condições paramétricas, uma das variáveis estabelecidas para as análises. A indicação de termos importantes por parte dos professores especialistas foi feita a partir de uma solicitação para que apontassem termos nas áreas de Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química considerados por eles relevantes para o registro da Libras. A frequência dos termos nos textos e materiais das áreas de Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química compôs o *corpus* para elaboração do questionário, a partir de glossários de cada área. A motivação e a seleção efetiva dos sinais-termo pelos pesquisadores colaboradores do projeto se manifestaram no momento em que, a partir dos dados coletados, tivemos que selecionar os termos que efetivamente iriam constituir a macroestrutura do léxico de cada disciplina, a saber: Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química para a composição dos seus respectivos léxicos.

#### **4.4 - Os procedimentos de recolha e de análise dos dados**

Para a recolha dos dados, selecionam-se seis disciplinas, a saber: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, para o estudo da variação linguística em Libras. Assim, feitas as escolhas dos termos das disciplinas, iniciei desde o ano de 2011 a coleta de

termos preliminares e, assim, com base nos postulados para a variação linguística, o primeiro procedimento foi verificar os dados da Libras correspondentes a termos de diferentes disciplinas da educação de Surdos e, para a execução da pesquisa, foram usados os seguintes procedimentos:

- 1) Verificação dos dados em Libras, correspondentes a termos das disciplinas Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, usados pelos Surdos e não-surdos, se são reconhecidos pelos Surdos e não-surdos de todas as diferentes regiões do Brasil;
- 2) Registro dos sinais-termo recebidos por meio dos questionários elaborados para cada disciplina;
- 3) Criação de sinais-termo, caso os usados pelos Surdos e não-surdos não fossem reconhecidos pelos Surdos e não-surdos;
- 4) Utilização do sinal-termo como termo-padrão, desde que reconhecidos pelos Surdos e não-surdos. Considerou-se como sinal termo-padrão aquele sinal que apresentam os seguintes critérios que são encontrados em todos os termos: [+] nome, a categoria gramatical do termo e [+] lexical para indicar que o termo é encontrado no conjunto de vocabulário da língua. Já os seguintes critérios são encontrados em um ou outro termo, dependendo de sua análise: [±] paramétrico, permite estabelecer as condições paramétricas de uso paramétrica a partir da base paramétrica e seguem as variáveis de uso dos parâmetros da Libras e o [±] social, quando a base paramétrica é igual nas formas variantes, é a condição de uso de um dos parâmetros que irá diferenciar a forma de sinalização dos sinais-termo, no nível de representação lexical que caracteriza as variantes lexicais de uso social que define os critérios de registro e a escolha da variante-padrão;
- 5) Apresentação dos sinais-termo padrão e variantes da Libras a usuários de Libras Surdos e não-surdos das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul;
- 6) Possibilidade de registro, caso haja, de novos termos-padrão e dos termos variantes no banco de dados do site do Varlibras.

Em seguida, passei à discussão com os membros do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira – LabLibras, das propostas para criar sinais-termo para os termos que não existiam, caso os termos usados pelos sinalizantes de Libras não fossem reconhecidos pelos falantes de Libras Surdos e não-surdos. Os membros do LabLibras são de diferentes

regiões do Brasil. Depois das discussões foi possível selecionar os termos-padrão, aqueles que forem reconhecidos pelos sinalizantes de Libras Surdos e não-surdos, e relacionar aos termos-padrão termos variantes, para registro, caso houvesse.

Durante a coleta de dados os Surdos e não-surdos respondiam a comandos. Caso houvesse sinal-termo para o termo da disciplina, marcavam SIM; caso não houvesse sinal-termo para o termo, marcavam NÃO. O pesquisador enfatizou que, ao marcar o comando SIM, o sinal-termo deveria ser filmado. Depois, os dados foram analisados, e os sinais-termo padrão e as variantes foram registrados.

Quanto aos Surdos e não-surdos que foram convidados para filmar e participar dos questionários, muitos apenas acessaram o site do Projeto VARLIBRAS e não participaram de fato, porém o pesquisador aproveitou para sinalizar os textos do site do Projeto VARLIBRAS para que as informações fossem acessíveis. Tendo em vista essa atitude positiva, obteve-se um número expressivo de sinais-termo.

É de nosso entendimento que um grupo pequeno pode não ser suficiente para representar toda a diversidade de uma sociedade, mas serve de amostra da variação buscada – e encontrada – na pesquisa que se realizou. Desse modo, para a disciplina Biologia, foram obtidos dados de oito (8) informantes, na disciplina Física, foram obtidos dados de quatro (4) informantes, na disciplina História, foram obtidos dados de cinco (5) informantes, na disciplina de Matemática, foram obtidos dados de cinco (5) informantes, na disciplina de Português foram obtidos dados de trinta e seis (36) informantes e na disciplina de Química foram obtidos dados de dois (2) informantes.

Outro procedimento utilizado foi o grupo focal como forma complementar para a coleta de dados. Os participantes do grupo foram orientados e tinham o objetivo de discutir sobre os termos da terminologia das disciplinas selecionadas para este estudo e analisar as variantes dos termos para a escolha da variante-padrão.

Como as discussões do grupo foram preestabelecidas, foi possível interagir.

As discussões fluíram, e, às vezes, elas tomavam outros rumos, o que em nada prejudicou a pesquisa, ao contrário, a beneficiou. Os entrevistados, ao desencadearem outro assunto, criaram um contraste que me levou a aproveitar os aportes, organizar os dados e os resultados.

#### **4.5 - Criação do Site Varlibras.**

O site Varlibras foi criado pelo próprio pesquisador, através do domínio <http://varlibras.com.br>. Todo o custeio do site e os recursos financeiros necessários para a

manutenção do site foram pagos pelo pesquisador. A seguir, serão demonstrados todos os passos que permitem visualizar a página principal de divulgação do site:

Figura 31 – Site Varlibras

**O Projeto VARLIBRAS**

O projeto VARLIBRAS (Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da LIBRAS) tem por objetivo geral registrar sinais-termos que são usados nas cinco regiões brasileiras. Contará com a parceria de pesquisadores de instituições e universidades brasileiras.

O projeto constituiu o Banco de Dados VARLIBRAS.

O VARLIBRAS tem como propósito: i) dar apoio às pesquisas futuras que venham a contribuir para o desenvolvimento da LSB e para a valorização da diversidade cultural e linguística brasileira; ii) possibilitar o reconhecimento de sinais-termos padrão e variantes da LSB; iii) fornecer dados para a elaboração de materiais e de registros videográficos em LSB.

É um projeto desenvolvido e sedimentado na Universidade de Brasília - UnB, Instituto de Letras - IL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lextern, Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira - LabLibras, sob a coordenação de Gláucio Castro Júnior e participação de Enilde Faulstich, Messias Costa, Patrícia Tuxi e estudantes de graduação e pós-graduação.

Tweetar Curtir +1

Na página principal do site Varlibras, há uma apresentação inicial sobre o projeto, para que os participantes Surdos e não-surdos possam ler e entender o critério que a pesquisa estabelece para a divulgação e os objetivos. Há um vídeo gravado pelo pesquisador Castro Júnior em Libras para que os Surdos possam entender o contexto do projeto Varlibras e discutir com os não-surdos os sinais da área de pesquisa, se for o caso.

Figura 32 - Apresentação do projeto Varlibras na LP e na Libras



**O Projeto VARLIBRAS**

O projeto VARLIBRAS (Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da LIBRAS) tem por objetivo geral registrar sinais-termos que são usados nas cinco regiões brasileiras. Constará com a parceria de pesquisadores de instituições e universidades brasileiras.

O projeto constituiu o Banco de Dados VARLIBRAS.

O VARLIBRAS tem como propósito: i) dar apoio às pesquisas futuras que venham a contribuir para o desenvolvimento da LSB e para a valorização da diversidade cultural e linguística brasileira; ii) possibilitar o reconhecimento de sinais-termos padrão e variantes da LSB; iii) fornecer dados para a elaboração de materiais e de registros videográficos em LSB.

É um projeto desenvolvido e sedimentado na Universidade de Brasília - UnB, Instituto de Letras - IL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira - LabLibras, sob a coordenação de Gláucio Castro Júnior e participação de Enilde Faulstich, Messias Costa, Patrícia Tuxi e estudantes de graduação e pós-graduação.

Dentro da página principal, os participantes Surdos ou não-Surdos podem clicar na parte de cima da palavra Varlibras, onde há o acesso para contato, banco de dados e questionários (veja a figura 33). O participante ao clicar no banco de dados, verá uma explicação na LP e em Libras sobre o projeto do Varlibras (veja as figuras 34 e 35).

Figura 33 - Parte do site onde aparecem contato, banco de dados e questionário do site Varlibras



Figura 34 - Demonstração ao clicar no banco de dados

**APRESENTAÇÃO**

O acervo base do projeto VARLIBRAS é constituído por entrevistas das regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

As entrevistas são vídeos em Libras, onde são visualizados os sinais-termos e reproduzidos pela equipe de filmagem do Projeto VARLIBRAS, para a organização, o registro e a divulgação desses vídeos. Para obtenção e amostragem dos sinais-termos, levaram-se em consideração as seguintes características sociais: sexo (masculino e feminino), faixa etária (jovem e adulto), escolaridade (0 a 5 anos de estudo e 5 a 11 anos de estudo) e entrevistas dirigida e livre, visto que optamos por trabalhar com esses tipos por dois motivos: primeiro: instigar o informante a mencionar a forma de sinalizar um determinado termo de que precisaremos para realizar nossa pesquisa; segundo: possibilitar a sinalização espontânea, embora nem sempre os informantes pronunciem todos os termos que queremos coletar. A sinalização espontânea é feita de maneira bem informal, sem que o sinalizante se preocupe com a presença da câmera.

Figura 35 - Continuação da demonstração ao clicar no banco de dados




**BANCO DE DADOS VARLIBRAS**

É um banco composto por registros videográficos, coletados em diferentes regiões do Brasil e encaminhados por Surdos e falantes de LSB, de acordo com as variáveis estabelecidas neste projeto. Trata-se de um banco de dados linguísticos e socioculturais para estudos da variação linguística em LSB, que leva em conta a fonologia, a morfologia, a sintaxe em vista dos estudos do léxico. O banco de dados VARLIBRAS contempla termos em forma de glossários das seguintes disciplinas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química.

Ao clicar no questionário, o participante verá na página do site a explicação em LP e em Libras sobre o questionário de cada disciplina a que for responder.

Figura 36 - Demonstração dos questionários do projeto Varlibras



**Este questionário tem o objetivo de ajudar o pesquisador a construir informações sobre a Variação Linguística da Língua de Sinais Brasileira - LSB. A pesquisa faz parte da Tese de Doutorado em Linguística pela UnB.**

**Solicito, por gentileza, um pouco do seu tempo para responder a estes dois questionários abaixo. Sua colaboração é muito importante. Você não será identificado. Desde já, agradeço pelo apoio que você está dando a este trabalho de pesquisa em Linguística.**



Há um questionário inicial para a coleta de dados do informante. Assim que o participante aceitar responder ao questionário, deve encaminhar pelo e-mail varlibras@gmail.com o termo de consentimento - livre e esclarecido. Os participantes que desejam participar da pesquisa deverão assinar, e o pesquisador afirma nesse termo que garante a privacidade e o caráter de anonimato de cada participante.

No questionário inicial, há as seguintes perguntas que o pesquisador pede para os participantes responderem:

Figura 37 - Modelo do questionário inicial

<p><b>QUESTÕES</b></p> <p>VOCÊ É: SURDO ____ OUVINTE ____</p> <p>1) SEXO MASCULINO ____ FEMININO ____</p> <p>2) FAIXA ETÁRIA</p> <p>A) 15 ANOS - 20 ANOS B) 21 ANOS - 40 ANOS C) MAIS DE 40 ANOS</p> <p>3) ESCOLARIDADE</p> <p>A) FUNDAMENTAL B) ENSINO MÉDIO C) ENSINO SUPERIOR D) PÓS-GRADUAÇÃO</p> <p>4) QUAL A SUA REGIÃO?</p> <p>A) NORTE B) NORDESTE C) SUL D) SUDESTE E) CENTRO-OESTE</p> <p>5) QUAL O ESTADO E MUNICÍPIO ONDE NASCEU? _____</p> <p>6) QUAL O ESTADO E MUNICÍPIO QUE RESIDE ATUALMENTE? _____</p>
--

Depois do questionário inicial para a coleta de dados dos informantes, vem o questionário para a coleta de sinais-termo em Libras. O participante precisa escolher uma das áreas específicas para responder ao questionário, pois há seis tipos de questionário com as seguintes áreas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química. Após concluir a resposta do questionário, o participante deve encaminhá-lo para o email varlibras@gmail.com. Segue um exemplo de como é o questionário para a coleta dos sinais-termo de uma das disciplinas contempladas na pesquisa – Biologia.

Figura 38 - Modelo do questionário da coleta dos sinais-termo

### QUESTIONÁRIO - PROJETO VARLIBRAS – BIOLOGIA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DEPARTAMENTO DE PORTUGUÊS, LINGUÍSTICA E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Sou aluno de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília – UnB, sob orientação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Enilde Faulstich. Solicito a participação e colaboração como descrevo a seguir.

O objetivo de minha pesquisa é registrar sinais-termos, forma padrão e variantes na LSB, da disciplina Biologia em Língua de Sinais Brasileira - LSB. Para realização dessa pesquisa, solicito a gentileza de realizar os procedimentos de pesquisas.

Acrescento que as informações obtidas serão restritas a essa pesquisa.

**O pesquisador garante privacidade e o caráter de anonimato de sua participação.**

Agradeço a sua colaboração.

Concordo em participar da pesquisa. Fui devidamente orientado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, acerca dos procedimentos envolvidos, assim como os possíveis benefícios decorrentes deste trabalho acadêmico para a Libras. Dessa forma, autorizo a utilização do conteúdo nas etapas de análises da pesquisa, desde que seja mantida a PRIVACIDADE E O CARÁTER DE ANONIMATO DE MINHA PARTICIPAÇÃO.

( ) SIM ( ) NÃO

## PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

A análise dos termos de Biologia consiste em visualizar os termos listados abaixo da área de Biologia e informar se existe ou não sinais-termos em Libras para esses termos. Marquem, ao lado de cada termo, SIM para aqueles termos que já tem sinais-termos em Libras e NÃO para aqueles sinais que não tem sinais-termos em Libras.

**ATENÇÃO:** Sempre que clicar no comando SIM, deverá gravar o vídeo do sinal-termo em Libras e anexar o link do [Youtube](#) para encaminhar. Caso marque NÃO, não precisa gravar o sinal-termo. Importante lembrar que, caso o termo apresente algumas variantes, estas também tem que ser sinalizadas e enviadas para o registro, que será organizado no banco de dados.

### TERMOS DA ÁREA – BIOLOGIA

1. ABIÓTICO ( ) SIM ( ) NÃO
2. AERÓBICO ( ) SIM ( ) NÃO
3. ANFÍBIO ( ) SIM ( ) NÃO
4. ANGIOSPERMA ( ) SIM ( ) NÃO
5. ANTIBIÓTICO ( ) SIM ( ) NÃO
6. ANTICORPOS ( ) SIM ( ) NÃO
7. ANTÍGENO ( ) SIM ( ) NÃO
8. AUTÓTROFOS ( ) SIM ( ) NÃO
9. BACTÉRIA ( ) SIM ( ) NÃO
10. BIOCENOSE ( ) SIM ( ) NÃO
11. BIODEGRADÁVEL ( ) SIM ( ) NÃO
12. BIODIVERSIDADE ( ) SIM ( ) NÃO
13. BIOMA ( ) SIM ( ) NÃO
14. BRIÓFITAS ( ) SIM ( ) NÃO
15. CADEIA ALIMENTAR ( ) SIM ( ) NÃO
16. CÂNCER ( ) SIM ( ) NÃO
17. CARBOIDRATOS ( ) SIM ( ) NÃO

O participante analisará os termos das disciplinas escolhidas da sua área e informará se existem ou não sinais-termo em LSB. Depois marcará com um X, ao lado de cada termo, SIM para aqueles termos que já têm sinais-termo em Libras e NÃO para aqueles sinais que não têm sinais-termo em LSB. Se o participante marcar o comando SIM, deverá gravar o vídeo do sinal-termo em LSB e anexar o link do Youtube para encaminhar para o pesquisador. Caso marque NÃO, nada será gravado. É importante lembrar que, caso o termo apresente algumas variantes, estas também têm que ser sinalizadas e enviadas para o registro, que será organizado no banco de dados.

#### **4.6 - Variáveis para a recolha dos dados.**

Uma variável é concebida como dependente, no sentido de que a escolha de formas variantes não se dá de forma aleatória, mas por influência de diversos fatores. Essas variáveis podem ser estruturais, quando pertencem à natureza interna da língua (linguísticas), ou sociais, quando pertencem à natureza externa da língua (extralinguísticas). De uma forma ou de outra, elas exercem influência sobre o uso, intensificando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. As variantes podem permanecer estáveis durante um período curto de tempo ou até por séculos, como também podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste último caso, as formas substituem outras, as quais deixam de ser usadas. Isso configura um fenômeno de mudança em progresso. Assim, é apresentada a seleção das variáveis que servirão de base neste estudo.

##### **4.6.1 - Seleção das variáveis**

Algumas questões, referidas como “variáveis”, tais como o ambiente, relacionado à origem das variações regionais, a situação geográfica ou a origem social, e fatores como o interacional, na relação e na conversa, o da idade, o de estratégias de aprendizagem e os fatores culturais precisam ser considerados. (QUADROS, 1999).

Para a realização desta pesquisa, é necessário selecionarmos as variáveis independentes e, seguindo a linha adotada por Labov (1966), selecionarmos as seguintes variáveis:

##### **a) Gênero<sup>11</sup>**

- masculino
- feminino

William Labov (1972) procurou demonstrar que existem diferenças na fala de homens e mulheres, as quais podem resultar na ocorrência de variação e mudanças linguísticas. Além disso, as pesquisas têm demonstrado que as mulheres são mais propensas a utilizar os novos vocábulos, em situação de mudança linguística, do que os homens. Já nas situações estáveis, são os homens que tendem a usar mais as formas que não são padrão.

---

<sup>11</sup> Labov utilizou em suas publicações o termo Sexo e nesta pesquisa optamos por usar o termo gênero.

Outro motivo que influencia a utilização da variante de menor prestígio pelos homens é o fato de terem durante muito tempo gozado da supremacia perante as mulheres. Assim, a escolha da variante de maior prestígio ser a usada por mulheres seria uma forma de contestar essa supremacia, principalmente nas situações que envolvam os poderes econômico e político. Há também uma crença popular que afirma que as mulheres falam mais corretamente que os homens. Visto dessa forma, as crianças estariam mais propensas a utilizar as formas empregadas pelas mulheres, uma vez que são estas que cuidam mais diretamente das crianças durante a fase de crescimento (LABOV, 1991). Nossa hipótese, na aplicação dessas variáveis, é a de que os homens tendem a “apagar” mais do que as mulheres, conforme mostra os estudos de Martins, 2004, p.46). Contudo, não é essa a preocupação de uma pesquisa que se propõe a investigar as diferenças linguísticas relacionadas ao gênero. O fator mais relevante em nosso estudo são as discrepâncias, em relação a cada gênero, no uso das estruturas paramétricas da língua.

As diferenças linguísticas decorrentes do gênero existem porque a língua, como fenômeno social, está intrinsecamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, já que a sociedade lhes impôs papéis distintos e lhes cobra comportamentos distintos. A língua reflete as diferenças de gênero, que são consequências de diferenças sociais. (VIEIRA, 2011, p. 8).

#### **b) Faixa etária**

- jovem (de 20 a 40 anos)
- adulto (mais de 40 anos)

A divisão dos informantes em faixas etárias tem por objetivo demonstrar se a diferença de idade interfere no emprego de determinadas variantes. Os estudos variacionistas encontram nessa variável extralinguística um fator significativo para que se possa afirmar se um fenômeno linguístico está em estado de variação ou mudança. Segundo Labov (1981), muitas mudanças empregadas sob o rótulo de *mudança em progresso* poderão, na realidade, não estar em andamento, mas em variação estável. A afirmativa é a de que, quando os jovens empregam mais uma variante do que os velhos, é porque está ocorrendo uma mudança em progresso, ou seja, está havendo a ocorrência de uma forma em prejuízo de outra.

Labov (1966) salientou que os jovens utilizam mais as formas novas, uma vez que são mais propensos às inovações fonológicas, ao passo que os mais velhos são mais conservadores. Nosso objetivo, ao selecionar as variáveis, referentes à idade, é ratificar ou

contradizer tal afirmação. Para tal, dividimos nossos informantes em dois grupos: jovens (com idade entre 20 e 40 anos) e adultos (com idade superior a 40 anos).

A variável faixa etária tem atuado de modo muito produtivo nos estudos sociolinguísticos. Para Tarallo (2010), a correlação desse fator com as variantes linguísticas pode sinalizar duas realidades: 1) estabilidade, quando não há nenhuma correlação entre a faixa etária e os fenômenos linguísticos observados; 2) mudança em progresso – quando a ocorrência da variante inovadora é mais frequente entre os jovens e decresce na faixa etária mais avançada.

### **c) Escolaridade**

- 0 a 5 anos de estudo
- de 5 a 11 anos de estudo

Com base no estudo do inglês falado em Nova Iorque, Labov (1966) ressalta a influência da variável nível de escolaridade em relação ao uso das variantes inovadoras. O linguista concluiu que os/as falantes menos escolarizados/as usavam mais as formas não padrão, ao passo que as variantes padrão ocorriam de modo mais constante na fala das pessoas mais escolarizadas. Essa é a tendência que tem sido encontrada na maior parte dos trabalhos quantitativos.

Procuramos verificar, com essas variáveis, qual a influência da escolaridade na ocorrência de variantes. Sabemos que os mais escolarizados tendem a empregar mais a norma padrão. Isso se deve ao fato de na maioria das vezes a escola dar pouca relevância à variante não padrão até mesmo, em alguns casos, menosprezando a variante daqueles de classe social inferior. Labov (1966) salienta, em seu estudo do inglês de Nova Iorque, que, embora os alunos estivessem em contato direto por dez ou doze anos com o inglês *standard*, ensinado pelos professores, ainda assim não o utilizavam na fala. Segundo ele, isso ocorre porque a variante empregada pelas pessoas no dia a dia faz parte de processos subjacentes, e não simplesmente de escolha consciente do usuário da língua. Nossa expectativa é de que os mais escolarizados tendam a utilizar mais a variante padrão, ao passo que os que têm pouca ou nenhuma escolaridade apresentem uma maior frequência de uso de variantes, que não a padrão de um determinado termo.

### **d) Tipo de entrevista**

- dirigida
- livre

A entrevista é outro fator que tem papel importante na representatividade do uso da língua. Para que obtivéssemos dados significativos, optamos por empregar a entrevista estrutural.

Esse tipo de entrevista possibilita-nos a separação entre o estilo formal e o informal. Labov (1972) enfatizou que o estudo da língua deve ocorrer em situações *naturais* no ato da comunicação.

Optamos por trabalhar com esses estilos por dois motivos: primeiro instigar o informante a mencionar a forma de sinalizar um determinado termo de que precisaremos para realizar nossa pesquisa; segundo, observar a sinalização espontânea, pois, embora nem sempre os informantes pronunciassem todos os termos que queríamos coletar, eles o fazem de maneira bem informal, sem se preocuparem com a presença da câmera.

#### **4.7 - A pesquisa científica em variação linguística**

Como já sabemos, a Libras tem como base cinco parâmetros: a configuração de mão, o ponto de articulação (de onde parte o movimento), o movimento propriamente dito, a direcionalidade (para onde as palmas das mãos se dirigem), e as expressões faciais e corporais, que podem ser gramaticais e lexicais. A variedade linguística dos sinais-termo ocorre, em alguns estados, quando se modifica ao menos um desses parâmetros.

A riqueza da Libras repousa justamente nos elementos chamados de condição paramétrica, e estes, nas línguas de sinais, constituem a estrutura gramatical, semântica e discursiva, tais como movimentos de sobrancelhas, jogo de olhares, meneação de ombros e de cabeça, "balanço" ao sinalizar, leveza ou ênfase no movimento, duração do olhar ou do movimento no ar, maior ou menor amplitude do espaço de sinalização, dentre outros.

Assim sendo, a Libras caracteriza-se por possuir um universo linguístico próprio, quase desconhecido por quem ainda não experimentou constituir sentidos com termos-imagens. Além disso, a grande diversidade de sinais-termo contribui para enriquecer e valorizar a Libras como uma língua.

No decorrer da pesquisa, foi possível demonstrar termos variantes e termos padrão de diversas áreas do conhecimento de interesse dos estudantes Surdos, e os registros desses termos foi considerado pela grande maioria importantíssimo para a valorização da Libras. Isso se justifica pelo fato que os Surdos e profissionais da educação de Surdos anseiam por um recurso que possibilite o conhecimento e a divulgação de sinais-termo padronizados no Brasil.

Pesquisas na área de variação linguística em Libras, em desenvolvimento pelo pesquisador Castro Júnior (2008, 2009 e 2010), sob orientação de Enilde Faulstich, tornam possível demonstrar termos variantes e termos-padrão de diversas áreas do conhecimento de interesse dos estudantes Surdos. Reafirmamos que a criação de núcleo que possibilite debate e orientação e que funcione para compartilhar o conhecimento e a divulgação de sinais-termo padronizados no Brasil.

Os estudos que a linguística tem desenvolvido ultimamente ao analisar os fenômenos recorrentes na língua vêm aos poucos ganhando espaços dentro de alguns compêndios que servem de apoio para que os autores Surdos aproveitem as pesquisas da Libras e passam a perceber a necessidade de pesquisar e analisar o que de fato ocorre na língua.

Nesse sentido, podemos comentar o que Strobel e Fernandes (1998) nos apresentam sobre variação linguística, a Libras apresenta dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais, o seu caráter de língua natural. As autoras apresentam exemplos de variação: regionais, sociais e de variação relacionada a mudanças históricas.

Para Faulstich *et. al.* (2003), a variação se dá de diferentes formas. Vê-se que Faulstich *et. al.* apresentam a variação lexical e semântica e mostram as ocorrências de variantes em épocas diferentes e em lugares diferentes. O método utilizado para a pesquisa é o da comparação entre as informações apresentadas em dois dicionários, com abordagens diferentes: o dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, que descreve a língua no seu processo histórico, o diacrônico, e o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, que descreve a visão contemporânea que se tem da língua, a sincrônica.

Assim, a partir da análise de textos, as autoras Faulstich *et. al.* mostraram que o conjunto de vocábulos relativos forma um campo lexical de determinada área, e o campo lexical é o conjunto de unidades lexicais que representam uma determinada área da realidade. Também evidenciaram a ocorrência de variação na realização linguística e na variação gráfica.

Além dessas pesquisas, as autoras Faulstich *et. al.* também mostraram considerações sobre o léxico, que se compõe de unidades linguísticas, especificamente denominadas unidades lexicais, que na língua, são identificadas como lexemas e, no discurso, como lexias. A unidade de vocabulário é o vocábulo, e a unidade de *corpus* especializado é o termo.

Pensar em uma classificação para a organização dos dados terminológicos para a organização de bancos de dados da Libras serve, principalmente, para as discussões teóricas,



uma vez que, na prática didática, a metalinguagem corrente utiliza vocabulário como a expressão metodológica que responde às tarefas de ensino, de aprendizagem, de aquisição e de ampliação de novos significados e possibilita uma prática mais direcionada. Assim, a partir dessas percepções, é possível focar e direcionar a pesquisa deste estudo com base na investigação dos significados das unidades lexicais decorrentes da variação linguística que mostra a necessidade de organização do banco de dados terminológicos da Libras, que possibilita a ampliação do vocabulário. Para dar o tratamento correto ao uso do vocabulário no ensino ou na vida cotidiana busca-se apoio nas ideias de Faulstich (2002, p. 90-103, *apud Salles et. al.*). Afirma Faulstich que ampliar o vocabulário é acrescentar ao vocabulário fundamental unidades lexicais do vocabulário comum e completá-los com termos de áreas especializadas das ciências, da tecnologia, das artes e de outros meios sociais.

Na comunicação cotidiana, o falante usa o vocabulário ativo, que compõe o acervo lexical comum, porém, em situações específicas, as unidades lexicais que pertencem ao vocabulário passivo são ativadas e atualizadas no discurso. (FAULSTICH, 2002, p. 94, *apud Salles et. al.*).

No caso da Libras, a situação específica está diretamente relacionado à comunicação sinalizada.

O vocabulário de uma língua é ampliado ou enriquecido à medida que o falante aumenta sua convivência sociocultural e procura indagar metodicamente o significado de sinais desconhecidos e, nesse caso, o dicionário é um importante documento de consulta, que auxilia o usuário a compreender os significados dos sinais e a aprender os significados de outros sinais que não fazem parte de seu vocabulário, para então usá-los com propriedade. (FAULSTICH, 2002, p. 94, *apud Salles et. al.*).

Usar o vocabulário com propriedade significa inserir as palavras em contextos adequados e obter a coesão lexical no discurso. A coesão deve ser vista como um fenômeno linguístico que organiza a configuração lexical e gramatical de um texto. (FAULSTICH, 2002, p. 94, *apud Salles et. al.*).

Na coesão gramatical, operam elementos que pertencem a inventários fechados do sistema da língua, a coesão lexical se organiza por meio de unidades lexicais que pertencem às séries abertas da língua, por isso é mais complexa e só pode ser identificada no vocabulário em uso. (FAULSTICH, 2002, p. 94, *apud Salles et. al.*).

Para que haja coesão lexical, é preciso que, no texto, ocorra relação entre duas ou mais unidades lexicais. Se dessa relação decorrer uma linha isotópica no interior do texto, é porque as unidades lexicais envolvidas geraram relações semânticas, com base em elementos

de referência e de correferência equivalentes, responsáveis pela dimensão do significado textual. (FAULSTICH, 2002, p. 94, *apud* Salles *et. al.*).

Então, a referência é a entidade (coisa, objeto, ser, fato, fenômeno, dentre outros) sobre a qual estamos nos referindo numa situação discursiva. A referência é apresentada no discurso por meio de unidades lexicais que a denominam e que lhe dão o conteúdo de significação. (FAULSTICH, 2002, p. 95, *apud* Salles *et. al.*).

A comunicação será mais bem-sucedida se, durante a comunicação, houver interação entre os interlocutores, isto é, se todos conseguirem identificar a entidade referida e, no processo comunicativo, a correferência também é um elemento coesivo. Uma vez enunciada uma situação, a progressão comunicativa se desenrola por meio de identidades referenciais de um segmento enunciado anteriormente. Tais identidades referenciais estruturam a correferencialidade e podem ser identificadas como repetição lexical ou como substituição lexical. (FAULSTICH, 2002, p. 95-96, *apud* Salles *et. al.*).

A repetição da unidade lexical manifesta variações da denominação do referente. As situações de oralidade são as mais favoráveis à repetição de palavras, proporcionadas pela espontaneidade da fala. Assim, a repetição é um dos processos de reiteração das ideias do texto e de inter-relação entre elas. (FAULSTICH, 2002, p. 96, *apud* Salles *et. al.*).

Um dos processos utilizados para reiterar e para inter-relacionar unidades lexicais é o que estabelece relações entre hiperonímia e a hponímia, em que o genérico e o específico organizam as informações. (FAULSTICH, 2002, p. 96, *apud* Salles *et. al.*).

A substituição lexical é outro recurso de inter-relação entre as ideias na comunicação e se manifesta por meio da sinonímia. A sinonímia estabelece relação semântica de equivalência do significado das unidades lexicais envolvidas e se apresenta como variação semântica da denominação da coisa em referência. Os sinônimos são, por conseguinte, variantes coocorrentes, porque são denominações que focalizam um mesmo referente. Entre as variantes coocorrentes há compatibilidade semântica, uma vez que elas se equivalem no plano do conteúdo. (FAULSTICH, 2002, p. 97-98, *apud* Salles *et. al.*).

Assim, a língua nunca é idêntica em todas as suas manifestações. Isso significa que as línguas variam e promovem, conseqüentemente, o surgimento de variantes. As variantes podem ocorrer de época para época, de lugar para lugar, de classe social e de acordo com a situação de formalidade ou de informalidade. (FAULSTICH, 2002, p. 98, *apud* Salles *et. al.*).

A variação linguística é uma temática para estudos e pesquisas que buscam mostrar a verdadeira identidade sociocultural do falante. É preciso considerar a variação

linguística como fato real presente no dia a dia das pessoas. As instituições de ensino devem compreender, de uma vez por todas, que seus alunos falam de maneira diferente, e isso deve ser não só estudado, como, também, especialmente, valorizado. Deve-se ensinar que a língua que o Brasil fala é multifacetada, mas que há uma variante ou dialeto de prestígio, que todos têm que aprender, pois é através desta que se tem acesso a bens culturais mais valorizados. Os livros didáticos e outros materiais devem não só mostrar uma variação, um recorte do real, mas, sim, o real como todo; mostrar e exemplificar a fala de São Paulo, do Sul, do Sudeste e também do Nordeste, com todas as variantes regionais.

Já aparece nos documentos que orientam o Ensino Fundamental (Parâmetros Curriculares Nacionais PCN) a indicação clara para que sejam trabalhadas em sala e aula questões que têm como foco a variação linguística. Como podemos observar a partir da citação retirada dos documentos PCN de Língua Portuguesa que orientam o Ensino Fundamental “Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua, para expandirem as possibilidades e uso da linguagem e a capacidade de análise crítica”. (PCN 2001, p. 33).

Como os Surdos estão inseridos no ensino de Língua Portuguesa, muitos termos são analisados e estudados para que se chegue ao sinal-termo e o registro deste seja efetivo e validado. No próximo item do capítulo, apresentaremos os procedimentos para a validação e organização dos dados da pesquisa.

#### **4.8 Os procedimentos para validação e organização dos dados**

Para constituir os dados, optamos inicialmente por selecionar termos das seguintes disciplinas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química para o estudo da variação linguística na Libras. Assim, feitas as escolhas dos termos para a composição do questionário de cada disciplina a partir de um glossário em Língua Portuguesa de cada uma delas, iniciamos a coleta de dado preliminar, por meio da aplicação de um questionário e, assim, com base nos procedimentos para a pesquisa em língua de sinais, o primeiro procedimento foi verificar se os dados em Libras correspondem ao que é registrado nas obras lexicográficas e se são reconhecidos pelos Surdos e não-surdos que comunicam por meio da Libras.

Depois, esse procedimento foi discutido com pesquisadores convidados a fazer parte do diálogo da pesquisa, para que fosse possível criar sinais-termo para os termos que não existiam e, para os termos usados pelos profissionais que atuam no ensino de Libras, mas

que não foram reconhecidos pelos Surdos do Brasil.

Espera-se que, a partir das discussões relacionadas seja possível selecionar os termos-padrão, aqueles que forem reconhecidos pelos Surdos e profissionais da área e relacionar os termos-padrão a variantes regionais e determinar os processos linguísticos mais recorrentes a partir da condição paramétrica de sinalização do sinal-termo.

Para a coleta de dados, foi organizado um formulário de pesquisa. Era necessário que o entrevistado tivesse uma filmadora e acesso a um computador com internet. O pesquisador organizou os dados à medida que os obtinha por meio de seu endereço pessoal cadastrado, o registro em uma prancheta dos termos listados em ordem, para que o Surdo ou profissional que atua na Libras, inquirido, sinalizasse o sinal respectivo ao termo e, caso não tivesse um sinal, que mostrassem um sinal correspondente, no momento. Depois, os dados foram analisados e as variantes registradas.

Utilizamos também como procedimento o grupo focal como forma complementar para a coleta de dados, na divisão dos inquiridos pelas suas respectivas regiões. O grupo dos participantes foi observado em suas discussões com o objetivo de aplicar a interpretação-argumentativa, onde os usuários da Libras sempre questionam sobre um determinado sinal e manifesta o interesse de entender o significado do sinal e este processo prova a necessidade de uma fonte de consulta mais detalhada para os Surdos e ouvintes falantes de Libras, visto que só o dicionário, tido como referência, não contribui para que o Surdo interprete o argumento que está contido num termo e a interpretação-explicativa em que a pessoa que conhece o conceito, mostra sua interpretação do conceito do termo e auxilia na criação dos sinais-termo dos termos, pois os termos não possuem sinais-termo. Assim, a sua variante-padrão é definida e, a partir dessa análise, é possível aproveitar todas as variantes e utilizar em diferentes contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos da Libras para uma compreensão efetiva dos termos dos vocabulários selecionados das disciplinas. Deste modo, analisamos as variantes dos sinais-termo para a escolha da variante-padrão para o seu registro e divulgação.

#### **4.9 Registros dos sinais-termo e estratégias para divulgação**

Nesta seção apresentaremos os procedimentos para o registro dos sinais-termo e as estratégias para divulgação, de modo que a pesquisa coletada não fique restrita apenas ao pesquisador.

As linguagens de especialidade constroem o discurso científico, e este requer domínio do léxico para a compreensão do que foi dito. Esse tipo de discurso é direcionado ou

à comunidade que o produz – e aí há coincidência entre produtor e consumidor do conhecimento – ou amplia o domínio sociocultural do consumidor, que quer e precisa entender o conteúdo da informação. (FAULSTICH<sup>12</sup>, 2013, p.2).

De Faulstich (2013, p.2) transcrevemos informações essenciais relativas à divulgação científica. A difusão científica engloba, do ponto de vista conceitual, a difusão para especialistas e a difusão para o grande público em geral, a que Bueno (1984, *apud* Zamboni) chama, respectivamente, de *disseminação científica* e *divulgação científica*.

Sobre o conceito de difusão, Bueno, (1984 *apud* ZAMBONI, 2001, p. 46) mostra que:

O conceito genérico de difusão inclui os objetos que disseminam e divulgam as informações do gênero científico por meio dos objetos de difusão do conhecimento. Esses objetos são os periódicos especializados, os bancos de dados, os sistemas de informação acoplados aos institutos e centros de pesquisa, as reuniões científicas, as sessões especializadas de publicações de caráter geral, as páginas de ciência e tecnologia dos jornais e revistas, os livros didáticos, entre outros.

Entre os objetos de difusão do conhecimento, Faulstich inclui os glossários científicos e técnicos, porque esclarece que o resultado de um glossário é mediar os conceitos expostos pelo autor para o público leitor. (FAULSTICH, 2013, p.2).

Para Faulstich, 2013, p.3: “glossário é um repertório exaustivo de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentado em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, com informação gramatical, definição, registro opcional de contexto de ocorrência do termo e de remissões<sup>5</sup>. E diz a autora que os glossários apresentam diferentes feições:

a) do ponto de vista da política da língua, faz parte do material didático como apêndice que aparece nos livros de ensino; é um “elucidador sinonímico” das palavras “difíceis” que aparecem nos textos. E, nessa percepção, a finalidade dos glossários é justapor dois discursos – um mais hermético e outro menos hermético, num contínuo de linguagens que vai da **+difícil** para a **–difícil**.

b) do ponto de vista do papel do “reformulador” do texto científico para incluir “palavras especializadas” num glossário, o que prevalece é a operação linguística de paráfrase sinonímica ou textual. Mas, no fundo da cena, resta verificar se a representação linguística e cultural é bem acionada.

---

<sup>12</sup> FAULSTICH, E. **A terminologia entre as políticas de língua e as políticas linguísticas na educação linguística brasileira**. 2013. (Artigo em elaboração).

Faulstich (2013, p.5) considera que:

[...] é preciso notar que as linguagens científica e técnica exigem requisitos além da simples interpretação do conteúdo; exigem representação, isto é, um (o elaborador do glossário) precisa posicionar-se como se fosse o outro (o consultor do glossário). Por exemplo, quando elaboramos glossários tendo como língua de partida o português e como língua de chegada a língua de sinais brasileira, é preciso considerar que os sinais seguem parâmetros diferentes das línguas orais.

Quadros e Karnopp (2004) chamam atenção para as seguintes diferenças:

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como, nome verbo, adjetivo, advérbio etc. As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente criam palavras morfológicamente complexas (Quadros e Karnopp, 2004, p. 87).

Observam as autoras Quadros e Karnopp (2004) que “o léxico não-nativo da Libras contém palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da Língua de Sinais Brasileira”.

Deste modo, é preciso considerar tais questões para que seja possível de fato compreender os princípios orientadores de análise deste estudo. Os fenômenos de constituição das línguas permitem o entendimento de vários universais linguísticos, que são características universais encontradas em todas as línguas.

Um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português - língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais. Nesse caso, não basta traduzir a língua de sinais para o português ou o português para a língua de sinais porque poderá prevalecer, na língua de sinais, palavras soletradas manualmente. (FAULSTICH, 2013, p.5).

Para as línguas de sinais, Quadros e Karnopp (op. cit. p. 96) questionam: “Afinal, que formas linguísticas devem fazer parte da lista de itens lexicais de um sinalizador nativo? De que é constituído o léxico mental de uma pessoa? De morfemas? De lexemas? De afixos? De desinências?” E comentam um experimento que comprovou que as decisões lexicais (e outras respostas lexicais) são mais rápidas quando uma palavra é previamente vista, quer dizer, quando duas palavras são variantes morfológicas uma da outra (caminhando, caminho), em que as bases encontradas na identificação dos sinais são as mesmas (caminhar, caminhar).

Assim, a decisão lexical é mais rápida, indicando que um simples morfema-base é ativado. (EMMOREY, 2003, p. 131, *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 96).

Estamos percebendo, com essas reflexões, que os parâmetros do português, a segunda língua dos Surdos brasileiros, por viverem num Estado que tem o português como línguas majoritárias são diferentes dos parâmetros do português como primeira língua dos não-Surdos. Isso tudo nos leva a buscar soluções de natureza linguística e política com vistas à satisfatória elaboração de glossários e de dicionários bilíngues para os usuários de duas línguas diferentes, a língua oral majoritária do país – o português, e a língua visual-espacial minoritária no país – a Libras. (FAULSTICH, 2013, p.6).

Uma das dificuldades da pesquisa dos sinais-termo em uma perspectiva lexicográfica e terminográfica será pensar em como seria o registro ideal dos sinais-termo em Libras. Muitas propostas têm sido discutidas e utilizadas, mas será preciso haver um consenso entre os pesquisadores. Essa dificuldade acontece, porque muitos dados em Libras advêm de registros coletados em vídeos filmados dos Surdos e ou falantes de Libras sinalizando. Apesar de ter propostas para a escrita de Libras, esta nem sempre é compreendida por todos os falantes, e o registro se dá em LP. Entendemos que pensar em uma alternativa para o registro em LP é também importante.

Para esta pesquisa, o pesquisador analisa a possibilidade de aliar a escrita com as variáveis de uso das condições paramétricas dos sinais-termo para seguir uma estratégia visual de registro da Libras, em que a configuração de mão evidencia as variações linguísticas em Libras, por exemplo, ficando assim, evidente e possível a sua sistematização. Essa é uma proposta que poderá colaborar para o registro e divulgação da Libras e diminuir os processos linguísticos que acontecem na interlíngua, de forma positiva, entre a LP e a Libras.

Assim, a partir desta proposta entendemos que é possível pensar na efetiva implantação do Projeto Varlibras e definir diretrizes de atuações com vistas à possível elaboração de léxicos em Libras de diversas áreas do saber e do conhecimento.

### **Perspectivas parciais da constituição do Projeto Varlibras**

Desse modo, as perspectivas parciais compreendem os mecanismos de regulação das unidades paramétricas, da seleção da base paramétrica e das variáveis de uso das condições paramétricas que fazem parte do mecanismo de linguagem e processamento da modalidade visual - espacial no sentido de registrar, pesquisar e divulgar a nossa proposta de sistematizar e organizar o léxico da Libras com apoio de uma teoria da variação linguística

em Libras que permita selecionar o sinal-termo padrão e o sinal-termo variante de diversos termos propostos para a coleta de dados.

A explicação da natureza da relação entre o significado do sinal-termo e o significado da sentença e de como acontece o seu processamento é importante para compreender que devemos fazê-lo através de um conjunto finito de regras gerais, com o olhar voltado para a modalidade visual-espacial da comunicação em língua de sinais.

Conquanto as variáveis de uso das condições paramétricas possam parecer simples, e em certos casos até mesmo óbvias, é preciso analisar com propriedade, pois à medida que os estudos avançam muitas explicações podem ser satisfatórias para valorizar a língua e possibilitar que se tenha uma abstração ontológica do processamento do conhecimento na língua de sinais que possibilite, assim, desenvolver, avaliar e concretizar vários outros processos naturais no uso da língua.

O que esperamos conseguir com nossa investigação da natureza da estrutura linguística de processamento da Libras? A resposta para essa questão foi analisar o objetivo geral da linguística de criar uma teoria geral de estrutura linguística que apreenda exatamente as características peculiares da linguagem humana, que são compartilhadas por todas as línguas. A partir dessa concepção, a contribuição da linguística para nosso conhecimento do mundo está na sua tentativa de caracterizar explicitamente os aspectos da linguagem humana que são nosso legado exclusivo.

Ademais, vários fatores combinam-se para determinar o que promove os fenômenos linguísticos observados na Libras, como a variação linguística e como esse processo é compreendido pelos falantes: influências ambientais, influências sociais, capacidade perceptual, constituição psicológica, tipo de vocabulário e capacidade linguística interagem para determinar o que de fato constitui o termo e sua compreensão.

Em outras palavras, o conhecimento de uma língua, a qual possuímos como sinalizantes, é apenas um dos muitos fatores a serem considerados numa explicação geral da forma pela qual realmente nos comunicamos como sinalizantes dessa língua. Pode-se corretamente dizer que é esse fator que a teoria linguística em Libras tem de explicar, como os erros, a ausência de terminologias, o processo de substituição, a criação de sinais-termo, as implicações da variação linguística no uso, no ensino e na interpretação da Libras.

Impõe-se assim que os processos linguísticos da Libras e a ocorrência da variação linguística na Libras serão sempre determinados pela combinação de fatores que influenciam a comunicação e não apenas a capacidade do falante e do interlocutor na interação linguística. Assim, no decorrer deste estudo, espera-se que seja possível mostrar a tese relativa à natureza



da linguagem na construção de uma teoria da variação linguística em Libras e, que também, contribua para o registro da gramática da Libras que, simultaneamente, apreendam o conhecimento que tem o falante dessa língua e que lhe permita usá-la como meio de comunicação e com propriedade e que supra campos em diferentes níveis linguísticos.

Massone (1993), ao descrever e comentar os caminhos escolhidos pelos linguistas interessados no conhecimento das línguas de sinais criticou a tendência de permanência desses estudos à sombra daqueles tradicionalmente desenvolvidos e pensados para as línguas orais, questionando:

Até que ponto as línguas de sinais podem ser entendidas dentro do marco convencional da linguística, quer dizer, tomando como pontos de referências teóricos modelos que foram projetados para línguas baseadas nos sons e derivados de formas linguísticas formalizadas? (...) Os modelos que provêm da linguística tradicional e ocidental são suficientes para a análise das línguas de sinais? Podem as línguas de sinais ser descritas nos mesmos termos das línguas faladas? (Massone, 1993, p. 81-82).

Para a autora, o fato de as línguas de sinais possuírem uma materialidade distinta e, portanto, uma organização diversa à das línguas orais deve, obrigatoriamente, promover um deslocamento na forma de estudá-la. A maioria dos linguistas havia descrito línguas faladas, todos eram ouvintes (...) Quando aceitaram o desafio de analisar uma língua numa modalidade diferente, deveriam reestruturar sua forma de pensar, já que estavam tratando com um objeto que, além de não ser a sua língua nativa, era uma língua transmitida numa modalidade visual-espacial (Massone, 1993, p. 82). Este estudo, ao adotar uma perspectiva científica para o estudo da Libras, assume um olhar ao conceber a língua como uma corrente evolutiva ininterrupta. Tem-se, como pressuposto, que ela não pode ser considerada se isolada de sua história, pois a língua vive e evolui historicamente na comunicação em todas as suas modalidades. As autoras Quadros e Karnopp (2004) salientam que existe uma discussão entre os pesquisadores de diferentes línguas de sinais relacionada com o fato de essas línguas serem ou não analisáveis como as línguas faladas, considerando-se suas peculiaridades em função da modalidade especial de comunicação. Ao que tudo indica, conforme os estudos descritos em seus estudos, as derivações visuais-espaciais, por exemplo, seguem também a mesma lógica das derivações orais-auditivas, ou seja, observam-se restrições na organização sintática que delimitam as possibilidades existentes na derivação de sentenças. No entanto, não se pode desprezar as observações de Liddell (1995), em especial quanto à organização morfológica das palavras classificadoras, apesar de haver argumentos favoráveis a uma análise nos padrões clássicos apresentados pelas autoras Quadros e Karnopp, 2004. (SUPALLA,

1982,1986). Lillo-Martin (no prelo) apresenta a partir dessas considerações a seguinte questão: as línguas de sinais podem oferecer alguma informação nova quanto ao nível de interface articulatorio-perceptual?

Essa questão veio de acordo com nossa proposta de pesquisa na elaboração da tese e do estudo do fenômeno da variação linguística e ofereceu várias possibilidades de análises para a proposta de uma teoria. Cabe considerar as variáveis de uso das condições paramétricas para a formação e a criação dos sinais-termo na Libras. De fato, tais variáveis das condições paramétricas não seguem os padrões de análises linguísticas clássicos; no entanto, as evidências linguísticas acomodam as análises dentro da perspectiva da elaboração de uma teoria linguística neste estudo.

Assim, mais uma vez, apresenta-se a questão levantada por Lillo-Martin e surge, ainda, outra questão relacionada com as informações gramaticais atreladas, e uma delas desprende a variação linguística da Libras, que também apresenta um caminho de possibilidade de contribuições para o entendimento de vários fenômenos linguísticos da Libras e apresenta repercussões no nível articulatorio-perceptual. As autoras Quadros e Karnopp (2004) enfatizam que muitas pesquisas sobre a estrutura das línguas de sinais têm considerado tais questões, mas ainda há muito a ser investigado. Existe, porém, uma preocupação sobre os efeitos das diferenças na modalidade, tornando o estudo de línguas de sinais extremamente relevante. Mas deve-se levar em conta também o fato de as similaridades entre línguas faladas e sinalizadas confirmar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem as modalidades das línguas. Hulst (1985) considera ainda que, ao se investigar as línguas de sinais, deve-se utilizar uma teoria que trabalhe com princípios universais aplicáveis tanto às línguas faladas quanto às línguas de sinais. Nesse sentido, o estudo das línguas de sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas.

Considera-se, assim, que o sinal-termo deve ser estudado no seu campo vivo, constantemente ativo e mutável, pois sua vida está na relação interdiscursiva dinâmica estabelecida entre membros de uma mesma comunidade linguística; ele sofre transformações dependendo do grupo social que o usa, ele se altera segundo o contexto discursivo que o integra e sofre processos linguísticos em sua produção e criação, conforme definições conceituais e teóricas apresentadas nesta pesquisa.

No capítulo seguinte, descreve-se a proposta de criação do núcleo Varlibras, útil para a elaboração de léxicos terminológicos bilíngue, para consultoria e assessorias na área de educação lexicográfica em Libras.

## **CAPÍTULO V- APRESENTAÇÃO DE LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE TERMINOLÓGICOS DE ACORDO COM A CONDIÇÃO PARÁMETRICA**

---

### **5.1 Introdução**

Neste capítulo, apresentamos os léxicos alfabéticos bilíngue terminológicos de acordo com a condição paramétrica. Almejamos uma pesquisa mais detalhada dos termos que não possuem sinal-termo, ou que são sinalizados por meio da datilologia, ou processo datilológico ou fraseologias e termos que apresentam variantes, ou seja, sinais-termo que possuem o mesmo significado, mas que apresentam diferentes maneiras de sinalizar o mesmo termo, e a partir da identificação das variantes propor esta como variante-padrão, de acordo com as especificidades das condições paramétricas de uso para o registro de modo a permitir uma organização do léxico alfabético bilíngue das disciplinas de Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química.

Prosseguimos neste capítulo com a apresentação de uma proposta para que os estudos em torno do tema variação linguística continue, por meio da apresentação de uma proposta de criação do Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras.

### **5.2 Estrutura do léxico alfabético bilíngue terminológicos das disciplinas Biologia, História, Física, Matemática, Português e Química**

Para o registro dos sinais-termo das disciplinas Biologia, História, Física, Matemática, Português e Química, de modo a permitir uma análise mais aprofundada da variação linguística em Libras. Optamos por selecionar termos da disciplina por meio de um glossário em Língua Portuguesa de cada disciplina. De fato, alguns termos promovem formas variantes e foi possível constatar que a base paramétrica escolhida dentro do conjunto de léxico das disciplinas analisadas, auxiliou na criação e ou substituição de formas lexicais que passam por diversos processos linguísticos.

No total foram propostos 477 (quatrocentos e setenta e sete) termos para a coleta de dados por meio de questionários, mas novos termos foram acrescentados no decorrer da pesquisa e ao todo foram registrados 643 (seiscentos e quarenta e três) sinais-termo da Libras, incluindo as formas variantes.

Deste modo, foi possível elaborar a estrutura do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo das disciplinas, com orientações de como utilizar o DVD e de como o léxico alfabético bilíngue está organizado, atendendo as regras lexicográficas que promove e divulgue a educação lexicográfica necessária para a produção de registros videográficos em Libras.

Assim, a estrutura do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo das disciplinas é organizado da seguinte maneira:

## 1 – PÁGINA PRINCIPAL (MENU e LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE)



FONTE: DVD LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE DE TERMOS DAS DISCIPLINAS BIOLOGIA, FÍSICA, HISTÓRIA, MATEMÁTICA E PORTUGUÊS.

## 2 – APRESENTAÇÃO DO PROJETO Varlibras


**O Projeto VARLIBRAS**

O projeto VARLIBRAS (Núcleo de Pesquisa em Variações Regionais dos Sinais da LIBRAS) tem por objetivo geral registrar sinais-termos que são usados nas cinco regiões brasileiras. Contará com a parceria de pesquisadores de instituições e universidades brasileiras.

O projeto constitui-se do Banco de Dados VARLIBRAS.

O VARLIBRAS tem como propósito: i) dar apoio às pesquisas futuras que venham a contribuir para o desenvolvimento da LSB e para a valorização da diversidade cultural e linguística brasileira; ii) possibilitar o reconhecimento de sinais-termos padrão e variantes da LSB; iii) fornecer dados para a elaboração de materiais e de registros videográficos em LSB.

É um projeto desenvolvido e sedimentado na Universidade de Brasília - UnB, Instituto de Letras - IL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm, Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira - LabLibras, sob a coordenação de Gláucio Castro Júnior e participação de Enilde Faulstich, Messias Costa, Patrícia Tuxi e alunos de graduação e pós-graduação.



FONTE: DVD GLOSSÁRIO DE TERMOS DAS DISCIPLINAS BIOLOGIA, FÍSICA, HISTÓRIA, MATEMÁTICA E PORTUGUÊS

## 3 - CONTATO



FONTE: DVD LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE DE TERMOS DAS DISCIPLINAS BIOLOGIA, FÍSICA, HISTÓRIA, MATEMÁTICA, PORTUGUÊS E QUÍMICA.

#### 4- CRÉDITOS



FONTE: DVD LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE DE TERMOS DAS DISCIPLINAS BIOLOGIA, FÍSICA, HISTÓRIA, MATEMÁTICA, PORTUGUÊS E QUÍMICA.

#### 5- LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE DE BIOLOGIA



## Termos de Biologia

### A

ABIOGÊNESE  
AIDS  
ANFÍBIO  
ANTIBIÓTICO  
ANTICORPOS  
ANTÍGENO  
AQUECIMENTO GLOBAL  
ARAUCÁRIA  
ÁTRIO DIREITO  
ÁTRIO ESQUERDO

### B

BACTÉRIA  
BIODEGRADÁVEL  
BIODIVERSIDADE  
BIOGÊNESE  
BIOMA 1  
BIOMA 2  
BRIÓFITAS  
  
C  
CAATINGA  
CADEIA ALIMENTAR  
CAMISINHA

CÂNCER  
CÂNCER VARIANTE  
CARBOIDRATO  
CÉLULA  
**CÉLULA VARIANTE 1**  
**CÉLULA VARIANTE 2**  
CÉLULA ANIMAL  
CÉLULA VEGETAL  
CERRADO  
CIÊNCIAS



## Termos de Biologia

CITOPLASMA  
COMPLEXO DE GOLGI  
CONSUMIDOR PRIMÁRIO  
CONSUMIDOR SEGUNDÁRIO  
CONSUMIDOR TERÇÁRIO  
CORAÇÃO  
CROMOSSOMO

### D

DECOMPOSITORES  
DEGELO  
DENGUE  
DESMATAMENTO  
**DESMATAMENTO VARIANTE**

DIABETE  
DNA  
DOENÇA  
DOENÇA SEXUALMENTE  
TRANSMISSÍVEL  
DOENÇA TRANSMISSÍVEL

### E

ECOLOGIA  
EFEITO ESTUFA  
EJACULAÇÃO  
ENCHENTE  
EROSÃO

ESÔFAGO  
ESPÉCIE  
ESPÉCIE ANIMAL  
ESPÉCIE ENDÊMICA  
ESPÉCIE VEGETAL  
ESPERMATOZOÍDE  
ESQUELETO  
ESTÔMAGO

### F

FAUNA  
FÍGADO  
**FÍGADO VARIANTE**  
FLORA



## Termos de Biologia



FLORESTA

FOTOSSÍNTESE

**FOTOSSÍNTESE VARIANTE**

**G**

GLOSSÁRIO BIOLOGIA

GRAVIDEZ

**GRAVIDEZ VARIANTE**

**H**

HABITAT

HEPATITE

HERBÍVORO

**I**

INQUILINISMO

INSETO

INTESTINO DELGADO

INTESTINO GROSSO

INUNDAÇÃO

INVERNO

LISOSSOMO

**M**

MANGUE

MATA ATLÂNTICA

MEIO ABIÓTICO

MEIO AMBIENTE

MEIO BIÓTICO

MEIOSE

MEMBRANA

METABOLISMO

MITOCÔNDRIA

MITOSE

MUDANÇA CLIMÁTICA

MUTAÇÃO

MUTUALISMO

**N**

NÚCLEO

**O**

ORGANISMO

ORGANISMO ANIMAL

ORGANISMO VEGETAL

ÓRGÃO SEXUAL FEMININO

ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO



## Termo de Biologia

OUTONO

OVÁRIO

OVÚLO

**P**

PARASITISMO

PERSTALTISMO

PLURICELULAR

POLUIÇÃO

PRAGA

PREDAÇÃO

PRESA

PRIMAVERA

PROPAGAÇÃO

PTERIDÓFITAS

PULMÃO

**Q**

QUEIMADA

**R**

RECICLAGEM

REFLORESTAMENTO

RÉPTEIS

RNA

RUBÉOLA

**S**

SANGUE

SECA

SEIVA

SEMENTE



**T**

TRÁFICO DE ANIMAIS

**U**

UNICELULAR

ÚTERO

**V**

VENTRÍCULO DIREITO

VENTRÍCULO ESQUERDO

VERÃO

VÍRUS



## 6 – EXEMPLO DE COMO A JANELA DO VÍDEO EM LIBRAS IRÁ ABRIR AO CLICAR SOBRE O SINAL-TERMO DE BIOLOGIA



O léxico alfabético bilíngue de sinais-termo das disciplinas é acessado a partir de um clique sobre a disciplina pretendida, onde abre uma janela com os termos da disciplina em ordem alfabética, este léxico contém 643 (seiscentos e quarenta e três) sinais-termo em Libras. Algumas orientações básicas para consulta e acesso aos léxicos seguem a seguir:

a. Ao abrir a tela principal do power-point, espere. Depois que o menu aparecer, clique sobre as opções que se encontra disponível para acessar os dados. As opções são: APRESENTAÇÃO, CONTATO, CRÉDITOS e LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE das disciplinas: BIOLOGIA, FÍSICA, HISTÓRIA, MATEMÁTICA, PORTUGUÊS e QUÍMICA. Ao clicar sobre uma determinada opção será conduzido(a) para uma nova página e, assim por diante.

b. Clique sobre o Léxico Alfabético Bilíngue da disciplina que deseja ter acesso. Terá uma lista de letras do alfabeto português com os termos e termos variantes para acesso de acordo com a ordem de palavras das letras.


c. Ao clicar no termo em Língua Portuguesa, uma nova janela será aberta para a visualização do sinal-termo em Libras. Nos vídeos, primeiramente são realizadas a datilografia do sinal-termo a ser apresentado no glossário, este processo segue as regras metadescritivas proposta por Castro Júnior, 2011 para auxiliar na observação e compreensão das letras dos termos da Libras. Sempre que aparecer na tela a cor da camiseta preta, isso significa que este



termo é padrão e quando aparece na tela a cor da camiseta vermelha significa que esta é a variante do termo apresentado.

d. Algumas telas têm ícone e ou setas para regresso à tela anterior e para avanço, ou ainda, para voltar a página principal.

e) Na tela de acesso ao verbete, a seta da esquerda, leva aos verbetes anteriores dos verbetes. Ao clicar na seta da direita, irá para os próximos verbetes.

f) Ao clicar no ícone  , será direcionado para a página principal.

No item seguinte, apresentamos as considerações acerca do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina Biologia.

### **5.3 Apresentação dos Léxicos Alfabéticos Bilíngue**

#### **5.3.1 Léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina Biologia**

Os termos que constituem o léxico alfabético bilíngue da Biologia foram selecionados aleatoriamente, na tentativa de se encontrar sinais-termo padrão e variantes. São considerados sinal-termo padrão os que possuem a marca [+] paramétrico; são variantes os sinais-termo com a marca [-] paramétrico. Os sinais-termo padrão e os sinais-termo variantes estão registrados no léxico alfabético bilíngue da Biologia, apresentado em gravação própria, anexado neste trabalho. Os sinais-termo são [+] social quando as diferenças a serem estabelecidas para as descrições das condições paramétricas estão associadas à percepção do Surdo na organização do vocabulário linguístico de seu grupo social, porque, muitas vezes, os sinais são conhecidos apenas na região em que um grupo de sinalizante vive; quanto mais regiões utilizarem o sinal-termo que é [+] social, este se torna sinal-termo padrão.

A aplicação dos questionários mostrou que há variantes em quantidades menores do que a esperada. Isso demonstrou que a Libras já está estruturada como uma língua que obedece aos parâmetros da língua. Percebemos que termos que são inventados por Surdos e que não seguem as condições estruturais da Libras não são sinais padrão, mas podem ser variantes lexicais desde que usadas por um grupo social.

A lista de termos da Biologia que foram sinalizados é a seguinte:



## Termos de Biologia

### A

ABIOGÊNESE  
AIDS  
ANFÍBIO  
ANTIBIÓTICO  
ANTICORPOS  
ANTÍGENO  
AQUECIMENTO GLOBAL  
ARAUCÁRIA  
ÁTRIO DIREITO  
ÁTRIO ESQUERDO

### B

BACTÉRIA  
BIODEGRADÁVEL  
BIODIVERSIDADE  
BIOGÊNESE  
BIOMA 1  
BIOMA 2  
BRIÓFITA  
CAATINGA  
CADEIA ALIMENTAR  
CAMISINHA

CÂNCER  
CÂNCER VARIANTE  
CARBOIDRATO  
CÉLULA  
**CÉLULA VARIANTE 1**  
**CÉLULA VARIANTE 2**  
CÉLULA ANIMAL  
CÉLULA VEGETAL  
CERRADO  
CIÊNCIAS



## *Termo de Biologia*

CITOPLASMA  
COMPLEXO DE GOLGI  
CONSUMIDOR PRIMÁRIO  
CONSUMIDOR SEGUNDÁRIO  
CONSUMIDOR TERCIÁRIO  
CORAÇÃO  
CROMOSSOMO  
**D**  
DECOMPOSITORES  
DEGELO  
DENGUE  
DESMATAMENTO  
**VARIANTE - DESMATAMENTO**

DIABETES  
DNA  
DOENÇA  
DOENÇA SEXUALMENTE  
TRANSMISSÍVEL  
DOENÇA TRANSMISSÍVEL

### E

EBOLA  
ECOLOGIA  
EFEITO ESTUFA  
EJACULAÇÃO  
ENCHENTE  
EROSÃO

ESÔFAGO  
ESPÉCIE  
ESPÉCIE ANIMAL  
ESPÉCIE ENDÊMICA  
ESPÉCIE VEGETAL  
ESPERMATOZÓIDE  
ESQUELETO  
ESTÔMAGO

### F

FAUNA  
FÍGADO  
**VARIANTE - FÍGADO**  
FLORA



## Termos de Biologia



FLORESTA  
FOTOSSÍNTESE  
**FOTOSSÍNTESE VARIANTE**

**G**

GLOSSÁRIO BIOLOGIA  
GRAVIDEZ

**GRAVIDEZ VARIANTE**

**H**

HABITAT  
HEPATITE  
HERBÍVORO

**I**

INQUILINISMO  
INSETO

INTESTINO DELGADO  
INTESTINO GROSSO  
INUNDAÇÃO  
INVERNO  
LISOSSOMO

**M**

MANGUE  
MATA ATLÂNTICA  
MEIO ABIÓTICO  
MEIO AMBIENTE  
MEIO BIÓTICO  
MEIOSE  
MEMBRANA  
METABOLISMO

MITOCÔNDRIA  
MITOSE  
MUDANÇA CLIMÁTICA  
MUTAÇÃO

MUTUALISMO

**N**

NÚCLEO

**O**

ORGANISMO  
ORGANISMO ANIMAL  
ORGANISMO VEGETAL  
ÓRGÃO SEXUAL FEMININO  
ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO



## Termo de Biologia

OUTONO  
OVÁRIO  
OVÚLO

**P**

PARASITISMO  
PERSTALTISMO  
PLURICELULAR  
POLUIÇÃO  
PRAGA  
PREDACÃO  
PRESA  
PRIMAVERA  
PROPAGAÇÃO

PTERIDÓFITAS  
PULMÃO

**Q**

QUEIMADA

**R**

RECICLAGEM  
REFLORESTAMENTO  
RÉPTEIS  
RNA  
RUBÉOLA

**S**

SANGUE  
SECA  
SEIVA  
SEMENTE

**T**  
TRÁFICO DE ANIMAIS

**U**

UNICELULAR  
ÚTERO

**V**

VENTRÍCULO DIREITO  
VENTRÍCULO ESQUERDO  
VERÃO  
VÍRUS



Na etapa inicial da pesquisa, foram propostos 74 (setenta e quatro) termos de Biologia para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, foram acrescentados novos termos no glossário sugeridos pelos participantes da pesquisa e, no decorrer das análises dos dados coletados, novos sinais-termo foram propostos também pelos participantes para o registro no glossário da disciplina Biologia. O glossário de sinais-termo da Biologia, que compõe o material desta tese, contém 131 (cento e trinta e um) sinais-termo, sendo que 5 (cinco) são termos que apresentam formas variantes, que são CÉLULA, DESMATAMENTO, FÍGADO, FOTOSSÍNTESE e GRAVIDEZ.

O termo CÉLULA apresenta duas variantes. A escolha do sinal-termo padrão se justificou por aquele termo que possibilitasse a criação de novos termos a partir de sua base paramétrica e da possibilidade das condições paramétricas atender a critérios linguísticos que permitisse o registro de novos termos. Deste modo, foi possível criar e discutir com o grupo sinais-termo para NÚCLEO, NUCLÉOLO, COMPLEXO DE GOLGI e RETÍCULO ENDOPLASMÁTICO RUGOSO. Inicialmente, estes termos eram sinalizados por meio da datilografia. Já a escolha da variante – 1 se justificou quando a frequência de ocorrência da sinalização desta forma é maior nas regiões e assim a variante – 2, também foi registrada, pois é possível perceber a sua ocorrência dentro das condições de uso no conjunto de termos da Libras.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variantes do sinal-termo CÉLULA** – Clique no DvD de Biologia em cima de CÉLULA, de VARIANTE – 1 – CÉLULA e de VARIANTE – 2 – CÉLULA que os sinais-termo padrão e variantes aparecerão.

SINAL-TERMO: CÉLULA		
PADRÃO	VARIANTE - 1	VARIANTE - 2
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

O termo FÍGADO apresentou uma variante. Esta variante foi considerada, visto que a variante-padrão escolhida foi aquela que não apresentasse nenhuma correlação com a tendência de desenhar o “formato do órgão” no corpo humano. A variante apresenta o formato do contorno do órgão, sendo, por isso, uma representação icônica e não paramétrica porque não se deriva de uma base que lhe ofereça condições paramétricas.

O termo DESMATAMENTO apresentou uma variante. A variante-padrão escolhida foi aquela que apresentasse alguma condição paramétrica que indicasse a ação e a consequência do verbo DESMATAR para que se pudesse compreender a base da composição deste sinal-termo.

O termo FOTOSSÍNTESE apresentou uma forma variante, que se caracteriza por ter uma base paramétrica ÁRVORE e uma base paramétrica ORGANISMO que constituem as condições paramétricas para a derivação do sinal-termo para FOTOSSÍNTESE.

Outro termo que apresenta variante é GRAVIDEZ e a escolha do sinal-termo padrão seguiu o princípio de que as condições paramétricas de realização deste sinal-termo possibilitasse a criação de outros sinais-termo que não sejam icônicos.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo FÍGADO, DESMATAMENTO, FOTOSSÍNTESE E GRAVIDEZ** - Clique no DvD de Biologia em cima de cada termo e de sua VARIANTE que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: FÍGADO / DESMATAMENTO / FOTOSSÍNTESE / GRAVIDEZ</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO

No item seguinte, apresentam-se considerações acerca do glossário dos sinais-termo da disciplina Física.

### **7.3.2 Léxico Alfabético Bilíngue dos sinais-termo da disciplina Física**

Na etapa inicial da pesquisa foram propostos 90 (noventa) termos para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, foram acrescentados novos termos no léxico alfabético bilíngue sugerido pelos participantes da pesquisa e, no decorrer das análises dos dados coletados, novos sinais-termo foram propostos para o registro no léxico alfabético bilíngue da disciplina Física. O léxico alfabético de sinais-termo da Física contém 120 (cento e vinte) sinais-termo, sendo que 5 (cinco) são sinais-termo que apresentam formas variantes, que são ALTURA, COMPRIMENTO, HORIZONTAL, REPOUSO e VERTICAL.

A lista de termos da Física que foram sinalizados é a seguinte:



## Termo de Física

### A

ACERELAÇÃO  
ACERELAÇÃO ANGULAR  
ACERELAÇÃO INSTANTÂNEA  
ACERELAÇÃO VETORIAL  
ALTURA  
**ALTURA VARIANTE**  
ÂNGULO  
ÁREA  
ÁTOMO  
ATRAÇÃO  
ATRITO

### B

BATERIA  
BÚSSOLA

### C

CAMADA  
CAPACIDADE TÉRMICA  
CENTRO  
CIRCUÍTO ELÉTRICO  
CIRCULAR  
COLISÃO  
COMPRIMENTO

### COMPRIMENTO VARIANTE

COORDENADA  
CORRENTE ELÉTRICA  
CURTO CIRCUÍTO

### D

DEFORMAÇÃO  
DENSIDADE  
DESLOCAMENTO  
DIÂMETRO  
DIREÇÃO  
DISTÂNCIA




## Termo de Física

### E

ELASTIDADE  
ELÉTRICO  
ELÉTRON  
ENERGIA  
ENERGIA CINÉTICA  
ENERGIA EÓLICA  
ENERGIA INTERNA  
ENERGIA MAGNÉTICA  
ENERGIA MECÂNICA  
ENERGIA NUCLEAR  
ENERGIA POTENCIAL

ENERGIA POTENCIAL ELÁSTICA  
ENERGIA POTENCIAL GRAVITACIONAL  
ENERGIA QUÍMICA  
ENERGIA TÉRMICA  
EQUAÇÃO  
EQUILÍBRIO  
EQUILÍBRIO INSTÁVEL  
EQUILÍBRIO NÃO INSTÁVEL  
EQUILÍBRIO TÉRMICO  
ESCALA

ESFERA  
ESPAÇO

### F

FLUÍDO  
FORÇA  
FUNÇÃO

### G

GERADOR  
GLOSSÁRIO FÍSICA  
GRAVIDADE





## Termo de Física

### H

HORIZONTAL  
HORIZONTAL VARIANTE

### I

IMÃ  
INTERVALO DE TEMPO  
ISOLANTE

### L

LANÇAMENTO  
LARGURA  
LEI

LIGAÇÃO  
LÍQUIDO

### M

MASSA  
MÁXIMO  
MEDIDA  
MÍNIMO  
MISTURA  
MÓDULO  
MOLÉCULA  
MOVIMENTO

### N

NÊUTRON  
NÚCLEO

### O

ÓRBITA  
ORIENTAÇÃO

### P

PARALELO  
PARTÍCULA  
PERPENDICULAR  
POLARIZAÇÃO  
PRESSÃO



## Termo de Física

PROPORCIONAL  
PRÓTON  
PURO

### Q

QUEDA

### R

RADIAÇÃO  
RAIO  
REFERENCIAL  
RENDIMENTO  
REPOUSO  
REPOUSO VARIANTE  
REPULSÃO

RESULTANTE  
RETILÍNEO

### S

SENTIDO  
SISTEMA  
SÓLIDO

### T

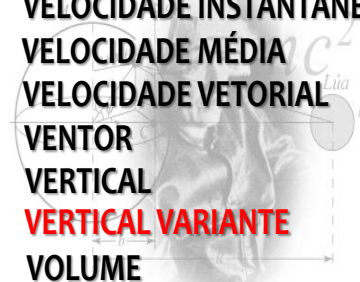
TANGENTE  
TEMPERATURA  
TEMPO  
TRAJETÓRIA  
TRANSLAÇÃO

### U

UNIFORME

### V

VÁCUO  
VALÊNCIA  
VELOCIDADE  
VELOCIDADE FINAL  
VELOCIDADE INICIAL  
VELOCIDADE INSTANTÂNEA  
VELOCIDADE MÉDIA  
VELOCIDADE VETORIAL  
VENTOR  
VERTICAL  
VERTICAL VARIANTE  
VOLUME



Todos estes termos da Física estão relacionados com uma estratégia icônico-simbólica de propósitos definidos que possibilitou estabelecer a escolha da variante-padrão. Existe um distanciamento da matriz lexical, que se supõe ser o item icônico ao analisar as estruturas paramétricas da composição dos parâmetros dos sinais-termo que ativam a compreensão do conteúdo do referido termo.

Uma análise importante que se fez nas descrições das condições paramétricas dos termos da disciplina Física é que a condição paramétrica de uso da configuração de mão muda e foi determinante para a seleção do termo padrão. A escolha do termo padrão se baseou no não uso da configuração da letra inicial do termo, mas que por meio das outras condições paramétricas de uso, como o movimento e o ponto de articulação no uso do espaço, ofereceram possibilidades de selecionar os sinais-termo padrão, como os termos ALTURA e COMPRIMENTO. A seguir, é possível ver as descrições de condições paramétricas dos termos padrão e dos termos que apresenta variante.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo ALTURA / COMPRIMENTO / HORIZONTAL / REPOUSO / VERTICAL** - Clique no DvD de Física em cima de cada termo e de suas respectivas variantes que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: ALTURA</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO

No item seguinte, apresentamos considerações acerca do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina História.

### **5.3.3 Léxico Alfabético Bilíngue dos sinais-termo da disciplina História**

Na etapa inicial da pesquisa, foram propostos 51 (cinquenta e um) termos para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, foram acrescentados novos termos no léxico alfabético bilíngue sugerido pelos participantes da pesquisa e, no decorrer das análises dos dados coletados, novos sinais-termo foram propostos também pelos participantes para o efetivo registro no léxico alfabético bilíngue da disciplina história. O léxico alfabético bilíngue de sinais-termo da História contém 183 (cento e oitenta e três) sinais-termo na



Libras, sendo que 22 (vinte e dois) são termos que apresentam formas variantes, que são: ÁFRICA, ÁSIA, CAPITALISMO, CIDADE, CONSTITUIÇÃO, CRUZADA, DEMOCRACIA, ESTADO, EURO, EUROPA, FARAÓ, GLOBALIZAÇÃO, GOVERNO, GRÉCIA, HISTÓRIA, IDADE MÉDIA, ÍNDIO, INTERIOR, MAÇONARIA, PARTIDO POLÍTICO, PERÍODO e UNIVERSO.

A lista de termos da História que foram sinalizados é a seguinte:



### Termo de História

#### A

ÁFRICA  
**ÁFRICA VARIANTE**  
 ALDEIA  
 ALEIJADINHO  
 ALIENAÇÃO  
 AMÉRICA CENTRAL  
 AMÉRICA DO NORTE  
 AMÉRICA DO SUL  
 AMÉRICA LATINA  
 ANARQUIA  
 ANGLICANO  
 ARTE RUPESTRE  
 ÁSIA  
**ÁSIA VARIANTE**

ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

#### B

BABEL  
 BABILÔNIA  
 BANDEIRANTE  
 BÁRBAROS  
 BARROCO  
 BEATO  
 BELÉM  
 BRICS  
 BURGUESIA

#### C

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO  
 CANGAÇO  
 CAPITALISMO 1  
 CAPITALISMO 2  
**CAPITALISMO VARIANTE**  
 CAPITANIA HEREDITÁRIA  
 CIDADE  
**CIDADE VARIANTE**  
 CIVILIZAÇÃO  
 COLÔNIA  
 CONSTITUIÇÃO  
**CONSTITUIÇÃO VARIANTE**  
 CONTINENTE  
 CONTRA REFORMA



### Termo de História

CRIACIONISMO

CRUZADA

**CRUZADA VARIANTE**

#### D

DEMOCRACIA

**DEMOCRACIA VARIANTE**

DINASTIA

DITADURA

DÓLAR

DOM PEDRO PRIMEIRO

DOM PEDRO SEGUNDO

DOCTRINA

#### E

EGITO

ELITE

EMBAIXADA

EMIGRAÇÃO

ENGENHO

ESCRAVO

ESTADO

**ESTADO VARIANTE**

ESTADO LAICO

ETNIA

EURO

**EURO VARIANTE**

EUROPA

**EUROPA VARIANTE**

EVOLUCIONISMO

ÊXODO

ÊXODO RURAL

EXPANSÃO MARÍTIMA

#### F

FARAÓ

**FARAÓ VARIANTE**

FENÍCIOS

FEUDALISMO

FOLCLORE

#### G

GETÚLIO VARGAS

GLOBALIZAÇÃO

**GLOBALIZAÇÃO VARIANTE**

## *Termo de História*

GLOSSÁRIO HISTÓRIA  
 GOLPE DE ESTADO  
 GOVERNO  
**GOVERNO VARIANTE**  
 GRÉCIA  
**GRÉCIA VARIANTE**  
 GUARANI  
 GUERRA CIVIL  
 GUERRA FRIA

### H

HEBREUS  
 HIERARQUIA  
 HISTÓRIA  
**HISTÓRIA VARIANTE 1**  
**HISTÓRIA VARIANTE 2**

### I

IDADE ANTIGA  
 IDADE CONTEMPORÂNEA  
 IDADE MÉDIA  
**IDADE MÉDIA VARIANTE**  
 IDADE MODERNA  
 ILUMINISMO  
 IMIGRAÇÃO  
 IMPERIALISMO  
 INCONFIDÊNCIA MINEIRA  
 INDEPENDÊNCIA  
 INDIANISMO  
 ÍNDIO  
**ÍNDIO VARIANTE**  
 INQUISIÇÃO

INSURREIÇÃO  
 INTERIOR  
**INTERIOR VARIANTE**  
 IONOMAMI  
 ISLAMISMO

### J

JERUSALÉM  
 JESUÍTA

### L

LATIFÚNDIO  
 LATIM



## *Termo de História*

### M

MAÇONARIA  
**MAÇONARIA VARIANTE**  
 MARECHAL DEODORO  
 MEDITERRÂNEO  
 MEGALÓPOLE  
 MERCOSUL  
 MESOPOTÂMIA  
 METRÓPOLE  
 MINERAÇÃO  
 MISCIGENAÇÃO  
 MISSÕES  
 MITO 1  
 MITO 2  
 MONARQUIA

MONOPÓLIO  
 MUNICÍPIO

### N

NAÇÃO  
 NACIONALISMO  
 NAZISMO  
 NEOLIBERAL  
 NEOLIBERALISMO  
 NÔMADE

### O

OCEANIA  
 ONU  
 ORIXÁ

### P

PAÍS  
 PAÍSES EMERGENTES  
 PAÍSES LATINOAMERICANOS  
 PARTIDO POLÍTICO  
**PARTIDO POLÍTICO VARIANTE**  
 PATAXÓ  
 PATRIOTA  
 PERÍODO  
**PERÍODO VARIANTE**  
 PÉRSIA  
 PESTE NEGRA  
 PLEBISCITO  
 PÓLO  
 PREFEITURA  
 PROTESTANTE





## Termo de História

### Q

QUILOMBO

### R

RAÇA  
 RACISMO  
 REGIME  
 REGIME MILITAR  
 REINADO  
 RELIGIÃO  
 RENASCIMENTO  
 REPÚBLICA  
 REVOLUÇÃO  
 REVOLUÇÃO FRANCESA  
 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

ROMA  
 ROMA ANTIGA

### S

SANCIONAR  
 SOBERANIA  
 SOCIALISMO  
 SOCIEDADE  
 SUSERANO

### T

TANCREDO NEVES  
 TIRADENTES  
 TRADICIONAL  
 TRÁFICO DE ESCRAVOS

TRATADO DE TORDESILHAS  
 TRATADO DE VERSALHES  
 TUPINAMBÁ

### U

UNIÃO EUROPÉIA  
 UNIVERSO  
**UNIVERSO VARIANTE**

### V

VASSALO



Os termos da disciplina História foram os que apresentaram mais termos variantes. Termos com alta frequência de ocorrência têm mais facilidade de ser memorizado, enquanto termos com baixa frequência de ocorrência depende de outros recursos diversos para serem ativados. Um desses recursos são os classificadores.

Os termos mais frequentes no léxico da Libras costumam resistir a mudanças lexicais; por outro lado, termos que são infrequentes não são suficientemente reforçados no léxico mental do sinalizante para manter sua regularidade, então podem adotar estruturas paramétricas menos frequentes na língua.

Portanto, é a frequência do léxico na Libras que garante a produtividade de uma classe de palavras de uma mesma matriz lexical, como, por exemplo, nos termos: ÁSIA, ÁFRICA e EUROPA, que são termos decorrentes da variação linguística por assimilação de uma condição paramétrica da configuração de mão e a sua representação na posição geográfica que é a unidade ativadora da condição de uso paramétrico do ponto de articulação.

Foi possível selecionar a variante-padrão dos termos em estudo e na descrição das condições paramétricas dos termos da disciplina História, foi possível perceber que o processo da variação linguística na maioria dos sinais-termo decorre da supressão do suporte lexical ou da substituição ou adição de elementos lexicais que denotem propriedades semânticas. Como estes termos ainda estão em processo de uso, sua validação foi possível nesta pesquisa.

Assim, há descrição a seguir, apresentam-se as descrições de condições paramétricas dos termos padrão e dos termos que apresenta variante.

**Descrições das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo ÁFRICA / ÁSIA / FARAÓ / GRÉCIA / ÍNDIO / INTERIOR** - Clique no DvD de História em cima de cada termo e de suas respectivas variante que os sinais-termo padrão e variante aparecerão

<b>SINAL-TERMO: ÁFRICA</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] SOCIAL	[+] SOCIAL

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo HISTÓRIA** - Clique no DvD de História em cima de HISTÓRIA, de VARIANTE – 1 – HISTÓRIA e de VARIANTE – 2 – HISTÓRIA que os sinais-termo padrão e variantes 1 e 2 aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: HISTÓRIA</b>		
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE - 1</b>	<b>VARIANTE – 2</b>
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] SOCIAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo CAPITALISMO / CIDADE / CONSTITUIÇÃO / CRUZADA / DEMOCRACIA / ESTADO / EURO / EUROPA / FARAÓ / GLOBALIZAÇÃO / GOVERNO / IDADE MÉDIA / MAÇONARIA / PARTIDO POLÍTICO / PERÍODO / UNIVERSO** - Clique no DvD de História em cima de cada termo e de suas respectivas variante que os sinais-termo padrão e variante aparecerão

<b>SINAL-TERMO: CAPITALISMO</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO

No item seguinte, apresentam-se as considerações acerca do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina Matemática.

### 5.3.4 Léxico Alfabético Bilíngue dos sinais-termo da disciplina Matemática

Na etapa inicial da pesquisa, foram propostos 99 (noventa e nove) termos para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, foram acrescentados novos termos no glossário sugeridos pelos participantes da pesquisa e, no decorrer, das análises dos dados coletados, novos sinais-termo foram propostos também pelos participantes para o efetivo registro no léxico alfabético bilíngue da disciplina Matemática.

O léxico alfabético bilíngue de sinais-termo da Matemática contém 78 (setenta e oito) sinais-termo, sendo que 6 (seis) são termos que apresentam formas variantes, que são ADIÇÃO DE MATRIZ, NÚMEROS ÍMPARES, NÚMEROS PARES, RAIZ QUADRADA, SUBTRAÇÃO e SUCESSOR.

A lista de termos da Matemática que foram sinalizados é a seguinte:



#### Termo de Matemática

##### A

ADIÇÃO  
ADIÇÃO DE MATRIZ  
**ADIÇÃO DE MATRIZ VARIANTE**  
ANÁLISE COMBINATÓRIA  
ANTECESSOR

##### C

CÍRCULO  
COLUNA  
COSSENO  
CUBO

##### D

DECIMAL

DETERMINANTE

DIVISÃO

DIVISÃO DE POLINÔMIO

DOBRO

##### E

EXPRESSÕES ARITMÉTICAS

##### F

FATORAÇÃO

FATORAÇÃO DE UM NÚMERO

FÓRMULA

FRAÇÃO

FRAÇÃO IMPRÓPRIA

FRAÇÃO PRÓPRIA

FRAÇÕES EQUIVALENTES

FRAÇÕES MISTAS

FUNÇÃO

FUNÇÃO CRESCENTE

FUNÇÃO DECRESCENTE

##### G

GEOMETRIA

GLOSSÁRIO MATEMÁTICA

##### L

LADOS

LINHA

LOGARITMO

LOSANGO





## Termo de Matemática

### M

MATRIZ  
MATRIZ TRANSPOSTA  
MEIO  
MENOS  
MÍNIMO MÚLTIPLO COMUM  
MULTIPLICAÇÃO  
MULTIPLICAÇÃO DA MATRIZ

### N

NÚMEROS ÍMPARES  
NÚMEROS ÍMPARES VARIANTE 1  
NÚMEROS ÍMPARES VARIANTE 2  
NÚMEROS PARES  
NÚMEROS PARES VARIANTE 1  
NÚMEROS PARES VARIANTE 2

### P

POLINÔMIO  
PORCENTAGEM  
POTÊNCIA  
POTÊNCIA DE EXPOENTE  
NEGATIVA  
PRODUTOS NOTÁVEIS

### Q

QUADRADO  
QUADRUPLO  
QUARTO  
QUINTO

### R

RAIZ DE FRAÇÕES

RAIZ QUADRADA

RAIZ QUADRADA VARIANTE 1

RAIZ QUADRADA VARIANTE 2

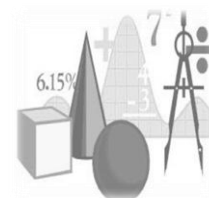
REGRA DE SARRUS

RETA

RETÂNGULO

RETAS CONCORRENTES

RETAS PARALELAS



## Termo de Matemática

### S

SENO  
SIMPLIFICAÇÃO DE FRAÇÕES  
SUBTRAÇÃO  
SUBTRAÇÃO VARIANTE  
SUBTRAÇÃO DA MATRIZ  
SUCESSOR  
SUCESSOR VARIANTE

### T

TABUADA  
TANGENTE  
TERÇO

TIPO DE FRAÇÃO

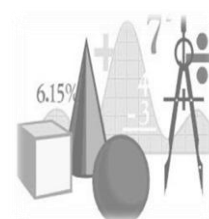
TRIÂNGULO

TRIPLO

### V

VÉRTICE PARÁBOLA MÁXIMO

VÉRTICE PARÁBOLA MÍNIMO



Os sinais-termo da disciplina Matemática apresentaram variação decorrente da assimilação dos números por meio das condições paramétricas de uso da configuração de mão correspondente. Por meio da análise das filmagens, observamos três situações no que se trata da incorporação de numerais na coleta de sinais-termo da disciplina Matemática:

(1) Alguns sinais, apesar de serem citados na literatura como sendo um daqueles que sofrem incorporação de numeral, não apresentaram esse processo entre todos os sujeitos, ocorrendo, em neste caso, o uso da base paramétrica FÓRMULA e das condições paramétricas de vários parâmetros mais o sinal-termo SOMAR.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo ADIÇÃO DE MATRIZ** - Clique no DvD de Matemática em cima de ADIÇÃO DE MATRIZ e de VARIANTE – ADIÇÃO DE MATRIZ que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

ADIÇÃO DE MATRIZ	
PADRÃO	VARIANTE
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO

(2) Alguns sinais conforme esperado, apresentaram o fenômeno da incorporação, mas variaram em relação ao numeral até o qual incorporam nas condições paramétricas.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo NÚMEROS ÍMPARES** - Clique no DvD de Matemática em cima de NÚMEROS ÍMPARES, de VARIANTE – 1 – NÚMEROS ÍMPARES e de VARIANTE – 2 – NÚMEROS ÍMPARES que os sinais-termo padrão e variantes aparecerão.

SINAL-TERMO: NÚMEROS ÍMPARES		
PADRÃO	VARIANTE – 1	VARIANTE - 2
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo NÚMEROS ÍMPARES** - Clique no DvD de Matemática em cima de NÚMEROS PARES, de VARIANTE – 1 – NÚMEROS PARES e de VARIANTE – 2 – NÚMEROS PARES que os sinais-termo padrão e variantes aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: NÚMEROS PARES</b>		
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE – 1</b>	<b>VARIANTE - 2</b>
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo RAIZ QUADRADA** - Clique no DvD de Matemática em cima de RAIZ QUADRADA, de VARIANTE – 1 – RAIZ QUADRADA e de VARIANTE – 2 – RAIZ QUADRADA que os sinais-termo padrão e variantes aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: RAIZ QUADRADA</b>		
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE – 1</b>	<b>VARIANTE - 2</b>
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

(3) Alguns sinais não foram produzidos conforme o esperado, ou seja, os sujeitos Surdos empregaram outro sinal que, por sua vez, não sofre o processo em questão de incorporação de numeral, mas sim, de uso de base paramétrica por meio das condições paramétricas de uso do movimento e da configuração de mão.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo SUBTRAÇÃO** - Clique no DvD de Matemática em cima de SUBTRAÇÃO, de VARIANTE – SUBTRAÇÃO que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SUBTRAÇÃO</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] LEXICAL



**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo SUCESSOR** - Clique no DvD de Matemática em cima de SUCESSOR, de VARIANTE – SUCESSOR que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SUCCESSOR</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] LEXICAL

Por isso, a ocorrência de variantes foi muito restrita devido a estes critérios que foram estabelecidos e que possibilitou o registro e a escolha da variante-padrão.

No item seguinte, apresentamos considerações acerca do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina Português.

### **5.3.5 Léxico Alfabético Bilíngue dos sinais-termo da disciplina Português**

Na etapa inicial da pesquisa, foram propostos 100 (cem) termos para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, foram acrescentados novos termos no léxico alfabético bilíngue sugerido pelos participantes da pesquisa e, no decorrer das análises dos dados coletados, novos sinais-termo foram propostos também pelos participantes para o efetivo registro no léxico alfabético bilíngue da disciplina Português. O léxico alfabético bilíngue de sinais-termo de Português contém 132 (cento e trinta e dois) sinais-termo na Libras, sendo que 4 (quatro) são termos que apresentam formas variantes, que são CONCRETO, FRASE, INATO e LÉXICO.

A lista de termos da Português que foram sinalizados é a seguinte:



## Termo de Português

**A**  
 ADJETIVO  
 ADVÉRBIO  
 ADVÉRBIO DE LUGAR  
 ADVÉRBIO DE MODO  
 ADVÉRBIO DE QUANTIDADE  
 ADVÉRBIO DE TEMPO  
 AFIXO  
 ALFABETIZAÇÃO  
 ALOFONE  
 ALOMORFE  
 AMBIGUIDADE  
 ANÁFORA  
 ANTÔNIMO  
 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

ARBITRARIIDADE  
 ARGUMENTO  
 ARTIGO 1  
 ARTIGO 2  
 ARTIGO DEFINIDO  
 ARTIGO INDEFINIDO

**C**  
 CATEGORIA GRAMATICAL  
 CLASSIFICADOR  
 CLASSIFICADOR PREDICATIVO  
 COERÊNCIA  
 COESÃO  
 COGNITIVO

COMPETÊNCIA  
 COMPLEMENTO  
 COMPLEMENTO NOMINAL  
 COMPLEMENTO VERBAL  
 COMPOSIÇÃO  
 CONCRETO  
**CONCRETO VARIANTE 1**  
**CONCRETO VARIANTE 2**  
 CONECTIVO  
 CONFIGURAÇÃO DE MÃO  
 CONJUNÇÃO  
 CONOTAÇÃO  
 CONSOANTE  
 CONVENCIONAL



## Termo de Português

**D**  
 DÊITICO  
 DENOTAÇÃO  
 DERIVAÇÃO  
 DIACRONIA  
 DIALETO  
 DICIONÁRIO  
 DICOTOMIA  
 DIRECIONALIDADE

**E**  
 ENTRADA  
 ESCRITA  
 ETIMOLOGIA  
 EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL

**F**  
 FLEXÃO  
 FLEXIBILIDADE  
 FONEMA  
 FONÉTICA  
 FONOLOGIA  
 FRASE  
**FRASE VARIANTE**

**G**  
 GÊNERO  
 GÍRIA  
 GLOSA

GRAMÁTICA DA LÍNGUA DE SINAIS  
 GRAMÁTICA DA LÍNGUA ORAL  
 GRAMÁTICA INATA

**H**  
 HABILIDADE  
 HIPÓTESE

**I**  
 ICONICIDADE  
 INATO

**INATO VARIANTE**

**J**  
 JARGÃO





## Termo de Português

### L

LÉXICO  
**LÉXICO VARIANTE**  
 LEXICOGRAFIA  
 LEXICOLOGIA  
 LÍNGUA  
 LÍNGUA MATERNA  
 LINGUAGEM  
 LINGUAGEM FORMAL  
 LINGUAGEM INFORMAL  
 LINGUÍSTICA

### M

METÁFORA  
 MITO

MORFEMA  
 MORFEMA PRESO  
 MORFEMA ZERO  
 MORFOLOGIA  
 MOVIMENTO

### N

NEOLOGISMO  
 NÚCLEO  
 NUMERAL

### P

PADRÃO  
 PARADIGMA  
 PARÂMETROS

PARES MÍNIMOS  
 POLISSEMIA  
 PONTO DE ARTICULAÇÃO  
 PRAGMÁTICA  
 PREFIXO  
 PREPOSIÇÃO  
 PRIMEIRA LÍNGUA  
 PROFICIÊNCIA  
 PRONOME  
**R**  
 REDAÇÃO



## Termo de Português

### S

SEGUNDA LÍNGUA  
 SEMÂNTICA  
 SEMIÓTICA  
 SIGLA  
 SIGNIFICADO  
 SIGNIFICANTE  
 SIGNO LINGUÍSTICO  
 SÍLABA  
 SINAL  
 SINAL-TERMO  
 SINCRONIA  
 SINONÍMIA

SINÔNIMO  
 SINTAXE  
 SISTEMA  
 SOCIOLETO  
 SOCIOLINGUÍSTICA  
 SUBSTANTIVO  
 SUFIXO

### T

TERMINOGRAFIA  
 TERMINOLOGIA  
 TEXTO

### V

VALOR LINGUÍSTICO  
 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
 VARIANTE  
 VERBO  
 VOGAL



A disciplina Português apresentou poucas variantes e nos termos podemos perceber o processo de metátese e epêntese na organização dos sinais-termo desta disciplina.

O termo CONCRETO apresentou duas variantes. As variantes são resultantes da metátese, a partir do re-arranjo da ordem dos segmentos ou de características dos segmentos, que permite a abstração de uma característica mais geral na identificação do sinal-termo e as suas produções por meio dos traços linguísticos ou condições paramétricas.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo CONCRETO** - Clique no DvD de Português em cima de CONCRETO, de VARIANTE – 1 – CONCRETO e de VARIANTE – 2 - CONCRETO que os sinais-termo padrão e variantes aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: CONCRETO</b>		
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE - 1</b>	<b>VARIANTE – 2</b>
[+] NOME	[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

O termo FRASE em sua descrição das condições paramétrica para determinar o termo-padrão mostrou a seguinte condição [+] social, pois quando a base paramétrica são iguais nas formas variantes encontradas do termo, é a condição de uso paramétrico da configuração de mão, a nível de representação, que caracteriza as variações regionais de uso de uma determinada região e quanto mais regiões utiliza esta forma, esta será escolhida a forma padrão do termo.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo FRASE** - Clique no DvD de Português em cima de FRASE e de VARIANTE – FRASE que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: FRASE</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] SOCIAL	[+] SOCIAL

No termo INATO ocorre o processo de epêntese, a partir da adição de um segmento na produção do sinal-termo que ativa os traços linguísticos ou as condições

paramétricas que colaboram na compreensão do termo na Libras. No termo padrão, a base NASCER é o elemento lexical que permite a seleção do traço linguístico ou condição paramétrica ao necessitar da adição do segmento ADQUIRIR com todas as condições paramétricas delimitadas na produção deste sinal-termo para que se possa chegar ao termo INATO. Já a forma variante não apresentou um segmento correspondente que permite a derivação e por isso tem a marca [-] paramétrico.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo INATO** - Clique no DvD de Português em cima de INATO e de VARIANTE – INATO que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

SINAL-TERMO: INATO	
PADRÃO	VARIANTE
[+] NOME [+] PARAMÉTRICO	[+] NOME [-] PARAMÉTRICO

O termo LÉXICO apresentou a condição [+] paramétrico, visto que a base paramétrica é a condição de uso paramétrica da configuração de mão que representa este termo e permitiu a criação de novos termos a partir de sua base paramétrica como os termos: LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo LÉXICO** - Clique no DvD de Português em cima de LÉXICO e de VARIANTE – LÉXICO que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

SINAL-TERMO: LÉXICO	
PADRÃO	VARIANTE
[+] NOME [+] PARAMÉTRICO [+] GRAMATICAL	[+] NOME [-] PARAMÉTRICO [+] LEXICAL

No item seguinte, apresentam-se as considerações acerca do léxico alfabético bilíngue dos sinais-termo da disciplina Química.

### 5. 3.6 Léxico Alfabético Bilíngue dos sinais-termo da disciplina Química

Na etapa inicial da pesquisa, foram propostos 63 (sessenta e três) termos para a coleta de dados por meio de questionário. Porém, não foram acrescentados novos termos no léxico alfabético bilíngue sugerido pelos participantes da pesquisa. No decorrer das análises dos dados coletados, ocorreu o efetivo registro no léxico alfabético bilíngue da disciplina de Química com 17 (dezesete) sinais-termo, sendo que 2 (dois) são termos que apresentam formas variantes, que são os termos ENERGIA e SOLIDIFICAÇÃO.

A lista de termos da Química que foram sinalizados é a seguinte:



### Termo de Química

<b>A</b>	<b>M</b>	<b>S</b>
ÁTOMO	MISTURA HETEROGÊNEA	SOLIDIFICAÇÃO
<b>E</b>	MISTURA HOMOGÊNEA	SOLIDIFICAÇÃO VARIANTE
ENERGIA	<b>N</b>	SÓLIDO
ENERGIA VARIANTE	NÊUTRON	SUBSTÂNCIA
<b>G</b>	NÚCLEO	SUBSTÂNCIA COMPOSTA
GASOSO	<b>P</b>	SUBSTÂNCIA SIMPLES
<b>L</b>	PRÓTON	<b>T</b>
LÍQUIDO		TABELA PERIÓDICA



O termo ENERGIA é específico para a disciplina Química, ou seja, é um termo técnico, em que a condição é [+] paramétrico, visto que a base ORGANISMO com a incorporação da condição paramétrica de uso do movimento e da configuração de mão, permitiu a derivação do sinal-termo ENERGIA.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo ENERGIA** - Clique no DvD de Química em cima de ENERGIA e de VARIANTE – ENERGIA que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: ENERGIA</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] GRAMATICAL	[+] LEXICAL

Já o termo SOLIDIFICAÇÃO, se diferencia pela marca [+] social, pois está associado a forma de uso pelos sinalizantes de Libras que apenas reduplicam o movimento, por isso é [+] paramétrico, pois a base SÓLIDO permite a derivação para o sinal-termo SOLIDIFICAÇÃO.

Assim, as tabelas a seguir apresentam as análises das descrições das condições paramétricas dos termos padrão e dos termos que apresenta variante na disciplina Química.

**Descrição das condições paramétricas do sinal-termo padrão e variante do sinal-termo SOLIDIFICAÇÃO** - Clique no DvD de Química em cima de SOLIDIFICAÇÃO e de VARIANTE – SOLIDIFICAÇÃO que os sinais-termo padrão e variante aparecerão.

<b>SINAL-TERMO: SOLIDIFICAÇÃO</b>	
<b>PADRÃO</b>	<b>VARIANTE</b>
[+] NOME	[+] NOME
[+] PARAMÉTRICO	[-] PARAMÉTRICO
[+] SOCIAL	[+] LEXICAL

No item seguinte apresentamos a proposta de criação do núcleo VARLIBRAS.

#### **5.4 Proposta de criação do núcleo Varlibras**

O Varlibras (Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da LIBRAS) congrega pesquisadores que desenvolvem investigações a partir de teorias do Léxico e da Terminologia, para análise e descrição da variação linguística no nível lexical, mudança linguística e/ou expansão do léxico e bilinguismo à luz de pressupostos funcionalistas. O objetivo é fomentar pesquisas, eventos e discussões na confluência desses campos de estudo,

a partir de desdobramentos das teorias estudadas.

Os estudos de Faulstich têm servido de suporte não apenas a estudos da linguística da língua de sinais, mas também a pesquisas nos campos de estudos da variação linguística e registro dos termos em Libras, de modo a analisar a mudança gramatical ou efetivação do sinal-termo no conjunto de léxico da Libras. O ganho empírico-conceitual representado por pesquisas e investimento conjunto nesses campos é evidente: uma vez que, à luz da linguística, a aquisição de uma língua envolve a utilização correta dos léxicos e o estudos dos parâmetros que compõe o sinal-termo, e que a mudança gramatical reflete diferenças (entre os Surdos) na escolha da variedade linguística, observam-se os fatos que envolve a variação e a mudança como um procedimento teórico-metodológico altamente rentável na tentativa de estabelecer as propriedades paramétricas (em particular, as condições paramétricas) na divulgação da gramática funcional da Libras.

O Varlibras se oferece, nesse sentido, como um núcleo de pesquisa que reúne pesquisadores, interessados nas pesquisas da Linguística da língua de sinais e nas investigações dos resultados já coletados por investigações da variação linguística da Libras. Esse núcleo propiciará um espaço não apenas para o debate de ideias, mas também para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas que, com o foco no léxico e suas interfaces (sintaxe, morfologia, fonologia e semântica), possibilitem observar fatos atrelados à variação linguística, mudança linguística e expansão lexical dentro de um mesmo escopo de investigação.

O corpo de membros permanentes do Varlibras é integrado por professores do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP do Instituto de Letras – IL da Universidade de Brasília – UnB que desenvolvem pesquisa na área da linguística de língua de sinais e são de diferentes regiões do Brasil. O núcleo a ser implantado em outras instituições a serem convidadas para participar do Varlibras, deverá ter um coordenador geral e coordenadores associados, escolhidos entre os membros, que deverá desenvolver as funções de sua competência.

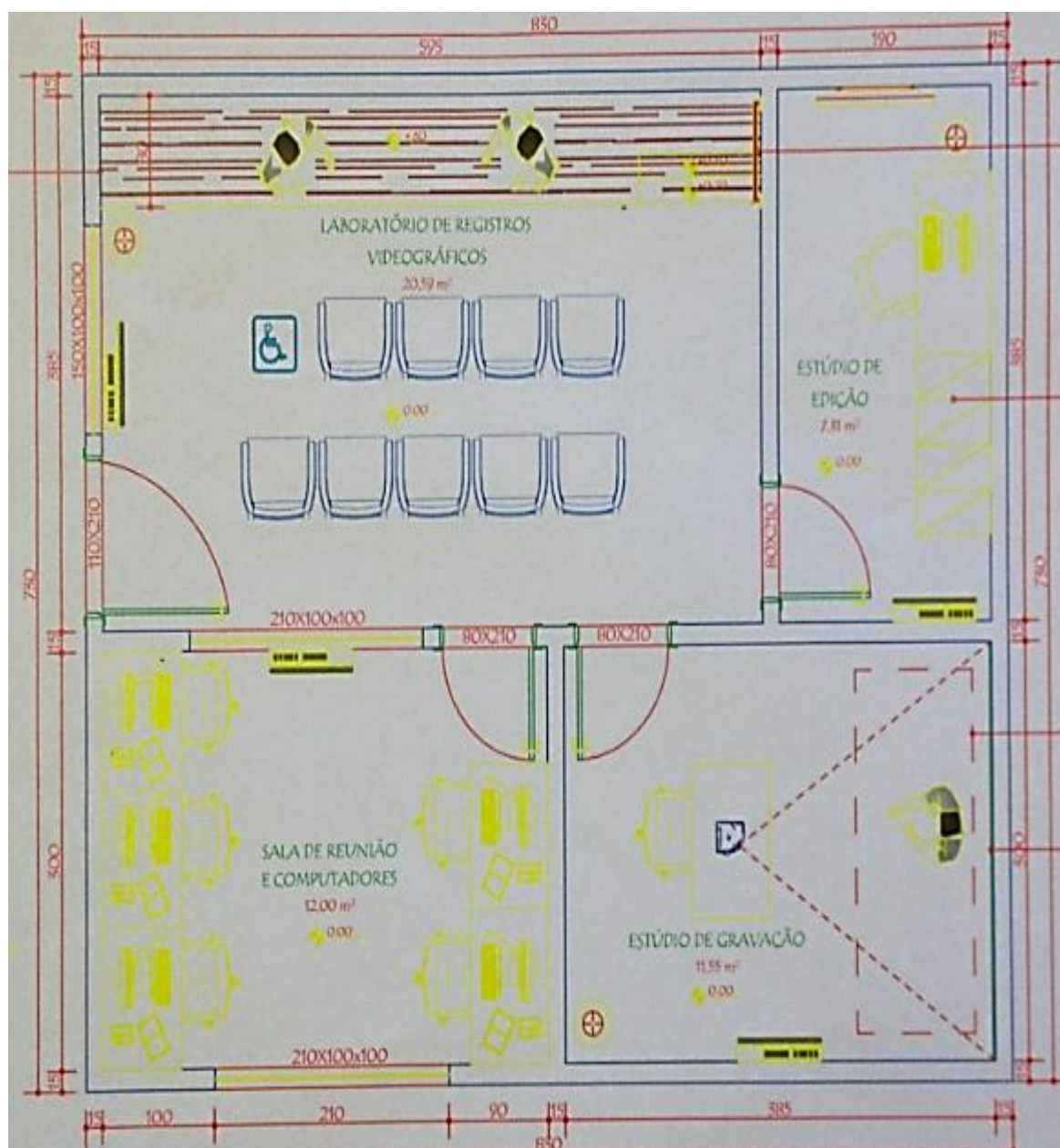
Assim, o objetivo geral do núcleo é o fomento a investigações que congreguem os estudos da variação linguística na perspectiva dos estudos do léxico; oportunidade oferecida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm do LIP/IL, coordenado por Faulstich. Os objetivos específicos do núcleo é a promoção de eventos nas áreas compreendidas. Os eventos do núcleo Varlibras irão desde a orientação conjunta de alunos com apresentação e discussão de projetos de pesquisas a seminários, oficinas, e, finalmente, a realização de eventos nacionais e internacionais. Haverá esforços para a busca de convênios



com outras universidades do Brasil e do exterior, visando ao estabelecimento de intercâmbios entre membros do núcleo e de outros centros de pesquisa, assim como ao desenvolvimento de projetos conjuntos. Também será dada visibilidade a projetos individuais ou conjuntos de seus membros e associados, bem como das atividades em desenvolvimento; criação e elaboração de glossários terminológicos e outros materiais de registros videográficos de diversas áreas do conhecimento para divulgação e pesquisa.

A seguir, expõe-se a figura ideal que detalha os espaços necessários para uma boa utilização e organização do espaço do Núcleo Varlibras:

Figura 39 – Proposta de espaço para implantação do Núcleo do Projeto Varlibras



A proposta de espaço do Núcleo Varlibras envolve um Laboratório de Registros Videográficos com um palco elevado que permita uma dinâmica e interação visual própria para o trabalho e pesquisa na linguística de língua de sinais, com a implantação de dois estúdios, sendo um para a edição dos recursos videográficos e outro para a gravação de sinais-termo em Libras. Para isso, o espaço congrega também uma sala de reuniões e computadores para pesquisa e atividades acadêmicas.

O que se espera é que a proposta em apreço contribua para o enriquecimento de todas as ações que o Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP do Instituto de Letras – IL/UnB desenvolve atualmente em favor das pesquisas de Língua de Sinais Brasileira – LSB/LIBRAS e da formação de graduados e de pós-graduados que se interessam pela nossa língua. Esta, portanto, é uma proposta que, portanto, visa a criação de um núcleo de estudos e pesquisas, cujo principal objetivo é o de incrementar e dar maior visibilidade às ações já consolidadas pelos pesquisadores da área.

Tendo em vista as atividades já desenvolvidas pelos proponentes e o interesse nos objetivos apresentados para a otimização dos esforços individuais e conjuntos num campo de estudos já consolidado na história do ensino e pesquisa do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, há de se acreditar que a proposta preenche perfeitamente os requisitos exigidos para a sua implementação. A base desse Núcleo já está pronta e parte dessa realização pode ser vista nos DVDs anexados ao corpo desta pesquisa de doutoramento.

No capítulo 6, a seguir será apresentada a análise dos dados em Libras para a composição do banco de dados do Projeto Varlibras.

## CAPÍTULO VI - ANÁLISE DOS DADOS EM LIBRAS PARA COMPOSIÇÃO DO BANCO DE DADOS

---

### 6.1 Introdução

As pesquisas de variação linguística da Libras desenvolvida por Castro Júnior (2009, 2011) e orientada por Faulstich, assim como as contribuições de pesquisadores da linguística, como Faria-do-Nascimento e Salles, vêm reforçar o estudo e registro do léxico da Libras no banco de dados do Projeto Varlibras, e, assim, diminuir algumas questões e problemas linguísticos que são encontrados em torno do tema variação linguística. São esses problemas: os regionalismos, as barreiras linguísticas e outros fenômenos que merecem ser investigados com vista a olhar o léxico não só como depositário de idiosincrasias, mas como um domínio de regras lexicográficas e terminográficas. Essas regras se aplicam com as morfológicas, as fonológicas e interage com as regras lexicais, o que conduz naturalmente à discussão de certos princípios da teoria como a proposta da gramática da datilologia, assim como à emergência de outros processos linguísticos com vista a uma efetiva educação lexicográfica. A consequência imediata é a ampliação dos estudos das regras lexicais na organização do léxico da Libras e o entendimento dos fenômenos da variação linguística da Libras.

Procura-se estabelecer uma compreensão dos diversos tipos de variação linguística. Analisar alguns conceitos básicos que envolvem os estudos de variação linguística é importante para que seja possível entender efetivamente o estudo do tema.

Quando estudamos uma determinada língua, é importante, no caso da Libras compreender os seus diferentes níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, e também como a língua é usada a partir das condições linguísticas que regulam os processos linguísticos. Ralph Fasold (1984) ressalta que, enquanto nós usamos uma língua para comunicarmos-nos uns com os outros, também usamos a linguagem para definir a situação social, ou seja, utilizamos a língua para tornar nossas manifestações sociais e culturais claras e assim a língua tem função comunicativa e social.

Hymes (1972) mostra que, quando um falante conhece uma língua, ele sabe como usar as suas formas em seus diferentes níveis linguísticos: a fonologia, a sintaxe, a morfologia, e sabe como usar a língua apropriadamente. Isso significa que a pessoa sabe

como entrar ou sair de uma conversa corretamente, sabe qual tipo de linguagem usar para uma solicitação ou pedido, qual tipo de linguagem é adequado para diferentes situações sociais, e assim por diante. Quando um usuário de uma língua conhece de forma efetiva a sua língua, saberá utilizá-la em seus atos comunicativos e funções sociais.

O estudo em uma perspectiva variacionista necessita englobar as inter-relações no uso da linguagem e suas perspectivas de estruturação. Estudar a variação na língua, no contato de línguas, com vista a um planejamento político na relação entre língua e sociedade.

Cabe lembrar que a variação na língua significa que os falantes de determinadas línguas têm diferentes maneiras de dizer a mesma coisa, ou seja, podemos ter diferentes formas de sinalizar um determinado termo, sem mudança de significado. Essas diferentes formas de sinalizar um determinado termo são, denominadas variantes.

Os primeiros estudos de variação linguística em Libras tratam de três tipos: a variação regional, a variação social e a variação relacionadas a mudanças históricas. A variação regional detalha que em uma área geográfica pode usar variantes diferentes de uma área para outra área geográfica, apesar de que na língua eles estão utilizando o mesmo termo e o significado não muda.

A variação na Libras não se limita apenas à variação regional, podemos ter também a variação social; onde pessoas de diferentes grupos socioeconômicos podem utilizar formas diferentes de determinados termos na língua. Além desse, temos também a variação relacionada a mudanças históricas. Ao longo do tempo, notam-se diferentes formas de realizar a sinalização dos termos sem mudança de significado, e segue o processo – Datilologia – Processo datilológico – Sinal soletrado – Sinal-termo em Libras, em que a transcrição do termo que utiliza as letras do alfabeto e é conhecida como datilologia possibilita uma sinalização mais rápida, até que a língua apresente um sinal-termo para o termo correspondente.

Como dissemos, a variação significa uma maneira diferente de dizer a mesma coisa. Muitas vezes, o falante da língua terá diferentes maneiras de dizer a mesma coisa e vai fazer uma escolha dependendo da situação. Muitas vezes, o repertório lexical é diferente e vai estar inserido no vocabulário do falante da língua. Também será introduzida uma alteração em um repertório lexical existente, ou uma nova variante aparecerá. A variante lexical com maior frequência de uso e a variante lexical com menor frequência de uso podem coexistir por um tempo e, em seguida, podem desaparecer. Esse processo é chamado de variação histórica relacionada a mudanças.

Mudanças históricas nas línguas, muitas vezes, realizam-se no vocabulário, mas algumas alterações podem ocorrer nas condições paramétricas dos termos e caracterizar um erro ou uma nova variante, por isso o registro da base paramétrica serve de padrão para o registro de termos na Libras.

Pesquisadores como Nancy Frishberg, James Woodward, Carol Erting e Susan Desantis descreveram as mudanças históricas da Língua de Sinais Americana - ASL. Muitos sinais da ASL apresentam semelhanças com os sinais da LSF, mas é preciso ter cuidado quando se afirma que alguns termos da ASL apresentam variação da LSF, apenas pelas diferentes formas de sinalizar. Esquecem-se da propriedade e das condições paramétricas que regulam a sinalização dos termos, e todos possuem uma base paramétrica que possibilita as condições de sinalização. Muitas teorias até o presente momento ainda não compreendem o que vem a ser de forma efetiva o processo de variação linguística em língua de sinais. Espera-se que com este estudo vários pesquisadores repensem e tenham novas possibilidades de análise nos estudos da variação linguística em língua de sinais.

Percebe-se, assim, que a evolução é uma característica primordial na língua. A língua muda ao longo do tempo, e as mudanças são contínuas. Podemos ver as mudanças ocorrendo com a introdução de novos termos na língua, com o advento da comunicação e do surgimento de novas tecnologias, novos termos são criados e refletem as diferentes formas regionais. Nesse sentido é preciso analisar se o conhecimento das condições paramétricas na realização dos sinais possibilita a substituição do termo que é mais icônico por um termo mais terminológico, por exemplo, ou apenas uma adaptação lexical dos termos na língua de sinais.

Os traços linguísticos ou as condições paramétricas da Libras formulam hipóteses sobre a natureza da variação linguística da Libras e como se pode estruturar o registro do léxico por meio da alta frequência de traços linguísticos. Os traços linguísticos são encontrados nos sinais-termo que se originam dos parâmetros na Libras, e esses traços seriam chamados também de condições paramétricas.

As regras paramétricas visam analisar a variabilidade dos resultados da variável dependente, em função da manipulação das variáveis independentes, de forma que se possa refutar ou aceitar a hipótese nula, a qual postula que os resultados da investigação são devidos não aos efeitos previstos pela hipótese experimental, mas a diferenças aleatórias nos resultados, devidas a outras variáveis irrelevantes ou ao acaso.

Existem quatro mecanismos para a regulação das condições paramétricas: a ocorrência lexical, a proposição de análise lexical, a condição lexical e o princípio de organização da estrutura paramétrica. O primeiro diz respeito a regras paramétricas inter-

relacionadas com os parâmetros que se estruturam e são encontrados em toda a formação de sinais-termo que satisfazem a ocorrência das condições paramétricas. O segundo restringe-se ao processo de análise por meio das variáveis. O terceiro exige que regras envolvidas com a formação de sinais-termo sejam preservadas e registradas, visto que a condição lexical de ocorrência é fundamental para determinar quais são os processos linguísticos que ocorrem na Libras. O quarto mecanismo é o estabelecimento da sistematização da condição paramétrica de uso em diferentes perspectivas para o registro e a divulgação da Libras.

De acordo com Liddell e Johnson (1989), para capturar adequadamente os fatos de uma língua, um sistema de representação precisa atender concomitantemente a dois requisitos: i) ele deve ser capaz de representar de maneira acurada toda a riqueza dos detalhes envolvidos na produção linguística e ii) deve ser capaz de expressar a organização desses detalhes.

Assim, no léxico da Libras, existem regras que promovem a organização gramatical e regras que mudam estruturas gramaticais e são lexicais. As primeiras são reguladoras, o problema reside nas regras que mudam estruturas que, se não forem registradas, não podem contribuir para a formação de segmentos novos por meio das condições paramétricas e, se forem mantidas em uso, sem registro, podem criar variantes e fomentar os regionalismos na Libras, daí a importância deste estudo.

## **6.2 Alguns princípios orientadores da análise**

A Libras, como língua varia tanto no espaço quanto no tempo, bem como de acordo com o ambiente linguístico em que uma forma é usada. Deste modo, é importante analisar as diversas produções em Libras, para estabelecer princípios norteadores por meio das condições paramétricas. Defendemos que cada condição paramétrica compõe um segmento que é a unidade básica sobre a qual se estruturam internamente os sinais-termo da Libras e, por isso, é preciso desenvolver, para os itens lexicais dessa língua, um modelo de representação e descrição que permita o seu desdobramento com estudos iniciados por outros pesquisadores. Deste modo, para a análise dos resultados dos dados coletados a serem organizados na forma de léxico alfabético bilíngue de cada disciplina: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, torna-se importante considerar os fatores que estão associados à produção do sinal-termo. Muitos desses fatores são sociais e outros são linguísticos.

Existe um conjunto de processos envolvidos na variação em língua de sinais, ou seja, esses processos estão envolvidos com as variáveis da condição de uso paramétrica que ocorrem na Libras que foram delimitados nesta pesquisa. Por exemplo, a variação pode ser o resultado da assimilação, como o processo datilológico, ou ainda a seleção de uma base paramétrica da configuração de mão, que origina a produção do sinal-termo a partir desta base paramétrica. A variação, também, pode ser resultado do fato de se suprimir o suporte lexical, quando este não é utilizado na produção do sinal-termo, e isso exclui algumas condições paramétricas não essenciais, sem alteração do conceito. Podemos ver a variação resultante de processos de substituição ou adição de elementos, como a coalescência, a criação de um novo segmento, a partir de dois outros segmentos que funcionam como base paramétrica e apresentam condições paramétricas suficientes para a produção do sinal-termo, a metátese - a partir do re-arranjo da ordem dos segmentos ou de características dos segmentos, que permite a abstração de uma característica mais geral na identificação do sinal-termo e suas produções por meio das condições paramétricas - e a epêntese, a partir da adição de um segmento na produção de um sinal-termo, ou seja, na língua de sinais. Geralmente os usuários aprendem de forma implícita para depois de forma explícita utilizar estes processos em suas diferentes funções e contextos.

Deste modo, a partir desse conjunto de processos que envolvem a ocorrência da variação linguística na Libras, é preciso analisar também os princípios orientadores das análises a serem adotados neste estudo, que são as restrições internas e as restrições externas.

As restrições internas são decorrentes das variáveis da condição de uso paramétrica dos parâmetros da Libras. Na análise das variantes, são levadas em conta características linguísticas que ocorrem em um ambiente linguístico e podem desempenhar a ocorrência da variação. Wolfram (1994) afirma que as restrições internas são variáveis que podem ser de natureza composicional, sequencial, funcional, ou que tenham a ver com a incorporação estrutural.

Já as restrições externas incluem fatores demográficos, como a região sociogeográfica, a idade e o gênero. Ou seja, para a análise das variantes, é preciso considerar que pode existir uma correlação entre uma ocorrência linguística e os fatores que são variáveis e sociais. Certamente, podem ser incluídos nessas restrições fatores como pessoas que querem projetar uma identidade particular para os outros sinalizantes da língua e que podem desempenhar um papel importante no fenômeno da variação linguística.

Alem desses princípios, é preciso defender uma tipologia gramatical que apreenda a diversidade de estruturas que podem desempenhar o mesmo tipo de função. Nesse sentido, é

possível enumerar as principais estruturas por meio das quais línguas diferentes codificam o mesmo domínio funcional.

Como argumento para a natureza adaptativa das línguas naturais, Givón postulou princípios da organização gramatical icônica ou princípios de iconicidade. Uma síntese desses princípios é dada a seguir. Regras de entonação: ênfase na previsibilidade - trechos de informação menos previsível são enfatizados. Blocos de informação que pertencem ao mesmo domínio conceitual são empacotados sob um contorno melódico único. O tempo de pausa entre blocos de informação corresponde à distância temática ou cognitiva que existe entre eles. Regras de espaçamento: blocos de informação que pertencem ao mesmo domínio conceitual são mantidos em proximidade espaço-temporal. Operadores funcionais são mantidos mais perto do que tomam por escopo. Regras de sequência: um bloco de informação mais importante é colocado no início. Ordem de ocorrência e ordem reportada: a ordem temporal na qual os acontecimentos ocorreram é espelhada no relato linguístico desses acontecimentos. Regras de quantidade: Informação previsível – ou já ativada – não será expressa. Informação irrelevante ou sem importância não será expressa.

Observem que, ao enunciar relações de motivação entre forma e função, os princípios de iconicidade se opõem ao princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Portanto, o funcionalista, busca nos condicionamentos cognitivos e discursivos que caracterizam cada momento da interação as explicações que justifiquem a forma da expressão linguística utilizada. Notem que os princípios de iconicidade não são universais absolutos, regras categóricas do funcionamento linguístico. Eles representam uma preferência ou tendência no uso de uma língua natural. Percebam, ainda, que esses princípios competem na determinação da expressão linguística e por isso, ao serem considerados neste estudo, irei tratar desse princípio para possibilitar futuras pesquisas sobre o tema ao explicar as motivações lexicográficas da escolha da base paramétrica para um conjunto de léxicos na Libras.

A seguir, mostraremos dados de algumas análises realizadas em torno dos sinais-termo coletados que servem para ilustrar os fatores aqui especificados, levando em conta as restrições internas e externas na análise, bem como a sistematização dos sinais-termo a partir de cada variável de uso paramétrico da condição paramétrica.



### **6.3 Análise dos sinais-termo de acordo com as condições paramétricas**

Escolhemos vários exemplos de sinais-termo para ilustrar a variação linguística decorrente das variáveis que compõem a condição paramétrica de realização e ou da criação do sinal-termo na Libras. A seguir, apresentamos a sistematização dos sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico das configurações de mãos, da variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação, da variável da condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos na Libras, da variável da condição de uso paramétrico da direcionalidade na Libras e da variável da condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais: aspectos linguísticos.

Entendemos por variável o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa a partir de uma condição de uso paramétrico, e por variante cada uma das formas de realizar a mesma coisa. Temos, pois, variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado, e quando as diferenças que eles representam têm uma função linguística ou social. Fazer uma escolha dentre várias possibilidades ao sinalizar um sinal-termo na Libras evidentemente manifesta uma variável, mas resta a questão de saber a que função correspondem essas diferentes formas paramétricas que chamamos de traços linguísticos ou condições paramétricas.

CALVET (2002, p. 103) mostra que uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar tipo de correlações entre a variante linguística e as escolhas linguísticas que são efetuadas sistematicamente por meio de triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos lexicais significativos e que fazem sentido na estrutura da língua. No item seguinte, vamos proceder a análises que permitem a sistematização de sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico da configuração de mão.

#### **6.3.1 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico das configurações de mãos**

Os elementos que constituem a variável da condição de uso paramétrico das configurações de mãos descrevem como a mão é configurada e qual a sua função linguística. Isto é, qual a propriedade lexical de uma determinada configuração de mão que irá possibilitar uma propriedade gramatical na produção e ou criação de sinais-termo na Libras. A principal função dessas configurações de mãos em conjunto com os outros parâmetros é distinguir as

diferentes condições de segmentos existentes nas línguas sinalizadas e especificar de fato quais são as principais configurações de mãos que podem ser sistematizadas para o estudo da variação linguística da Libras.

A ocorrência de segmentos de uma determinada base paramétrica para o estudo da variação linguística foi analisada pelo pesquisador Castro Júnior (2011). Na análise de duas variantes identificadas para o termo LEI, a pesquisa desse autor possibilitou proceder a uma descrição do processo linguístico de caráter paramétrico do uso de configuração de mão e do movimento, que permitiu, de maneira criteriosa, uma análise à luz do léxico no estudo da variação linguística em Libras. O termo LEI é representado pela figura a seguir:

Figura 40 – Sinal-termo – Variante – padrão - LEI



FONTE: CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Variação Linguística na Língua de Sinais Brasileira – Foco no léxico. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília – UnB, 2011.

Castro Júnior (2011) na discussão da variante-padrão para o termo LEI, mostra que a imagem apresentada anteriormente foi escolhida e eleita como variante-padrão do termo LEI, visto que a sua frequência de uso é maior e apresentou uma maior aceitabilidade do grupo. Além disso, a correlação entre o conceito e o sinal-termo ficou bem estabelecida na sinalização, bem como na sua aplicabilidade, ou seja, a correlação de estabelecer a configuração da mão que se assemelha a um documento lexicográfico foi bem aceita pelo grupo de informantes de sua pesquisa, e tal condição paramétrica possibilitou a escolha de novos sinais-termo como variante-padrão, conforme veremos a seguir:

Figura 41 – Sinal-termo – Variante-padrão - DECRETO



FONTE: CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *Variação Linguística na Língua de Sinais Brasileira – Foco no léxico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília – UnB, 2011.

Castro Júnior (2011, p. 88) mostrou que essa variante foi eleita e escolhida como variante-padrão, porque necessitava seguir um padrão paramétrico que possibilitasse a escolha do sinal de acordo com o termo - LEI. O autor mostra que uma das vantagens da pesquisa na identificação da variante-padrão é que, para a descrição dos sinais realizados pelos Surdos, tomamos emprestados os sinais do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras, de Capovilla *et. al.* (2001), mesmo conscientes das limitações linguísticas, por não darem conta de especificar as variedades da língua, dada a dimensão geográfica do Brasil. Reconhecemos a importância do trabalho dos autores, mas, com respeito, concordamos que há certa imposição em suas explicações para as “regras” das muitas variedades da Libras. Há que atentar, portanto, para, na tentativa de padronizar, esquecer a diversidade de sinais, o que possibilitou para aos Surdos discutirem os termos apresentados na pesquisa da variação linguística.

Deste modo, quando uma variante não é tida como referência para os Surdos e se uma determinada variante ainda não pode ser considerada variante-padrão com base nas discussões aleatórias sobre a propriedade da constituição do termo em Libras, Castro Júnior (2011), enfatiza que uma linearidade e uma sequencialidade são necessárias para servir de base na realização e organização dos termos. Esse critério foi utilizado para a escolha da variante-padrão para o termo CONSTITUIÇÃO, conforme veremos a seguir:

Figura 42 – Sinal-termo – Variante-padrão – CONSTITUIÇÃO



FONTE: CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Variação Linguística na Língua de Sinais Brasileira – Foco no léxico. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília – UnB, 2011.

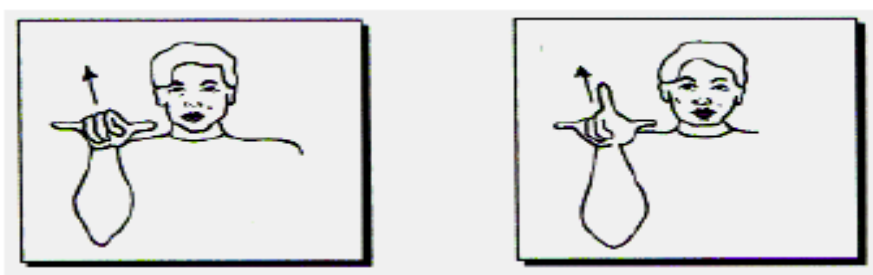
Além do critério utilizado para a escolha da variante-padrão para o termo CONSTITUIÇÃO, o autor mostra que muitos Surdos concordaram com a proposta da variante-padrão, por esta possuir a mão de apoio ou passiva para frente aberta e a outra mão que executa o movimento com a CM com a letra “C”, para manter um padrão dentro da unidade lexicográfica proposta. A partir dessa observação podemos depreender que as letras em formas de configuração de mão – CM fazem parte das condições paramétricas a partir da base paramétrica correspondente ao documento lexicográfico – representação imagética da configuração de mão como um papel em uma folha aberta.

Muitos Surdos apresentam dificuldades, que estão relacionadas a barreiras linguísticas, aos sinais-termo diferentes que são utilizados nas diversas áreas de especialidade, e isso interfere no processo de discussão da padronização dos sinais pelos Surdos. Como muitos conceitos não são compartilhados em Libras, por isso, a pesquisa da variação linguística em Libras e a proposta de organização de um banco de dados ganham mais relevância, pois irão auxiliar e contribuir para a divulgação e organização dos sinais-termo na Libras de uma maneira em que se tenha a valorização do vocabulário e dos sinais-termo que variam nos diferentes processos linguísticos. A Libras tem vários mecanismos visual-espacial que necessitam ser registrados para entender como acontece a escolha das variantes-

padrão e deste modo contribuir na compreensão das funções linguísticas que acontecem na Libras, por meio da variável da condição de uso da configuração de mão.

Na grande maioria dos termos da Libras, pelo menos algum resquício da língua portuguesa - LP, como a configuração de mão (CM) permanece, e não é possível analisar sem que processos, como a adaptação estrutural, não estejam sem a influência da LP. Mas a condição paramétrica da CM precisa ficar clara no sentido de que não é “seguir” algo da LP para definir o sinal ou criar o sinal correspondente para o termo que é interpretado da LP para a Libras, mas que a CM é imprescindível faz parte da gramática da datilologia da Libras e é utilizada quando outros mecanismos não possibilitam adequação do termo ao padrão na Libras. Em estudos anteriores, Strobel e Fernandes (1998) apresentam exemplos de variação linguística na Libras que também foram observados decorrentes de mudanças na configuração de mão, o que permite a análise de outras condições paramétricas que correm na Libras. As figuras a seguir mostram exemplos de variação decorrentes da configuração de mão:

Figura 43 – Sinal-termo – AVIÃO



Fonte: FERNANDES Suely; STROBEL Karin. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 44 – Sinal-termo - AJUDAR



Fonte: FERNANDES Suely; STROBEL Karin. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Figura 45 – Sinal-termo – CONVERSAR



Fonte: FERNANDES Suely; STROBEL Karin. *Aspectos linguísticos da Libras*. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Na figura 43, no sinal-termo para AVIÃO, percebemos nas duas formas variantes a iconicidade. Entretanto, em outras dimensões lexicográficas, a variante para a primeira forma apresenta uma alta iconicidade, o que possibilita nomear essa variante para o termo AVIÃO. Como a segunda variante apresenta uma baixa iconicidade, em que o formato do corpo de um avião é ampliado, essa variante em sua forma de sinalizar se sustenta em sua interpretação, quando fazemos um cruzamento lexical com outras condições paramétricas, como a do movimento, a nomeação para o termo AERONAVE, que é qualquer máquina capaz de sustentar voo, e a grande maioria também são capazes de alçar voo por meios próprios. Deste modo, essas duas formas de sinalizar um único termo podem possibilitar a sinalização de outro termo e deixar de ser variantes para serem apenas termos diferentes na organização lexical e gramatical dos sinais-termo da Libras.

Na figura 44, notamos a importância do suporte lexical para o termo AJUDAR. A mudança ocorre na configuração de mão, que funciona como suporte lexical, e, na sinalização do termo AJUDAR, o suporte lexical é obrigatório, e sua ausência gera outras interpretações e crassos. O suporte lexical é importante para a abstração e compreensão de inúmeros fenômenos na Libras e auxilia o falante na medida em que este passa a ser utilizado de forma efetiva.

Na figura 45, no termo CONVERSAR, ainda não foi possível descrever a função lexicográfica da configuração de mão estar aberta ou fechada. Mas o pesquisador Castro Júnior (2011) classifica essas formas como variação de apoio, ou seja, esse processo é eminentemente paramétrico na sua elaboração, e há constituição lexicográfica na organização dos termos. A mão de apoio é sempre passiva, e a mão ativa para diversos outros termos se

diferencia ou na CM ou no movimento. Novos estudos são necessários para analisar os mecanismos que regulam esse processo.

Porém, uma análise mais detalhada se faz necessária para explicar e mostrar de uma forma mais ampla os processos lexicadores que acontecem na escolha da variante-padrão. Assim, a configuração paramétrica que está mais relacionada à mudança, é a configuração de mão – CM no processo de organização lexicográfica, mas, em todos os exemplos observados para a sistematização da configuração de mão, há mudança na estrutura datilológica e tende a permanecer na língua para um efetivo uso, caso sejam oferecidas possibilidades de registro e divulgação dos termos.

Esse processo linguístico já foi explicado por Quadros e Karnopp (2004), que afirmam que os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço.

Um sinal-termo pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal-termo pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Os sinais-termo que são articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais-termo articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos.

Outras observações em torno da variável de uso da condição paramétrica são decorrentes da datilologia. Vilhalva (2004) mostra que no uso da datilologia a língua escrita serve de base, e as palavras são digitadas através das mãos (no Brasil só se usa uma mão no uso da datilologia, podendo ser mão direita ou esquerda). Na Libras existe uma codificação contextualizada em torno de símbolos/sinais que resultarão em diálogos interativos linguísticos e a variação transliterada possibilita esse mecanismo.

A partir desses exemplos, foi possível organizar a sistematização para os sinais-termo das áreas das disciplinas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química. A seguir, apresentaremos algumas análises decorrentes do uso da variável Configuração de Mão que possibilitaram ou o registro de sinais-termo ou a substituição dos sinais-termo, em estudo.

Na disciplina de Biologia, a partir dos sinais-termo coletados, percebemos na análise dos sinais-termo que não existia um critério lexicográfico que permitisse a criação de sinais-termo quando estes não apresentassem um correspondente. Deste modo, foi feita uma análise minuciosa na composição dos sinais-termo para fosse possível chegar a uma base paramétrica na composição de determinados grupo de sinais-termo da disciplina Biologia e

foi possível constatar que o sinal-termo criado para ORGANISMO, que inicialmente era sinalizado por meio da datilologia, permitiu tanto uma interpretação para o ORGANISMO BIÓTICO, quanto para o ORGANISMO ABIÓTICO, quando na sinalização tivesse a incorporação de alguns traços linguísticos e ou condições paramétricas que permitisse a compreensão de seus respectivos significados. Deste modo, foi feita a seleção da base paramétrica do termo ORGANISMO, e na figura a seguir, visualizamos a base paramétrica da configuração de mão que foi utilizada para a criação e organização paramétrica de vários sinais-termo na Biologia.

Figura 46 – Base paramétrica – ORGANISMO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Deste modo, apresentamos figuras com alguns exemplos de sinais-termo que foram criados a partir da base paramétrica da figura 46 e podem ser considerado variante-padrão, a partir do respectivo termo pesquisado.



Figura 47 – Sinal-termo – AQUECIMENTO GLOBAL

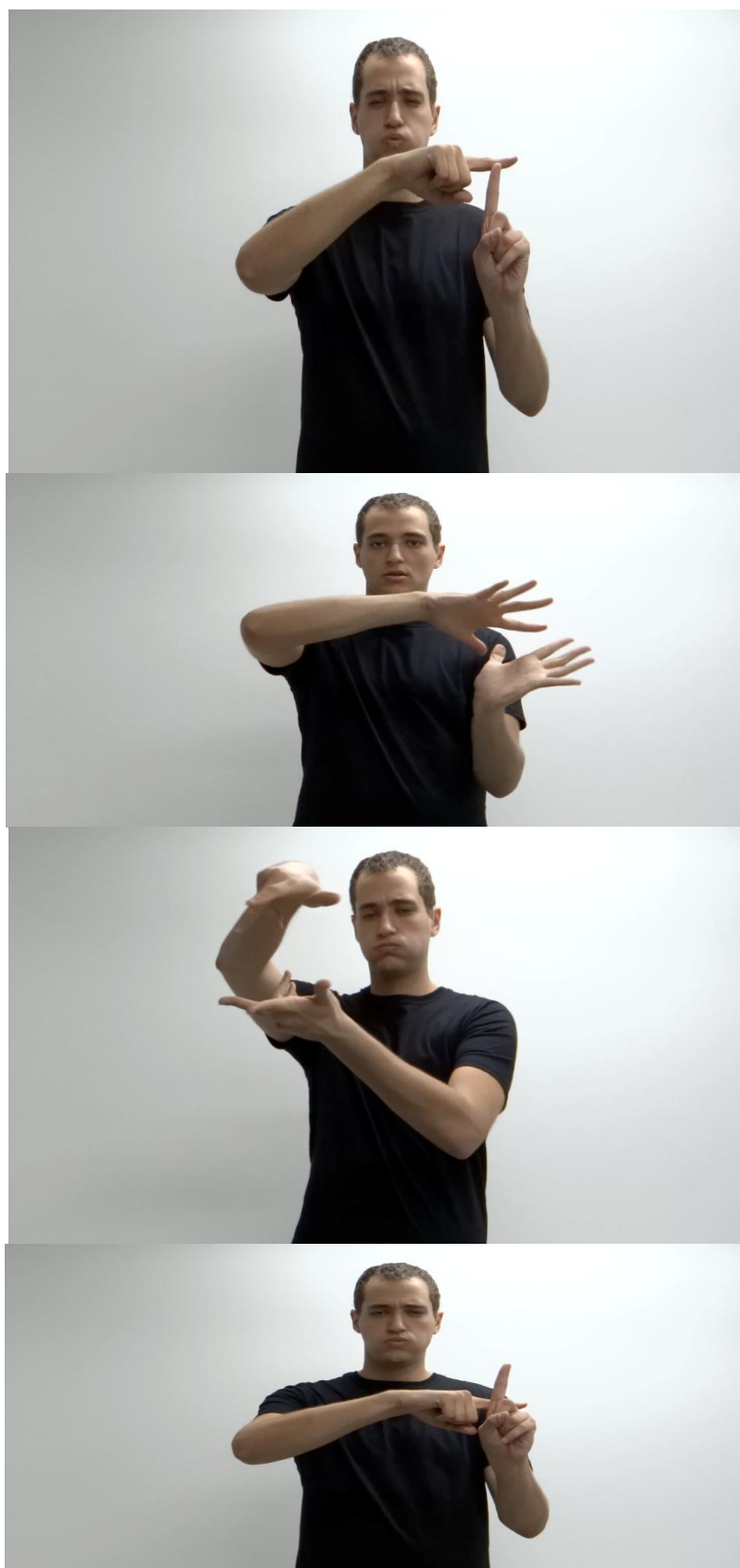
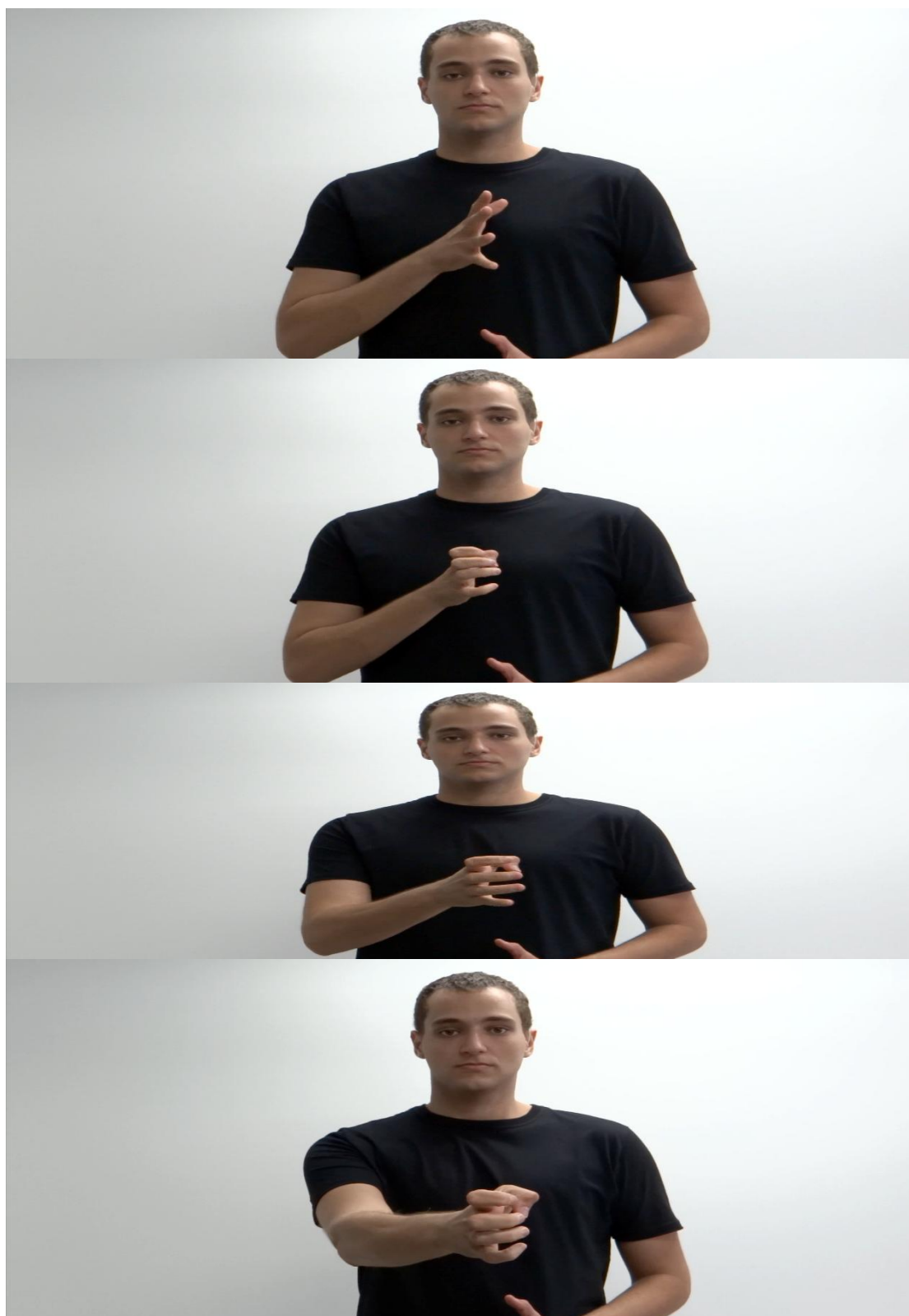


Figura 48 – Sinal-termo – BACTÉRIA



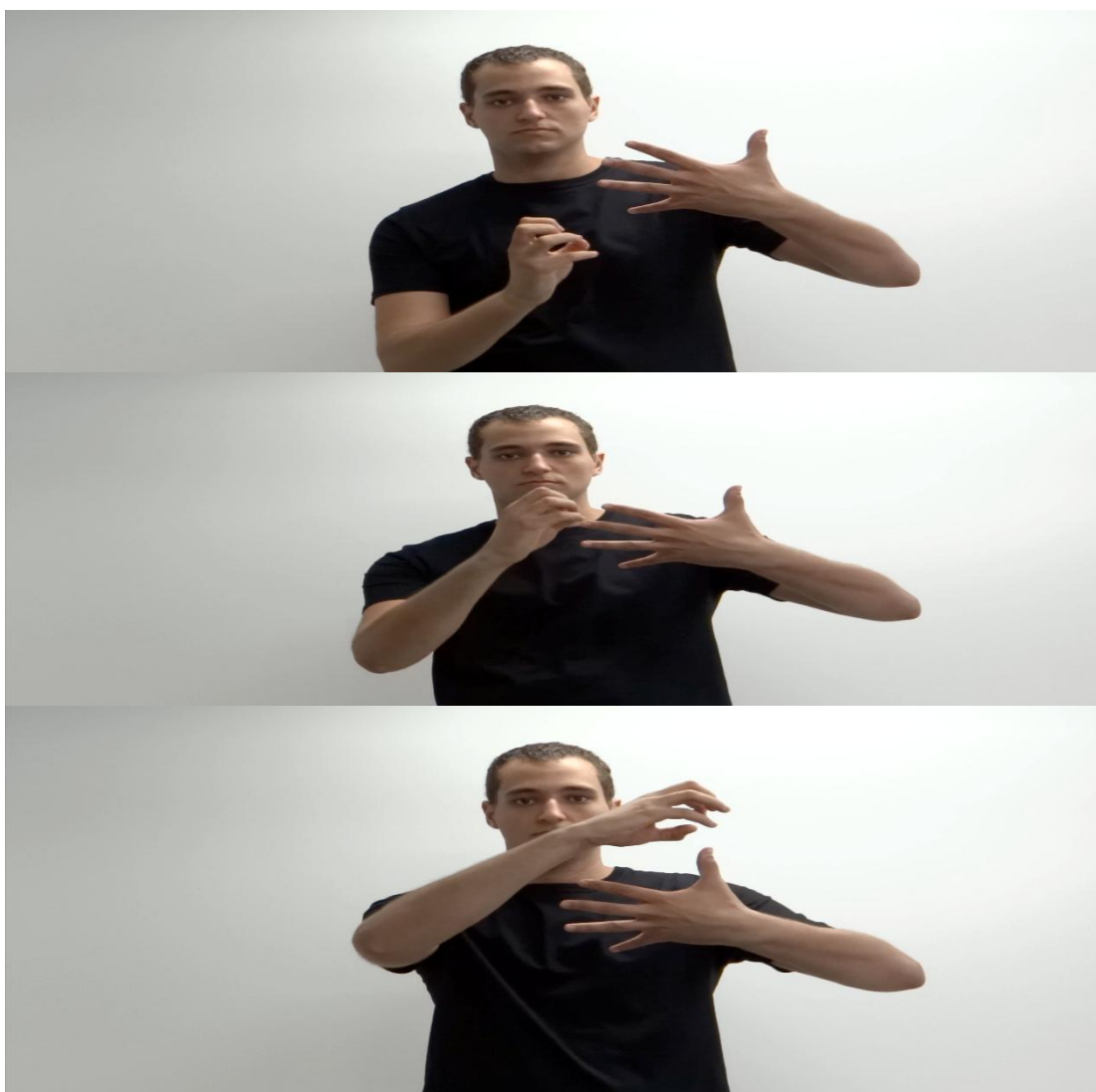
FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Figura 49 – Sinal-termo – BRIÓFITAS



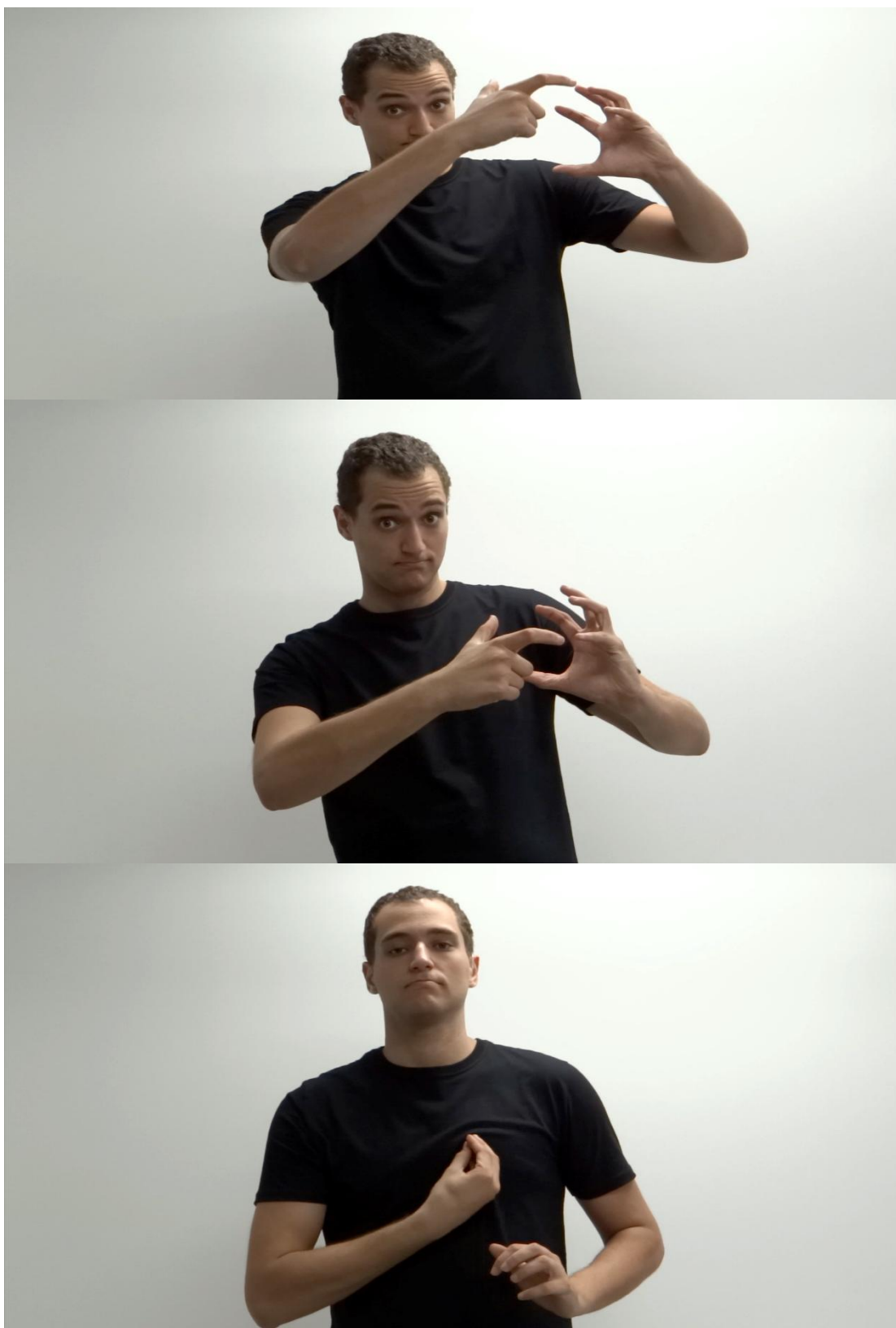
FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Figura 50 – Sinal-termo – CADEIA ALIMENTAR



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Figura 51 – Sinal-termo – HABITAT



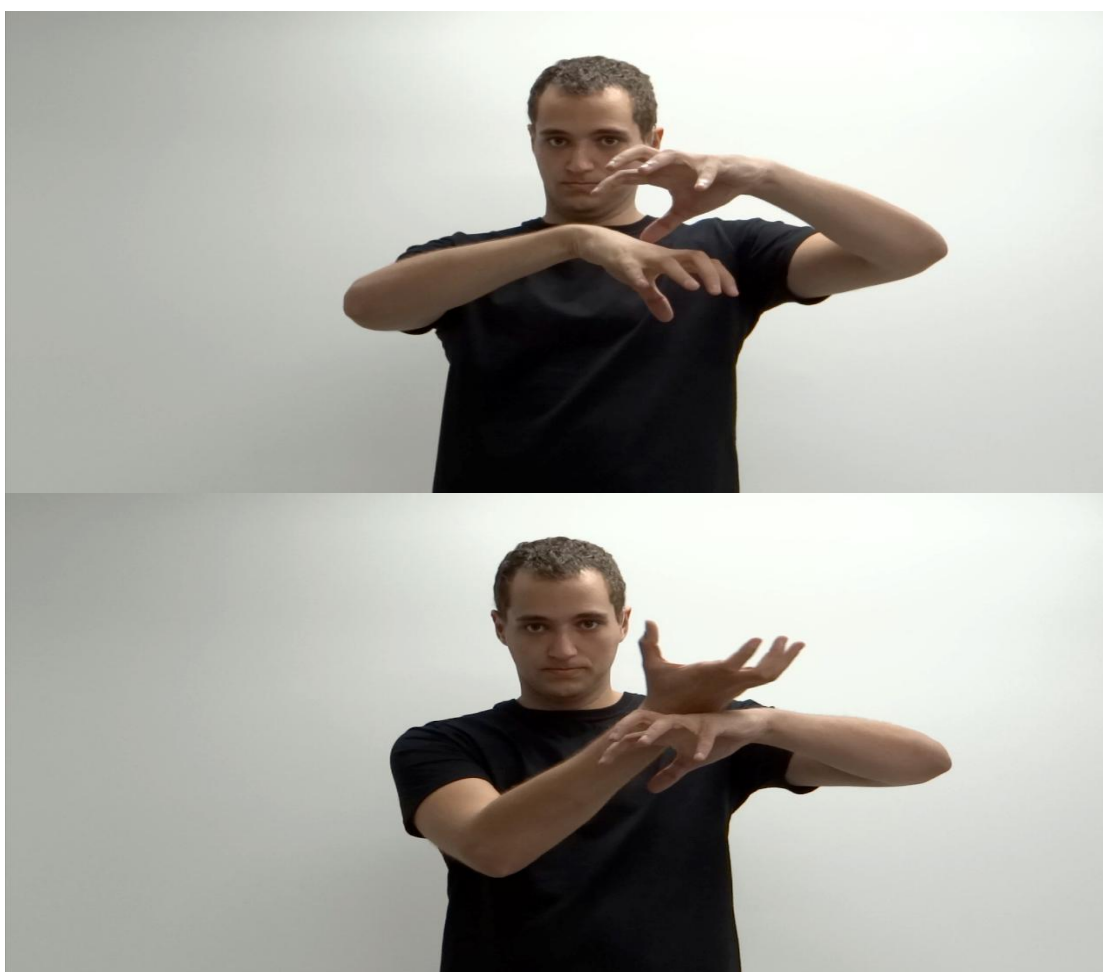
FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Figura 52 – Sinal-termo – INQUILINISMO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Figura 53 – Sinal-termo – MEIO AMBIENTE



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA - 2014

Figura 54 – Sinal-termo – PREDADOR

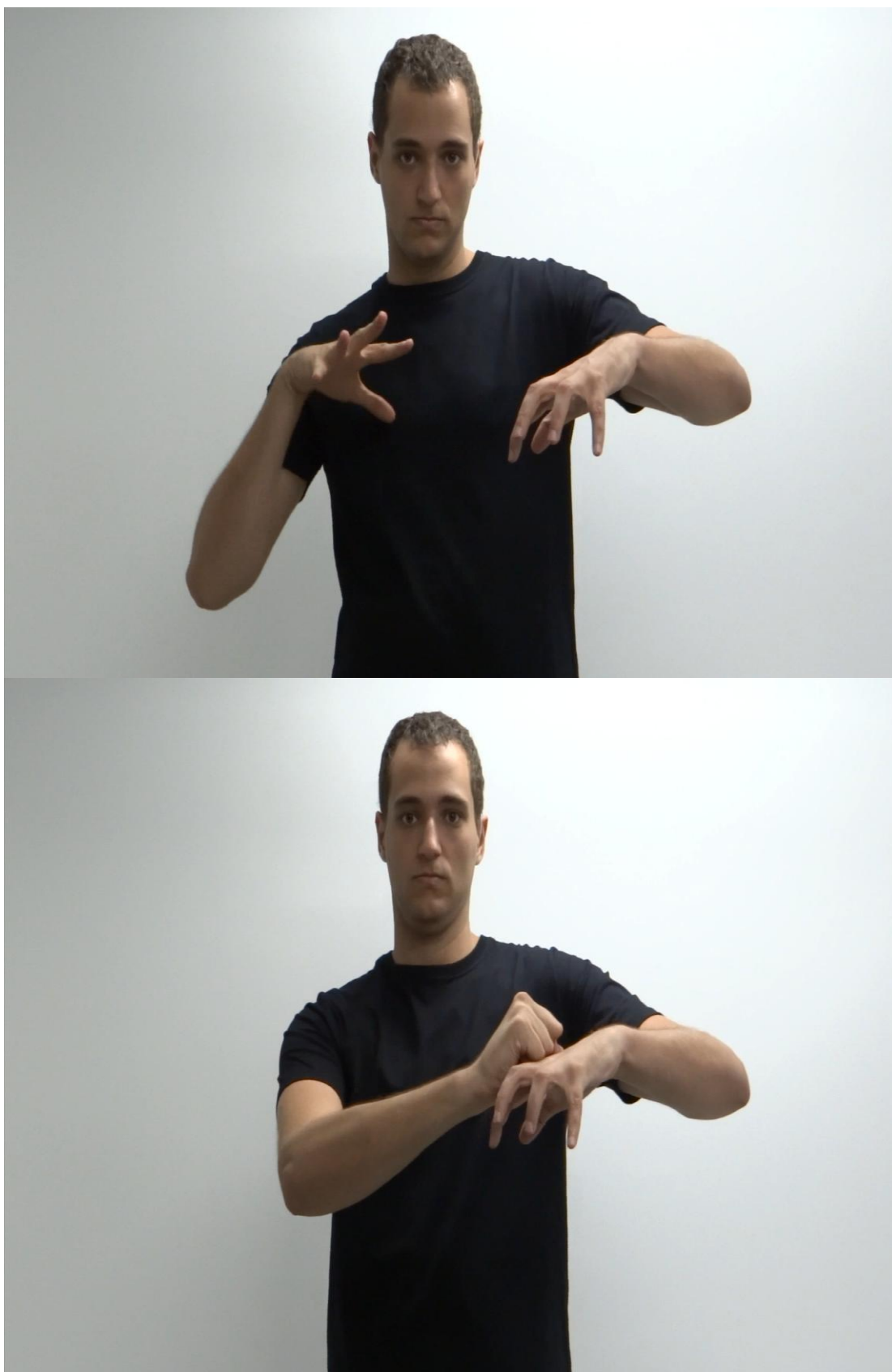
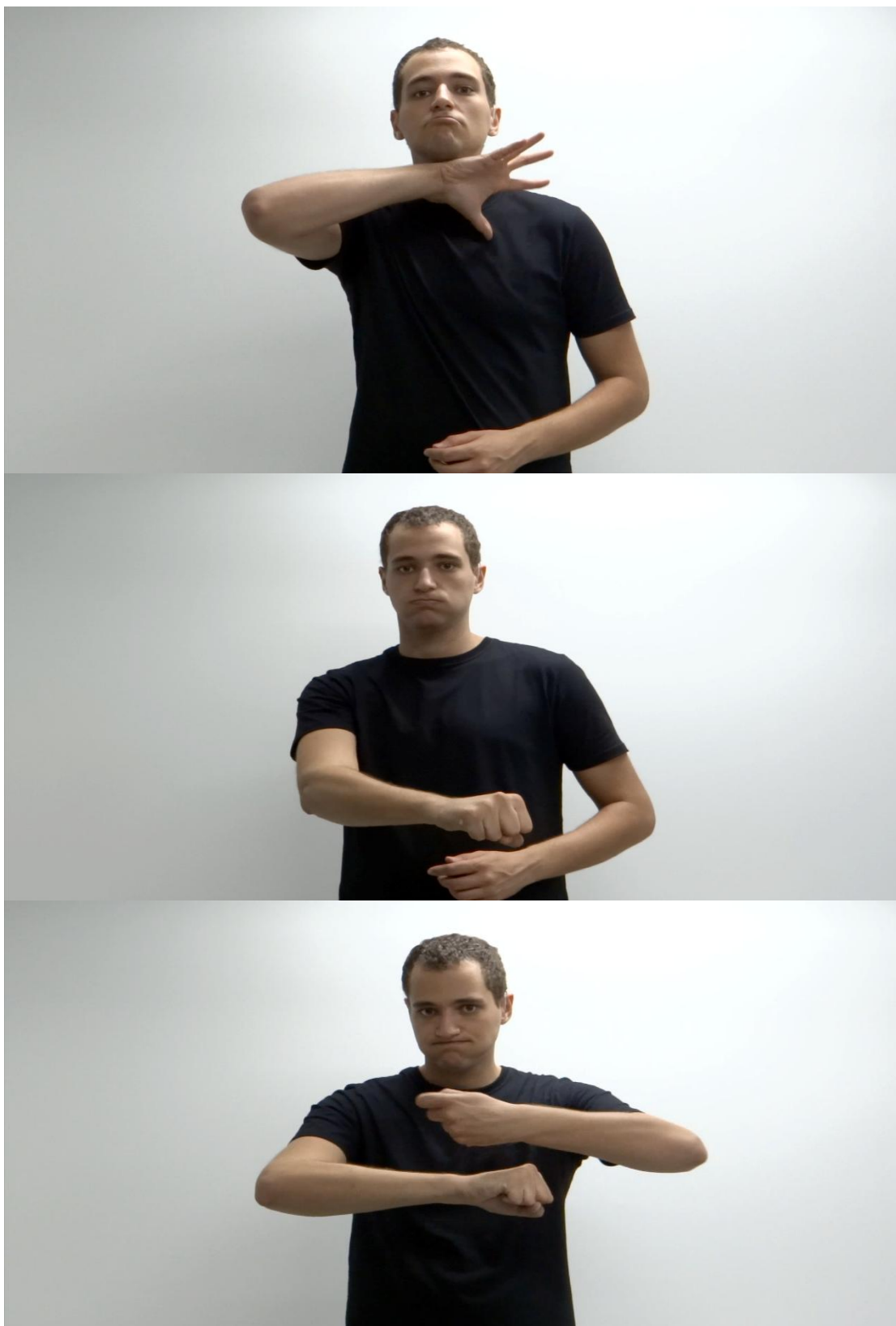


Figura 55 – Sinal-termo – PTERIDÓFITAS



Figura 56 – Sinal-termo – TRÁFICO DE ANIMAIS



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014



Estes exemplos na Libras, possibilita comprovar a importância das condições paramétricas para o estudo da terminologia e da composição estrutural da Libras para a compreensão dos termos criados a partir de uma base paramétrica. Além desses exemplos, apresentamos também análises da variável da condição paramétrica da configuração de mão em torno dos sinais-termo coletados da disciplina Português.

A ocorrência dessa base paramétrica e com as diversas condições paramétricas sugere que a realização destes sinais-termo depende da coordenação paramétrica em cada organização lexicográfica.

Na disciplina de Português, a base paramétrica que foi utilizada foi aquela configuração de mão utilizada para o sinal-termo TERMO. Por meio desta base-paramétrica, foi possível criar os sinais termos para ADVÉRBIO, ADVÉRBIO DE LUGAR, ADVÉRBIO DE MODO, ADVÉRBIO DE QUANTIDADE E ADVÉRBIO DE TEMPO. Inicialmente estes sinais-termo eram sinalizados por meio da datilologia. A seguir apresentamos as figuras para cada sinal-termo que foi criado dentro desta base paramétrica.

Figura 57 – Sinal-termo – ADVÉRBIO

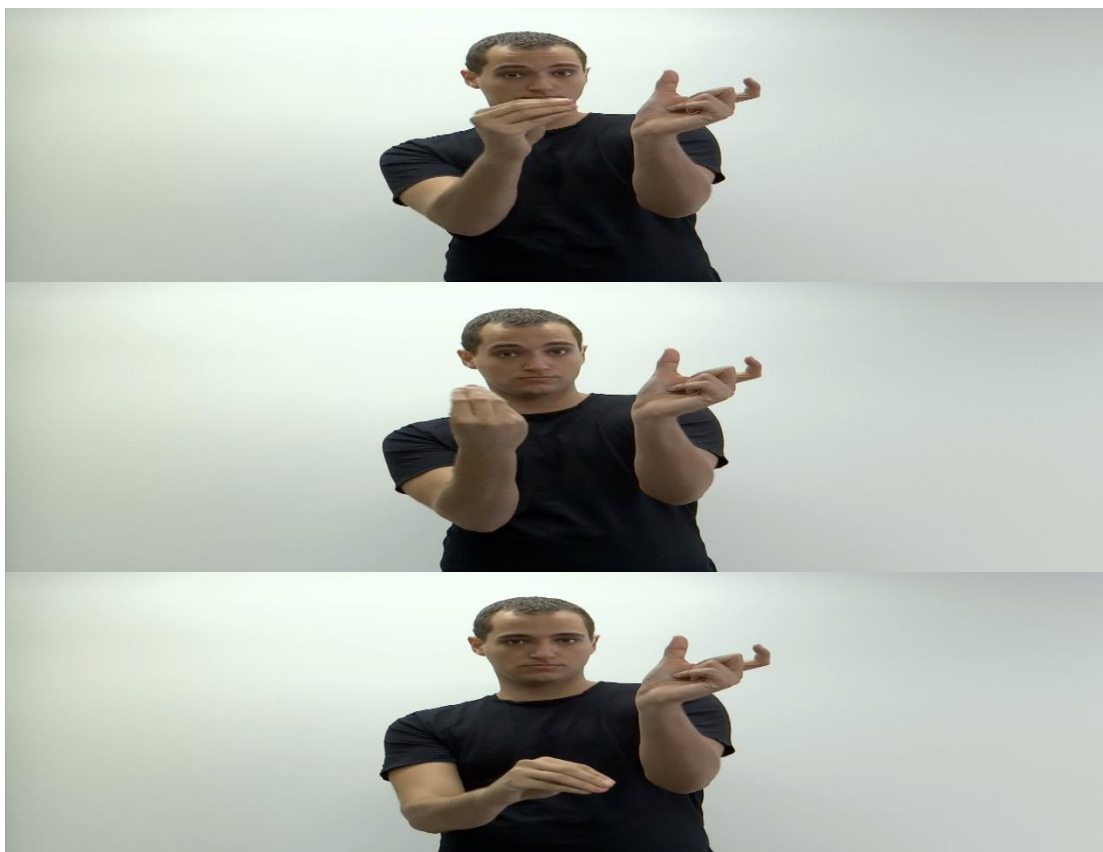


Figura 58 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE LUGAR



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE PORTUGUÊS - 2014

Figura 59 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE MODO

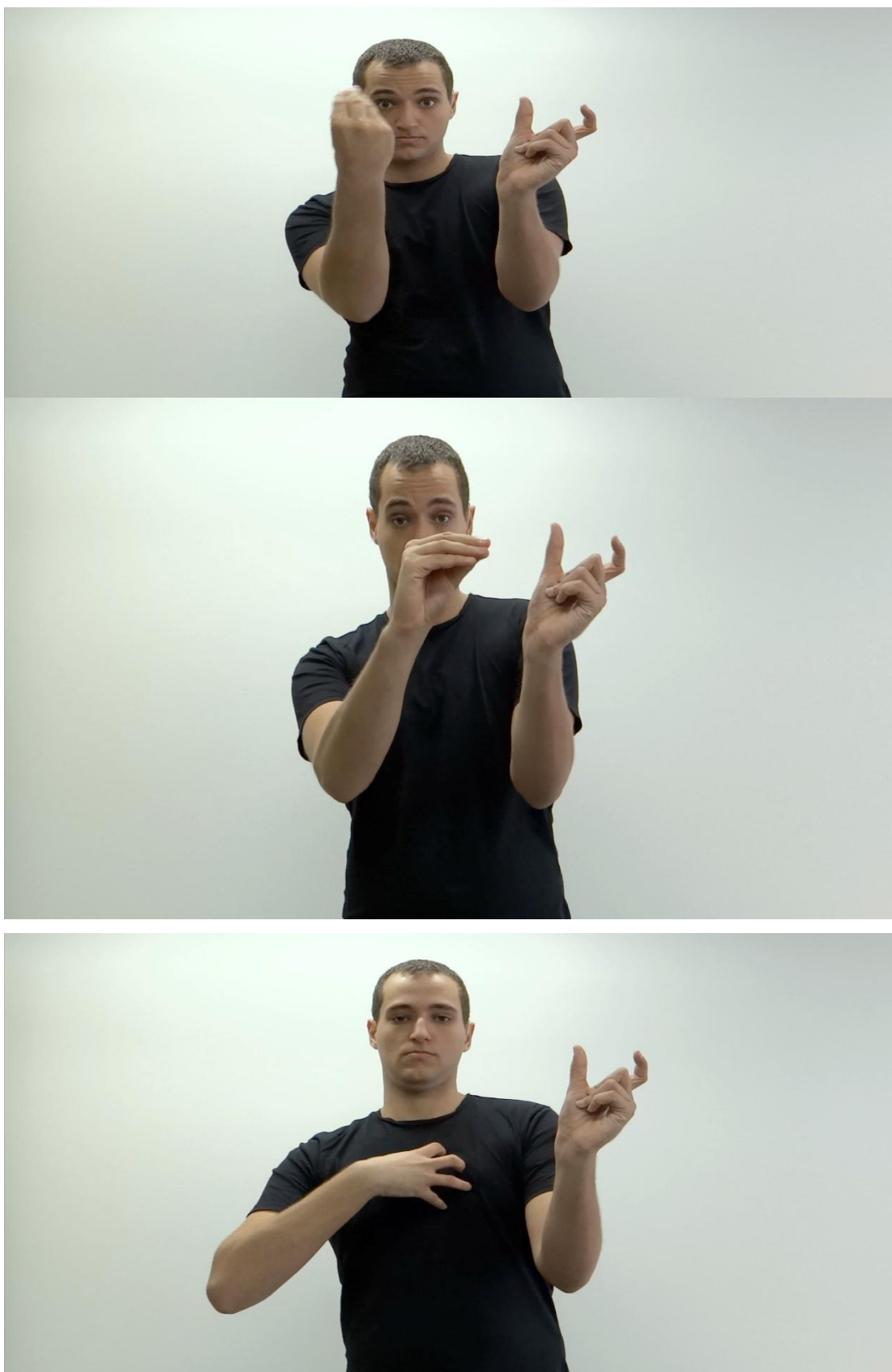
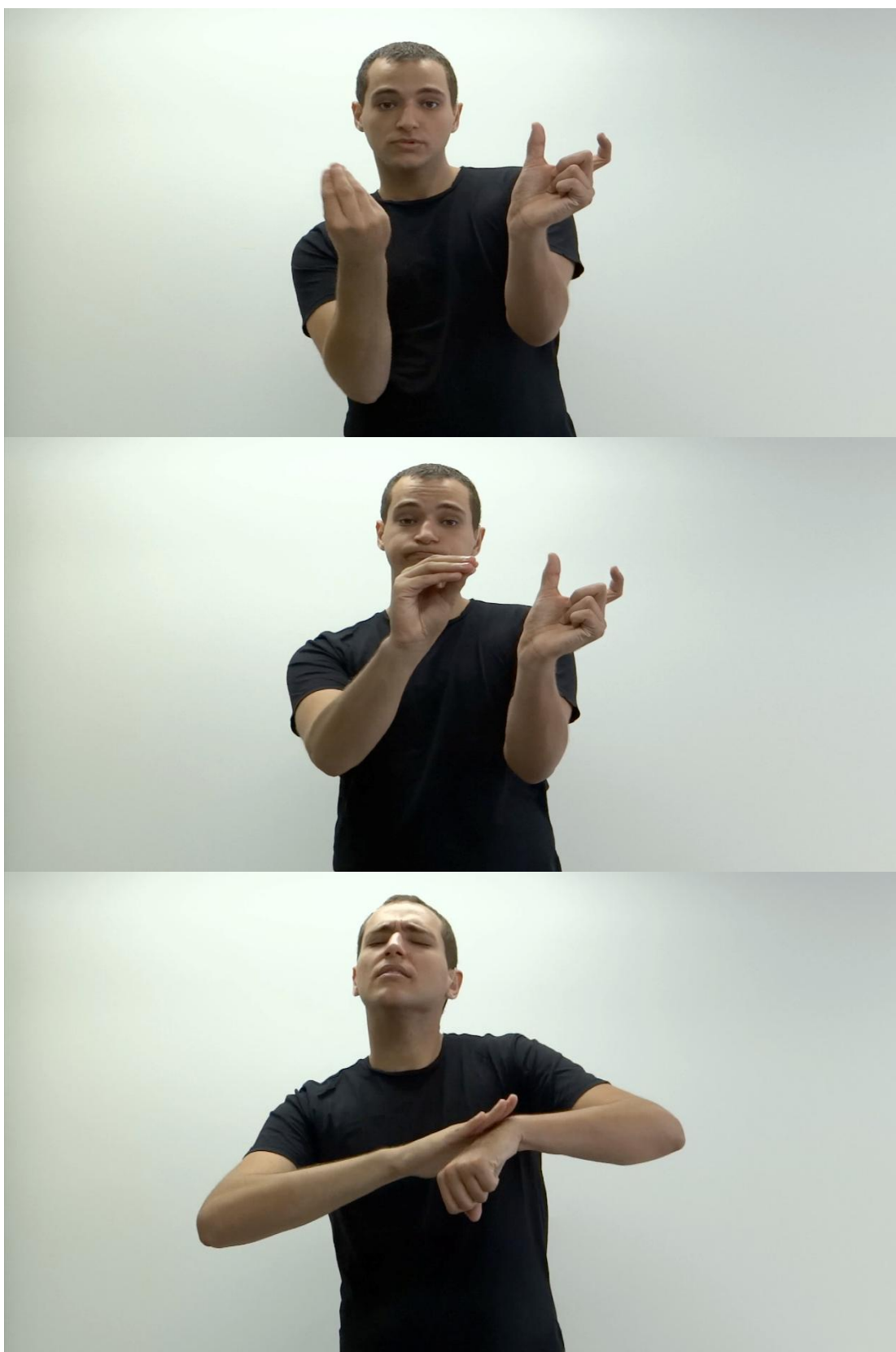


Figura 60 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE QUANTIDADE



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE PORTUGUÊS - 2014

Figura 61 – Sinal-termo – ADVÉRBIO DE TEMPO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE PORTUGUÊS – 2014

Uma contribuição importante dos estudos da base paramétrica e das condições paramétricas está em torno da discussão do sobre o termo ARTIGO, e em muitos dados coletados, percebemos que este termo era sinalizado por meio da datilologia e não apresentava possibilidades iniciais que permitisse a sua discussão lexicográfica para a criação do sinal-termo. Deste modo, a criação linguística do sinal-termo para ARTIGO foi a utilização dos processos de interpretação-argumentativa e da interpretação-conceitual, onde primeiramente foi indagado qual a propriedade e a função do artigo na língua portuguesa e a especialista da área de língua portuguesa, explicou que o artigo é a palavra que, vindo antes de um substantivo, indica se ele está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Além disso, o artigo indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos – singular e plural e inicialmente uma interpretação na Libras indicaria que seria apenas para marcação de gênero – masculino e feminino.

Figura 62 – Sinal-termo – ARTIGO



Figura 63 – Sinal-termo – ARTIGO DEFINIDO

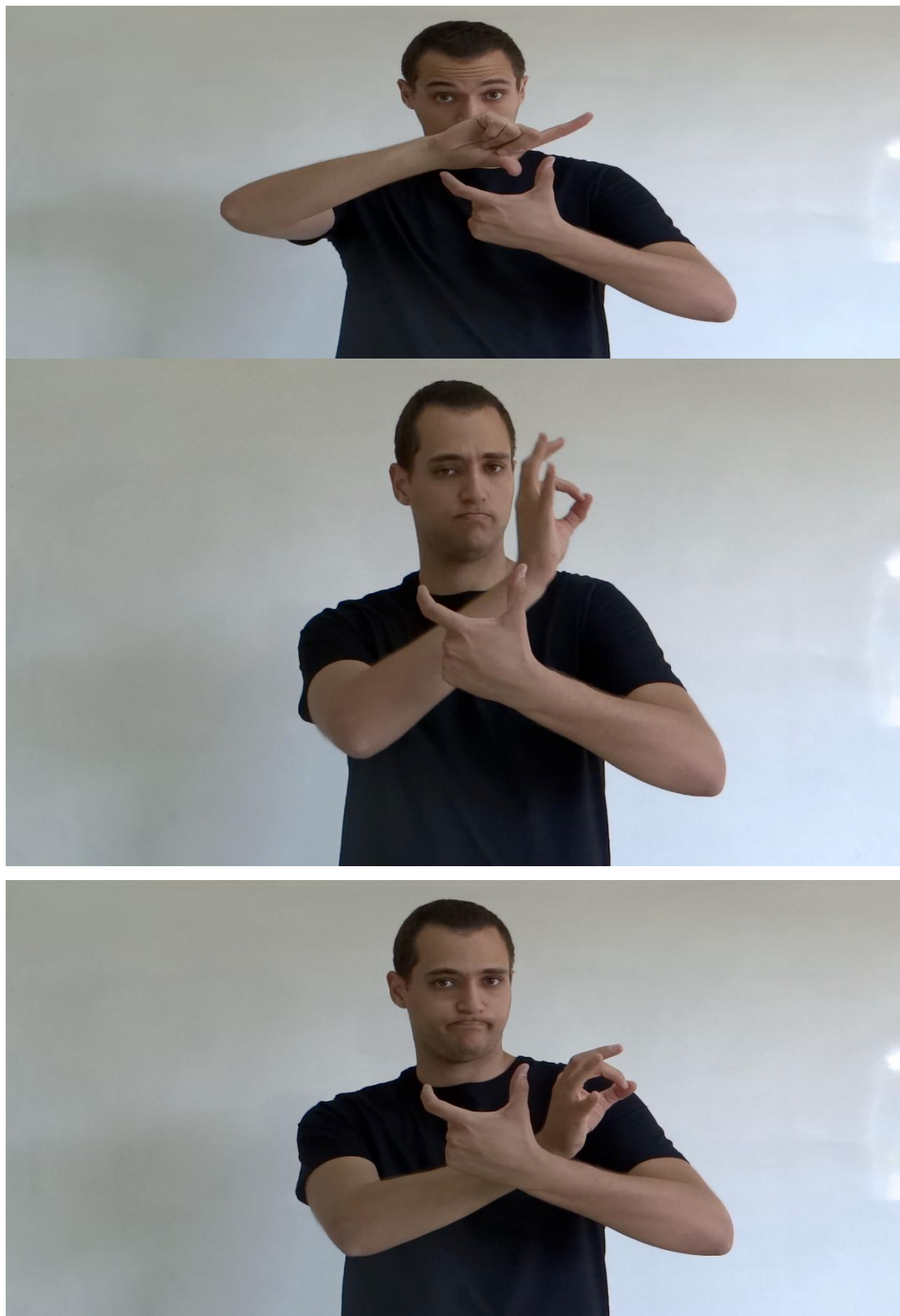


Figura 64 – Sinal-termo – ARTIGO INDEFINIDO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE PORTUGUÊS - 2014



É interessante notar e registrar a riqueza de possibilidades das variáveis de uso da condição paramétrica das configurações de mãos, a partir das propostas de configurações de mãos de vários autores que pesquisam a Libras e que foram delimitadas neste estudo. Deste modo, é importante registrar algumas bases paramétricas que possibilitam a apreensão de significados por meio das condições paramétricas. Isso é de grande importância quando se observa que as características distintivas são as condições paramétricas, pois a base paramétrica não pode mudar o seu respectivo significado e por isso temos diferentes bases paramétricas. Quando, uma base paramétrica se diferencia podemos ter formas variantes na Libras.

Assim fica claro a representação linguística a partir da variável da condição de uso paramétrico da configuração de mão. No item a seguir vamos analisar a sistematização dos sinais-termo a partir da variável da condição do ponto de articulação.

### **6.3.2 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação**

Tendo em vista a variação linguística, a compreensão do processo de interface entre a modalidade oral-auditiva e a modalidade visual-espacial não pode ser considerada uniforme para a definição das regras lexicográficas que se propõe neste estudo.

A percepção visual do gesto articulatório do interlocutor não é homogêneo, pois a fala não é de uma língua homogênea. Há variações linguísticas entre Surdos gaúchos, baianos, paulistas, mineiros, que não são apenas semânticas mas, também, fonológicas e, algumas vezes, sintáticas. As diferentes formas de falar ou sinalizar (pontos de articulação, prosódia) incidem em diferenças “visuais” que por ora pode caracterizar a variável da condição de uso paramétrica do ponto de articulação.

Para tanto, é importante compreender a importância de mecanismos linguísticos que estão envolvidos na sinalização e como que o ponto de articulação é sinalizado pelo falante de Libras.

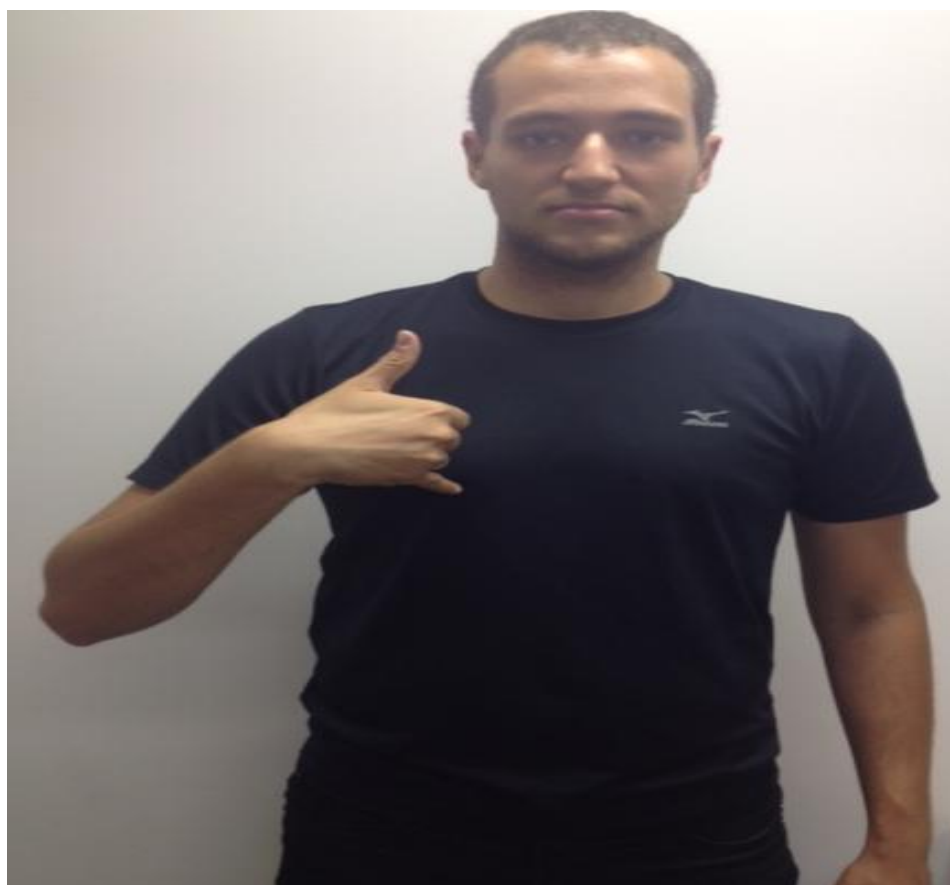
Exemplos de termos na Libras que expressam esta ocorrência está nas variantes encontradas para o sinal-termo IDADE, que podemos visualizar na figura a seguir:

Figura 65 – Sinal-termo IDADE

VARIANTE - 1



VARIANTE - 2



O ponto de articulação (PA) é o local de realização do sinal. Este pode se localizar em frente ao corpo ou na própria superfície do corpo. O PA pode ser localizado na cabeça, nos ombros, na cintura, enfim, em várias partes do corpo, ou próximas ao corpo. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 33).

O ponto de articulação é uma das principais unidade mínima que compõe os parâmetros. Os sinais-termo podem ser produzidos envolvendo quatro pontos de articulação: tronco, cabeça, mão e espaço neutro e subespaços (nariz, boca, olho, dentre outros). (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 34).

Muitos sinais-termo envolvem um movimento, indo de um ponto de articulação para outro. Mesmo assim, cada sinal-termo tem apenas um ponto de articulação, mesmo que ocorra um movimento de direção. (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 35).

Pesquisas têm demonstrado que os falantes de língua de sinais têm habilidades espaços-visuais mais desenvolvidas que os sujeitos que não usam essa língua (EMMOREY, 1993; MAYBERRY *et. al.*, 1992). As habilidades visuais estão ligadas a habilidades linguísticas específicas que são necessárias para a língua de sinais, por exemplo, o uso e o reconhecimento de expressões faciais, o uso do espaço, a manutenção e a rapidez de imagens, a discriminação da face, de figuras em espelho. Há aumento na maturação do processo visual-espacial no hemisfério direito de crianças Surdas produzido pela compensação sensorial, bem como a lateralização que indica o domínio de uma das mãos na realização dos sinais-termo da Libras, pois geralmente uma mão tende a acompanhar a outra mão na realização de sinais que de forma explícita pode ser sinalizado com apenas uma mão.

Essas pesquisas parecem evidenciar que, em termos estruturais, a modalidade da linguagem pode afetar, de forma variada, a atividade corticognitiva. A experiência predominantemente visual influencia ativamente a cognição e evidencia a flexibilidade e a plasticidade do cérebro. Porém, a modalidade da língua não é responsável, isoladamente, pela organização cerebral para a linguagem, por isso é importante analisar as condições paramétricas em seu conjunto, visto que no caso da variável de ponto de articulação, apenas podemos notar quais são as principais subdivisões que o caracterizam como parâmetro.

O autor Xavier (2006, p. 64) apresenta subconjuntos de traços do ponto de contato – PC, a saber: i) localização; ii) parte da mão; iii) proximidade e iv) relação espacial. O primeiro deles localização, tem sido assemelhado ao que se chama de ponto de articulação, visto que ele tem a função de especificar um ponto no articulador passivo, que é tocado pelo articulador ativo ou que serve de ponto de referência para ele.

Xavier (2006, p.64), afirma que a gama de “articuladores passivos” é maior, dado que os sinais podem ser produzidos em três regiões diferentes: sobre o corpo, sobre alguma região da mão passiva e no espaço de sinalização, ou seja, na região em frente à cabeça e ao torso do sinalizador.

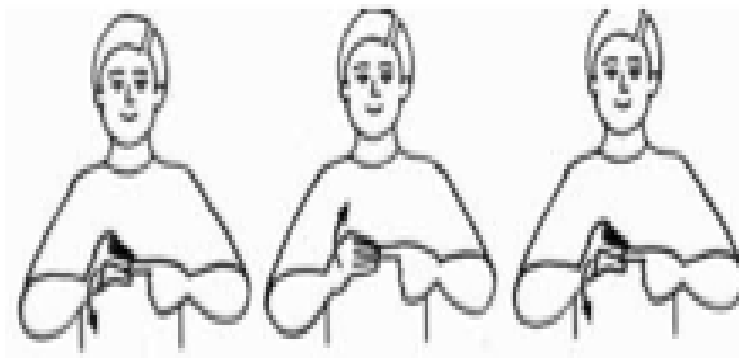
Segundo Lidell e Johnson, na ASL, podemos encontrar 20 (vinte) áreas que correspondem às localizações possíveis no corpo na ASL. A figura a seguir lista estas localizações:

Figura 66 – Localizações sobre o corpo possíveis na ASL

Localizações sobre o corpo possíveis na ASL	
BH ( <i>back of head</i> ): região posterior da cabeça	CN ( <i>chin</i> ): queixo
TH ( <i>top of head</i> ): topo da cabeça	NK ( <i>neck</i> ): pescoço
FH ( <i>forehead</i> ): testa	SH ( <i>shoulder</i> ): ombro
SF ( <i>side of forehead</i> ): lado da testa	ST ( <i>sternum</i> ): esterno
NS ( <i>nose</i> ): nariz	CH ( <i>chest</i> ): peito
CK ( <i>cheek</i> ): bochecha	TR ( <i>trunk</i> ): tronco
ER ( <i>ear</i> ): orelha	UA ( <i>upper arm</i> ): parte superior do braço
MO ( <i>mouth</i> ): boca	FA ( <i>forearm</i> ): antebraço
LP ( <i>lip</i> ): lábio	AB ( <i>abdomen</i> ): abdômen
JW ( <i>jaw</i> ): mandíbula	LG ( <i>leg</i> ): perna

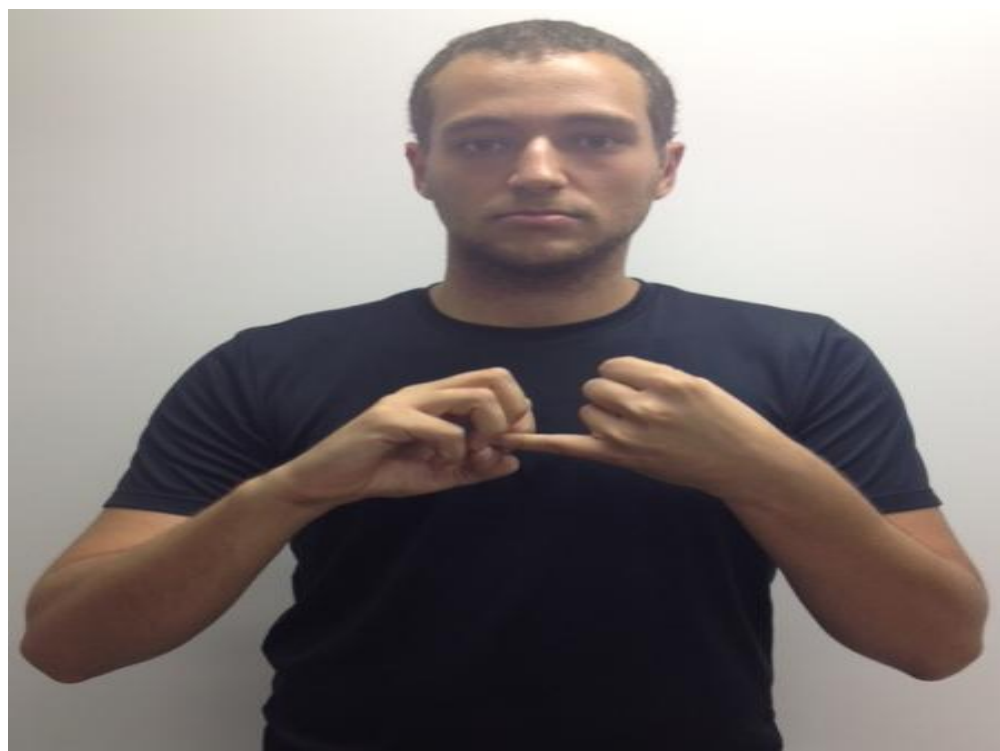
Deste modo, podemos perceber a variação linguística em sinais-termo da Libras que envolvem a variável da condição de uso do ponto de articulação, como por exemplo no sinal-termo FEIJÃO:

Figura 67 – Sinal-termo – FEIJÃO



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL (2001, p. 935)

Figura 65 – Variante - Sinal-termo – FEIJÃO



Xavier (2006 p. 69) apresenta contribuições linguísticas que também funcionam para registrar as condições paramétricas do ponto de articulação. Quando um sinal é produzido no espaço de sinalização, a descrição de sua localização inclui traços que

expressam: i) a que distância perpendicular a mão está localizada em relação ao corpo; ii) qual o grau de afastamento d mão em relação à linha medial do corpo e iii) em que altura a mão se situa em relação às localizações principais que se encontram ao longo da região central do corpo. Liddell e Johnson representam esses traços a seguir: i) proximal [p]: indica uma localização a poucos centímetros de uma região sobre o corpo; ii) medial [m]: indica uma localização em frente ao corpo cuja distancia é aproximadamente equivalente à de um cotovelo horizontalmente posicionado; iii) distal [d]: indica uma localização em frente ao corpo cuja distancia é aproximadamente equivalente à de um braço semi-estendido e horizontalmente posicionado; iv) estendido [e]: indica uma localização em frente ao corpo cuja distancia é equivalente à de um braço totalmente estendido e horizontalmente posicionado.

Na análise dos sinais-termo da disciplina História, para o registro dos sinais-termo no léxico bilíngue desta disciplina, os estudos de Xavier (2006) e Liddell e Johnson, contribuíram para o registro de formas distintivas que permitiu a compreensão de um conjunto de termos para o seu efetivo registro: períodos da história e nomes dos presidentes do Brasil. A partir do estabelecimento da função do ponto de articulação enquanto condição paramétrica foi possível pensar uma base paramétrica as quais foram escolhidas pelo grupo de pesquisadores e esta possibilitou o registro de outros sinais-termo com a mesma organização lexicográfica decorrente da variável de uso da condição paramétrico do ponto de articulação. As bases paramétricas da condição de uso paramétrico do ponto de articulação, conferimos nas figuras a seguir:

Figura 68 – Base-paramétrica – Ponto de Articulação



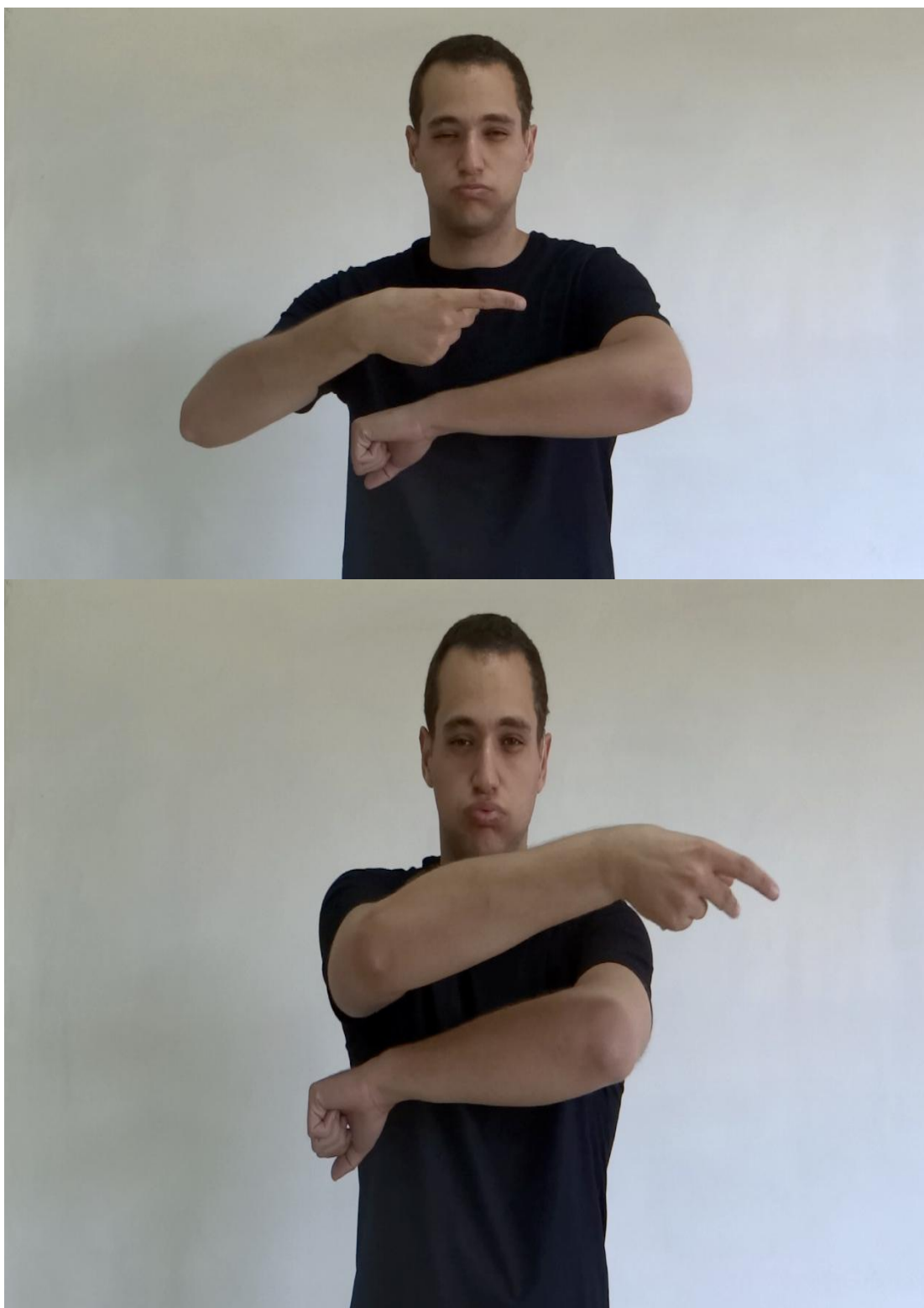
Figura 69 – Base-paramétrica – Ponto de Articulação



Nota-se que estas bases paramétricas não são decorrentes de configuração de mãos. Portanto, estas duas bases paramétricas apresentadas nas figuras 68 e 69 podem funcionar como base paramétrica para a condição de uso variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação quando analisamos a sua ocorrência nos seguintes termos na Libras: IDADE ANTIGA, IDADE MÉDIA, IDADE MODERNA E IDADE CONTEMPORÂNEA onde a condição paramétrica é motivada pelo estabelecimento da linha de tempo histórica de trás para frente que é especificada linearmente e de modo horizontal

conforme veremos na sequência de figura para cada um desses sinais-termo em Libras que foram coletados:

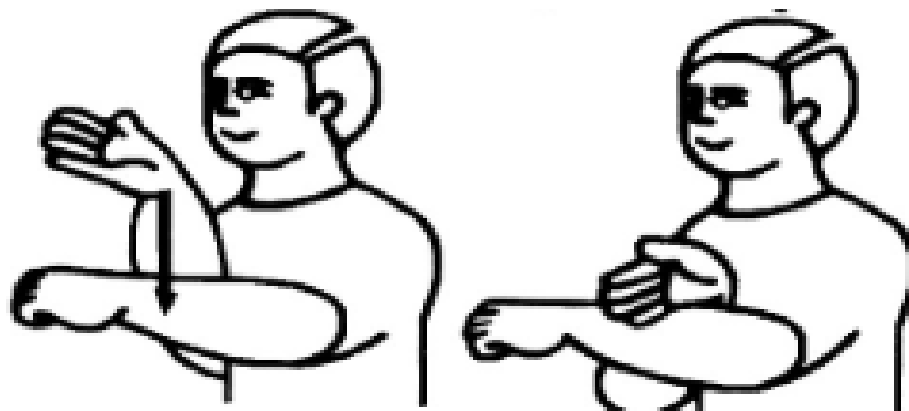
Figura 70 – Sinal-termo – IDADE ANTIGA



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014



Figura 71 – Sinal-termo – IDADE MÉDIA



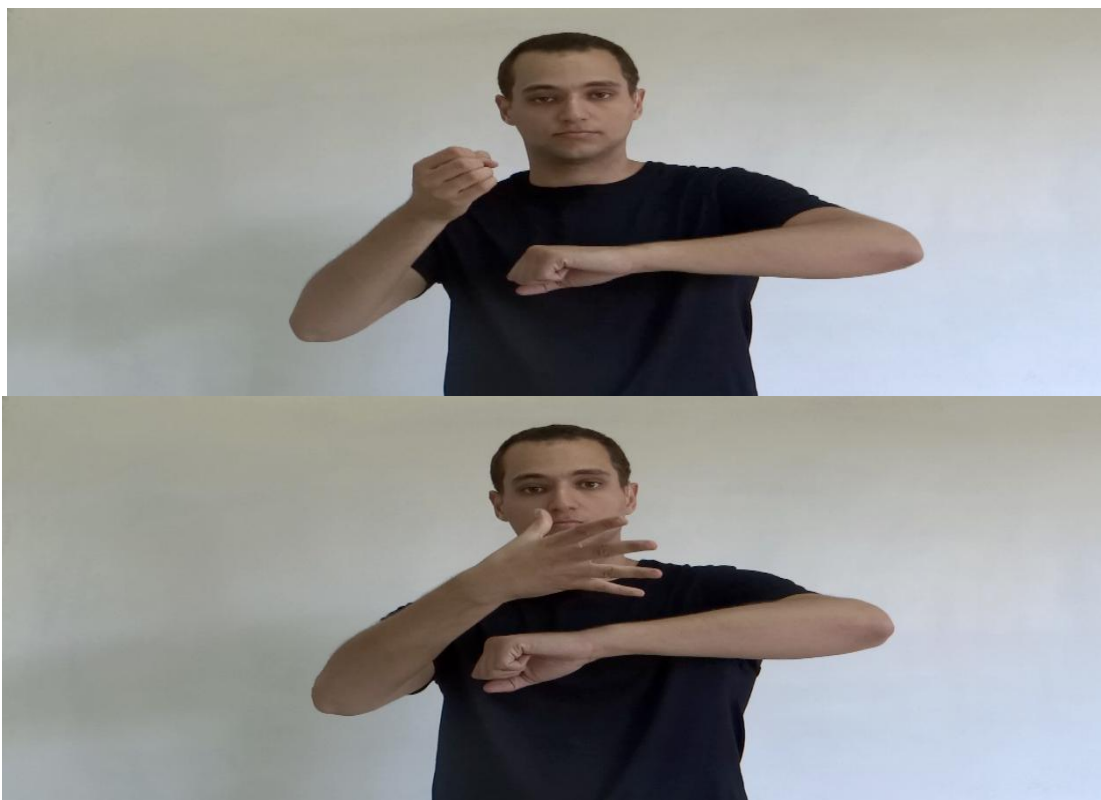
Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 72 – Sinal-termo – IDADE MÉDIA - VARIANTE



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Figura 73 – Sinal-termo – IDADE MODERNA



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Figura 74 – Sinal-termo – IDADE CONTEMPORÂNEA



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Para validar esta base paramétrica enquanto variável da condição paramétrica de uso paramétrico do ponto de articulação, tal condição lexicográfica foi constatada na dissertação de Costa (2013), que registrou os sinais-termo para os seguintes termos que foram coletados para a disciplina biologia: RÉCEM-NASCIDO, CRIANÇA, ADOLESCENTE, ADULTO, onde a análise destes termos parte de uma linha de tempo crescente, só que de fora para dentro – período do crescimento e que indica o ciclo da vida e a motivação lexicográfica passa a ser a linha de desenvolvimento biológico que se inicia no plano horizontal e termina no plano vertical. As figuras a seguir, apresentam tais motivações que estão presente nos sinais-termo proposta pelo autor.

Figura 75 – Sinal-termo - RÉCEM-NASCIDO



Fonte: COSTA, Messias Ramos. Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Figura 76 – Variante-padrão - Sinal-termo– CRIANÇA



Fonte: COSTA, Messias Ramos. Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Figura 77 – Variante-padrão - Sinal-termo – ADOLESCENTE



Fonte: COSTA, Messias Ramos. Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Figura 78 - Variante-padrão – Sinal-termo – ADULTO



Fonte: COSTA, Messias Ramos. Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Figura 79 - Variante-padrão – Sinal-termo – RÉCEM-NASCIDO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Figura 80 – Variante-padrão - Sinal-termo– CRIANÇA



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Figura 81 – Variante-padrão - Sinal-termo – ADOLESCENTE



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Figura 82 - Variante-padrão – Sinal-termo – ADULTO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Figura 83 - Variante-padrão – Sinal-termo – IDOSO



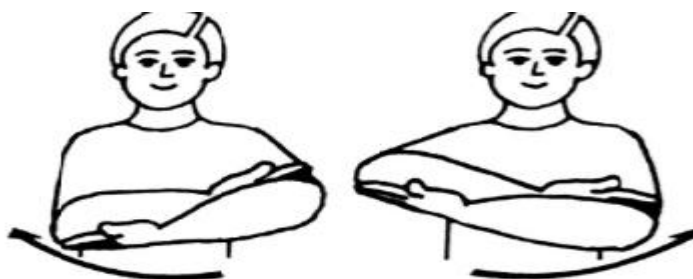
FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA – 2014

Deste modo, estas condições paramétricas de uso do ponto de articulação possibilitou o estabelecimento destes sinais-termo como variante-padrão, visto que estes termos são sinais-termo gramaticais, que no estudo da variação linguística notamos a ocorrência de variações regionais onde a diferença de seleção lexicográfica na identificação das variantes e nos processos linguísticos se estruturam as variações locais, ditas regionais que se manifestam no nível local, pois, estão relacionadas com a percepção do Surdo na sua representação, na organização do vocabulário linguístico de seu grupo, onde os sinais são conhecidos apenas nos locais em que estes são usados e compartilhados e os Surdos ao se

manifestar na sua língua, anseiam por interações linguísticas com as demais comunidades surdas no Brasil. As variações lexicais atuam no nível gramatical, na perspectiva de organização gramatical, em que os processos de interpretação-explicativa e interpretação-argumentativa têm um papel importante.

A seguir, são registradas as variantes para os termos que foram coletados nesta pesquisa para os seguintes termos: BEBÊ, CRIANÇA, ADOLESCENTE, ADULTO E IDOSO.

Figura 84 – Sinal-termo – Variante – BEBÊ



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 85 – Sinal-termo – Variantes – CRIANÇA



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 86 – Sinal-termo – Variante – ADOLESCENTE



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 87 – Sinal-termo – Variante – ADULTO

**adulto(a) (1)** (sinal usado em: **SP, RJ, MS, SC, RS**) (inglês: *adult*; adj. m. (f.) Que, ou o que chegou à idade adulta, à maioridade, e atingiu o máximo de seu crescimento, força e vitalidade, e a plenitude de suas funções biológicas e intelectuais. Ex.: A pessoa adulta deve assumir novas responsabilidades. Adulto: s. m. O indivíduo que atingiu a maioridade. Ex.: Espera-se que o adulto saiba o que faz. (Mão aberta, palma para baixo, acima do lado direito da cabeça.)

**adulto(a) (2) (maduro)** (sinal usado em: **PR**) (inglês: *mature, adult, full-fledged, getting on in years*; adj. m. (f.) Que já passou da mocidade. (Pessoa) amadurecida ou madura que já atingiu a maturidade física e mental. Ex.: Ele é um homem adulto e sabe decidir sobre seu futuro. (Fazer este sinal **MADURO (pessoa)**: Mão vertical aberta, palma para a esquerda, dedo médio flexionado. Tocar a ponta do dedo médio no lado direito da cabeça.)

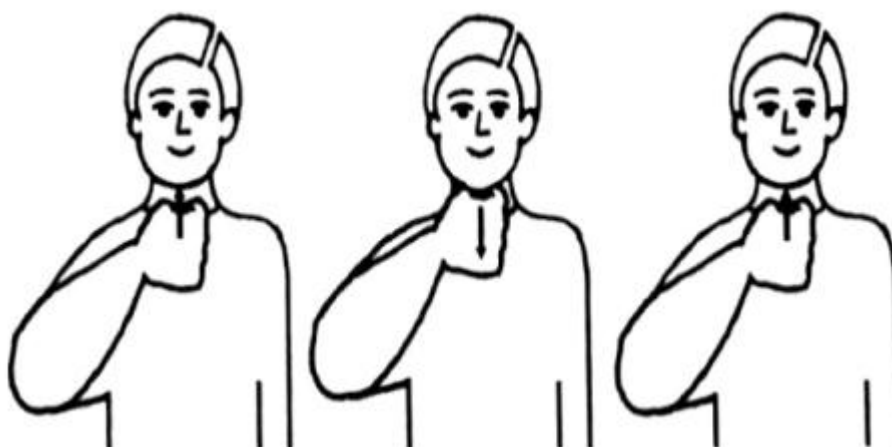
**adulto(a) (3) (maduro)** (sinal usado em: **SP**) (inglês: *mature, adult, full-fledged, getting on in years*; Idem **adulto(a) (2)**. Ex.: A pessoa adulta lida melhor com as mudanças do mundo e de seu corpo. (Fazer este sinal **MADURO (pessoa)**: Mão com dedos flexionados, polegar paralelo aos demais dedos, palma para a esquerda, polegar tocando a têmpora. Balançar os dedos para cima e para baixo.)

**adultos(as)** (sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *adults*; adj. m. (f.) pl. Que, ou o que chegaram à idade adulta, à maioridade, e atingiram o máximo de seu crescimento, força e vitalidade, e a plenitude de suas funções biológicas e intelectuais. Ex.: As pessoas adultas devem assumir novas responsabilidades. Adultos: s. m. pl. Os indivíduos que atingiram a maioridade. Ex.: Espera-se que os adultos saibam o que fazem. (Mão aberta, palma para baixo, acima do lado direito da cabeça. Movê-la em três pequenos arcos para a direita (sentido horário).)

Fonte: Capovilla; Raphael (2009)



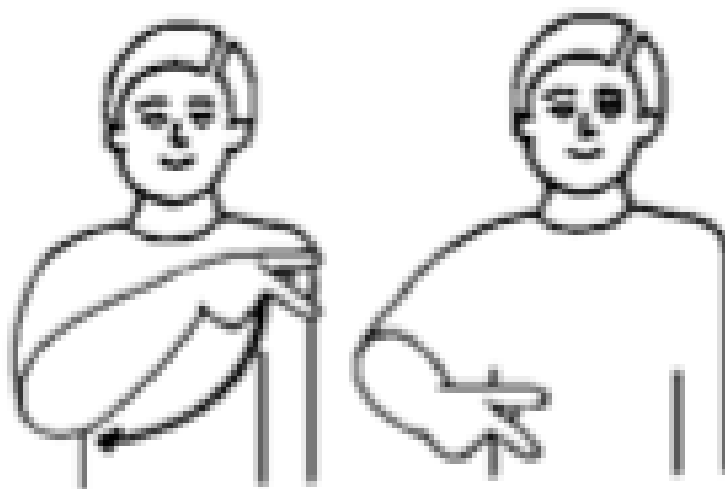
Figura 88 – Sinal-termo – Variante – IDOSO



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Além dessas observações, outra condição linguística em torno da variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação está no registro dos sinais-termo que representam o processo de nomeação e este processo ocasiona a ocorrência de uma frequência elevada de registro de variantes dos nomes em Libras de ex-presidentes e da presidenta do Brasil. Entretanto, quando estabelecemos o registro do sinal-termo para presidente, conforme a figura a seguir:

Figura 89 – Sinal-termo – PRESIDENTE



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Percebemos a ocorrência de três campos lexicais que correspondem ao ponto inicial do referente, ao ponto de ocorrência (transição) e ao ponto final que é onde está o ponto de articulação que indica o término da sinalização do referente.

Assim, dentro destes campos lexicais, foi possível por meio da condição lexicográfica do ponto de articulação a definição de sua respectiva função e o registro dos nomes das seguintes personalidades que é ou já foram presidentes do Brasil como: Getúlio Vargas, Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. A figura a seguir mostra o sinal-termo nome em Libras para o presidente Getúlio Vargas:

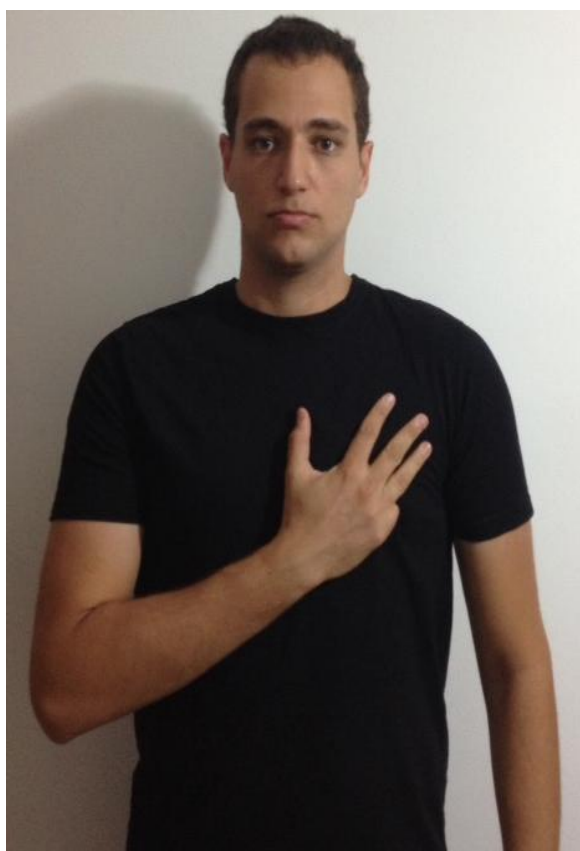
Figura 90 – Sinal-termo – Getúlio Vargas



A discussão em torno deste sinal-termo que representa um nome em Libras está associado ao fato histórico de que este ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas morreu em decorrência de um tiro no peito, então a condição paramétrica não está associada a configuração de mão, mas sim à condição paramétrica do ponto de articulação no campo lexical do ponto de ocorrência (transição) dentro do espaço de sinalização do sinal-termo PRESIDENTE.

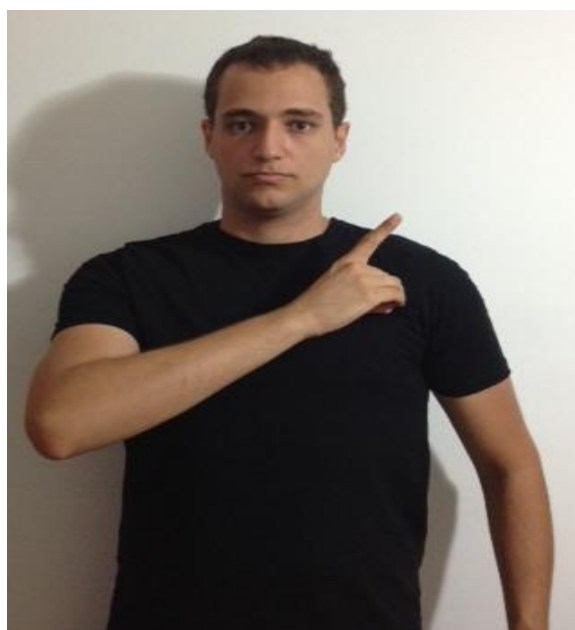
Já a discussão em torno do sinal-termo do nome em Libras para o ex-presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva não está associado ao fato de ter apenas quatro dedos na mão esquerda, mas sim na organização lexicográfica em envolve duas questões: i) nem todos usuários de língua de sinais, consegue dobrar totalmente o dedo mindinho e ii) usa-se o ponto inicial do referente como suporte para que seja possível apoiar e dobrar o dedo mindinho e indicar a organização lexicográfica deste sinal. Nota-se que nenhum outro ponto foi utilizado, dentro do grupo de localizações possíveis para esta condição paramétrica. A figura a seguir mostra o sinal-nome em Libras do ex-presidente do Brasil Luís Inácio Lula.

Figura 91 – Variante-padrão – Sinal-termo – Luís Inácio Lula da Silva



Para o sinal-termo do nome em Libras da presidenta Dilma Rousseff, em vista de seguir a condição paramétrica proposta neste estudo para a análise do ponto de articulação e de uma leitura contextualizada dos fatos históricos, onde a presidenta Dilma, é a primeira mulher presidente do Brasil que recebeu a faixa nas mãos de seu sucessor Luís Inácio Lula, o sinal-termo do nome em Libras se inicia no campo lexical correspondente ao ponto inicial e termina no ponto final da sinalização que indica a condição paramétrica da faixa presidencial. A figura a seguir mostra o sinal-termo do nome em Libras da presidenta Dilma.

Figura 92 - Variante-padrão – Sinal-termo – Dilma Rousseff



As figuras a seguir registram as variantes coletadas para o nome do ex-presidente do Brasil: Luís Inácio Lula da Silva e da atual presidenta do Brasil – Dilma Rousseff.

Figura 93 - Variantes – Sinal-termo – Luís Inácio Lula da Silva



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Figura 94 - Variantes – Sinal-termo – Dilma



VARIANTE – 1

VARIANTE - 2

FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Conforme as considerações linguísticas apresentadas para a variável da condição de uso paramétrico do ponto de articulação podem perceber-se que a variação linguística em Libras pode constituir barreiras para a comunicação quando ela não é compreendida e sistematizada, porém com a pesquisa e o desenvolvimento de estratégias de registro da variável do condição de uso do ponto de articulação, bem como a definição dos conceitos, é possível minimizar as consequências da falta de vocabulários terminológicos na Libras.

### **6.3.3 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos na Libras**

Outra condição paramétrica que também apresentou características linguísticas que possibilitam classificar a variável da condição de uso paramétrico foi o parâmetro movimento (M). Existem diferentes tipos de movimento, sendo que o movimento mais acentuado possibilita um padrão que permite ter uma condição lexicográfica e isso se justifica, pois o movimento é essencial para a comunicação visual-espacial. Para que o movimento seja realizado, é preciso haver um objeto e um espaço. Nas línguas de sinais, a (s) mão (s) do enunciador representa (m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área em torno do corpo do enunciador.

O movimento (M) pode ser analisado levando-se em conta o tipo, a direção, a maneira e a frequência do sinal. O tipo refere-se às variações do movimento das mãos, pulsos e antebraços; ao movimento interno dos pulsos ou das mãos; e aos movimentos dos dedos. Quanto à direção, o movimento pode ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional. Já a maneira descreve a qualidade, a tensão e a velocidade, podendo, assim, haver movimentos mais rápidos, mais tensos, mais frouxos, enquanto a frequência indica se os movimentos são simples ou repetidos. (FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004).

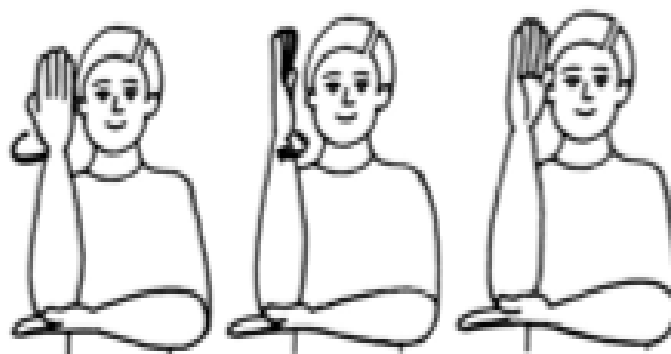
Com base no traço linguístico do movimento, verifica-se que a condição de uso paramétrica do movimento é uma extensão de outras condições paramétricas, visto que isoladamente apenas a variável de uso da condição paramétrica do movimento não oferece uma interpretação lexicográfica de uma ou mais condições paramétricas. Nos exemplos a seguir, percebemos como ocorre a percepção lexical por meio do traço do movimento.

Figura 95 – Sinal-termo – ÁRVORE



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 96 – Sinal-termo – MADEIRA



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

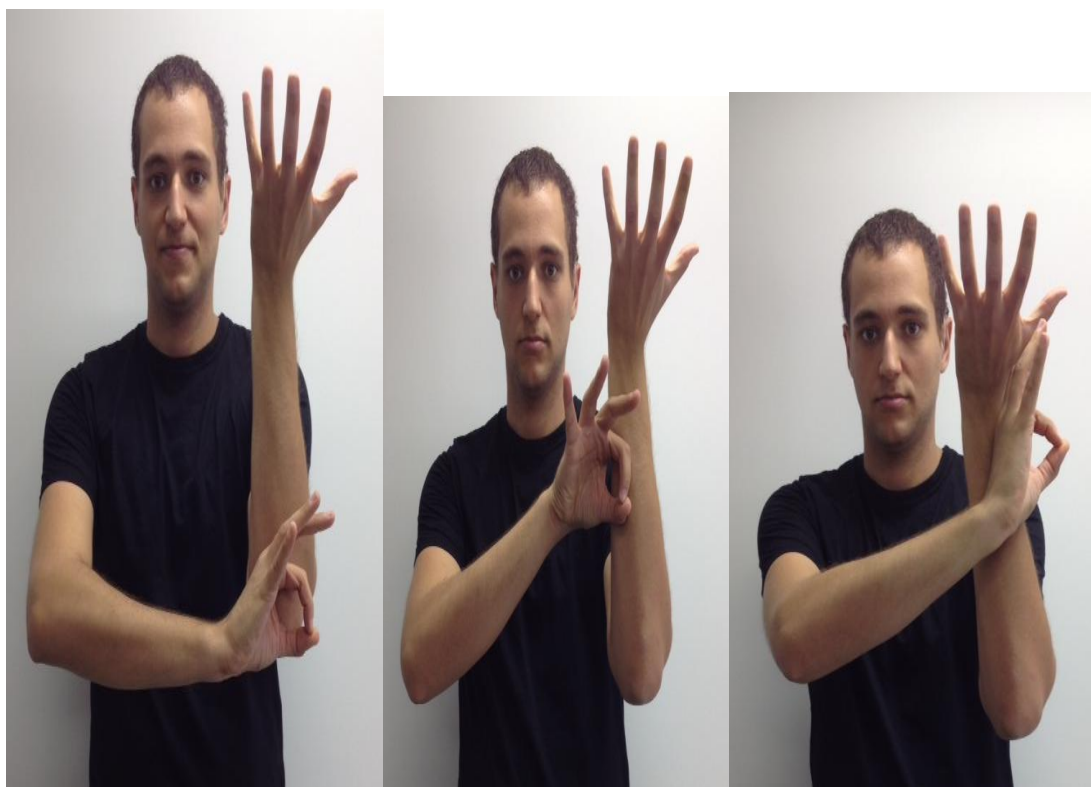
Figura 97 – Sinal-termo – SEIVA



Fonte: DvD – Glossário – Biologia (2014)

Deste modo, ao analisarmos estes exemplos na Libras, percebe-se que a condição de uso paramétrico do movimento é possível ser constatada no conjunto dos traços paramétricos que são necessários para a ativação lexical do sinal-termo pelo receptor. Outros sinais-termo, permite a sua percepção lexical a partir de sua ação, ou seja, por meio da forma do movimento que é necessária ser mostrada para a diferenciação de termos que apresentam uma condição paramétrica semelhante e que especificam a importância e o que um determinado tipo de movimento representa. Os sinais-termo para CÉLULA-VEGETAL e JABUTICABA especificam esta característica linguística da condição paramétrica de uso do movimento para a interpretação dos respectivos referentes.

Figura 98 – Sinal-termo – CÉLULA VEGETAL



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE BIOLOGIA (2014)

O movimento neste sinal-termo ocorre tanto na mão que está configurada para especificar um referente a ser compreendido também por outra mão que está configurada e apresenta outro movimento que indica um conjunto de células do tipo vegetal. Deste modo, a condição paramétrica do movimento é importante e funciona como uma condição paramétrica lexical que ativa a compreensão do sinal-termo para célula vegetal.



Figura 99 – Sinal-termo – JABUTICABA



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Geralmente o sinal-termo para JABUTICABA é sinalizado por meio da composição com traços linguísticos de outro termo NEGRO e esta é uma escolha lexical inadequada e pode ser suprimida. Abaixo, observa-se o sinal-termo para JABUTICABA que é uma variante.

Figura 100 – Sinal-termo – JABUTICABA - Variante



Visto que o sinal que compõe o conjunto de sinalização para o termo JABUTICABA que é o termo NEGRO não funciona como uma unidade ativadora lexical e nem oferece possibilidades como uma unidade terminológica e, por isso, a figura da imagem 99 oferece condições paramétricas decorrentes do movimento que caracteriza a representação lexicográfica dos frutos no tronco, para definir este exemplo como a variante-padrão, visto que a condição paramétrica de uso do movimento é capaz de oferecer uma condição lexical que possibilita a compreensão do significado.

Deste modo, estas análises permite diferenciar por meio dos tipos de movimento enquanto unidades lexicais e terminológicas que possibilita a base paramétrica em conjunto com as condições paramétricas, observando que temos sinais-termo que apresentam movimento e outros que não apresentam movimentos em uma tentativa de ampliar a compreensão da importância deste parâmetro na Libras. XAVIER (2006, p. 83) apresenta considerações acerca da ocorrência do movimento quando se utiliza as duas mãos e no sinal-termo para AMÉRICA. A figura 101 apresenta o sinal-termo para o termo AMÉRICA.

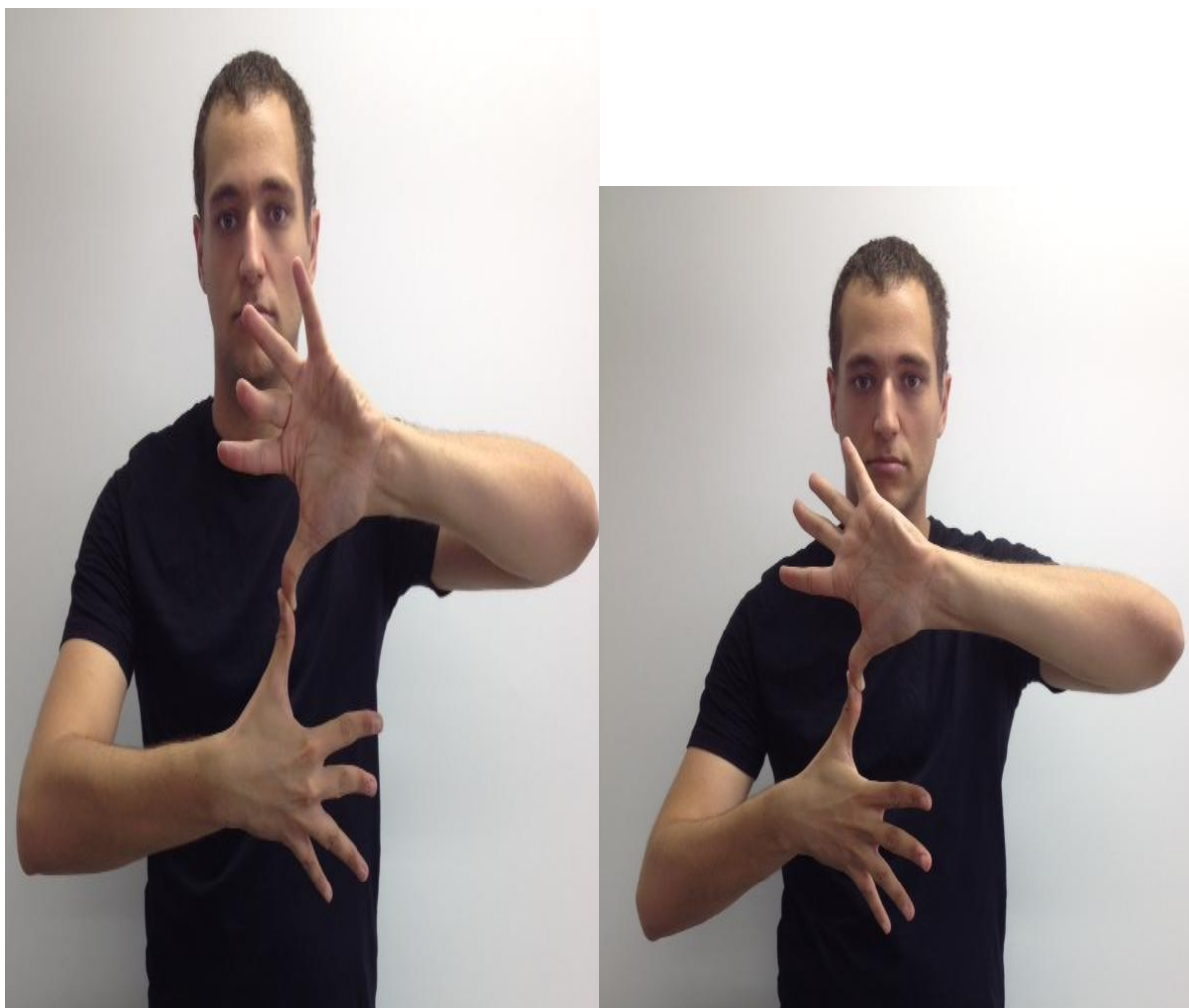
Figura 101 – Sinal-termo – AMÉRICA



Fonte: Capovilla; Raphael (2009).

Deste modo, quando queremos nos referir ao termo AMÉRICAS, temos a movimentação dos dedos e este movimento funciona como unidade lexical ativadora por meio da condição de uso paramétrica do movimento que especifica a compreensão deste termo. Abaixo visualizamos o sinal-termo para AMÉRICAS.

Figura 102 – Sinal-termo – AMÉRICAS



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Este sinal-termo não está registrado no dicionário de Capovilla; Raphael (2001) justamente pelo fato de que o movimento funciona como uma condição paramétrica que apresenta traços linguísticos que amplia os estudos das variáveis de condição de uso paramétrico da tipologia de movimentos na Libras.

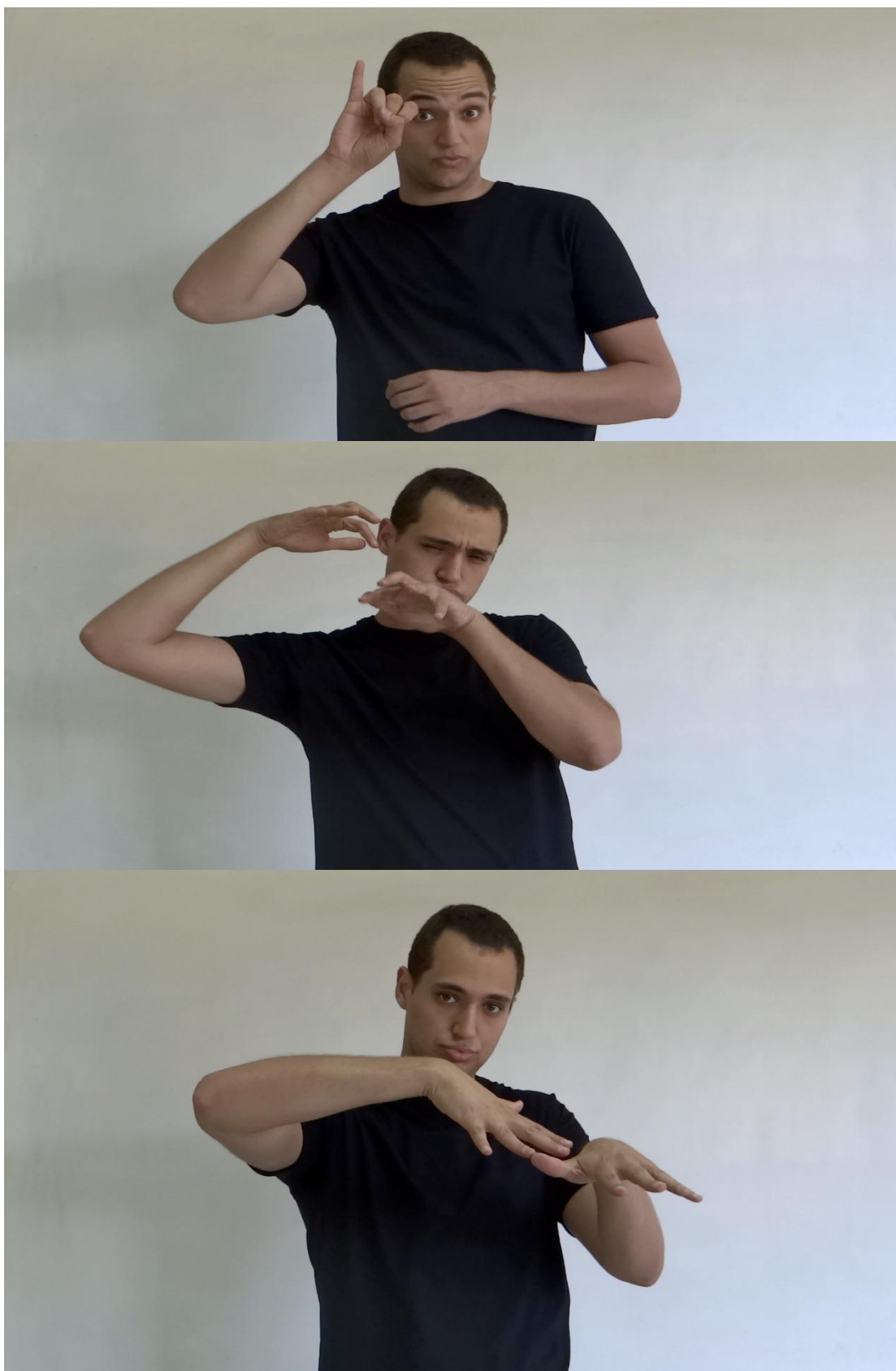
Além disso, na coleta de sinais-termo da disciplina história, este tipo de movimento dos dedos que foi constatado nos sinais-termo para EMIGRAÇÃO e IMIGRAÇÃO. A seguir observamos os sinais-termo para estes dois termos.

Figura 103 – Sinal-termo – EMIGRAÇÃO



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Figura 104 – Sinal-termo – IMIGRAÇÃO



De modo geral, na evolução da língua, as letras “E” e “I” sinalizadas inicialmente nos termos EMIGRAÇÃO e IMIGRAÇÃO funcionam como unidades ativadoras da compreensão destes sinais-termo.

Assim, é possível concluir que existem um conjunto de sinais-termo que englobam a propriedade paramétrica da condição de uso paramétrico do movimento na criação e na identificação de seus referentes por meio deste mecanismo que ativam as unidades lexicais e as unidades terminológicas na constituição do termo na Libras.

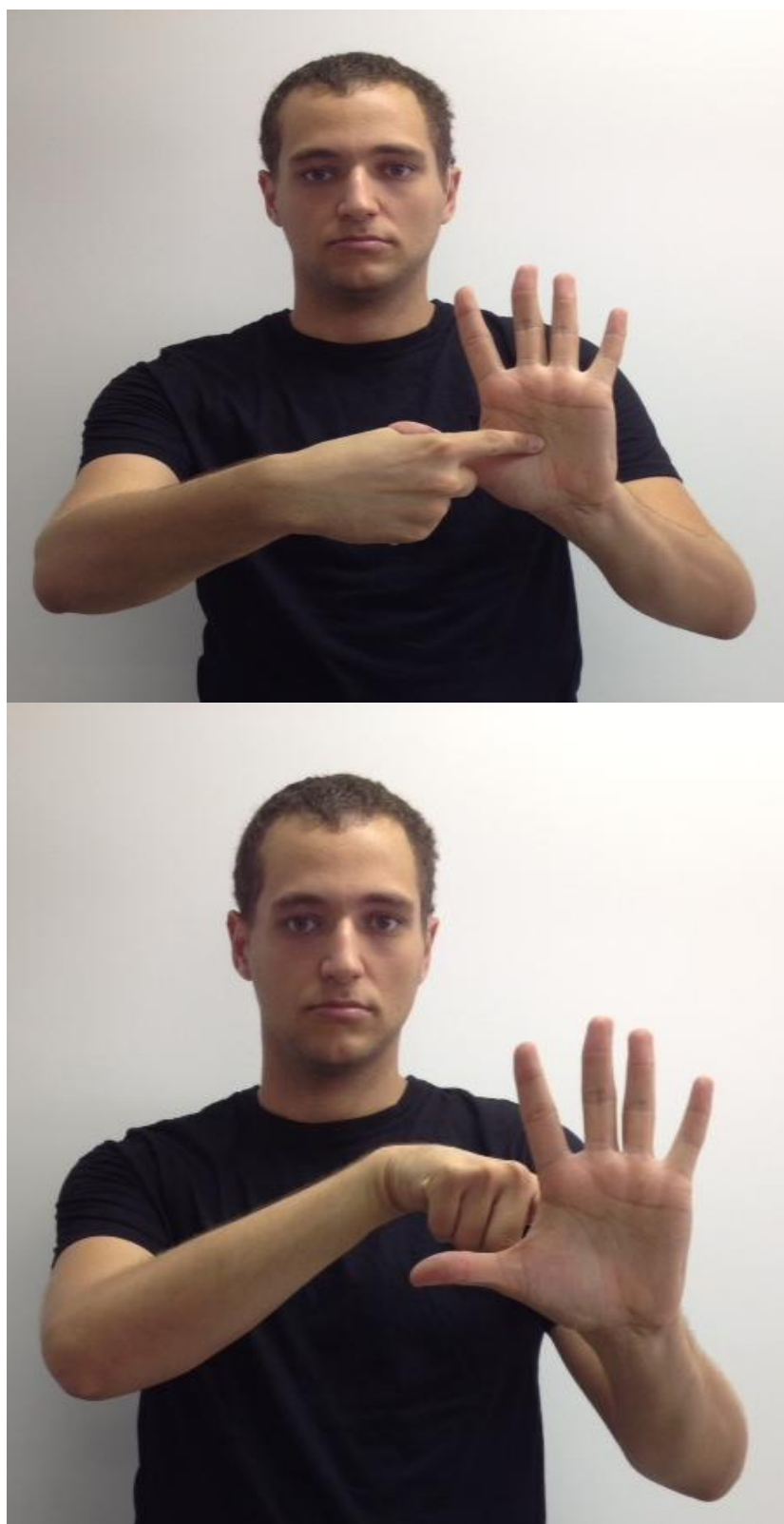
Entretanto, como este estudo da análise das variantes e dos sinais-termo da Libras é preliminar, faz-se necessário novas pesquisas para a divulgação da condição paramétrica de uso do movimento, o registro dos sinais-termo podem ser reanalisados dentro da ampliação das propostas das autoras Faria-do-Nascimento (2009) e Estelita-Barros (2008) que permitem de fato sistematizar e ampliar novas propostas de estudos da variação linguística por meio da base paramétrica e das condições paramétricas.

#### **6.3.4 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico da Direcionalidade na Libras**

A direcionalidade e ou orientação (Or) é um parâmetro sobre a disposição da palma da mão. A orientação pode ser para cima, para baixo, para dentro, para fora, em disposição contralateral ou ipsilateral. (NASCIMENTO, 2010, p.16).

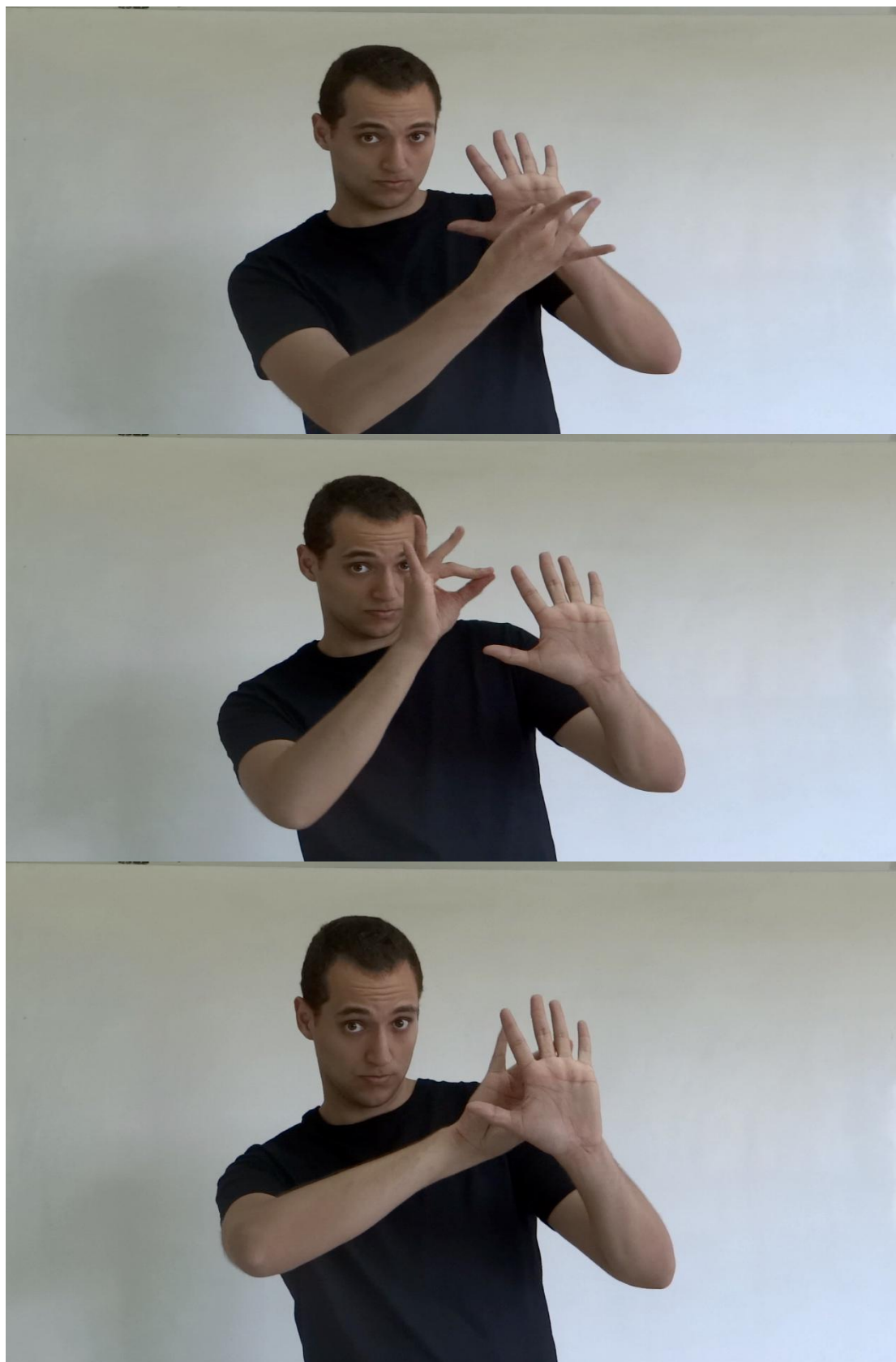
O processo de sistematização a partir da variável da condição de uso paramétrica da direcionalidade na Libras ocorre, a partir da base paramétrica representada na figura a seguir, que pode indicar a condição lexicográfica tanto pela abstração lexical da palma da mão que em seu conjunto indica uma condição lexicográfica que representa um documento lexicográfico e além de não representar apenas em formato de papel, se a palma da mão estivesse direcionada para baixo a condição de abstração não seria suficiente, apenas admite as direções da palma da mão para frente e para cima para compreender a matriz lexical desta condição paramétrica; temos também um dicionário mental que “arquiva” o nosso conhecimento de um todo da língua e, é neste dicionário mental, que o ser humano armazena as informações da língua e que muitas vezes são informações subtendidas e esta condição possibilitou a partir do empréstimo linguístico da ASL o termo – METÁFORA, aproveitar a mesma base da direcionalidade bivalente para o registro do sinal-termo MITO, conforme as figuras a seguir:

Figura 105 – Sinal-termo – METÁFORA



Fonte: DvD – Glossário – Português – (2014)

Figura 106 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO - 1

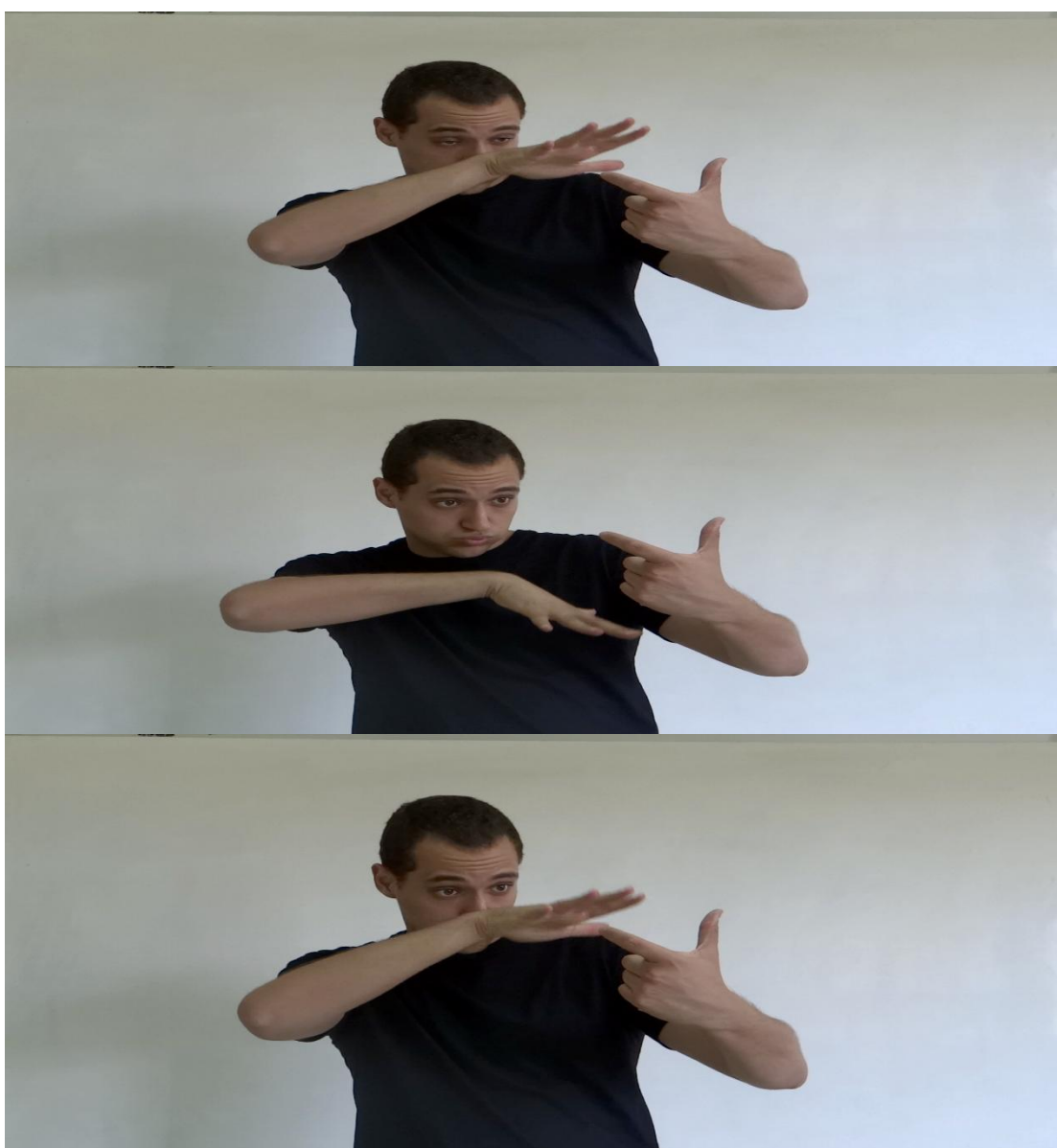


FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014



A explicação lexicográfica da composição do sinal-termo MITO, é que este sinal-termo é usado para o conceito de explicação das narrativas utilizadas pelos povos para fatos da realidade e fenômenos da natureza, com a utilização de muita simbologia com o objetivo de explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado. O sinal-termo MITO a seguir não é variante do anterior, visto que a sua interpretação está associada a narrativas simbólico-imagética, relacionada a uma dada cultura que procura explicar e demonstrar os fatos e fenômenos por meio da ação e do modo de ser das personagens.

Figura 107 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO - 2



FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

Assim, este exemplo nos levou a uma discussão interessante em torno do fato de que em uma língua, no caso a língua portuguesa, o termo MITO apresenta a mesma grafia para o termo com conceitos diferentes e que podem ser lexicografado no mesmo campo lexical em uma obra lexicográfica através de acepções em torno do termo.

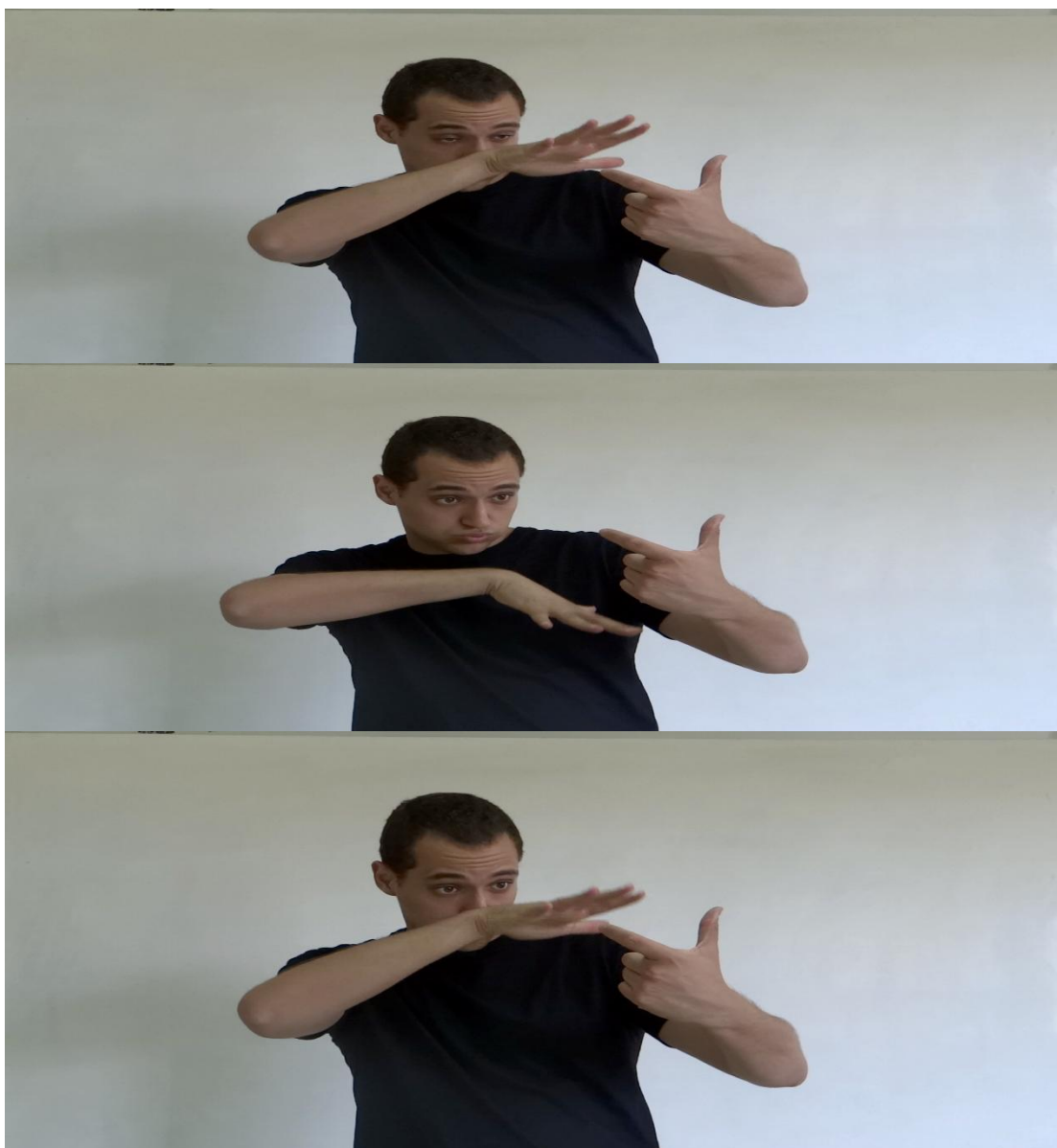
No caso da língua de sinais, na Libras, este termo apresenta domínios diferentes, conceitos diferentes, bases paramétricas diferentes, condições paramétricas diferentes que a priori são as unidades lexicais maiores, porém não são dotadas de significados caso a análise de suas condições fossem realizadas isoladamente, o registro lexicográfico não poderá proceder da seguinte forma MITO (1) E MITO (2), pois entre parêntese indica de modo geral que este termo apresenta formas variantes que não é o caso em estudo.

Outra problemática percebida na análise destes termos está relacionada ao fato de especificar para a palavra homônima com significado diferentes, a sua propriedade entre parêntese, por exemplo, MANGA (FRUTA) e MANGA (ROUPA), no caso do termo MITO não há como seguir esta especificação, pois foge da regra lexicográfica em torno de termos que apresentam características mais gerais e mais específicas e a dificuldade da interpretação para o Surdo está justamente no seu conceito e isso acarretaria uma lacuna informacional que gera a não compreensão lexical do termo por meio da sua densidade de registro.

Assim, os membros participantes da pesquisa selecionou o verbete para o termo MITO, que é mostrado a seguir: **MITO** – s.m. Narrativa popular ou literária, que coloca em cena seres sobrehumanos, e ações imaginárias, para as quais se faz a transposição de acontecimentos históricos, reais ou fantasiosos (desejados), ou nas quais se projetam determinados complexos individuais ou determinadas estruturas subjacentes das relações familiares. Fig. Coisa fabulosa ou rara: a Fênix dos antigos é um mito. Lenda, fantasia. Fig. Coisa que não existe na realidade.

Deste modo, podemos afirmar que realmente a compreensão da propriedade está no sentido figurado que indica o termo MITO. Quando selecionamos o domínio de uma coisa fabulosa ou rara, iremos utilizar a forma a seguir para sinalizar este sinal-termo:

Figura 108 – Sinal-termo – MITO – DOMÍNIO -1



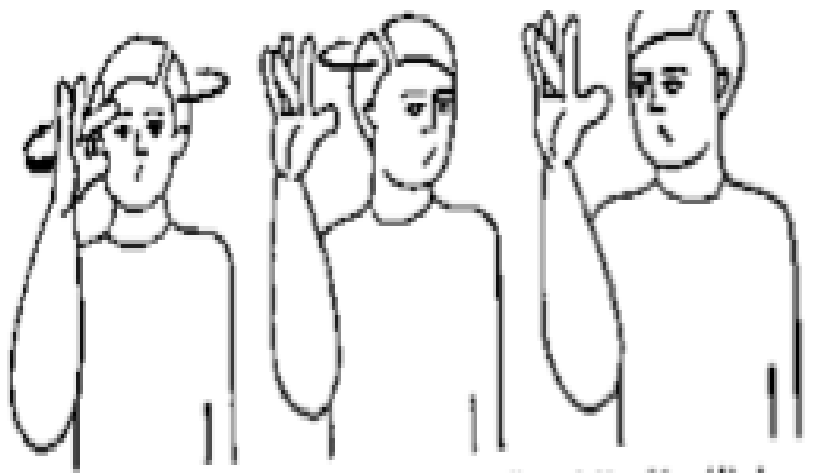
FONTE: DVD – GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA – 2014

E quando selecionamos o domínio do sentido figurado para coisa que não existe na realidade, iremos selecionar o sinal-termo – MITO – DOMÍNIO – 2.

Como esta pesquisa preocupa também em oferecer contribuições por meio da educação lexicográfica, esta discussão linguística em torno do termo MITO fez com que o pesquisador realizasse uma pesquisa no dicionário dos autores Capovilla; Raphael (2011) para a percepção de termos que apresentam a mesma grafia em Língua Portuguesa, porém com formas diferentes de sinalizar, para analisar a composição das condições paramétricas.

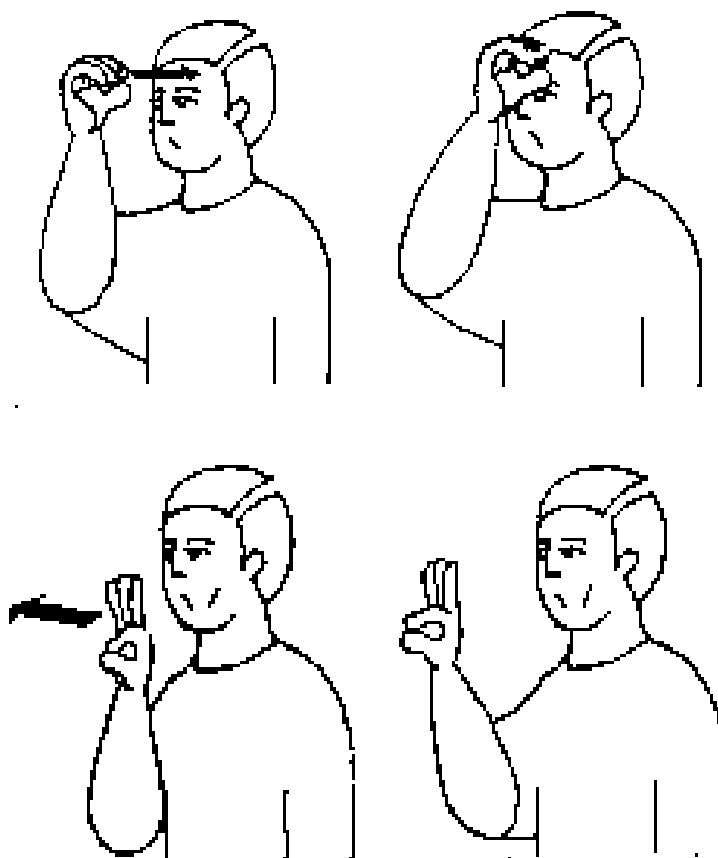
Assim, obtemos os seguintes exemplos: NÃO-SABER, NÃO-SABER NADA e MÃE.

Figura 109 – Sinal-termo – NÃO-SABER



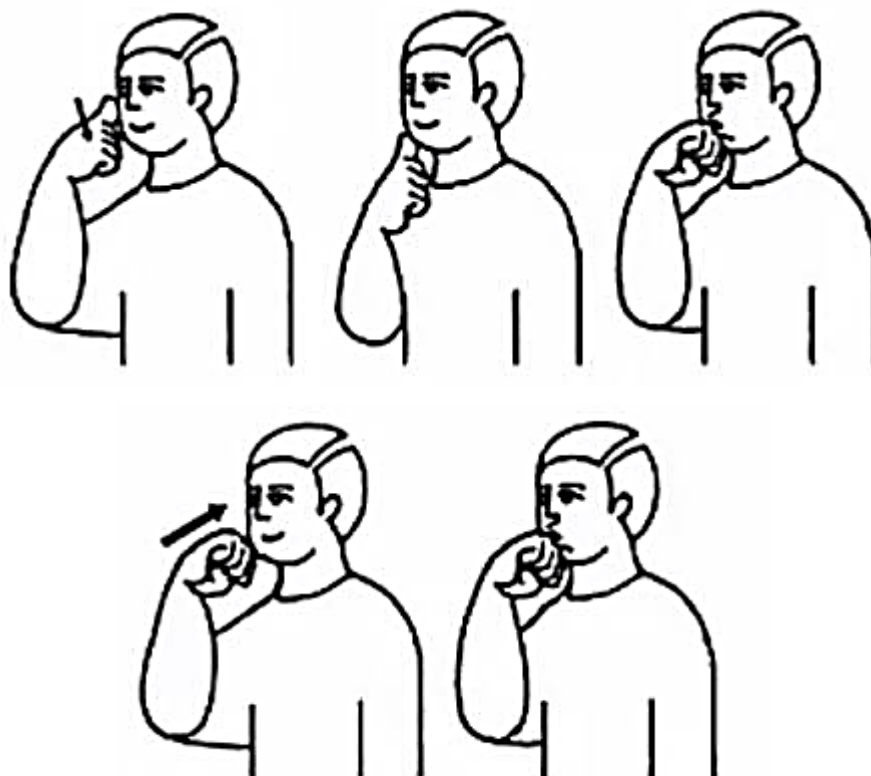
Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Figura 110 – Sinal-termo – NÃO-SABER NADA



Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Figura 111 - Sinal-termo - MÃE

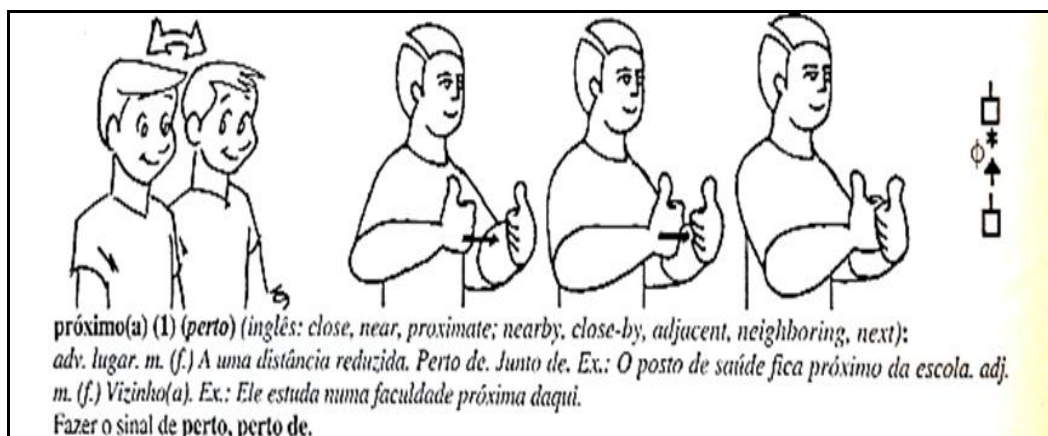


Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Como uma grande quantidade de exemplos foram retratadas, não encontramos o termo PRÓXIMO registrado no dicionário de Capovilla; Raphael (2001) em todos os seus domínios possíveis, onde no momento da construção do sentido na sinalização, podemos encontrar as seguintes enunciações: a) Já está próximo do carnaval. b) Ele é um amigo próximo da família. c) Não faça mal ao próximo. d) O clube fica próximo ao hotel. e) Este azul é próximo do que eu quero na minha parede. Em (a) o domínio ativado para a construção do sentido da palavra PRÓXIMO é o do calendário. Em (b) e (c) temos o domínio da afetividade, que em Libras também se subdividem em sua forma de sinalizar. Em (d) o espaço físico é o domínio selecionado e o espectro de cores é ativado em (e). Deste modo, a condição paramétrica que se estabelece no espaço por meio da condição paramétrica variável de uso do ponto de articulação possibilita a compreensão do domínio em torno deste termo.

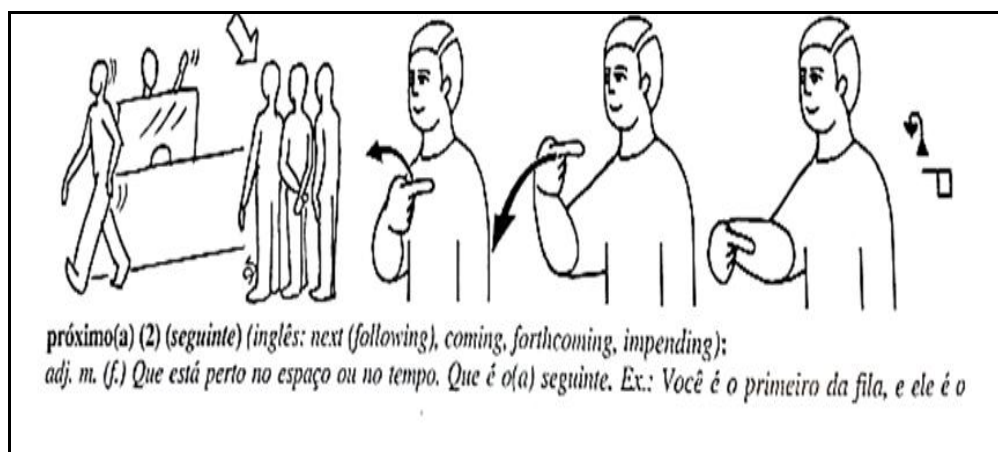
No dicionário Capovilla; Raphael (2001, p. 1092) encontra-se duas formas de sinalizar o termo PRÓXIMO, onde na primeira forma é no sentido de perto e na segunda forma é no sentido de seguinte. As figuras a seguir, representam como está organizado o verbete para o termo PRÓXIMO nesta obra lexicográfica.

Figura 112 – Sinal-termo – PRÓXIMO (PERTO)



Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Figura 113 – Sinal-termo – PRÓXIMO (Seguinte)



Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

É interessante notar, que quando um ou outro parâmetro é mostrado não é possível ter a sua compreensão de forma efetiva. Elementos lexicais que compõe o conjunto das condições paramétricas, juntamente com os outros elementos são ativadores da compreensão do sinal-termo e, muitas vezes, são pertencentes à esfera de experiências em torno do léxico. É inegável que o conhecimento prévio é responsável pela seleção desses elementos e, por isso, é preciso trabalhar e aprimorar estes aspectos linguísticos que são ativadores da aprendizagem na Libras.

No item seguinte, vamos discutir a sistematização dos sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrico das expressões faciais e gramaticais com foco nos aspectos linguísticos que devem ser aprimorados para uma melhor compreensão da condição paramétrica deste parâmetro da Libras.

### **6.3.5 Sistematização dos Sinais-termo a partir da variável da condição de uso paramétrica das Expressões faciais e gramaticais: aspectos linguísticos**

Uma das possibilidades linguísticas que se pode manifestar é a hipótese de que uma condição paramétrica não oferece possibilidades de compreensão de um determinado sinal-termo isoladamente. Entretanto, a variável da condição de uso paramétrico das expressões faciais e corporais funcionam justamente para não permitir que as características da língua se reduzam a mecanismos isolados de compreensão de seus elementos que aleatoriamente podem ser selecionados e sem fundamentos lexicográficos.

Uma condição paramétrica é justamente um traço linguístico, com efeito, quando existe a necessidade de realizar escolhas que demandam atitudes linguísticas do falante de Libras para com as variedades da língua frente as várias formas de dizer um mesmo conceito, é preciso enfatizar sempre a análise da Libras enquanto língua e considerar todas as possibilidades linguísticas às quais a língua estão sujeitas.

Deste modo, estas escolhas linguísticas de fato exercem influências sobre o comportamento linguístico. Se os usos da língua variam geograficamente, socialmente e historicamente, as condições paramétricas são traços linguísticos que apresentam suas especificidades onde permitem a partir de uma base paramétrica a compreensão do sinal-termo, mesmo que variam as formas e as escolhas lexicais e terminológicas. Aqui, nos estudos da variação linguística da Libras, o que interessa é o mostrar como uma variável de condição de uso paramétrico contribui, juntamente com os traços fonéticos e traços lexicográficos para a compreensão do sinais-termo da Libras.

Pierre Guiraud (1986) mostrou em seus trabalhos, a existência de matrizes produtivas que permitem derivar a partir de uma matriz de base toda uma série de signos linguísticos. É, por exemplo, uma imagem forte que associa um determinado referente e mais genericamente ao que se quer especificar, de acordo com as características destes e essa matriz nos permite compreender toda uma série de formas linguísticas. Deste modo, o que se determina como condição paramétrica entendemos que na realidade é um conjunto de práticas caracterizado por: i) traços paramétricos da configuração de mão; ii) traços paramétricos de ponto de articulação; iii) traços paramétricos de movimento; iv) traços paramétricos de direcionalidade; v) traços paramétricos de expressão facial e corporal que em sua totalidade depende a compreensão de: traços sintáticos, traços fonéticos, conjunto lexical pela aplicação de cada regra paramétrica decorrentes dos traços morfológicos.

O uso de expressões faciais na comunicação tem uma clara base evolutiva.

Segundo Cole (1998), as expressões faciais assumem várias funções e fornecem um caminho não só para prever o comportamento, mas também para exibir e manipular o comportamento. A grande maioria dos estudos concentra-se nas expressões faciais emocionais (afetivas). Deste modo, é necessário compreender de fato nos estudos da variação linguística da Libras a condição de uso paramétrica da expressão facial e corporal.

As expressões afetivas podem ser usadas independentemente de elementos linguísticos, uma vez que é possível traduzir emoção através do olhar, da postura, dos gestos; ou revelar função fática e diferentes comportamentos através da entoação da voz ou das posições do corpo. Segundo Reilly (2006, p. 266-267), “ao contrário do que ocorre com as expressões gramaticais não-manuais nas línguas de sinais, as emocionais são variáveis quanto à sua intensidade, e a sua duração é inconsistente”. Podem co-ocorrer com a “pronúncia” ou existir independentemente de um comportamento linguístico”. Isso nos permite concluir que os sinais não-manuais gramaticais dependem de regras linguísticas específicas (ANATER, 2009, p.89).

Corina *et. al.* (1999) no seu estudo conclui que a produção normal de expressão facial afetiva varia em intensidade crescente, diminui ao longo do discurso, e suas transições não estabelecem limites das unidades linguísticas. Em contraste, expressões faciais gramaticais, na ASL, dividem-se em pelo menos duas classes distintas: classe de expressões faciais com funções sintáticas (condicionais e relativas, por exemplo), com uso de expressões específicas; e a classe que marca sentenças adverbiais, essas expressões co-ocorrem e modificam sinais verbais.

Outro ponto importante destacado pelo autor concentra-se no fato de que as expressões faciais linguísticas fazem uso de músculos faciais individuais, são específicas no âmbito e tempo, ocorrem coordenadas com as sentenças, assumem funções linguísticas específicas e são exigidas pela gramática da língua. (PÊGO, 2013, p. 42).

São vários os estudos que confirmam tal diferença entre os marcadores faciais linguísticos e os afetivos, em termos de recrutamento muscular, como as investigações feitas por Baker e Padden (1978), Baker-Shenk (1983), Liddell (1977, 1980), e Reilly, McIntire e Bellugi (1991).

Segundo Corina *et. al.* (1999), além das diferenças funcionais, há pelo menos quatro características que distinguem as expressões faciais afetivas das linguísticas, em ASL, relacionadas ao uso diferente da musculatura facial:

1- início e fim rápidos: as expressões afetivas são inconsistentes e inconstantes em seu início e nos padrões de deslocamento e na sua forma ápice, já as linguísticas, tais como os



exemplos possuem um claro, rápido e padrão específico de início-fim.

2- músculos específicos e individualmente recrutados: o uso de grupos musculares, em ações globalizadas ocorrem nas expressões afetivas; em contraste, as expressões linguísticas exigem músculos específicos que não são recrutados no momento de expressar emocionalmente. As pesquisas de Ekman; Friesen (1978, 1981, 1982) revelaram que os comportamentos faciais gramaticais que fazem parte do sistema linguístico da ASL são marcadamente diferentes do uso dos músculos faciais nas expressões afetivas. Observaram que o rápido início e rápido deslocamento de disparo de cada um dos músculos faciais ocorrem somente dentro de regras gramaticais, e são exclusivos para esse sistema linguístico; também especificaram a ausência (ou a raridade de ocorrência) de recrutamento de músculos faciais específicos e individuais nas expressões emocionais.

3- âmbito linguístico: a principal diferença entre os dois tipos de expressões está na previsão de ocorrência. Nas afetivas, podem ocorrer expressões acompanhadas do sinal (ou palavra) com vários padrões possíveis de execução, podendo ocorrer antes ou depois de uma expressão linguística, sem especificidade de tempo. As expressões linguísticas, por sua vez, exigem coordenação com os sinais manuais, determinando limites gramaticais, sendo possível prever sua ocorrência, seu início e fim.

4- exigência: os estudos de Reilly, McIntire, e Bellugi (1990) relatam que, em sentenças relativas ou condicionais, uma expressão facial linguística específica é exigida durante a produção da frase, enquanto os sinais manuais associados (por exemplo, o sinal SE, nas condicionais) são opcionais. Também nos contextos adverbiais, expressões específicas são necessárias para a construção da sentença.

Em suma, as expressões afetivas ocorrem independentemente de elementos linguísticos, pois as emoções são expressas pelo olhar, postura, gestos. Reilly (2006, p.266-267) especifica que as expressões emocionais possuem intensidade, duração e ocorrência variáveis.

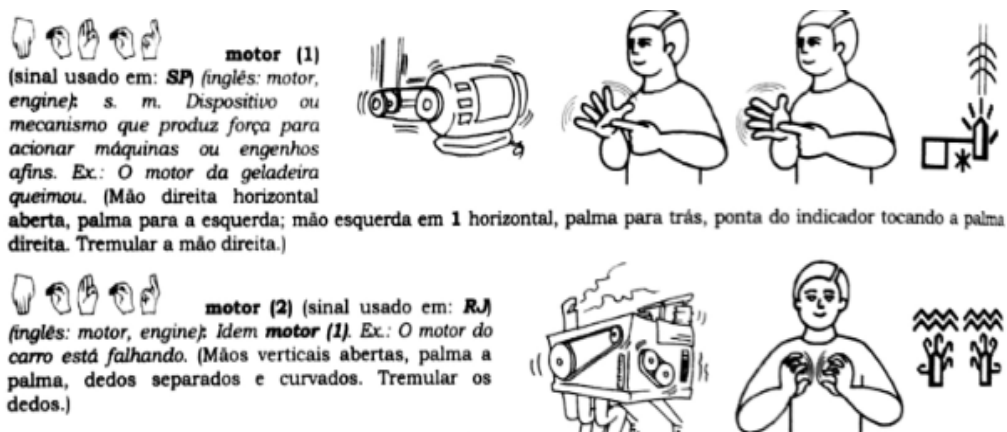
Já as expressões não-manuais linguísticas possuem comportamento fixo, e exigido em um momento específico. Um exemplo no estudo de Sandler; Lillo-Martin (2001), demonstra tal comportamento. Os autores destacam que há diferença no uso das expressões faciais em sinalizantes, em que exibem características intonacionais, com padrão fixo; ao passo de que nas línguas orais as expressões são aleatórias e opcionais.

Segundo Anater (2009, p.88), “quando associadas ao discurso, as marcações não-manuais podem representar “troca de papéis”, “pontos de vista” ou diferentes perspectivas. Essas trocas ou mudanças de referentes exigem expressões emocionais (ou afetivas) da face,

de modo a organizar linguisticamente o escopo da ação, ou seja, ou início, meio e fim de algo a ser relatado diretamente ou retomado no discurso. Na organização de uma história, as expressões da face sempre revelam características emocionais ou reações específicas diferentemente de quando relacionadas à morfologia ou à sintaxe da língua. As expressões afetivas somadas às mudanças de direção do olhar revelam os sinais referentes ao que se está relatando. Indicam também o papel do narrador ou de “quem está falando” quando a história é recontada. As expressões afetivas e direcionalidade do olhar, dentro desse discurso, delimitam, portanto, o escopo do que está sendo dito”

Para representar a variável da condição de uso da expressão facial, selecionamos o termo MOTOR do dicionário de Capovilla; Raphael, 2001. A seguir, as figuras mostram as variantes deste termo.

Figura 114 – Sinal-termo – MOTOR – Variantes 1 e 2



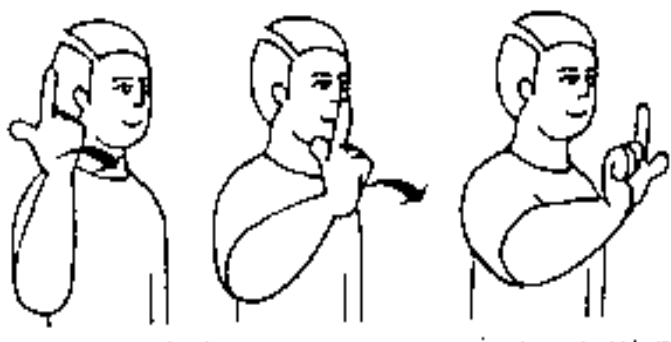
Fonte: Capovilla; Raphael (2009)

Nota-se que em nenhum momento o verbete foi sinalizado de forma correta em seu registro gráfico, pois de acordo com a autora Pêgo (2013), é importante que o morfema-boca enquanto traço distintivo seja levado em consideração. Além do morfema-boca notamos o lexema-boca, pois na sua constituição encontramos elementos que envolvem mais do que somente a boca. Neste caso, a unidade lexical que ativa a interpretação não é o movimento da configuração de mão, mas sim a condição paramétrica da expressão facial que indica e representa a forma como um motor se mostra em funcionamento por meio do movimento dos lábios e da fisionomia que retrata a expressão característica de representar um motor em funcionamento e não foram consideradas estas expressões no registro videográfico do termo MOTOR.

A autora Pêgo (2013) também mostra que alguns sinais-termo da Libras possuem restrições para co-ocorrer com sinais e modulações aspectuais. Para a autora essa é a propriedade que mais evidencia seu caráter morfológico nas produções da Libras. Os morfemas-boca são quase sempre combinados com sinais manuais, no entanto possuem limitações de uso, não podem ser combinados com quaisquer sinais-termo.

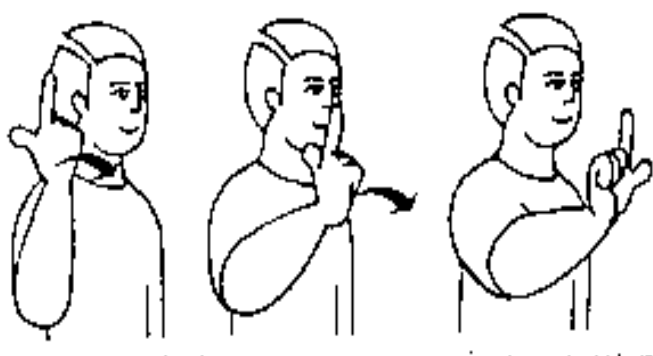
Começamos as análises dos sinais-termo da Libras com base nas condições paramétricas da expressão facial, por meio de um exemplo que explica como ocorre a percepção em torno de uma condição paramétrica da expressão corporal. Os termos que foram selecionados são GANHAR e CONSEGUIR. As figuras a seguir mostram a sinalização destes termos em Libras.

Figura 115 – Sinal-termo – CONSEGUIR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Figura 116 - Sinal-termo – GANHAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001)

Como podemos analisar, na obra lexicográfica de Capovilla; Raphael (2001, p. 450-701), existe uma tentativa de igualar os dois termos, sendo que existe um traço distintivo entre estes dois verbos. Este traço é a condição paramétrica da expressão corporal, onde no termo GANHAR a expressão corporal do acompanhamento do corpo ao fazer o sinal-termo acompanha a realização da sinalização e no termo CONSEGUIR não existe este

movimento corporal e por isso não pode utilizar uma mesma imagem conforme mostra os verbetes extraídos de Capovilla; Raphael, 2001. Esta observação, nas gravações de vídeos coletados pelo pesquisador, esta presente com mais frequência por usuários com mais anos de escolaridade. A variável escolaridade nos mostra a existência de escolhas linguísticas quando se tem mais anos de estudos, que são diferentes as escolhas feitas pelos entrevistados, mas que estão presentes nos estudos dos sinais-termo, sendo a língua um comportamento social e constituída pelo grupo de falantes.

Percebemos que um comportamento linguístico está associado com um comportamento social mais geral e geralmente os falantes de Libras não sentem a necessidade de questionar seu modo de falar, que eles consideram legítimo, quando por razões variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de sinalizar, quando consideram sua forma de sinalizar a escolha dentro de termos que conhecem e selecionam como padrão, mas é preciso que os falantes analisem o seu modo de sinalizar que às vezes é pouco compreendido ou fora do contexto e ou atualizar o conjunto de vocabulários que domina, mas que tenham em mente as propriedades que regulam os termos, os critérios que são estabelecidos e que efetivamente compreendam o que vem a ser uma base e a condição paramétrica para que possam praticar e divulgar a norma-padrão.

As pesquisas linguísticas possuem o objetivo de contribuir com os avanços das teorias científicas, ampliando, complementando ou, até mesmo, fornecendo novas perspectivas, novos “olhares”. Muitas das transformações linguísticas são resultado de demandas sociais, culturais e históricas, exigindo, assim, revisão ou inversão de modelos teóricos consolidados, clássicos. (PÊGO, 2013, p. 12).

Essas discussões, permitiu extensamente no decorrer do capítulo 6 apreender os vários aspectos linguísticos que ocorre na Libras. Existe na literatura o que podemos chamar de olhares sobre a língua, de análise de imagens da língua, de um termo, de registro do sinal-termo, por meio de características e ou traços paramétricos que permitem determinar a norma que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis de condição de uso e as variáveis de análise (g, faixa etária, escolaridade e tipo de entrevista) geram uma conscientização em torno da importância de compreender a variação linguística da Libras.

Espera-se também, que seja possível compreender as influências que essas atitudes podem ter sobre as práticas linguísticas. Mas em face da variação, temos atitudes de rejeição ou aceitação, de substituição ou de expansão do léxico da Libras, que não têm necessariamente, influência sobre a forma de sinalizar dos falantes, mas que todas as variantes sejam consideradas no conjunto de léxico que podemos encontrar na língua, mas que

certamente têm influências sobre como o sinalizante realiza a seleção da condição paramétrica e que pode melhorar estes aspectos, que são característicos do espectro de propriedades linguísticas que encontramos na Libras.

O sinalizante de Libras crer que há um modo paramétrico de sinalizar a própria língua, quando um falante que está aprendendo a Libras, este busca meios e formas de adquirir a sinalização fluente e dentro do que se espera ao usar a língua com propriedade. As motivações são linguísticas e sociais e se passamos pelas análises dos sinais-termo compreendemos como ocorre a produção destes na Libras. Deste modo, podemos de fato compreender, como as línguas variam, por que evoluem? Esta compreensão, leva em conta a estrutura paramétrica que funcionam como poderoso fator de evolução e organização lexicográfica. William Labov (1976, p. 190) apresenta o modo como se produz a evolução: “Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se propaga e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se realiza e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais.

Constatamos deste modo, que as condições paramétricas à qual consagramos uma longa discussão, de fato contribui para os estudos dos mecanismos que regulam a criação e a sinalização dos sinais-termo na Libras nos estudos da variação linguística e aqui apresentamos uma abordagem sociolinguística que aplica na linguística da língua de sinais, de modo a enriquecer, isto é, renovar, a explicação e a compreensão dos estudos. Mas para que essas explicações sejam completas e convincentes, a descrição deve levar em conta certo número de fatores linguísticos e de fatores sociais que ao analisar os glossários das disciplinas de biologia, história, física, matemática, português e química, apresentado no próximo capítulo irá demandar a consagração do Núcleo de Pesquisa em Variações Regionais dos Sinais da Libras – Varlibras em várias instituições interessadas em promover os estudos da variação linguística em Libras.

No

item seguinte apresenta-se a conclusão da pesquisa desta tese.

## CONCLUSÃO

---

Nesta tese, divulgamos as possibilidades que o Projeto Varlibras promove para as análises dos processos linguísticos da variação linguística em Libras. O foco da pesquisa, foi termos técnicos das disciplinas: Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química. O registro e a identificação das variantes e escolha da variante-padrão foram importantes para a compreensão do estudo da variação linguística em Libras.

O sinal-termo é um elemento que permite a partir de suas bases paramétricas, primordialmente, na perspectiva da terminologia, por meio das condições paramétricas, a constituição das propriedades linguísticas conceituais do termo e definir a pouca ocorrência de variação linguística ou da necessidade da substituição, para que se chegue à conclusão do significado, pois os termos técnicos selecionados vêm de acordo com o que se espera no fenômeno da variação linguística.

Assim, ao fundamentar o léxico da Libras, ainda que seus elementos possam ser focalizados e registrados, é importante considerar a importância da divulgação da educação lexicográfica, pois ao analisar obras lexicográficas, percebemos a necessidade de implementar princípios lexicográficos que possibilite a criação de critérios de regulação e registro do sinal-termo, é preciso atender uma teoria voltada para a linguística da língua de sinais.

Os argumentos que podemos apresentar são: as discussões dos Surdos e não-surdos pesquisados estão a favor de uma variante-padrão; as referências visuais de alguns dicionários em Libras não correspondem à frequência de uso de seus termos; os sinais que seguem um padrão lexicográfico com a prevalência da condição paramétrica da CM e do movimento parecem ser a preferência dos usuários da Libras, a pesquisa empírica da Libras nos dá várias possibilidades de criação de novas unidades lexicais com base em formas já existentes, repetindo ou mudando o movimento na estrutura segmental da forma-base, enquanto mantém as outras condições paramétricas – inalteradas, por exemplo.

Para elaborar léxicos alfabéticos bilíngue que atenda as propriedades lexicográficas de registro do sinal-termo, propomos léxicos alfabéticos bilíngue das disciplinas Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química, no qual a sinalização dos termos são apresentadas para que seja possível chegar em outro momento à compreensão das unidades lexicais e por isso elaboramos uma proposta do Núcleo Varlibras, com vistas a possibilitar a continuidade da pesquisa, da divulgação do sinal-termo e de várias outras possibilidades que foram elencadas para o desenvolvimento no núcleo.

Como a relação da condição de uso paramétrica é abrangente, devido às variadas possibilidades de relações de coordenação que a mente humana faz, o critério para estabelecer este mecanismo está na delimitação da base paramétrica. Após analisarmos as teorias da variação linguística da Libras com foco nas condições paramétricas, identificamos que as argumentações sobre a gramática da Libras é de fundamental importância ao estabelecer a compreensão sobre a gramática da datilologia, sobre os processos linguísticos envolvidos e efetivamente sobre o léxico da Libras e as restrições linguísticas. Para cada variante observada, foi necessário analisar quais elementos permite a seleção da variante-padrão. À medida que os sinais-termo foram discutidos para seu efetivo registro novos sinais-termo foram criados e estes atendem a matriz lexical proposta para a inclusão de novos sinais-termo.

Não podemos deixar de dizer, que o uso de vários instrumentos tecnológicos de fato colabora e atendeu às demandas da pesquisa e propicia a divulgação e a elaboração de estratégias para o estudo da variação linguística. Por isso, o Projeto Varlibras foi registrado em um banco de dados, usado para a organização dos sinais-termo coletados a ser disponibilizado no site. O banco de dados permitirá que novos sinais-termo seja registrados e divulgados no site [www.varlibras.com.br](http://www.varlibras.com.br) de forma acessível e criteriosa.

Deste modo, finalizamos ao afirmar que esta pesquisa contribui para o estudo da variação linguística, uma vez que apresentamos a proposta de criação do Núcleo Varlibras, onde seus objetivos sejam: i) divulgar os estudos da variação linguística da Libras pautada na educação lexicográfica nos princípios da lexicografia, ii) especificar os elementos que compõe o sinal-termo de modo a compreender os mecanismos de criação e registro do léxico da Libras; iii) contribuir para a divulgação de novas pesquisas nos estudos da variação linguística da Libras.

## REFERÊNCIAS

---

- ALBANO, E. C. **Da fala à linguagem tocando de ouvido**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- AMARAL, Maria Augusta; COUTINHO, Amândio; MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**, Coleção universitária. Série Linguística, Lisboa: CAminho, 1994.
- ANATER, Gisele Iandra Pessini. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo de caso longitudinal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- ANDRADE, Maria M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Tese de doutorado (Filosofia), Boston University, 1996.
- BAKER-SHENK, Charlotte; COKELY, Dennis. **American Sign Language: A teacher's resource text on grammar and culture**. Green Books, Teachers resources. Washington DC: Gallaudet University Press, 1980.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Tecno-científica. *Anais...* Curitiba: IBICT, 1992.
- BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BATTISON, Robbin M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, 1978.
- BELLUGI, Ursula; NEWKIRK, Dori. Formal devices for creating new signs in American Sign Language. In: **Sign Language Research**, vol 30, W.D.C.: Gallaudet University, spring, 1981.
- BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico**. Em: A. M. P. P. Oliveira; A. N. Isquierdo (Orgs.), *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia* (pp. 13-22). Campo Grande, MS: UFMS, 2001.
- BLOCH, G. TRAGER, G. **An outline of linguist analysis**. Baltimore, 1942 p.5.
- BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BONATTI, Mario. **Aculturação linguística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina, Brasil (1875-1974)**, 1974.



BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais* – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Brasília/DF: SEF/MEC. 1998, 2001.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/2002 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/2000.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.436** de 22 de Abril de 2002. Oficializa a Libras.

BRENTARI, D. HULST, H. V. D.; KOOIL, E. V. D. SANDLER, W. **One over all and all over one**. (Manuscrito).

BUSCATO, Lenira; GARCIA, Márcia; PELACHIN, Márcia. **Como usar um dicionário**. São Paulo: Ática, 1998.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à linguística*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas. Prefácio Gilvan Muller de Oliveira**; Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2002.

\_\_\_\_\_. *Le marché aux langues*. Les effets linguistiques de la mondialisation. Plon, France, 2002.

CAMACHO, R. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio: Padrão, 1964.

CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CAPOVILLA, Fernando César; RAFHAEL, Walkiria Duarte (Editores). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L. Volume II: Sinais de M a Z. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras*. São Paulo, SP: Fundação Vitae, Fapesp, Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Novo Deit- Libras)**. Em A. L. Sennyey; F. C. Capovilla; J. M. Montiel (Orgs.), *Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação* (pp. 165-177). São Paulo, SP: Artes Médicas. (ISBN: 978-84-367-0082-3), 2009.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; MARINHO, Margot Latt. Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngue de surdos. In: SALLES, Heloisa M. M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais**, cap.5, GO: Cânone, 2007, p.119-142, ISBN: 85-87635-53-0.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012. 471p. ISBN 978-85- 7244-714-0.

CASTRO JÚNIOR. Gláucio de. **Psicobiologia na sala de aula: uma mediação no ensino de português para Surdos**. Projeto de iniciação científica desenvolvido na Universidade de Brasília - UnB. 2008.

\_\_\_\_\_. **Variação regional lexical na Língua de Sinais Brasileira: inteorizando a prática educativa**. Projeto de iniciação científica desenvolvido na Universidade de Brasília - UnB. 2009.

\_\_\_\_\_. **A educação de Surdos no Distrito Federal: perspectiva da política de inclusão**. Monografia de conclusão do curso de especialização do curso Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar da Universidade de Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. **Variação lingüística em Língua de Sinais Brasileira: Foco no léxico**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística do Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília, 2011.

CORREA, R. C. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

COSERIU, E. **Teoria del Lenguaje y lingüística general**. Madri: Editorial Gredos, S.A., 1978.

COSTA, Messias Ramos. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CHOMSKY N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton. 1957.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e pensamento**. Petrópolis: Vozes, 1971. (título original, 1968).

\_\_\_\_\_. **Aspects de la théorie syntaxique**. Paris: Le Seuil, 1971.

\_\_\_\_\_. **Reflections on Language**, New York: Pantheon, 1975

\_\_\_\_\_. **Linguagem e mente**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 83 p. 1998.

\_\_\_\_\_. **Aspects de la théorie syntaxique**. Paris: Le Seuil, 1971.

\_\_\_\_\_. **Reflections on Language**, New York: Pantheon, 1975.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e mente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 83, 1998.

CURSO DE Libras. Produzido por PIMENTA, Nelson e QUADROS, Ronice Muller de. Rio de Janeiro: Libras Vídeo, 2006. Disponível em: <<http://www.lsbvideo.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

**EDITORA ARARA AZUL.** Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/dicionario-de-lingua-de-sinais-de-1875/>. Acesso em: 22 Ago. 2014.

EMMOREY, K.; U. Bellugi e E. Klima. **Organização neural da língua de sinais.** In: M. C. Moura; A. C. B. Lodi & M. C. da C. Pereira. Orgs. **Língua de Sinais e Educação do Surdo.** Série de Neuropsicologia, vol. 3. São Paulo: Tec Art, p. 19-40, 1993.

EMMOREY, Karen. **Perspectives on classifier constructions in sign languages.** London: Lawrence Erlbaum associates, Publishers, 2003.

ESTELITA-BARROS, Mariângela, **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta Teórica e verificação prática.** Florianópolis/SC, 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica.* S. Paulo: Ática, 1991.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Tese de Doutorado: **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica.** 2009. UnB.

FASOLD, Ralph. **The sociolinguistics of society.** Oxford: Basil Blackwell, 1984.

FAULSTICH, Enilde et alii. Ensino de língua portuguesa para surdos. *Caminhos para a prática pedagógica.* Brasília: Secretária de Educação Especial – MEC, 2003, v.2. p.245.

FAULSTICH, Enilde. **Entre Le français et le portugais Du Brésil: des mots migrants.** Actes des 8<sup>o</sup> Journées de Linguistique, Québec, 1994, p. 55-59.

FAULSTICH, Enilde. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia** – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-31.

\_\_\_\_\_. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Cienc. Cult. vol.58 no.2 São Paulo: 2006.

\_\_\_\_\_. **Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área de surdez.** In: Salles, H. M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** cap. 6. GO: Cênone, ISBN: 85-87635-53-0, p. 119-142, 2007.

\_\_\_\_\_. **“A dimensão política da Terminologia”**, In: *Terminologia e indústria da língua* [org. M. Correia ]. Actas do VII Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, Lisboa, União Latina, Iltec, Gulbenkian, p. 59-65, 2003.

\_\_\_\_\_. **A função social da terminologia.** I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa. Org. Ângela C. De S. Rodrigues, Ieda M. Alves; Norma S. Goldstein, São Paulo, Humanitas / FFLCH / USP, 1999c, p. 167-183.

\_\_\_\_\_. **À propôs de La categorisation de la variation en terminologie.** Conférence. Université Laval, Le CIRAL, le LaSIC, 12 avril, 1999d.

\_\_\_\_\_. **A Terminologia entre as políticas de língua e as políticas linguísticas na educação linguística brasileira.** 2013.

\_\_\_\_\_. **Aspectos de Terminologia Geral e Terminologia Variacionista.** TradTerm 7. São Paulo: Humanitas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.

\_\_\_\_\_. **Da linguística histórica à terminologia.** Investigações, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1997, p. 71-101.

\_\_\_\_\_. **Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua.** Actas da VI Riterm, Havana, Cuba, 1998a, p. 15.

\_\_\_\_\_. **Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua.** In: CORREIA, M. (Org.). Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Princípios formais e funcionais de variação em terminologia.** Seminário de terminologia teórica, Barcelona, 28-29 Janeiro, 1999c.

\_\_\_\_\_. **Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** Ciência da Informação, MCT/CNPq/IBICT, Brasília (24), n.3, 1996a, p. 281-288.

\_\_\_\_\_. **Variação Terminológica. Algumas tendências no Português do Brasil.** Cicle de conferéncies p. 96-97. Lèxic, Corpus/Diccionaris, Barcelona: IULA, 1998b, p. 141-154.

\_\_\_\_\_. **Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha.** Actes Représentations Methodologiques sur le Travail en Terminologie et en Terminotique dans les Langues Latines. Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, Nice, 1996b, p. 15-19.

FELIPE, Tania. A. De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS – RJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 5., Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87-89.

FELIPE, Tanya Amara SOUZA; LIRA, Guilherme de Azambuja. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Versão 2.0.** Rio de Janeiro: CORDE/SEDH/Acessibilidade Brasil, 2005 (Também disponível online no site: <http://www.acessobrasil.org.br> e no site: <http://www.ines.org.br>).

FERREIRA BRITO, L. (1989). **Classificadores em LSCB.** Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL (pp. 640- 654). Recife.

\_\_\_\_\_. **O discurso ideológico das filosofias educacionais para surdos e sua língua dos sinais.** *Revista GELES*, 4(4), p. 22-44, 1990.

\_\_\_\_\_. *Integração social & educação de surdos.* R.J.: Babel, 1993.

\_\_\_\_\_. *Por uma gramática das línguas de sinais.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

\_\_\_\_\_. **Língua Brasileira de Sinais - Libras.** *Série Atualidades Pedagógicas*, 4(3), p. 19-61, 1997.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. **Os processos de formação de palavras na Libras.** ETD-Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p. 199-216. jun. 2006, ISSN: 1676-25292.

FERNANDES, E. STROBEL, Karin (1997). *Surdez e bilinguismo: leitura de mundo e mundo da leitura.* Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental, Deficiência Auditiva (Vol. I, PP. 309 – 331). Brasília: Secretaria de Educação Especial MEC, 1997.

GAMA, F. J. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.* Rio de Janeiro, RJ: Tipographia Universal. 1875.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CRAIG, C. (ed.). **Noun Classes and Categorization.** Amsterdam: John Benjamins, 1995, p.77-102.

GOMES, M.J. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica.** VII Simposio Internacional de Informatica Educativa – SIIIE05. Universidade do Minho. Leiria, Portugal,2005.Disponivelem[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blog s-final.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blog%20s-final.pdf). Acesso em: 06/05/13.

GUY, G. R. e ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1985.

HARRIS, James. *Syllable Structure and Stress in Spanish: A non linear analysis.* Cambridge: Mit Press, 1983.

HOOPEER, Joan. *An Introduction to Natural Generative Phonology.* New York: Academic Press, 1976.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L. E. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

HULST, H. **Matrical phonology**. *Glott International*, v.1, n.1, p.3-6, 1995.

HYMES, D. **On communicative competence**. J. B. Pride and J. Holmes, (eds.) *Sociolinguistics*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Education, 269- 93. 1972.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. New York: Garland Publishing, 1986.

KARNOPP, Lodenir Becker. (2004) *Língua de sinais na educação dos surdos*. 2004. In: A.S. THOMAS. e M.C. LOPES, A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul, Edunisc, p. 103-113.

\_\_\_\_\_. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: um estudo longitudinal de uma criança surda**. Porto Alegre, 1999. F. Tese. (Doutorado em Linguística e Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica – RS.

KELMAN, C. A. 2005. **Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias**. In: E. FERNANDES (org.), *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre, Mediação, p. 87-102.

KENSTOWICZ, Michael. **Tone Loans: The adaptation of English Loanwords into Yorubá**. In: MUGANE, John *et. al.* (ed.). *Selected Proceedings of the 35th Annual Conference of African Linguistics*, p.136-146. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Úrsula. **The signs of Language**. Cambridge Harvard University Press, 1979.

KOJIMA, Catarina K.; SEGALA, Sueli R. *Revista Língua de Sinais: a imagem do Pensamento*, ano 1, no 1-10, SP: Editora Escala, 2000.

KONDRATOV, A. **Sons e sinais na linguagem universal; semiótica, cibernética, linguística**. Trad. Theresa Catharina Góes Campos. Brasília , Coordenada, 1972.

KRIEGER, Maria da Graça & FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia*. São Paulo, Contexto, 2004.

LABOV, William. *A estratificação social do Inglês falado em Nova Iorque*. Washington: D. C. Centro de Aplicação Linguística, 1966.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1975.

\_\_\_\_\_. **What can be learned about change in progress from synchronic description?** In: SANKOFF, David & CEDREGREN, Henrietta (eds.) *Variation Omnibus*. Alberta: Linguistic Research. p.177-199, 1981.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Tobias Rabelo. *Instituto dos Surdos-Mudos: relatório do director*. Rio de Janeiro, 1875.

LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language.** Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, 1986.

LOBATO, L. In: SALLES, H. M. M. L. *et. al.* (orgs.). *A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem.* Brasília: Link Comunicação e Design, 2010.

LODI, A.C.B. **A leitura como espaço discursivo de sentidos: oficinas com surdos.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL). PUCSP, São Paulo, p. 282, 2004.

LIDDELL, Scott K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language.* Washington DC: Gallaudet University, 2003.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, Robert. *American Sign Language: the phonological base.* In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. (org.) *Linguistics of American Sign Language: an introduction.* Washington, D.C.: Clerc Books / Gallaudet University Press, 2000.

LYONS, John. **Linguagem e linguística.** Rio: Zahar, 1987.

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1971, p. 11-86.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo. *Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica.* 2004. In: Demerval da Hora. Ed.. *Estudos sociolingüísticos: Perfil de uma comunidade.* João Pessoa.

MASSONE, M. I. **O linguista ouvinte frente a uma comunidade surda e ágrafa: Metodologia da investigação.** In: M. C. MOURA; A. C. B. LODI & M. C. da C. PEREIRA. Orgs. **Língua de Sinais e Educação do Surdo.** Série de Neuropsicologia, vol. 3. São Paulo: Tec Art, p. 72-93, 1993.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) *Manual de Linguística.* 2. ed., 2º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

MILLER, I. K. **Researching teacher-consultancy via Exploratory Practice: a reflexive and socio-interactional approach.** 2001. 579 f. Tese (Doutorado em Linguística aplicada) – Departamento de Linguística Aplicada, Universidade de Lancaster, Lancaster.

MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 26-51.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52-64.

MOURA, D. **O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula.** In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa.* Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO C. B. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira Libras: línguas em Contato.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de

Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & TARALLO, Fernando. (Orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos 20*. Campinas, UNICAMP/IEL, 1991. p.9-16.

NONAKA, A. **The forgotten endangered languages: Lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Languages**. *Language in Society*, v. 33, p. 737-767. 2004.

OATES, E. *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Livro. 1969.

OATES, Eugênio. **Linguagem das Mãos**. 1978. p.53.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: Programa de Apoio à Produção de Material Didático (PROMADI 1)- UFRJ, 1992. p. 101-114. (Cadernos Didáticos UFRJ).

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PADDEN, C. A. **Early bilingual lives of deaf children. Cultural and language diversity and the deaf experience**, *Parasnis*, Nova York: Cambridge University Press, p. 99-116. 1998.

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PÉLISSIER, P. *L'enseignement primaire des sourds-muets mis à la portée de tout le monde avec une iconographie des signes*. Paris, France: Dupont. 1856.

PEREIRA, Karina Ávila. Língua brasileira de sinais e suas variações: um estudo sobre as variantes utilizadas nas escolas de surdos. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao\\_Especial/Trabalho/12\\_06\\_20\\_LINGUA\\_BRASILEIRA\\_DE\\_SINAIS\\_E\\_SUAS\\_VARIACOES\\_UM\\_ESTUDO SOBRE\\_AS\\_VARIANTES\\_UTILIZADAS\\_NAS\\_ESCOLAS\\_DE\\_SURDOS.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Especial/Trabalho/12_06_20_LINGUA_BRASILEIRA_DE_SINAIS_E_SUAS_VARIACOES_UM_ESTUDO SOBRE_AS_VARIANTES_UTILIZADAS_NAS_ESCOLAS_DE_SURDOS.PDF)> Acesso em: 08/05/2014.

PETERSON, J. E.; ENSMINGER, J. *Comunicando com as mãos*. Fortaleza, CE: Sem editora. 1987.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. Tese (Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZIO. A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.



- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, São Paulo, 2000.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.
- \_\_\_\_\_. **Aquisição de L2: o contexto da pessoa surda**. In: III Seminário Internacional de Linguística, 1996, Porto Alegre. Anais do III Seminário Internacional de Linguística. Porto Alegre: Gráfica Epecê, 1999. v.1. p. 67-74.
- QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RAMOS, Clélia Regina. **História da datilologia**. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo3.pdf>> Acesso em: 20/12/2010.
- RÉE, Jonathan. **I see a voice: deafness, language and the senses: a philosophical history**. New York: Henry Holt and Company, 1999.
- ROMAINE, S. **Language in Society**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SAPIR, E. **The status of linguistics as a science**. *Language* 5. 207-14. Reprinted in *The selected writings of Edward Sapir in language, culture, and personality*, ed. By D. G. Mandelbaum, 160-6. Berkeley: University of California Press.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Bloksstein. 22<sup>a</sup> ed. SP: Editora Cultrix, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1978.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia: A origem da língua brasileira de sinais**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- SOFIATO, Cássia. REILY, Lucia. **Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico**. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, 16(2):183-190, jul./dez., 2011.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, nº 8. University of Buffalo. 1960.
- STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of american sign language on linguistic principles**. New Edition, Listok Press, 1976.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC. 2008. (p. 64).
- STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação**. Departamento de

Educação Especial – Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, Ted. *Structure an Aquisition of Verbs of Motion and Location in ASL*. San Diego, 1982. f. Doctoral dissertation. University of Califórnia, 1982.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986-2001.

TENNANT, Richard A.; BROWN, Marianne Gluszak. **The American Sign Language Handshape Dictionary**. Illustrated by Valerie Nelson-Metlay, fourth printing, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1998/2004, ISBN: 1-56368-043-2.

TURAZZA, J. S. O léxico em línguas de interface: dificuldades de aquisição de vocabulário. In: SILVEIRA, R. C. P. da (Org.). **Português língua estrangeira: perspectiva**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 93-117.

TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e patrimônio: o catálogo da exposição de história do Brasil e a fisionomia da nação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira. **Proposta de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado em Linguística: Universidade de Brasília – UnB, 2013.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis: Arara azul, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição Fonético-Fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. São Paulo, 2006. 145f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

WOODWARD, J. Historical bases of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Org.), **Understan- ding language through sign language research**, New York, 1978. p. 333-348.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ZAMBONI, Lilian M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**. Campinas – SP, Autores associados, 2001.

**ANEXO**

---